

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

**REDES SOCIAIS DE RECIPROCIDADE E DE TRABALHO: AS BASES  
HISTÓRICO-SOCIAIS DO DESENVOLVIMENTO NA SERRA  
GAÚCHA**

**Guilherme Francisco Waterloo Radomsky**

**Porto Alegre**

**2006**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO**  
**RURAL**

**REDES SOCIAIS DE RECIPROCIDADE E DE TRABALHO: AS BASES**  
**HISTÓRICO-SOCIAIS DO DESENVOLVIMENTO NA SERRA GAÚCHA**

**Guilherme Francisco Waterloo Radomsky**

**Orientador: Professor Dr. Sergio Schneider**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento Rural.

**Série PGDR – Dissertação n.º 53**  
**Porto Alegre**  
**2006**

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
Responsável: Biblioteca Gládis W. do Amaral, Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS

R131r Radomsky, Guilherme Francisco Waterloo  
Redes sociais de reciprocidade e de trabalho : as bases histórico-sociais do desenvolvimento na Serra Gaúcha / Guilherme Francisco Waterloo Radomsky. – Porto Alegre, 2006.  
205 f. : il.

Orientador: Sergio Schneider.

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2006.

1.Desenvolvimento rural. 2. Trabalho rural : Rio Grande do Sul.  
3. Agricultura familiar : Veranópolis (RS). 4. Associação rural. 5. Colonização italiana : Rio Grande do Sul. I. Schneider, Sergio. II. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. III. Título.

CDU 338.43  
631.147

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO RURAL**

A banca examinadora abaixo relacionada aprovou *com louvor* no dia 23 de fevereiro de 2006, a dissertação de Guilherme Francisco Waterloo Radomsky intitulada *Redes sociais de reciprocidade e de trabalho: as bases histórico-sociais do desenvolvimento na Serra Gaúcha* como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Desenvolvimento Rural.

**Banca Examinadora:**

Prof. Dr. Sergio Schneider (Orientador, Presidente, Departamento de Sociologia/UFRGS)

Prof. Dr. José Carlos Gomes dos Anjos (Departamento de Sociologia/UFRGS)

Prof. Dr. Eduardo Ernesto Filippi (Departamento de Ciências Econômicas/UFRGS)

Prof. Dr. João Carlos Tedesco (Departamento de História/UPF)

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a diversas pessoas e instituições que foram responsáveis pelo sucesso deste trabalho em todo o período em que estive cursando o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural.

Aos agricultores de Veranópolis que colaboraram para a pesquisa; aos gerentes e operários de indústrias, donos e trabalhadores dos depósitos de frutas. Todos foram indispensáveis para a concretização das idéias aqui contidas.

Aos amigos da EMATER de Veranópolis, um agradecimento sincero pelo empenho, receptividade e paciência. Aos amigos da Secretaria de Educação e Cultura de Veranópolis; e aos colegas do Museu e da Biblioteca Municipal.

Ao CNPq pelo apoio financeiro em forma de bolsa.

Aos professores e aos funcionários do PGDR e do IEPE, meu obrigado por este tempo de aprendizado, experiência e convívio. Um agradecimento especial aos professores da banca que examinou o trabalho.

Aos colegas de aula, toda minha turma de mestrado e aos colegas do curso de doutorado, sou muito feliz por ter compartilhado momentos de alegria e também os problemas que todos nós tivemos. Sem isso, jamais teríamos crescido.

Aos colegas do grupo de pesquisa, bolsistas que apoiaram o trabalho como amigos, mas também como interlocutores, participantes do processo de se construir lentamente essa dissertação.

Ao professor Sergio Schneider. Foi orientador e amigo, transmitiu conhecimento e me deixou em liberdade de escrever essa dissertação como eu gostaria.

À minha tia Clara, tio Tapir, primos Rodinho e Jerônimo por estarem sempre juntos nesta caminhada. Aos pais de Adriana, Jorge e Elvira, pelo entusiasmo com nossos trabalhos.

À Adriana, de quem o curso de mestrado me aproximou. Participou da construção deste trabalho demonstrando interesse e paciência. Com seu amor vivi estes momentos de forma intensa e bonita.

Ao meu pai Henrique, minha mãe Regina, minha irmã Camila. Solidarizaram-se com minhas dificuldades, apoiaram-me em todos os instantes e com ternura souberam ouvir, aconselhar e participar dos meus momentos.

A ponte é um símbolo e faz parte das metáforas basilares de nosso pensamento. Ela é, como a casa, uma invenção fundamental da espécie humana. Pontes estendem-se por sobre os abismos e as águas, cujos perigos ignoram, enquanto as barcas ainda lhes estão expostas. O caminho adere à terra, e o barco é ameaçado no rio por baixios e redemoinhos; a ponte, contudo, eleva-se no ar. Nisto ela tem algo de pássaro e de avião. Porém, na outra margem ela retorna ao chão. Assim, a ponte é como um salto pétreo. Ela só quer chegar ao outro lado, mas não além. Diversamente do caminho, ela não quer chegar ao infinito. Por isso a ponte não é um símbolo de mobilidade, mas da união. Como o abismo ou as águas separaram aquilo que a ponte ora une, ela enlaça regiões que eram estranhas entre si. [...] Deste modo, a ponte transforma-se em metáfora de uma comunicação dificultosa.

Burkhard Brunn (2002).

## RESUMO

Esta dissertação aborda o tema da reciprocidade e das redes sociais. Tema debatido desde muito tempo nas Ciências Sociais, apenas recentemente pesquisadores passaram a repensar sua aplicação normativa nos estudos sobre o desenvolvimento. Utilizou-se a noção de rede social como um conjunto de relações concretas que vinculam indivíduos a outros. A reciprocidade é definida como um ato de retribuição livre de obrigação e sem expectativa imediata desta restituição. A pesquisa foi realizada no município de Veranópolis, localizado na Encosta Superior da Serra do Nordeste do Rio Grande do Sul, Brasil. O estudo focaliza cinco tipos de redes de reciprocidade e de trabalho, vinculadas: 1) ao mercado de trabalho na indústria de calçados/artigos esportivos, 2) às indústrias de microfusão, 3) aos fruteiros, 4) às vinícolas e 5) aos produtores ecológicos. O objetivo do trabalho consiste em estudar o surgimento e a formação destas redes de trabalho e produção e analisar suas especificidades. A hipótese principal é que as redes sociais de trabalho de Veranópolis têm raízes histórico-sociais ancoradas em relações de reciprocidade, proximidade e parentesco que caracterizavam a sociabilidade do modo de vida colonial. Em decorrência do processo de mercantilização social e econômica a que foi submetida a agricultura familiar da região, as relações de reciprocidade e interconhecimento que fundamentavam as redes sociais também foram alteradas e apresentam diferenças sensíveis segundo o tipo de atividade, características das relações de trabalho e formas de hierarquia e concorrência. Para compreender o objeto de estudo, a dissertação propõe uma combinação entre a teoria das trocas de Marcel Mauss, que fundamenta as noções de dádiva e reciprocidade, com o referencial analítico de redes sociais. Os procedimentos metodológicos utilizados no estudo de caso foram a análise de dados secundários quantitativos, aplicação de questionários padronizados (59), entrevistas semi-estruturadas (20 informantes) e observação. As conclusões do trabalho apontam que a reciprocidade, a proximidade e o parentesco se constituíram em mecanismos sociais para a formação de redes de trabalho e de sociabilidade. As redes contribuem de forma relevante para dinamizar a economia rural e urbana do território e diversificar o mercado de trabalho, fazendo aparecer o fenômeno da pluriatividade na agricultura familiar. Portanto, as redes de reciprocidade e de trabalho estruturam as interações entre os atores sociais, constituindo-se num modo de regular os mercados, a concorrência econômica e os conflitos sociais locais.

Palavras-chave: reciprocidade; redes sociais; desenvolvimento rural.

## ABSTRACT

This dissertation is about reciprocity and social networks. Reciprocity and Social Networks are themes that have been debated for a long time in Social Sciences. Nevertheless, its normative uses have been recently rethought by researchers in development studies. The notion of social network is understood as a set of relationships that link individuals to others. Reciprocity is defined as free retributions acts that don't explicit returning, neither immediate expectative for restitution. The research was carried out in Veranópolis city, localized inside the Northern Sierra of Rio Grande do Sul, in Brazil. The study focuses on five types of reciprocity and labor networks, engaged to: 1) shoes and sporting goods industry labor market, 2) micro fusion industries, 3) fruit traders, 4) wine family farmers, and 5) ecological producers. The objective of this work consists in studying the emergence and formation of these labor networks, analyzing its corresponding particularities. The main hypothesis is the following: the social networks in Veranópolis are originated by reciprocity, closeness, and kinship relationships constructed historically and, that characterized the colonial livelihood. Because of the social and economic commoditization process that took place to the family farm, the reciprocity relationships and the inter-relatedness (that were the fundamentals of the social networks) were also transformed. These relationships show sensitive differences according to the activity, the characteristics of labor relationships and the forms of hierarchy and competition. For understanding the object of study, this work proposes a combination between the Marcel Mauss' social exchange theory, that fundamentals the notion of gift and reciprocity, with the social networks analytical references. The case study research uses methodological procedures based on the analyses of secondary quantitative data, the application of standardized questionnaires (59), semi-standardized interviews (20 informants), and observation. The study concluded that reciprocity, closeness and kinship were constructed as social mechanisms for the emergence of labor and social networks. The networks contribute, in an important way, giving dynamism to the rural and urban economy of the territory, and diversifying the labor market. Also, the networks stimulate the appearance of pluriactivity in family farm. Hence, the labor and reciprocity networks structure interactions between social actors, regulating the markets, the economic competition and the local social conflicts.

Key words: reciprocity; social networks; rural development.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa da microrregião da Serra Gaúcha, Rio Grande do Sul.....	54
------------------------------------------------------------------------	----

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1.	Evolução da população em Veranópolis (1970-2000).....	71
Tabela 2.	Valor Adicionado Bruto (VAB) a preços básicos, por setores de atividade econômica, Veranópolis, 1996/2001 (%).....	76
Tabela 3.	Pessoas com 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por grandes grupos de ocupação no trabalho principal. Veranópolis, 2000.....	76
Tabela 4.	Rendimento nominal mensal domiciliar nos municípios da Microrregião de Caxias do Sul, em salários mínimos, 2000 (%).....	77
Tabela 5.	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) dos municípios da Microrregião de Caxias do Sul, 1970, 1980, 1991 e 2000.....	78
Tabela 6.	Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por posição na ocupação e a categoria do emprego no trabalho principal, Veranópolis, 2000.....	79
Tabela 7.	Empresas com CNPJ em Veranópolis, 1998.....	80
Tabela 8.	Estrutura fundiária (ha) na agricultura familiar de Veranópolis.....	111
Tabela 9.	Superfície Agrícola Útil (SAU) na agricultura familiar de Veranópolis.....	111
Tabela 10.	As dez maiores produções agropecuárias de Veranópolis - 2001/2002.....	112
Tabela 11.	Evolução do padrão de utilização das terras em Veranópolis.....	112
Tabela 12.	Formas de acesso a terra em Veranópolis.....	113
Tabela 13.	Estratos de renda agrícola na agricultura de Veranópolis.....	113
Tabela 14.	Estratos de renda total (RT) na agricultura de Veranópolis.....	114
Tabela 15.	Formação da renda total de agricultores familiares de Veranópolis (%).....	115
Tabela 16.	Famílias rurais de Veranópolis, segundo tipo de ocupação da família.....	116
Tabela 17.	Média de renda total por tipo de família.....	116
Tabela 18.	Famílias que realizam transformação doméstica (beneficiamento de produto na propriedade) para venda.....	117
Tabela 19.	Membros da família que trabalham em atividades não-agrícolas e fornecem algum tipo de ajuda nas atividades agrícolas da propriedade.....	118
Tabela 20.	Membros que trabalham em atividades não-agrícolas e contribuem para as despesas da família.....	118
Tabela 21.	Famílias com aposentados ou pensionistas e destino dos recursos.....	119
Tabela 22.	Graus de confiança e credibilidade dos agricultores familiares de Veranópolis.....	121

Tabela 23. Participação social das famílias em Veranópolis.....	122
Tabela 24. Nível de satisfação em relação à atividade agrícola e ao meio rural na agricultura familiar de Veranópolis.....	122
Tabela 25. Aspectos mais valorizados pelos agricultores familiares de Veranópolis em relação ao meio rural em que vivem.....	123
Tabela 26. Perspectivas de futuro dos agricultores familiares de Veranópolis (%)......	138
Tabela 27. Perspectiva de futuro na atividade agrícola (%), por tipo de família.....	139
Tabela 28. Opinião dos agricultores de como deveria ser o ensino e a educação fornecidos às crianças e jovens, filhos e filhas, de agricultores em Veranópolis.....	139
Tabela 29. Perspectivas de algum membro da família mudar para a cidade.....	140
Tabela 30. Principais razões que levam os membros da família a migrar segundo os agricultores familiares de Veranópolis.....	140
Tabela 31. Estratégia adotada pelos agricultores familiares de Veranópolis frente uma situação de crise na agricultura.....	141
Tabela 32. Principais condições apontadas pelos agricultores familiares de Veranópolis para a melhoria nas condições de vida da família.....	141

## LISTA DE SIGLAS

AF: Agricultura familiar

AFDLP: Pesquisa Agricultura Familiar, Pluriatividade e Desenvolvimento Local no Rio Grande do Sul: a emergência de uma nova ruralidade

CNPJ: Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica

CNPq: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

EMATER: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

FEE: Fundação de Economia e Estatística.

FEPAGRO: Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária

GEPAD: Grupo de Estudos e Pesquisas Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH-M: Índice de Desenvolvimento Humano Municipal.

INSS: Instituto Nacional de Seguridade Social

IPEA: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

MPA: Movimento dos pequenos agricultores

MST: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra

NSE: Nova Sociologia Econômica

ONU: Organização das Nações Unidas

ORT: Outras rendas do trabalho

PEA: População economicamente ativa

PGDR: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural

PIB: Produto Interno Bruto

PNUD: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PPGA: Programa de Pós-Graduação em Agronomia

PRONAF: Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

RA: Renda agrícola

RAP: Renda de aposentadorias

RÑA: Rendas não-agrícolas

ROF: Renda de outras fontes

RT: Renda total

SAU: Superfície agrícola útil

SPSS: Statistical Package for Social Sciences

UFPEL: Universidade Federal de Pelotas

UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UP: Unidade de produção

UPF: Unidade de produção familiar

VAB: Valor adicionado bruto

VAL: Valor agregado líquido

VBP: Valor bruto de produção

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 DÁDIVA E RECIPROCIDADE, REDES SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO RURAL.....	25
2.1. DÁDIVA. A RELAÇÃO SOCIAL COMO TOTALIDADE.....	27
2.2. RECIPROCIDADE E ECONOMIA.....	37
2.3. REDES.....	42
2.4. SOBRE A GÊNESE DA RECIPROCIDADE E DAS REDES: O MODO DE VIDA COLONIAL.....	45
2.5. RECIPROCIDADE E MUDANÇA SOCIAL: A MERCANTILIZAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR.....	48
2.6. RECIPROCIDADE, REDES SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO RURAL.....	50
3 OS FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DA RECIPROCIDADE E DAS REDES SOCIAIS EM VERANÓPOLIS.....	53
3.1. RECIPROCIDADE E INTERCONHECIMENTO NA FORMAÇÃO DAS PRIMEIRAS COMUNIDADES (1884-1930).....	53
3.2. FORTALECIMENTO DOS LAÇOS SOCIAIS E DA ECONOMIA (1930-1970).....	64
3.3. MERCADO DE TRABALHO E REDES, DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL E MIGRAÇÕES (1970 - 2005).....	70
4 GÊNESE E CARACTERÍSTICAS ATUAIS DAS REDES DE TRABALHO LIGADAS AOS FRUTEIROS, À MICROFUSÃO E À INDÚSTRIA DE CALÇADOS/ARTIGOS ESPORTIVOS.....	75
4.1. FRUTEIROS.....	81
4.2. MICROFUSÕES.....	89
4.3. INDÚSTRIAS DE CALÇADOS E ARTIGOS ESPORTIVOS.....	97
5 REDES SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO RURAL: A AGRICULTURA FAMILIAR E AS ESTRATÉGIAS DE REPRODUÇÃO SOCIAL.....	108
5.1. CARACTERIZAÇÃO DA ESTRUTURA PRODUTIVA E OCUPACIONAL DA AGRICULTURA FAMILIAR.....	110
5.2. AMBIENTE SOCIAL E ECONÔMICO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	120
5.3. REDES SOCIAIS DA AGRICULTURA FAMILIAR E DO MEIO RURAL .....	124

5.4.	OS JOVENS RURAIS E AS PERSPECTIVAS DE FUTURO NA AGRICULTURA FAMILIAR.....	137
6	COTIDIANO, CULTURA E POLÍTICA.....	145
6.1.	A COLONIZAÇÃO ITALIANA EM VERANÓPOLIS E REGIÃO: A FORMAÇÃO DE UM MODO DE SER.....	146
6.2.	DIFERENCIAÇÃO SOCIAL, PODER E DÁDIVA.....	154
6.3.	INSTITUIÇÕES, CONFLITOS E CONTROLE SOCIAL.....	157
6.4.	MIGRAÇÕES, REDES SOCIAIS, INTERAÇÕES E PODER.....	160
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS: O DESENVOLVIMENTO E SUAS ARMADILHAS.....	169
	REFERÊNCIAS.....	173
	APÊNDICE A – Questionário padronizado.....	180
	APÊNDICE B – Roteiro de questões semi-estruturadas.....	194

## 1 INTRODUÇÃO

No espaço acadêmico, a ascensão e o declínio do interesse dos pesquisadores por determinados temas é um fenômeno recorrente cujas causas não são inteiramente conhecidas. Ainda que uma apreciação global sobre os principais temas e assuntos que estão ocupando os cientistas sociais seja de difícil avaliação, é certo que nos anos recentes, especialmente desde a década de 1990, os estudos sobre desenvolvimento e mudança social estão retornando à pauta. Nos países da América Latina e, particularmente no Brasil, a retomada do interesse sobre a problemática do desenvolvimento verifica-se em um amplo espectro de temáticas e questões que vão desde a discussão sobre as formas de superação da pobreza e a redução das desigualdades, a ampliação da democratização, o debate sobre o papel do Estado até os mecanismos de ativação e indução dos atores e das instituições locais da sociedade civil.

Embora seja uma indagação do passado, a pergunta sobre as causas e os fatores que ajudam a promover ou que retardam o desenvolvimento continua sendo de importância crucial. Defensores ou críticos, pesquisadores ou políticos, acadêmicos ou leigos se perguntam sobre as origens, as variáveis explicativas, como fomentar e como esclarecer aquilo que se concebe como desenvolvimento; de que maneira elucidar como e por que um certo lugar, uma região ou determinada nação é desenvolvida.

A questão social que motivou a realização deste trabalho de dissertação se inscreve neste quadro mais amplo. O local onde foi realizado o estudo, o município de Veranópolis, é considerado um dos mais desenvolvidos do estado do Rio Grande do Sul. Colonizado majoritariamente por italianos e poloneses no final do séc. XIX, Veranópolis foi gradualmente se transformando, ampliando a economia, urbanizando e crescendo em termos de população. Sob outro aspecto de sua história, observa-se que certas características da vida cotidiana se modificavam menos significativamente, a saber, os costumes, as sociabilidades, a relevância do parentesco, da etnia e das relações de proximidade entre as pessoas. Permanecia a indagação: como compreender o processo de desenvolvimento, sobretudo se fossem observadas as especificidades locais e as relações sociais características? Do ponto de vista teórico, a reflexão se direcionava para as conexões entre desenvolvimento, mudança social, reprodução dos costumes e sociabilidades locais.



A realização desta pesquisa no município de Veranópolis implicou entender um ambiente social cuja economia se apresenta de maneira bastante particular. Uma série de empreendimentos econômicos - pequenas indústrias, vinícolas, estabelecimentos comerciais - cujo caráter das relações de trabalho e produção, não raro, é marcado por ligações pessoais entre os indivíduos. Estes estabelecimentos são diversos na economia local, desde vinícolas e produtores ecológicos, fruteiros (comerciantes de frutas e verduras, que possuem depósitos para armazenagem destes produtos) e até fábricas de calçados (de pequenas a médias), ou oficinas e indústrias de fusão de metais (microfusão).

Não por acaso estes foram os que mais chamaram atenção nas pesquisas exploratórias e se tornaram foco dessa investigação, pois representam bem o fenômeno das relações de proximidade entre seus empreendedores. A medida em que se descobria o modo de funcionamento, as relações de trabalho e de sociabilidade no interior destes empreendimentos, verificava-se que estas relações eram fundamentais para a sua constituição e sua operação. Mais ainda, elas ligavam os estabelecimentos entre si, numa configuração que se assemelhava a redes. Porém redes em que não apenas aspectos legais, institucionais ou econômicos motivavam as interações dos que as constituíam, mas vínculos pessoais baseados no conhecimento mútuo entre os atores sociais estavam também as conformando. Para compreender este tipo de configuração social, foi preciso refletir sobre o significado das relações de parentesco, amizade e proximidade para o tecido social. Estas estariam umbilicalmente vinculadas à composição das redes de trabalho e de produção, à geração de empregos e a diversificação da economia local. Contudo, é necessário destacar que, embora o estabelecimento de redes e as relações de reciprocidade poderiam gerar externalidades positivas para o desenvolvimento, estes elementos isolados não explicariam o processo social em sua totalidade. Esta idéia levaria a pensar que redes e reciprocidade provocariam o desenvolvimento em qualquer sociedade onde estivessem presentes, o que seria uma falsa assertiva. Por isto foi fundamental encontrar outras variáveis que, em conexão com a análise das redes e da reciprocidade, também auxiliassem na compreensão do desenvolvimento local.

Para avaliar estas características foi preciso examinar retrospectivamente como se formou o modo de conduta coletivamente compartilhado. Como o município foi colonizado por imigrantes que inicialmente se dedicavam ao trabalho agrícola, a medida em que se realizava a pesquisa, tornou-se elementar avaliar qual foi o papel das formas familiares de trabalho na agricultura durante o processo histórico em Veranópolis. Esse modo de vida dos colonos, que poderia ser chamado de 'agricultura colonial', seria fundamental para a geração

de instituições, para as formas de sociabilidade ancoradas no parentesco, na reciprocidade e na amizade, como também para a acumulação de capital e os processos de industrialização.

Neste sentido, a problemática de investigação que emerge deste contexto social propõe-se a investigar e compreender a seguinte indagação: como foi o processo de constituição das redes de trabalho e produção, qual o papel das relações de parentesco, reciprocidade e proximidade para as redes e quais são as suas diferenças e especificidades, quanto às relações contratuais, forma de trabalho, tipo de trabalhador?

Duas perguntas secundárias são relacionadas ao processo acima descrito: qual o papel destas redes para a agricultura familiar e de que modo elas são capazes de produzir um tipo de desenvolvimento cuja marca é territorial, uma vez que articula o espaço rural e urbano e supera a dicotomia agrícola x não-agrícola? De que forma o modo de vida baseado em relações de parentesco, proximidade e reciprocidade teriam sido responsáveis pela geração de um tipo de sociedade com certa homogeneidade e forte controle social, pouca abertura a contestações políticas e a migrantes de outras regiões (ou de outras etnias), cuja conseqüência pode ter sido a formação de distintas redes de reciprocidade e trabalho?

Assim, a pesquisa a ser desenvolvida durante o curso de mestrado deveria compreender como essa diversificação da economia e os bons índices de qualidade de vida estavam vinculados às origens da colonização, ao modo de vida dos colonos e à manutenção de suas sociabilidades. Entretanto, já nas primeiras incursões a campo, a sociedade local manifestava contradições e problemas que talvez estivessem vinculados à forma do desenvolvimento. Revelada nas interações entre as pessoas, as condutas expressavam certa tendência de homogeneidade social cuja conseqüência era o controle dos comportamentos, ou seja, a proximidade dos atores sociais e o conhecimento mútuo das rotinas poderiam ter efeitos nem sempre benéficos. De um lado, era necessário averiguar por que parecia haver uma diluição dos conflitos e, de outro, examinar como esta mesma (aparente) falta de antagonismos mascarava, escondia e procurava “suturar” as contradições do desenvolvimento através dos discursos.

Em razão dos interesses iniciais do estudo se concentrarem sobre os agricultores e o meio rural do município de Veranópolis, somente a partir da percepção do papel e da importância das redes de relações de proximidade, de reciprocidade e de trabalho é que foi se constatando a necessidade de que as respostas às questões formuladas na problemática de pesquisa dependeriam da capacidade de superação deste recorte setorial e espacial (agrícola e rural). Era fundamental passar a operar desde um enfoque multidimensional e territorial, que abarca os diferentes setores da economia local e busca compreender suas interações. No que

diz respeito à agricultura familiar, o fenômeno das redes também se manifestava, articulando-a em mercados de produtos e de trabalho, isto é, no meio rural se encontram densas e complexas teias de relações sociais e econômicas. Por essa razão, haveria uma dinâmica da agricultura familiar que só se compreende de forma articulada com a dinâmica mais geral da economia local. Desse modo, as estratégias de reprodução da agricultura familiar passariam pelos mecanismos e modos de interação social que configuram a dinâmica local da divisão social do trabalho, inscrita nas relações sociais, políticas, de reciprocidade, de parentesco e de proximidade. Esta imbricação das relações de reciprocidade, trabalho e produção, que se manifestam em redes sociais, seria responsável por superar tanto a dicotomia do rural *versus* urbano como a do agrícola *versus* não-agrícola.

Por conseguinte, o estudo analisa a sociedade de Veranópolis a partir de um enfoque sobre as redes de trabalho e produção estabelecidas por atores sociais chaves para a economia do município: 1) indústrias de calçados e artigos esportivos, 2) indústrias de microfusão de aços, 3) fruteiros, 4) agricultores familiares donos de vinícolas e 5) produtores ecológicos. Segundo observações feitas a campo, esses cinco atores e suas respectivas redes sociais de trabalho conseguem mapear a maior parte das formas de reprodução social das famílias rurais e abrange razoavelmente as urbanas. Redes cuja importância é econômica e social, e possibilitam ao pesquisador conhecer este ambiente de diversificação econômica local com qual se articula a agricultura familiar.

Uma vez delimitada a problemática de estudo, a realização das primeiras incursões a campo permitiu que emergissem um conjunto de hipóteses para as indagações formuladas. Estas hipóteses, a seguir descritas, orientaram a investigação desde o princípio e funcionaram como indícios que sugeriam o caminho a seguir pela pesquisa.

A primeira hipótese é de que as redes sociais que configuram a dinâmica social e econômica têm origem na agricultura colonial. Portanto, ao longo do processo de desenvolvimento de Veranópolis e o entorno, a agricultura perde a importância econômica, mas as relações sociais que dela derivam (a reciprocidade, o interconhecimento, o parentesco, a proximidade) são fundamentais para a reprodução de todo o tecido social e econômico.

A segunda hipótese complementa a anterior, pois as diferentes redes de trabalho e produção apresentam distintas características no que diz respeito ao tipo de trabalhador contratado (origem, etnia, gênero), tipo de relação contratual, forma de trabalho (participação da família), modo de operação. Assim, supõe-se que cada rede apresentará características próprias, sobretudo que as redes endógenas serão distintas das redes formadas pelas empresas que são provenientes de fora do local.

Na terceira assertiva, a hipótese é de que as redes expressam uma dimensão territorial (rural e urbana) que combina setores de atividade (agrícola e não-agrícola). As redes dinamizam a economia local e geram externalidades positivas, isto é, diversificam o mercado de trabalho, fornecem subsídios para acumulação de capital, divisão social do trabalho e o aparecimento da pluriatividade como estratégia dos agricultores familiares.

A quarta hipótese é de que os mecanismos de regulação política, cultural e institucional manifestam alto grau de previsibilidade e controle sobre os indivíduos, o que torna mais improvável e inaceitável o conflito. Isso também se manifestaria na relação entre os migrantes que buscam trabalho e as famílias de colonização mais antiga. Portanto, a hipótese é que diferentes redes sociais de reciprocidade e de trabalho se formaram no local, gerando até mesmo círculos de sociabilidade particulares e segmentação no mercado de trabalho.

O objetivo principal que orienta a dissertação é estudar como foi a formação das distintas redes de trabalho e produção, as especificidades características de cada uma delas e buscar entender a sua importância para as formas de reprodução social da agricultura familiar e para a economia local.

Como objetivos específicos procura-se, em primeiro lugar, examinar os dispositivos sociais e culturais que fundamentam estas redes, tais como o parentesco, a reciprocidade, a amizade e a proximidade. Será analisado como os colonos transformaram seus processos produtivos, sua inserção econômica e suas relações, e como os referenciais simbólicos do modo de vida na agricultura colonial foram re-significados num ambiente transformado historicamente, no qual as formas de trabalho capitalistas se tornaram tão relevantes. Em segundo lugar, analisar os mecanismos e o modo de operação técnico-organizacional destas redes, os processos produtivos que engendram e suas especificidades, o tipo de trabalhador, a forma de trabalho e a relação contratual em cada rede. Em terceiro lugar, estudar os efeitos destas redes sobre a dinâmica social e econômica local e territorial. E em quarto lugar, analisar que tipos de conflito social são engendrados no local, quais os motivos destes e verificar qual o papel do modo de vida ancorado em relações interpessoais de proximidade para a existência de controle social e de conflitos.

Estas manifestações da sociabilidade e da economia na sociedade estimularam uma reflexão acerca de qual seria a perspectiva teórica que poderia melhor se aproximar de uma compreensão para esta forma de desenvolvimento econômico, expressamente fundamentado em relações sociais e no caráter simbólico que as distingue. O movimento teórico recente nas Ciências Sociais tem projetado perspectivas que procuram entender os processos de

desenvolvimento econômico ancorados em relações sociais, simbólicas e culturais. A questão que permeia essa perspectiva é que as relações econômicas dificilmente podem ser explicadas por elas mesmas ou por indivíduos isolados maximizadores de ganhos, de acordo com Abramovay (2003). Num momento profícuo de debate acadêmico – ocasionado pelos avanços da Antropologia da economia e da Sociologia Econômica – verifica-se que os processos econômicos são melhor entendidos por interações que ultrapassam a sua própria esfera, isto é, estão intimamente relacionados com a política, com as estruturas sociais e com os referenciais simbólicos dos atores sociais. Analisar esse caráter das relações sociais é procurar evidenciar que os indivíduos e famílias “não são agentes econômicos ou meros perseguidores da sobrevivência social e física”, conforme adverte Neves (1998, p. 150). Faz-se necessário entender essas práticas de reprodução social, cujo fundamento envolve necessariamente a esfera econômica e produtiva, mas também a dimensão simbólica que atribui sentido ao trabalho e à produção.

As questões teóricas fundamentais das Ciências Sociais estão no âmago desses processos sociais. Nesta dissertação, busca-se entender as condutas dos atores sociais em interações que são estruturadas a partir de práticas de reprodução social e ancoradas em significados compartilhados socialmente. Isso significa que as condutas são examinadas sempre em função das relações e, mais ainda, que as práticas adquirem sentido ao serem refletidas e compreendidas pelo sujeito da ação na relação simbólica que ele trava consigo próprio (sua memória) e na totalidade de suas relações sociais. Dessa maneira, está em jogo reconsiderar os enfoques tradicionais das Ciências Sociais e sua tematização sobre o desenvolvimento, visto que há uma complexidade que dificilmente pode ser reduzida simplesmente a questões de ordem material. Aspira-se enfatizar com estas idéias que as interações entre os atores sociais inscrevem-se num quadro mais amplo, para além do meramente econômico.

Esta discussão teórica sobre a articulação entre o econômico, o político, o social e o simbólico na vida das pessoas direcionou a pesquisa sobre o tema da reciprocidade, que permitiu uma aproximação de elementos conceituais da Sociologia, da Antropologia e da Economia. As noções de dádiva e de reciprocidade - trabalhadas de maneira original por Mauss (1974) e desenvolvidas na Ciência Econômica por Polanyi (2000), são retomadas no período contemporâneo em diferentes acepções por autores como Bourdieu (1996a), Caillé (2002a) e outros - são elos a partir dos quais se pode compreender a constituição das relações sociais baseadas em significados. A reciprocidade é entendida como uma prática de dádivas, atos generosos de prestação e retribuição - livre de obrigação e sem expectativa imediata desta

restituição - que ligam pessoas em relações, e que vem a se constituir uma forma de conduta. Por observar a complexidade das interações sociais que constituem as sociedades, o conceito de redes é a perspectiva que melhor integra dádiva e reciprocidade como *ato* e como *fato social total* (Mauss, 1974). Portanto, os conceitos de reciprocidade e redes permitem que não se permaneça preso à macro teorias que explicariam os agrupamentos humanos pelo holismo nem às proposições que apenas olham o indivíduo isolado. A centralidade está em examinar a complexa composição das redes, como elas ganham poder (econômico, político, simbólico) e como os atores sociais interagem e se unem por meio delas (MURDOCH, 2000, p. 410). Isto significa que nas sociedades, desde as sociabilidades mais primárias, há um desenrolar de redes de relações, nunca finalizadas, nunca homogêneas, sempre instáveis e em processo de construção, desconstrução e reconstrução.

A teoria social contemporânea considera que o que existe de comum nos conceitos de reciprocidade, dádiva e redes é o olhar sobre a relação. Conforme Freitas (2002), o paradigma da dádiva procura fundamentar exatamente a natureza (ontológica) do vínculo social. Para além do indivíduo e da noção abstrata e de sociedade (como se esta não fosse feita de sujeitos que a configuram), ele centra-se na relação, na rede, na aliança. Em virtude desse questionamento geral que ocorre nas Ciências Sociais, o trabalho de Bruno Latour ganha destaque, pois este autor tem argumentado em seus trabalhos que se deve dar primazia na análise da sociedade ao que Oliva (1999, p. 18 apud FREITAS, 2002, p. 313) designou com a seguinte formulação: “o ser das coisas não depende de se poder ver aquilo que se atribui existência” e, por conseguinte, o real é sempre relacional.

Não obstante, esta dissertação não visa absorver (embora pudesse) aquilo que os leitores usualmente anseiam em buscar na teoria latouriana; isto é, a antropologia simétrica que reverte em uma indistinção ontológica entre humanos e não-humanos. O que se busca em seus escritos é a outra transversalidade no questionamento ontológico que o mesmo autor insiste. Latour (1994, p. 127) enfatiza que o exercício da análise, ou o que se investiga cientificamente, não são coisas em si, palpáveis ou visíveis, nem alguém ou uma essência, mas sim um processo, um movimento, uma passagem, “literalmente, um passe”. O passe, a linha, a ponte é, em última instância, no linguajar sociológico, a relação. Esta é a consequência epistemológica do questionamento da natureza dos objetos, razão pela qual as redes são as instâncias de análise na dissertação. Porém, a ambição aqui não é fazer de uma sociologia relacional algo novo, conforme indicou Marques, mas pretende-se apenas dar mais ênfase aos processos e às dinâmicas que se observam nas relações, ao invés de conceder primazia às características e atributos dos grupos ou agentes (MARQUES, 2000, p. 33).

Este estudo faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo, cujos membros se dedicam a analisar a agricultura familiar e o desenvolvimento rural nos três estados da região Sul do Brasil. Realizada no âmbito do projeto “Agricultura Familiar, Desenvolvimento Local e Pluriatividade: a emergência de uma nova ruralidade” (doravante, “AFDLP”), coordenada pelos professores Flávio Sacco dos Anjos e Sergio Schneider, com financiamento do CNPq, a dissertação contou com diversas formas de apoio do Grupo de Pesquisas Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural (GEPAD), que se tornou fundamental para iniciar o levantamento de dados. Sendo um projeto de cooperação entre a UFRGS e a UFPEL, o projeto disponibilizou recursos financeiros, além da discussão teórica e metodológica multidisciplinar, que lançou luzes sobre o caso a ser estudado.

Nesta investigação utilizou-se uma gama variada de métodos de abordagem e de pesquisa para estudar as cinco redes sociais acima apresentadas. Os métodos de abordagem foram o estudo de caso, o método histórico e a descrição. Quanto aos métodos de pesquisa, recorreu-se a fontes de informações diversas, tais como as estatísticas sociais disponíveis na forma de dados secundários e os dados primários coletados a campo, por meio de métodos quantitativos e qualitativos.

Portanto, o trabalho utiliza técnicas quantitativas e qualitativas, observando as contribuições e os limites de cada uma para o estudo de caso. Segundo Roese (1998, p. 191-192), a metodologia do estudo de caso é adequada quando o objetivo da pesquisa é captar informações detalhadas sobre um único caso e coletar dados em situações específicas. O autor registra que esta técnica de abordagem é relevante quando se está interessado em um grau de complexidade avançado, no qual somente “a observação da realidade concreta [...] nos permite obter respostas” (ROESE, 1998, p. 195). Esta forma de abordar a realidade se apresenta como recurso metodológico importante para o estudo proposto, visto que Veranópolis apresenta um modelo de desenvolvimento econômico e de industrialização assentada em características específicas. De maneira semelhante, o uso do método histórico visa elucidar as características particulares, relevantes para complementar a técnica do estudo de caso, já que foi ao longo do processo histórico que se formaram as estruturas econômicas e as relações sociais agora observáveis.

Uma vez que neste estudo de caso são centrais as formas como os grupos sociais se vinculam economicamente e estabelecem relações simbólicas e de poder, o estudo de Elias e Scotson (2000) serviu de inspiração para este propósito da dissertação. Os autores fizeram uma análise pormenorizada das relações sociais e do poder numa comunidade britânica através de um estudo de caso, observando e sugerindo questões de pesquisa no que diz

respeito a observações dos comportamentos coletivos no cotidiano, formas de analisar as redes (de intrigas, de vizinhanças, de migrantes), a constituição de barreiras aos estranhos, o preconceito e outras. No capítulo final desta dissertação há uma exposição destes problemas examinados durante a incursão ao campo e analisados, em parte, conforme as sugestões metodológicas de Elias e Scotson (2000).

A coleta de dados secundários e primários foi efetivada em diversas fases. Num primeiro momento foram examinados dados secundários, provenientes do IBGE, do IPEA-PNUD e da FEE. Estas informações compuseram a gama de dados demográficos, econômicos, agrícolas, industriais e de serviços sobre Veranópolis. A partir deles ainda foi possível verificar as rendas da população economicamente ativa, os índices de qualidade de vida e a composição do emprego. Esta base de dados fornece um panorama sobre as condições econômicas e sociais da microrregião de Caxias do Sul onde está localizada Veranópolis. Além disso, por meio desses dados, têm-se informações sobre transformações históricas na economia e na população, que possibilita mostrar as mudanças sociais relevantes para o estudo (o processo de urbanização, evolução dos índices de desenvolvimento humano, transformações nas ocupações, integração econômica em mercados, crescimento da participação dos setores secundários e terciários na economia local).

No segundo momento de análise, foram utilizados dados primários quantitativos coletados a campo no ano de 2002 durante execução do projeto de pesquisa AFDLP. Embora tenham sido aplicados em outro momento, estes dados possuem informações que podem ser indicadores de reciprocidade, proximidade, trabalhos em família ou com vizinhos; sobre a constituição de redes de trabalho e produção; a respeito de ocupações desempenhadas por agricultores familiares em indústrias de calçados e artigos esportivos ou da terceirização deste feita no próprio domicílio rural. A partir destes dados é possível identificar as diversas formas que assumem as estratégias de reprodução social das famílias e verificar como a pluriatividade se insere como alternativa para agricultores familiares na configuração da economia local.

Durante a pesquisa de campo, foram aplicados 59 questionários padronizados entre agricultores familiares de Veranópolis cuja amostra obedeceu à técnica de amostragem sistemática por comunidade rural, sendo aplicados questionários em todas as localidades rurais do município. Conforme estabelece este princípio de amostragem, o número de questionários por comunidade foi relativo ao universo de unidades (famílias) existentes em cada. De posse destes dados, foi feita a caracterização das famílias rurais em aspectos que podem elucidar os objetivos propostos para o estudo, tais como a força de trabalho, as



atividades agrícolas e não-agrícolas, o parentesco, a remuneração, a estrutura etária, os mercados, o acesso à educação, a confiança em instituições, a sociabilidade local e a situação de satisfação com o meio rural. Os dados foram processados e examinados com o software estatístico de banco de dados SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*).

Na última etapa de consolidação de dados para a dissertação obtiveram-se dados primários qualitativos através da utilização de técnicas qualitativas de pesquisa, atribuindo ênfase em observação e entrevistas semi-estruturadas. Esta etapa da pesquisa teve a finalidade de captar informações específicas sobre reciprocidade, constituição de redes sociais, políticas e econômicas, o interconhecimento entre os atores sociais, as expectativas quanto ao futuro da família na agricultura, processo de mudança das relações de trabalho (mercantilização), conhecimento no trabalho, empreendedorismo, formas de associação, relações hierárquicas, racionalidade, religião, preconceito e discriminação, controles e conflitos sociais, percepções dos atores sociais sobre a sociedade em que vivem.

Realizaram-se vinte entrevistas com membros pertencentes a essas redes sociais a fim de identificá-las e caracterizá-las. O público-alvo constitui-se de fruteiros, agricultores familiares, trabalhadores em indústrias, micro-empresários que empregam população rural e urbana, chefes e gerentes de fábricas, membros de associações e informantes-chave como técnicos da Emater, formuladores de políticas públicas locais e secretários municipais. A amostra da etapa qualitativa foi composta de maneira não-aleatória, procurando contemplar diferentes posições sociais dos atores (quanto ao trabalho, à situação socioeconômica, à política, à localização espacial da residência, às redes, ao gênero). As técnicas qualitativas também possibilitaram entender as mudanças ao longo do tempo no que diz respeito às relações de reciprocidade, trabalho familiar, estratégias de matrimônio, relações históricas entre o rural e o urbano, mercantilização das atividades e do consumo, formação das redes de trabalho, conflito entre migrantes e pessoas oriundas de famílias antigas do local. Assim sendo, a vantagem da pesquisa qualitativa é que ela possibilita acessar aquilo que não foi documentado e permanece somente na memória (TEDESCO, 2004).

A técnica qualitativa de entrevista tem sido utilizada nas Ciências Sociais como um recurso primordial para obtenção de dados, além de poder completar informações quando são combinadas com técnicas quantitativas. Estas auxiliam captar aquilo que estes últimos não conseguem apurar (emoções, detalhes, contradições). A técnica estimula a pessoa a refletir sobre ela mesma e o que acontece a sua volta enquanto procura elaborar uma narrativa coerente. Embora uma amostra estatística não seja necessária - toda a pessoa, num discurso por mais individual que seja, afirma o que é de mais sociológico, conforme Michelat (1980, p.

194) - é importante entrevistar pessoas com diferentes posições sociais na sociedade estudada (conforme descrito acima). Flick (2004, p. 22) escreve que a pesquisa qualitativa demonstra a variedade de perspectivas que se encontra nos diferentes atores sociais, privilegiando elementos subjetivos e esferas de interação social, ou seja, o autor afirma que este método é essencial para captarmos a pluralização das esferas de vida, a complexidade, os significados e a diversidade que há no social.

O importante na amostra da pesquisa qualitativa é a relevância de cada entrevistado (observado) para o tópico da pesquisa (FLICK, 2004, p. 58). Apesar de que houve uma pré-definição da amostra, outros componentes foram incluídos ao longo da pesquisa devido às descobertas realizadas a campo, segundo sugestão metodológica de Flick (2004, p. 79). Por esta razão, a técnica de observação foi combinada e intercalada com as entrevistas, pois, à medida que se observavam os atores sociais em interação e eram entrevistados os mais relevantes para a pesquisa, a amostra gradualmente se tornava mais rica. A pré-definição do número de entrevistados foi estipulada em razão do total de redes a serem analisadas (cinco), somados aos informantes-chave. No entanto, o número final de entrevistados (vinte) ultrapassou o total inicial, visto que a participação dos informantes-chave foi ampliada e uma das redes (microfusão) necessitou mais componentes para obter informações as desejadas. Ainda sob o aspecto metodológico, o conteúdo das entrevistas (os textos digitados) foi analisado com o auxílio do software para análise qualitativa NUD\*IST.

A dissertação está organizada em sete capítulos - incluindo esta introdução (que é o primeiro capítulo) - considerações finais, referenciais bibliográficos e apêndices. No segundo capítulo procura-se elaborar um referencial teórico para o estudo, partindo dos conceitos de reciprocidade e rede e enfatizando suas possibilidades para analisar o desenvolvimento rural. No capítulo três, aborda-se a história geral de Veranópolis, desde a colonização até os dias atuais. Os capítulos quarto e quinto mapeiam as redes de trabalho e produção, entretanto no quinto são valorizados o meio rural, a agricultura familiar e as redes características deste espaço. O capítulo sexto faz um apanhado geral da vida cotidiana, da política e da cultura local, traçando elementos que possam compreender a cosmovisão da sociedade local e sua constituição na história, os conflitos e as formas de controle social, as migrações recentes, as redes políticas e outras questões sempre à luz dos conceitos de dádiva, reciprocidade e redes sociais. Por fim, elaboram-se considerações finais com as conclusões obtidas na pesquisa.

## 2 DÁDIVA E RECIPROCIDADE, REDES SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO RURAL

Não era apenas por uma preocupação analítica que sociólogos franceses se perguntavam sobre os fundamentos da dádiva e da reciprocidade no início do séc. XX. A teoria da troca social de Émile Durkheim e seus seguidores incidia sobretudo na natureza moral dos atos coletivos, na capacidade de estruturação da ordem social e na geração das formas de solidariedade que dela derivariam, segundo Ekeh (1996, p. 779). É verdade que a inquietação com os destinos da humanidade tomava conta dos demais pensadores da época, como se verificava na Alemanha, por exemplo. Habermas (2000), com muita propriedade, acentua que, para a filosofia germânica desde Hegel, um dos agudos problemas era descobrir qual seria o aglutinador social de um mundo racionalizado depois que a religião perdera este primado.

Partindo de outras premissas, a sociologia francesa se interrogava de forma semelhante. Depois de ter estudado a solidariedade e o suicídio na Europa de sua época, por volta de 1910/1912 Durkheim se dirige ao estudo de sociedades não-ocidentais, tradição que seria continuada e aprofundada por seu sobrinho Marcel Mauss. Os questionamentos teóricos destes pesquisadores giravam em torno de que tipo de legado os estudos sobre as sociedades simples - e principalmente sobre o que as mantinham unidas - poderiam elucidar a respeito da desestruturação que ocorria na sociedade ocidental (EKEH, 1996, p. 779).

Coube a Mauss o esforço de vincular a preocupação moral acerca das bases da solidariedade com a analítica do fato social. Quanto ao primeiro aspecto, observou que na troca há sempre três momentos que se revertem no princípio da ação recíproca – dar, receber, retribuir. A troca não é somente um câmbio de produtos de qualquer natureza, ela carrega a potencialidade da sociabilidade humana, sobre a qual se fundam a solidariedade, a integração social e as obrigações mútuas. O segundo aspecto complementa o primeiro. É por que estes fatos sociais são “totais”, isto é, as trocas são econômicas, expressam também a política e estão numa cosmologia simbólica, que deles se pode atribuir um sentido, e não apenas uma “fria” permuta de objetos.

As apropriações contemporâneas dos estudos sobre a dádiva e a reciprocidade se valerão das diferentes perspectivas. Algumas atribuem maior importância ao caráter ético das

relações humanas, contido na teoria da troca. Outras recorrem à idéia de que as relações econômicas das distintas sociedades estão inscritas nas relações sociais, ou seja, que as instituições e as culturas são estruturantes dos atos econômicos<sup>1</sup>.

A argumentação perseguida aqui é de que as relações de reciprocidade podem fundamentar a vida social, mas ela é também construída social e historicamente. É admissível a hipótese de que distintos grupos sociais possuem maior ou menor integração, conforme sua configuração (valores comuns, importância da religião, relações mercantis, individualismo, conflitos com base na desigualdade social). Nas sociedades simples, sejam polinésios, sejam ameríndios tal qual Mauss e Malinowski analisaram, os mecanismos de integração social são fortemente associados às práticas de reciprocidade. No entanto, esta característica, guardadas as proporções, também foi observada entre grupos camponeses. Tamanha era a importância da homogeneidade cultural, dos valores comuns e das relações de conhecimento mútuo entre os membros das comunidades rurais, que Henri Mendras, sociólogo francês, chamou-as de ‘sociedades camponesas’, caracterizando-as como grupos à parte da sociedade em geral.

Sob esta inspiração, recentemente têm sido projetados estudos a respeito das práticas de reciprocidade entre camponeses, como é o caso dos trabalhos de Eric Sabourin. Para esta dissertação, a peculiaridade reside em resgatar a sociabilidade e as relações de reciprocidade camponesa como o fundamento das redes de relações sociais em Veranópolis e no seu entorno. Os valores originariamente semelhantes ao do modo de vida camponês da sociedade local teriam contribuído para o fortalecimento dos laços sociais constituídos historicamente, que se manifestam no trabalho, na produção, na vida cotidiana, no parentesco e na política. Como exposto acima, analisar o modo de vida camponês é *uma* possibilidade (não a única) de se encontrar uma economia na qual prepondera a reciprocidade como regramento social.

As conseqüências dessa origem histórica seriam relevantes, o que justificaria pesquisar o desenvolvimento e a mudança social em conexão com os processos de reprodução social e manutenção das sociabilidades. A sociedade local não permanece rural nem sequer ancorada no “modo de vida colonial”, semelhante ao camponês. Ela se transformou, porém se pretende mostrar que as relações de reciprocidade e proximidade entre os atores sociais ainda desempenham importante papel.

O percurso teórico proposto parte da análise da dádiva e da reciprocidade, procura problematizar as teorias sobre redes sociais, enfoca os estudos camponeses e examina as características do rural contemporâneo, buscando integrar estes tópicos.

---

<sup>1</sup> Não somente na teoria social francesa foram desenvolvidas análises sobre a teoria da troca. Ver-se-á mais adiante, a tradição norte-americana foi mais enfática nas premissas individualistas.

## 2.1. A DÁDIVA. A RELAÇÃO SOCIAL COMO TOTALIDADE

A fim de que se proporcione de que maneira o tema relativo à dádiva irrompe no campo das Ciências Sociais, poder-se-ia remontar ao debate realizado pela filosofia política desde os escritos de Thomas Hobbes no séc. XVII. Filósofo inglês, Hobbes escreve, na sua maior obra, *O Leviatã*, a respeito das práticas humanas e o regime político propício a um Estado livre de guerras internas. A idéia principal é a do contrato social, isto é, os seres humanos fariam um pacto para saírem de um estado de natureza, estado que se caracterizaria uma espécie de “todos contra todos”. Portanto, haveria o interesse em viver em sociedade, visto que todas pessoas são egoístas, e, assim sendo, se faz necessário um Estado regulador – até mesmo autoritário. O fato é que, para Hobbes, pessoas escolhem a submissão, preferindo isto ao estado de guerra eterna.

Apenas sob este aspecto, John Locke, também filósofo e contemporâneo de Hobbes, concordou, pois há a escolha em cooperar mesmo por indivíduos maximizadores de lucros. No caso de Locke, fundador do liberalismo político, a cooperação entre os seres humanos e as regras relativas à propriedade são anteriores ao Estado, antes do contrato. Assim, o que esses autores afirmam, e que acabou por fundar as bases da política e da economia clássica, é que a lógica das práticas humanas é sempre a partir de um certo egoísmo, um indivíduo que calcula o tempo todo. Para Hobbes, a natureza humana é inerentemente má; para Locke, o Estado existe não pelo fato de os indivíduos serem naturalmente ruins, mas para que nos conflitos sociais cada um não possa legislar em causa própria. Perpassa o sistema filosófico destes dois autores que os contratos que constituiriam as sociedades são realizados por indivíduos utilizando a Razão. O essencial é apreender que estes ideários tiveram papel central para a construção do pensamento político moderno em torno do individualismo, da propriedade privada e do Estado-nação.

Um dos fundadores do pensamento econômico moderno, Adam Smith poderia ser identificado como um herdeiro da tradição que tem origem em Hobbes e Locke. Karl Polanyi, economista contemporâneo, atribui a Smith a continuidade da formulação dessa concepção de ser humano, um ser com propensão à barganha e ao lucro (POLANYI, 2000, p. 63). Se fizéssemos uma arqueologia (no sentido foucaultiano) observaríamos que os primórdios da Ciência Econômica são marcados por uma idéia geral atomizadora e utilitarista do ser humano, inclinado à permuta e ao lucro. Além disso, Abramovay (2004) registra que, antes de

Smith publicar o livro seminal *Riqueza das Nações*, ele procurou embasar a idéia dos seres humanos buscarem o interesse individual numa ética metafísica que remetia a deus, segundo o seu *Teoria dos sentimentos morais*. Ainda segundo Abramovay, Smith completa que deus espera que os homens busquem a preservação, nem que seja através da luta, e que eles não deveriam aguardar nenhuma benevolência.

Contudo, segundo o comentário crítico de Alain Caillé (2002a, p. 39), o utilitarismo como doutrina de filosofia moral somente ganha proeminência a partir de Jeremy Bentham (1748-1832). Para Caillé, o utilitarismo como doutrina normativa procurou estabelecer as bases para a melhor vida em sociedade, atribuindo um papel central para o indivíduo e suas satisfações. Essas satisfações seriam resultado da ação generalizada de todos indivíduos na sociedade que, egoisticamente, procurariam sempre o que é melhor para si e, ao fazê-lo como ação individual, produziriam como efeito social e coletivo o equilíbrio geral. Da mesma forma que Hobbes, Bentham também percebe o ser humano como universalmente egoísta. Na perspectiva da economia política, a teoria de Adam Smith também terá esse panorama como ponto de partida – práticas de demanda e oferta sem a intervenção política do Estado é que produzem resultados de equilíbrio econômico.

Segundo Caillé (2002a), uma avaliação das perspectivas utilitaristas permite evidenciar duas concepções: a primeira, do utilitarismo teórico, que postula um ser humano como sujeito egoísta e interesseiro e a segunda, do utilitarismo normativo ou filosófico, que afirma que seria virtuoso para a sociedade se todas as pessoas agissem individualmente para a satisfação de suas felicidades.

Diversas questões poderiam problematizar as teses utilitaristas expostas. Em primeiro lugar, conceder pouco espaço à cultura e ao meio social como lentes que se antepõem frente à realidade – como se pudesse existir uma natureza humana a-histórica na qual se preconiza a racionalidade instrumental (a razão kantiana, juíza suprema acima da cultura). Mesmo que o ser humano usasse o tempo todo a razão, o seu uso obedeceria aquilo que é valorizado como racional em cada sociedade. Em outro sentido, mesmo que houvesse um ser humano a-histórico universal, a satisfação de todos dificilmente seria conquistada como é sustentada pela tese normativa do utilitarismo, já que a propriedade privada pode ser acumulada e o poder político concentrado.

O debate sobre a lógica das ações humanas e a melhor forma para se atingir a felicidade em uma sociedade é amplo e prolixo, não sendo possível aprofundá-lo aqui. Muitos outros autores poderiam ser citados, tais como Rousseau, Hume, Tocqueville, Stuart Mill e Marx. O que se destaca, tão-somente, é que o juízo sobre o ser humano, que marcou as idéias

modernas sobre o indivíduo e o Estado, se constituiu com base em valores e instituições nascentes junto à burguesia européia - e não em universais a-históricos.

Este tema é retomado a partir do livro de Albert Hirschman (1979), economista e filósofo alemão que viveu no século XX. Hirschman (1979 apud CAPPELLIN; GIULIANI, 2002, p. 127) mostra que na Idade Média européia, as paixões (pelo dinheiro, lucro, poder, sexo) eram consideradas dominadoras e foram duramente combatidas. Com o surgimento da era moderna, elas passaram a ser transformadas em paixões dominadas. As paixões são reabilitadas e tornadas revigorantes, na qual a noção de “interesse” se torna fundamental. Antes considerado como quase um mal a ser combatido, o interesse é transformado em “componente natural do homem” (CAPPELLIN; GIULIANI, 2002, p. 127). Comentando a obra de Hirschman, Araújo (2004, p.1) escreve que através da paixão pela riqueza, o homem enfrentaria as paixões pela glória e as necessidades de prudência e, nesse momento, as paixões se tornam interesse. É na conceituação de Adam Smith sobre a economia política da era burguesa que aparecerá a noção clara de interesse e de vantagem, sempre imbuída de certo utilitarismo.

Mas este debate sobre os interesses ganha impulso e direção a partir do momento em que outros cientistas sociais, como antropólogos e sociólogos, passam a se interessar pelo tema. Este é o caso de Marcel Mauss, antropólogo francês que, com seus artigos de sociologia e antropologia, amplia o que pode(ria) ser um universal das práticas humanas, especialmente através de seu *Ensaio sobre a dádiva* (1974). O ensaio gira em torno de práticas sociais de troca que realizam as sociedades nativas analisadas. A tese principal do texto está calcada na centralidade que assumem os atos generosos quando indivíduos e grupos efetivam suas trocas em sociedade. Sob estas, são estruturadas as obrigações recíprocas contraídas pelos sujeitos e as formas de solidariedade entre famílias. Desse modo, o autor assinala que a dádiva e as atitudes recíprocas acabam sendo fundamentais para toda a ordem social.

Para chegar a estas considerações, Mauss examinou os fenômenos *potlach* (no noroeste americano), *kula* (na polinésia) e outros relativos às prestações totais, recorrentes nas sociedades tribais de diversos lugares, descritos por outros antropólogos de sua geração, tal como Malinowski. Assim, o autor do *Ensaio* estabeleceu que nas trocas existe algo mais que a mera coisa trocada, que quando o câmbio se estabelece uma moralidade é instituída (do receber e do retribuir). Dar, receber e retribuir faz parte de uma totalidade na qual os seres humanos são envolvidos: relações sociais que envolvem atos de troca, nas quais é impositivo dar presentes, aceitar e retribuir.

A noção de totalidade se tornou central para o que o autor havia constatado. Mauss percebe que estas trocas não são somente econômicas, mas envolvem a economia, a política e os sistemas simbólicos destes grupos – se constituindo no fato social total. São totais (ou gerais) porque “põem em movimento, em certos casos, a totalidade da sociedade e de suas instituições”, de acordo com Mauss (1974, p. 200). Por isso, não há apenas uma razão material que evoque a necessidade das trocas.

A partir da obra de Mauss, há uma nova interpretação sobre as práticas humanas e sociais. Não necessariamente o burguês europeu é o sujeito universal e acabado da História. Há diversas sociedades, culturas e histórias. O próprio autor criticou o pensamento reinante de sua época e afirmou categoricamente que a sociedade ocidental recente transformou o homem em “animal econômico” (MAUSS, 1974, p. 197). Logo, as práticas econômicas de trocas podem ser compreendidas dentro de um espectro mais amplo: o sistema simbólico e social. Isto significa que a economia e a racionalidade do ganho utilitário não determinam as esferas culturais e políticas, mas que as práticas econômicas e a noção de indivíduo (pessoa) devem ser refletidas a partir de estruturas sociais e dos sistemas simbólicos de cada grupo ou sociedade.

É conveniente perceber que a interpretação do autor sobre a reciprocidade se valeu da teoria do próprio nativo, de como os atores sociais compreendiam suas práticas. A recepção de Mauss aos textos etnográficos o fez incorporar em seus escritos a maneira pela qual os nativos compreendiam as trocas, ou seja, de que a coisa trocada carrega algo como um “espírito”, que faz com que o receptor sempre retribua. Parte das críticas ao trabalho deste antropólogo incidiu no caráter fenomenológico de sua interpretação.

Após os avanços teóricos do trabalho de Mauss se é tentado a dizer, contrariamente a Hobbes, que os seres humanos cooperam entre si por que há um certo constrangimento decorrente da participação desses círculos de reciprocidade. No entanto, essa coação não se transmuta em obrigação, mas a liberdade de retribuir é que cimenta que o ser humano é sensível ao constrangimento e que escolhe a retribuição. Nas palavras do autor, “uma parte considerável de nossa moral e nossa vida permanece sempre nesta atmosfera da dádiva, da obrigação e ao mesmo tempo da liberdade” (MAUSS, 1974, p. 185).

Portanto, o conteúdo final do *Ensaio sobre a dádiva* faz uma espécie de apelo à generosidade, este caráter da sociabilidade humana que acentua a dimensão de gratuidade. Não é sem razão que Mauss reivindica um “repensar” para a sociedade ocidental e de suas práticas generalizadas, visto que “não basta constatar o fato [a observação empírica da



reciprocidade entre os diferentes povos, inclusive suas manifestações entre os ocidentais], é preciso dele deduzir uma prática, um preceito moral” (1974, p. 189).

Inúmeras interpretações existem a respeito do ensaio sobre o dom. Na clássica apropriação de Lévi-Strauss (1974), que foi quem organizou os textos de Mauss para publicação, há uma teoria geral da constituição do social. Já para Sigaud (1999), mais recentemente, Mauss introduz no pensamento sociológico tanto a questão da teoria das trocas, como a teoria das obrigações. Na perspectiva de Lanna (2000, p. 5) há também em Mauss a noção de contrato, mas inversamente aos anglo-saxões, ele não é um contrato individual<sup>2</sup>. Esse pacto também não acontece senão simbolicamente mediado, por que dar é um ato que possui significado, inteligível e por meio do qual os seres humanos “apreendem o mundo”. Para Lanna (2000, p. 3), o que está a todo o momento no trabalho do autor do *Ensaio* e que irá marcar a Antropologia francesa é a idéia de aliança, isto é, a troca entre os seres humanos produz a aliança.

Para Caillé (2002a), a obra de Mauss infelizmente ficou restrita aos antropólogos e muitos a rechaçaram por ser uma análise de uma sociedade arcaica ou “primitiva”. Na visão deste autor, recuperar este teórico da dádiva e tornar sua obra mais conhecida é recuperar o fundamento geral de uma sociabilidade repleta de significados. Mas para as teorias das Ciências Sociais, especialmente na Antropologia, o *Ensaio sobre a dádiva* representa uma guinada na forma de interpretar os fenômenos sociais, por conseguinte o debate avança e terá conseqüências nas teorias sociais contemporâneas de maneira geral.

Quando o antropólogo belga Claude Lévi-Strauss escreve a introdução à obra de Marcel Mauss, toma como princípio repelir a teoria do nativo que este teria aceitado. O estruturalismo não poderia acolher com seriedade qualquer história nativa (o conteúdo), preocupando-se unicamente com a estrutura. Não é a coisa que carrega algo em si, mas a troca é um fato estruturante que permite a existência da sociedade. A troca tem uma centralidade não na coisa trocada, mas na *relação* entre as pessoas; a relação social é possibilitada pela troca<sup>3</sup>. Assim, para Lévi-Strauss (1974, p. 34-35) há uma diferença em constatar o sentido que é conscientemente partilhado pelas pessoas (a coisa trocada carrega algo que faz o receptor retribuir) e o que permanece no inconsciente do social (a relação) e só é captado indiretamente.

---

<sup>2</sup> Conforme Villela (2001, p. 9), Sahlins aproxima Mauss de Hobbes, sendo o dom uma alternativa para a guerra, a reciprocidade uma forma primitiva de paz.

<sup>3</sup> Segundo Woortmann (1995, p. 88), Lévi-Strauss dessubstancializa a troca que Mauss analisara e desautoriza a crença de que o *hau* da teoria do nativo é a explicação para a retribuição.

Lévi-Strauss tem o mérito de ter atentado para o fato de que troca e simbolização podem ser um único ato. O autor escreve que o primeiro ato de simbolização social será ao mesmo tempo um ato de troca: a proibição do incesto e a troca das mulheres entre grupos sociais (clãs, famílias). Em virtude disso, que Lévi-Strauss aposta nesse duplo ato como fundante da sociedade. O caráter simbólico da dádiva tem sido retomado por Caillé nos seus últimos trabalhos. Porém, discordando da proposição principal de Lévi-Strauss, Caillé (1998a, p. 8) afirma que a “ciência estruturalista” só se interessa em conhecer a forma, na qual ficam perdidas para o pesquisador a própria dádiva e a luta dos homens<sup>4</sup>.

A interpretação estruturalista de Lévi-Strauss teve muita influência em meados do séc. XX. Nela, além do fenômeno da dádiva ser fundante da sociedade, havia a preocupação com o equilíbrio social, a organização dual dos grupamentos humanos, a simetria e etc. Coube a outros pesquisadores avançar os estudos sobre a troca social e suas conexões com a estratégia e o poder, tal como Eric Wolf, Pierre Bourdieu, Alain Caillé e outros.

Contra duas abordagens sobre o dom, expostas acima, que Bourdieu escreverá. Primeiro, em oposição à Mauss e à Lévi-Strauss pela dimensão fenomenológica e estrutural da dádiva, respectivamente. Segundo, contra uma visão que entende as relações de reciprocidade como encantadas e livres de conflitos. Bourdieu (1996a, 1996b) introduz a idéia de estratégia, incerteza e poder para o interior das relações de reciprocidade. Esse autor mostra que principalmente nas análises de Lévi-Strauss sobre o dom faltava a componente do tempo entre o dar e o retribuir. Nesse tempo, se instala uma relação de poder, no qual a pessoa presenteada permanece sob o poder do outro e a estratégia pode ser a retribuição ou não. Assim, se Lévi-Strauss dessubstancializa a troca e passa para a *relação*, o autor perde a importância do papel do tempo entre o dar, o receber e o retribuir. Retira o componente estratégico e coloca a dádiva acima das práticas históricas e sociais. Condizente com sua apreensão da realidade, Lévi-Strauss jamais privilegiou entender as estratégias e as subjetividades, mas os modelos estruturais das sociedades. Portanto, na leitura de Bourdieu, a estrutura simbólica é impositiva para a pessoa que recebe, um constrangimento, mas retribuir

---

<sup>4</sup> “Luta dos homens” é uma referência direta ao artigo de Claude Lefort (1990), para quem a dádiva é uma forma de *reconhecimento*, na qual os indivíduos diferentes querem chegar a uma similitude, trocar coisas para negar que “são coisas”. A subjetividade emerge na troca, na constituição do eu que se relaciona com o outro. Para Lefort, o ato inicial (primeiro dom) é fundamental. Para uma crítica, em parte baseada em Nietzsche e em Deleuze sobre a dádiva como *reconhecimento*, ver Villela (2001).

não é uma *norma*, que pode depender de outras razões, da vontade de uma das partes de manter o vínculo, por exemplo<sup>5</sup>.

O intervalo de tempo entre uma troca e a retribuição dá a impressão aos participantes do ato de que não há necessidade moral da retribuição, é um véu que tem uma função de que a economia simbólica se sobreponha à troca material – no sentido de que quem dá faz isso gratuitamente. Os trocadores ficam numa relação de conhecimento parcial se haverá ou não a reciprocidade, na esperança de haja (BOURDIEU, 1996a, p. 166). Isto significa que não deve haver uma explicitação da obrigação da troca, pois assim quebraria a relação. É isso que permite avançar uma idéia muito sagaz no texto de Godbout (1998) de que a troca mercantil capitalista é feita pela moeda (um equivalente imediato da troca), portanto os atores sociais que trocam objetos por moedas desfazem a dívida a todo o tempo, enquanto a dádiva é a criação e a re-criação da dívida – uma perpetuação da relação social que não precisa (e não deve) terminar na troca dos equivalentes<sup>6</sup>. Bourdieu (1996b) ainda escreve que o dom é a própria recusa da lógica da maximização do lucro econômico.

Bourdieu abre espaço para mais duas considerações importantes a respeito da dádiva. A primeira, é que há uma recusa dos atores sociais entrarem em relações sociais sem estarem predispostos à relação específica (é o *habitus* versus a intenção livre). Os agentes possuem disposições adquiridas de acordo com seu tempo de vida e com as relações sociais que trava nesse percurso temporal (BOURDIEU, 1996a, p. 170). Em sociedades onde há o reconhecimento dessas práticas como importantes, os indivíduos incorporam essas disposições (BOURDIEU, 1996b, p. 9). Portanto, Bourdieu nos estimula a pensar o que está sendo perseguido nesse trabalho: que as relações sociais e a especificidade (forma) das relações de reciprocidade serão diferentes em cada tempo e lugar, e o autor atribui importância às estruturações no indivíduo (esquemas geradores de ação). A segunda, é que o intervalo da dádiva, a incerteza, a estratégia dos atores sociais estão encobrendo relações de dominação, como o clientelismo, já que toda a troca envolve atos (supostamente) generosos, carisma e a sua retribuição.

Numa perspectiva teórica distinta do debate francês, o antropólogo norte-americano Eric Wolf já descrevia as relações de dominação em meio às trocas antes dos trabalhos de

---

<sup>5</sup> Malinowski (2003, p. 25) já havia constatado que o tempo de retribuição poderia ser relevante para preservar a reciprocidade, pois entre os trobriandeses verificou que aquele indivíduo que recebe “não pode se atrasar” na retribuição. Entretanto, o autor não deu devida atenção teórica a esta observação.

<sup>6</sup> Henri Lefebvre (1999, p. 135) escreve que o dinheiro na sociedade capitalista é um equivalente que oprime as diferenças que sempre existem entre as pessoas em qualquer sociedade. Nos escritos de Adorno também perpassa a idéia de que no capitalismo o valor-de-troca é a produção do idêntico, por isso ele procura escapar da dialética hegeliana, propondo outra na qual a síntese não possa suspender as características dos particulares (o não-idêntico da dialética negativa).

Bourdieu. Examinando a política, afirmou que nas relações patrono-cliente (clientelismo típico das áreas rurais cuja estrutura econômica é desigual) também aparece a reciprocidade, mas salienta que nessas relações a reciprocidade pode esconder o poder (WOLF, 2003b, p. 109)<sup>7</sup>. Wolf não discute a teorização sobre o dom - e seu caráter simbólico ou formal - tal como a perspectiva francesa, mas utiliza o conceito de reciprocidade para entender relações diádicas, o que pode ser bastante profícuo para entender os tipos de vínculos sociais em realidades empíricas específicas.

A relação diádica é aquela estabelecida entre dois indivíduos e pode ser de diversos tipos, por exemplo, a amizade emocional ou instrumental. Enquanto a amizade emocional se caracteriza pela finalidade na própria manutenção da díade e pela necessidade emocional da relação, na instrumental “cada membro da díade age como uma ligação potencial com outras pessoas fora da díade” (WOLF, 2003b, p. 105). Em seu ponto máximo de desequilíbrio, no qual um dos lados está claramente em posição desigual na capacidade de conceder “presentes”, ela se reverte em relação patrono-cliente. Wolf (2003b, p. 109) pondera que assim emerge o poder que está na iminência de ser mascarado pela reciprocidade.

O curioso é perceber que a ação recíproca entre os indivíduos tentará ser o mais equânime possível, mas nunca o fará completamente, alerta Wolf. Enquanto o patrono ofertará bens mais tangíveis, ajudas recorrentes e também proteção, o cliente estará em posição de fornecer bens intangíveis, por exemplo, a estima, a lealdade, apoio político e informações contra possíveis adversários de seu padrão, conforme Wolf (2003b, p. 109)<sup>8</sup>. Em Wolf há uma conceituação da troca social que escapa das permutas de coisas, por essa razão ele apura distintas formas de poder que emergem nos atos de reciprocidade.

Portanto, nos escritos de Bourdieu e Wolf está um avanço em relação à Mauss e Lévi-Strauss que vale a pena serem realçados. Estes autores dão importância fundamental à questão do poder nas relações sociais e nas trocas – ao poder nas interações face a face, concretas.

Mais recentemente, Alain Caillé, pesquisador francês, faz um retorno bastante profundo da obra de Mauss. Sua intenção é apreender em Mauss, sobretudo no *Ensaio sobre a dádiva*, um ponto fundamental para a teoria social contemporânea que não esteja nem no holismo (como nas teorias de Émile Durkheim ou de Louis Dumont) nem no individualismo contemporâneo (por exemplo, nos escritos de Jon Elster). Caillé define dádiva como qualquer

---

<sup>7</sup> O ano da publicação original de Wolf é de 1966.

<sup>8</sup> Gouldner (1977) é outro autor que participa do debate em torno da reciprocidade e publicou importante ensaio (cujo ano da primeira publicação é de 1960), contribuindo para o avanço anglo-americano da teoria. O ponto central de sua argumentação diz respeito ao fato de que as pessoas devem ajudar aquelas que anteriormente lhes ajudaram e que não devem injuriar as que lhes ajudaram. Apesar do autor descrever como uma norma, a reciprocidade é vista sob o ângulo da racionalidade.

ação sem expectativa imediata ou certeza de retribuição, com objetivo de “[...] criar, manter ou reproduzir a sociabilidade, comportando, portanto, uma dimensão de gratuidade.” (CAILLÉ, 1998b, p. 76 apud SABOURIN, 2003, p. 1).

Para Caillé (1998a), a dádiva é ligação, é simultaneamente obrigação e liberdade. É na “aposta da dádiva” que os atores sociais manterão os vínculos, mas a dádiva não é norma, “[...] pois é, de fato, unicamente numa situação de incerteza estrutural que o problema da confiança e da tessitura do laço social se coloca [...]” (CAILLÉ, 1998a, p. 15). O que Caillé está dizendo é que a obrigação simbólica é o espaço da liberdade, pois se as relações fossem como os estruturalistas imaginaram, ninguém teria receio de não ser retribuído e não retribuir. Se há espaço para a contingência, a obrigação (recíproca) é que a cria e ao mesmo tempo é a liberdade (de dar presentes, atos generosos descontínuos de acordo com a intenção do sujeito) que cria a obrigação. Essa é a contribuição que Caillé atentamente busca em Mauss para o velho problema da conjugação entre ação e estrutura nas Ciências Sociais ou determinismo e liberdade na Filosofia.

Caillé vai mais além de Bourdieu, porque procura retornar ao debate da Filosofia Política e da Moral. Se não há obrigação em dar presentes, por que as pessoas se sentem “pressionadas” a realizar tal ato? Sem negar a dimensão do poder e da dominação que pode acontecer em realidades específicas (clientelismo, por exemplo), o ato de dádiva pode ser um ato moral. Este autor extrapola a dádiva para além das trocas de bens, cargos e privilégios, incluindo trocas de palavras, conversas, elogios, oratórias<sup>9</sup>.

Como a dádiva é um ato que se estabelece de maneira central nas relações sociais, a dádiva das palavras pode ser considerada um ato da sociabilidade primária, pleno de significados (CAILLÉ, 2002b, p. 103). Sob este ponto de vista, Caillé assume uma postura teórica e epistemológica na qual as relações sociais são relações simbólicas.

De maneira complementar a Bourdieu, Caillé atenta que, entre os atores da troca, há uma procura pela retribuição o mais depressa possível, mas Caillé não sugere que haja sempre uma estratégia de poder “por trás” dos atos. Isso não nega que haja um intervalo de tempo entre o dar e o receber, ao contrário, esse tempo gera uma tensão entre as duas partes, que se manifestam aparentemente desinteressados no ato de retribuição. Por isso, para os dois autores há a fundamental consideração com o poder, de certo modo com a política, que se entremeia com as relações de reciprocidade. Caillé persegue uma conceituação da dádiva que

---

<sup>9</sup> Debatendo sobre a polêmica em torno da universalidade da dádiva, Viveiros de Castro (1996, p. 130) mostra que nas cosmologias dos povos ameríndios a “troca social não é mediada [pela] economia do dom ou da mercadoria”, mas o corpo surge como protótipo do objeto social. A questão que surge é se os atos em torno do corpo podem ser interpretados como dádiva.

procure vencer pólos redutores tais como a preponderância da obrigação, de um lado, ou da espontaneidade, de outro; do instrumentalismo ou do prazer, dos atos interessados ou desinteressados. Propõe que o conceito de dádiva é inaplicável se não houver tudo isso: obrigação, liberdade, interesse, espontaneidade e prazer<sup>10</sup>. De certo modo, isto afasta Caillé de Bourdieu, pois o primeiro ainda assume que há gratuidade e moralidade não redutível a uma ação sempre maquínica que pressupõe o pensamento do segundo.

De uma forma geral, o trabalho original de Mauss, os textos de Bourdieu, Wolf e os escritos de Caillé contribuem fundamentalmente para o tema a ser analisado nessa dissertação. Caillé sustenta elementos que avançam em relação à economia das práticas de Bourdieu, pois introduz mais elementos e a fundamental co-existência e co-determinação de obrigação e liberdade. Nesse sentido, recupera-se aqui o trabalho original de Mauss e a leitura amplificadora que Caillé faz. Este último retoma a dimensão ética da reciprocidade e como ela pode estruturar relações de confiança. Logo, aparecem na obra deste autor as expectativas que os indivíduos têm das atitudes dos outros e também o interesse na existência do próximo. Isto, de um certo modo, acentua as propensões dos sujeitos a estabelecerem alianças, não puramente obrigatórias (por necessidade), nem puramente livres (por mero prazer).

Esta consideração não torna as contribuições de Wolf e Bourdieu sobre reciprocidade e poder menos relevantes para o estudo de caso. Apenas se sugere que dimensão de gratuidade emerge e, junto a ela, a *possibilidade* da dominação.

O que Caillé não pontua é como os atos generosos podem se tornar um esquema gerador de ação, algo que permanece na memória social de certos grupos sociais (e em territórios particulares) como forma legítima e prestigiada de ação para com o próximo, como Bourdieu sinaliza. Este último aproxima a liberdade do dom e da retribuição ao reconhecimento social e às disposições construídas nos sujeitos, redefinindo e vinculando as dimensões subjetiva e objetiva: a legitimidade social historicamente construída dos atos generosos (exterior) e as disposições subjetivas socialmente constituídas (interior).

O estudo de caso desta dissertação se apropriou de parte destes conceitos e se beneficiou do debate que percorreu grande parte do séc. XX. Pretende-se mostrar que os atos generosos, contendo sempre a potencialidade de se reverter em poder e instrumentalidade, foram centrais para a organização das práticas econômicas, políticas, religiosas e sociais em Veranópolis, sendo reproduzidos e re-interpretados à medida que a sociedade local se transformava.

---

<sup>10</sup> Para Godbout (1998), na dádiva há um jogo constante entre obrigação e liberdade; obrigação de ser espontâneo e livre.

## 2.2. RECIPROCIDADE E ECONOMIA

### 2.2.1. A contribuição de Karl Polanyi

Procura-se, nesta parte do trabalho, introduzir a noção de reciprocidade sob o ângulo da Economia, de Karl Polanyi. Antes, porém, convém estabelecer que tipo de relação há entre dádiva e reciprocidade. Sucintamente, concorda-se com Temple (1983 apud SABOURIN, 2003, p. 1) quando este afirma que reciprocidade é a reprodução da dádiva, e encaminha-se a concluir, juntamente com Lefort e Bourdieu, que a dádiva tem um momento inicial no primeiro ato, que é o presente, e que a retribuição é a própria reciprocidade.

O conceito de reciprocidade em Polanyi é vinculado à idéia de simetria. Reciprocidade é a movimentação entre pontos correlativos de grupos sociais simétricos (POLANYI, 1976, p. 296). Para ele, só pode haver reciprocidade se houver simetria na relação social, semelhante a como Lévi-Strauss utilizara o conceito. Isso por um lado restringe as análises sobre o poder, já que não capta aquelas situações em que ocorrem atos generosos numa relação desigual<sup>11</sup>. Por outro lado, a conceituação de reciprocidade dessa maneira é importante para que se possa verificar que, numa sociedade onde impera a simetria, a reciprocidade é um desencadeador de benesses (sem relações de dominação, supostamente). Polanyi (1976, p. 296) registra, com muita propriedade, que as atitudes freqüentes de reciprocidade entre os indivíduos fazem surgir uma integração de reciprocidade.

Polanyi foi um dos poucos economistas que incorporou elementos da antropologia para pensar processos de mudanças e princípios econômicos. A reciprocidade é um dos princípios econômicos que postulou em seus estudos, os outros são a redistribuição e o intercâmbio. Em sua ótica, nenhuma sociedade não-capitalista conheceu um sistema social e econômico regulado por mercados, pelo princípio do intercâmbio. Entretanto, e isso é importante, Polanyi ressalta que os mercados estavam quase sempre presentes em toda a história das diversas sociedades humanas (POLANYI, 2000, p. 62-63). Mercados, política, sociedade, parentesco: os seres humanos sempre interpretaram a economia como fazendo parte das relações sociais, sem particularizá-la em uma esfera separada tal como no

---

<sup>11</sup> Eric Sabourin (2003, p. 4) destaca que podem existir formas de reciprocidade simétrica e assimétrica, cada uma com conseqüências específicas para as relações sociais; a reciprocidade binária simétrica produz amizade, enquanto a assimétrica produz prestígio do doador, nesse caso a dádiva é agonística.

capitalismo. Em seus escritos, há a idéia de *submersão* da economia nas relações gerais que travam os seres humanos entre si, fazendo parte da totalidade da vida social. Essa idéia de submersão será contribuição particular de Polanyi para os estudos recentes na área conhecida como Nova Sociologia Econômica (NSE)<sup>12</sup>.

Polanyi (2000, p. 75) enfatiza que em todas as sociedades não-capitalistas os princípios da vida econômica são institucionalizados através de uma organização social, isto é, estes princípios são organizados e disciplinados por padrões específicos de comportamento. A sociedade mantém-se no direito de regular os mercados e não o inverso. Em virtude disso, o autor critica Max Weber por ter superdimensionado o indivíduo na relação econômica. A atividade econômica acontece na totalidade social, sempre dentro de um contexto estrutural e não tem como lócus privilegiado o indivíduo, conforme interpretação de Godelier (1976, p. 13) sobre Polanyi. A crítica de Polanyi à Weber é semelhante a que se depreende de Mauss com relação à Hobbes e à Locke. Mauss e Polanyi querem ultrapassar a noção difundida de que o indivíduo é instância única e máxima da sociedade a partir da qual as ciências humanas devem se preocupar.

Contudo, além de obscurecer as práticas de dominação no “jogo” da reciprocidade, as interpretações de Polanyi padecem também da seguinte questão: como continuar a considerar a reciprocidade, a dádiva e as relações econômicas “submersas” nas sociais se a sociedade capitalista já fez a conversão para um sistema autoregulado pelo mercado? Se por um lado Polanyi sugere que nas sociedades reguladas pelos princípios de redistribuição ou reciprocidade o intercâmbio livre aparece, muitas vezes, de forma residual, de outro, há pouco espaço para considerar as formas de economia de redistribuição e reciprocidade depois de no capitalismo se instaurarem os mercados livres e as práticas de intercâmbio. O próprio autor parece desconsiderar que o intercâmbio livre pode ter sido uma construção social.

Essa é a limitação da proposta, corroída pelas críticas de diversos pontos de vista, como da NSE. Noutra perspectiva, Sabourin (2003, p. 3) alude ao fato de que Polanyi procurou substantivizar a interpretação da reciprocidade e do intercâmbio (troca de mercado) como se eles aparecessem puros na realidade. Em *A Grande Transformação*, Polanyi defende que na sociedade ocidental as relações de mercado moldam o comportamento econômico, mas Sabourin alerta que dádiva e intercâmbio são apenas modelos ideais correspondentes a princípios econômicos, os dois se complementam nas sociedades, gerando tensões entre suas lógicas.

---

<sup>12</sup> Segundo Abramovay (2004, p. 49), foi Mark Granovetter quem fundou a Nova Sociologia Econômica em 1985 com o conceito de “embeddedness” que é inspirado nas obras de Karl Polanyi.



Compartilha-se da crítica de Sabourin, pois relações eminentemente capitalistas estão em processo desde os primórdios deste sistema social e econômico na história e elas avançam por sobre outras formas não-capitalistas ao longo do tempo. Entretanto, a mercantilização não consegue suplantar a totalidade da relação social que não se reduz à esfera econômica. A partir dessa perspectiva, a tensão entre as práticas de reciprocidade e trocas mercantis, conforme Sabourin (2005), será capital para entender o caso estudado, sobretudo se for examinada a partir de uma postura relativista que não construa necessariamente a oposição entre elas *a priori*. Porque uma razão simbólica que prestigia o sucesso econômico tratará de tornar a finalidade mercantil vinculada ou mediada pela reciprocidade, e vice-versa, re-significando as antigas práticas<sup>13</sup>.

### 2.2.2. Os avanços da Nova Sociologia Econômica

Durante muito tempo, os estudos sobre reciprocidade permaneceram confinados à antropologia ou servindo de inspiração a poucos economistas como Karl Polanyi. Somente nas últimas décadas estes trabalhos foram retomados por outras disciplinas para ajudar a entender os determinantes não-econômicos que explicam a ação dos indivíduos nas relações de troca.

Este é o tema perseguido pela corrente denominada Nova Sociologia Econômica. Apesar da importante influência de Polanyi para a NSE, esta perspectiva procura se diferenciar da sociologia econômica clássica. Exatamente no ponto em que Polanyi - juntamente a Weber e Marx - reconheceu a existência de mercados auto-reguláveis é que a crítica da NSE incide. Polanyi defende que os mercados são instituídos e organizados socialmente, no entanto sua interpretação mostra que na sociedade ocidental moderna o mercado auto-regulável se tornou hegemônico. A importante contribuição de Abramovay (2004) para este tema é a diferença que ele traça dos novos estudos sociológicos de mercados em oposição sobretudo à Polanyi.

Para Abramovay (2004, p. 55), até mesmo a “auto-regulação depende da própria maneira como a interação social ocorre”, portanto o conceito de *submersão*, do próprio Polanyi, é tão fundamental a esta tradição. O que Abramovay insiste é que os mercados são

---

<sup>13</sup> Supor que o capitalismo não acaba com outras formas de relação econômica pode ser entendida por analogia com a crítica que Deleuze e Guattari fizeram à Clastres. Os mecanismos presentes nas sociedades contra o Estado (que inibem seu surgimento) não desaparecem quando o Estado irrompe na história, se manifestando em muitas formas de resistência cotidiana (GOLDMAN, 1999, p. 82).

realmente impessoais, mas que neles os vínculos sociais são concretos e localizados, influenciam as suas dinâmicas. Por isso as formas que assume a reciprocidade em cada contexto específico podem influenciar as relações econômicas e mesmo a impessoalidade é construída socialmente. Ao final, o autor conclui que as economias devem ser estudadas institucionalmente, sociologicamente e historicamente, ou seja, como construções. Neste sentido, pode-se afirmar que o primado da NSE é que as relações econômicas estão inscritas numa atmosfera social e cultural.

É importante ressaltar que existem diferentes perspectivas que se dedicam aos estudos sociológicos da economia e dos mercados, mas o ponto comum é o entendimento que tanto a teoria neoclássica como a marxista são insuficientes para explicar por que as modernas formas de intercâmbio reguladas pelos mercados não foram capazes de destruir as formas de troca baseadas na reciprocidade.

Conforme Wanderley (2002, p. 22), uma das importantes aquisições destes estudos é a que salienta a construção social da racionalidade, afastando a interpretação abstrata desse fenômeno e situando-a num sistema de significações. A racionalidade pode ser realmente fundamental para a ação social do gênero humano, mas não é suficiente, isto é, ela é explicada socialmente. Do mesmo modo, Nee (2003 apud ABRAMOVAY, 2004), reitera que a racionalidade é limitada pelo contexto. Essas considerações “dão mais realidade” às interações econômicas, aos mercados, para além de uma visão matemática que a Ciência Econômica tradicional vinha operando. E nestas interações, escreve Abramovay comentando Zamagni, há a relação social real, e o mercado pode vir a ser um meio de reconhecimento entre indivíduos<sup>14</sup>.

Algumas outras contribuições da NSE são importantes para os objetivos desta dissertação. Este é o caso dos estudos sobre economia, reciprocidade e redes sociais. Wanderley (2002, p. 18) afirma que um dos enfoques da NSE procura entender os mercados como estruturas e se vale da metodologia da análise de redes. A autora localiza em Mark Granovetter o autor que pôde estabelecer ligação entre essa metodologia e os aspectos sociológicos da economia, a partir de estudos sobre o mercado de trabalho. Este autor, pontua Wanderley, concluiu que as pessoas conseguem empregos não num mercado anônimo, mas

---

<sup>14</sup> Veja-se que aqui o reconhecimento não está sendo analisado na relação social total, mas através do mercado. O próprio Abramovay irá se perguntar se, na relação de mercado e o possível reconhecimento (reciprocidade), não se deve atentar acerca do que Marx já afirmara no séc. XIX: no capitalismo, o mercado não é a expressão coisificada da relação social que se torna “entre mercadorias” e não entre pessoas? Vacilante na resposta, o autor escreve mais adiante que o mercado muitas vezes é a solução e não o flagelo dos pobres, e que o subdesenvolvimento pode ser resultado também da inexistência de mercados. Faz-se necessário atentar para o fato de que troca-dom e troca de mercado não serem o mesmo.

através de *laços*. São os laços fracos os responsáveis pelo sucesso, e “conhecer” pessoas é o que constitui a rede, portanto são formas de relação social concreta e permeada de atitudes recíprocas. (Granovetter chamou isso de laços fracos, pois, como numa cadeia de relações, a ligação da primeira pessoa com a segunda é forte, mas a ligação da primeira pessoa com a última é fraca, e é muitas vezes com esta última pessoa que o emprego é conseguido).

### 2.2.3. Mercados e reciprocidade como construções sociais: A. Bagnasco e C. Triglia

Em um estudo sobre a Terceira Itália, Bagnasco e Triglia (1993) identificaram que os mercados podem ser resultantes de construções sociais. A maneira como as empresas se vinculam, as formas de reciprocidade nas relações, o papel da família e as instituições políticas apareceram no trabalho dos autores como elementos culturais de expressiva capacidade para estruturar as relações econômicas numa região. Portanto, o estudo mostrou que foi um conjunto de relações sociais particulares que contribuiu para “[...] a emergência de uma formação social específica [...]” (1993, p. 38).

A partir da pesquisa na Itália, os autores constataram que ao longo do processo histórico a reciprocidade não desaparece quando ocorre a instituição de mercados impessoais, mas ela funcionará como regulação das relações mercantis, principalmente em períodos de crises (1993, p. 42). Com isso, nas transformações sociais radicais, como a passagem de uma formação social agrícola para uma industrializada, há sinais de uma continuidade histórica na estrutura social, representada pela manutenção das relações de reciprocidade.

No caso analisado pelos autores, um dos aspectos da continuidade de relações sociais específicas reside na família. Fator fundamental também para compreender a região da Serra Gaúcha, a família possui uma capacidade de modificar-se face aos contextos, mas não perder completamente sua essência. Ela fornece mão-de-obra flexível aos mercados de trabalho, principalmente para pequenas empresas ou em períodos de oscilação econômica, conforme os autores. Além disso, os jovens são socializados no interior dos grupos parentais através de princípios de reciprocidade e de autoridade (BAGNASCO; TRIGLIA, 1993, p. 64). Esta socialização se constitui basilar tanto para suas inserções em mercados de trabalho como para a continuidade destas formas de sociabilidade nas gerações.

Uma das instigantes idéias do estudo de Bagnasco e Triglia que auxiliam a compreender o caso de Veranópolis é a que elucida a preservação das formas de gestão familiar nos empreendimentos. Para estes autores, os estabelecimentos rurais familiares têm

como princípio a gestão da unidade compartilhada pela família. Esta capacidade, institucionalizada nos comportamentos sociais, foi herdada pelos empreendimentos não-agrícolas familiares (1993, p. 65). Portanto, a reciprocidade como regulação das relações econômicas encontra nas famílias um caráter especial. Elas detêm um saber que se realiza na maneira com que o trabalho familiar é organizado e gerido. O importante de destacar é que nelas não ocorre uma superação total da forma anterior, pois é o meio de operação e a natureza da empresa que mudam radicalmente. Logo, as empresas familiares se mantêm também em função dos mecanismos de reciprocidade e da autoridade estarem presentes. Isto, em parte, ajuda a explicar as pequenas empresas que operam com força de trabalho da família (que é polivalente), poucos empregados e com rara ou nenhuma divisão do trabalho.

Desse modo, o que vale a pena ressaltar no trabalho de Bagnasco e Triglia é que os mercados assumem formas particulares em formações sociais específicas. A reciprocidade, as relações sociais e familiares vêm a ser instituições capazes de regular a economia local e fornecer externalidades positivas para os mercados, como a confiança entre os atores sociais de uma região.

Pôde-se verificar que a teoria social contemporânea tem valorizado o tema da reciprocidade no entendimento da sociedade, tanto dos fenômenos políticos como dos econômicos. Além dos estudos antropológicos, sociólogos e economistas têm observado suas potencialidades para explicar a construção social dos mercados e as formas de poder interpessoal, e para enfatizar aspectos culturais e contextuais que cercam a racionalidade humana.

Ao mesmo tempo, segundo ficou demonstrado, a análise da reciprocidade nos mercados ou em quaisquer relações de troca possui uma significativa capacidade de combinar-se com outras abordagens, como o estudo das redes sociais. Exatamente neste aspecto que este estudo busca a metodologia de análise de redes para a compreensão dos fatos sociais e econômicos. Assim, ver-se-á a seguir quais as origens dos estudos sobre redes e de que maneira eles são atualizados para outros fenômenos da vida social.

### 2.3. REDES

Os estudos a respeito da dádiva e da reciprocidade são basilares para que se possa compreender qual a natureza do fato social. Eles incidem precisamente no caráter simbólico, ético, social e político dos atos recíprocos, fornecendo uma gama de explicações a respeito

das trocas e de como os sujeitos se vinculam. Entretanto, pouco podem responder sobre questões de outra ordem, do tipo, quais pessoas são escolhidas na díade, por que certas coalizões são mais importantes que outras, qual o papel das posições sociais dos indivíduos para se compreender os vínculos. A noção de rede se constitui como um instrumento de análise mais rico para este propósito.

Desenvolvido de forma mais expressiva na tradição anglo-saxônica das Ciências Sociais, antropólogos como Barnes, Boyssévain e Mayer procuraram dar conta de como redes políticas são fundamentais para que se compreendam coalizões de grupos e estratégias de influências. Por meio destes pesquisadores, a noção de rede era utilizada basicamente para os estudos do poder local, estratégias políticas em que as relações de proximidade eram fortemente acessadas.

Na concepção de Barnes (1987, p. 167), rede social é um conjunto de relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos a outros indivíduos. As redes são abstrações que explicam relações diádicas e de extensões variáveis. Elas são constituídas por relações sociais de proximidade, de amizade ou de poder (por exemplo, patronato) e envolvem elementos diversos que as estabelecem e as mantêm.

Estes estudos foram em parte influenciados pelas análises de Radcliffe-Brown (1952) sobre as estruturas sociais. Para Radcliffe-Brown (1952), as redes de relações realmente existentes entre os indivíduos constituem a estrutura social, isto é, o conjunto das relações pessoa a pessoa em dada sociedade. Scherer-Warren (2005, p. 29) percebeu que, apesar do diálogo entre os autores, desde os anos 1940 são constituídas duas vertentes para o estudo das redes sociais. Enquanto para Radcliffe-Brown a rede é a estrutura da sociedade, Barnes, Mayer e outros têm na noção de rede a forma de descrever relações sociais primárias, do cotidiano e suas intensidades. Na interpretação de Barnes, das próprias redes do cotidiano, surgem as redes políticas (SCHERER-WARREN, 2005, p. 30).

Portanto, Boyssévain, Barnes e Mayer irão rechaçar a teorização estrutural-funcionalista (normativa) de Radcliffe-Brown, ainda que preservando a idéia de redes. Esses autores utilizam a noção de estratégias, como recurso dos indivíduos em oposição aos constrangimentos normativos do sistema social proposto pelo estrutural-funcionalismo. A leitura dos estudos de Barnes (1987), Boyssévain (1987) e Landé (1977) indica uma perspectiva de atores sociais que se associam em redes baseadas no interesse individual, isto é, privilegiam a dimensão da estratégia.

O trabalho de Landé (1977), por exemplo, salienta que as alianças são travadas para a busca de objetivos privados particulares. Esse aspecto é bastante relevante por que a idéia de

redes, nesta perspectiva, pode envolver a intencionalidade (uma razão finalista), e a rede pode ser a expressão de uma estratégia de produção, de trabalho, de manutenção da reciprocidade ou de aliança política. Pode-se argumentar, entretanto, que ela também é mediada por esquemas simbólicos culturais, pois nem todos os indivíduos são passíveis de formar aliança. Em última análise, a “utilidade” das redes obedece a padrões societários específicos, podem envolver atributos, o que já informa de antemão os possíveis aliados e os excluídos, sobretudo indicar as fronteiras, que podem ser étnicas, religiosas, de classe e etc.

Nesta mesma direção, Scherer-Warren (2005, p. 32) afirma que desde os primeiros estudos sobre redes buscou-se estipular se estas eram amparadas nas redes primárias ou em atributos (parentesco, vizinhança, amizade, migração). Todavia a própria autora sugere que pesquisas contemporâneas<sup>15</sup> têm procurado observar os dois aspectos simultaneamente. Por essa razão, as redes sociais podem ser de vínculos primários (envolvem atos de reciprocidade que ligam sujeitos) e também de atributos, as duas características sendo fundamentais para explicar o caso da Serra gaúcha.

É importante observar que os autores que desenvolveram o método de análise de redes, citados acima, não atribuem relevância teórica a dois aspectos que este trabalho pretende examinar. Primeiramente, por privilegiar as posições que cada indivíduo assume no contexto e suas estratégias a partir disto, a vertente pouco valoriza o papel da história e da memória (individual e social) para as ações. Apesar dos contextos e das posições na rede de relações serem chaves para compreender suas atitudes, os atores sociais carregam consigo uma história e uma memória, um tipo de conduta estruturado que é constituído no seu tempo de vida e que tem respaldo no sistema simbólico do grupo a qual participam, embora isto não signifique coerção absoluta aos indivíduos.

Quanto ao segundo aspecto, a perspectiva enfatiza que as redes podem constituir-se através das relações primárias, dos atributos ou das estratégias de ação coletiva. Porém, nestas todas se faz essencial que haja relações de reciprocidade. A noção de dádiva é o “elo” a partir do qual se compreenderiam a construção e a sedimentação das redes.

Na tentativa de junção entre o paradigma do dom e a análise de redes sociais, Caillé (1998a) chama a atenção que Malinowski já tinha verificado o problema. Quando nas ilhas Trobriand examinou o fenômeno do *kula*, Malinowski percebeu que havia uma rede pela qual

---

<sup>15</sup> Esta não é a única via para pensar redes na análise sociológica. A perspectiva ‘ator-rede’ tem sido utilizada para procurar explicar justamente a combinação de elementos humanos e não-humanos existentes nas redes. Norman Long (2001) é um dos autores contemporâneos que tem se destacado nos estudos rurais sob este prisma, introduzindo elementos teóricos de Giddens e Latour. Este não é o ponto de vista adotado aqui, que epistemologicamente se ocupa de redes *sociais*.

ele se realizava. O *kula* seria uma circulação que aconteceria através de “dávivas simbólicas de bens preciosos”, um grande círculo de comércio. Malinowski (2003, p. 25) verificou que os círculos de reciprocidade eram precisos na manutenção da sobrevivência e dos laços sociais na Polinésia. Cada pessoa tinha uma função específica no sistema (ocupava um lugar), e permanecia em dependência de que os outros atores da rede priorizassem a conservação da reciprocidade. As trocas, os presentes e o trabalho eram mantenedores da sociabilidade, e a estrutura das redes era dada por relações peculiares, tais como de parentesco e gênero, segundo Malinowski (2003).

Percebe-se o caráter total (o fato social total de Mauss), tanto econômico, como simbólico e político desse círculo, que para Caillé (1998a) é o mesmo que rede. Sob a ótica de Caillé, rede é “[...] conjunto das pessoas em relação às quais a manutenção de relações [...] permite conservar e esperar confiança e fidelidade [...]” e estas são criadas por atores sociais “[...] a partir da aposta da dádiva e da confiança [...]” (CAILLÉ, 1998a, p. 18).

Do ponto de vista teórico, persegue-se conciliar essas vertentes teóricas que, por meio dos conceitos de dádiva, reciprocidade e redes, procuram dar conta das trocas, das relações sociais, do estabelecimento de laços de cooperação, dos jogos de poder e da forma que os atores agem na sua sociedade. Esta proposição teórica busca elucidar de que forma as relações de reciprocidade e proximidade constituíram redes sociais em Veranópolis.

#### 2.4. SOBRE A GÊNESE DA RECIPROCIDADE E DAS REDES: O MODO DE VIDA COLONIAL

Quando os colonos europeus se estabeleceram em Veranópolis no séc. XIX, forjaram um modo de vida que poderia ser, em alguma medida, comparado ao modo de vida de camponeses. Se estas são as origens da sociedade local, se faz contundente resgatar teorias das sociedades camponesas, a fim de que se possa interpretar os processos sociais desde aquela época.

Em seu reconhecido estudo sobre os camponeses, Henri Mendras fundamenta o conceito de sociedades de interconhecimento. Isto denota que os camponeses estabelecem relações personalizadas, próximas, de alto grau de conhecimento entre as pessoas pertencentes à comunidade. Interconhecimento significa conhecimento total e prolongado da pessoa do outro, das posições sociais atuais e passadas, das particularidades de sua personalidade, de

acordo com Mendras (1978, p. 88). Esta talvez seja a mais importante característica camponesa que pode ser vinculada à reciprocidade.

Para Mendras, os camponeses se caracterizam por estabelecerem relações sociais bastante próximas no interior das comunidades rurais, nas quais o parentesco e as coletividades locais são instituições marcantes. Além do interconhecimento, o autor salienta ainda outras características das comunidades camponesas, como a autonomia relativa frente às sociedades envolventes, a importância estrutural do grupo doméstico, a indistinção entre consumo e produção e a função decisiva dos mediadores e dos notáveis da comunidade (MENDRAS, 1978, p. 14-15). Por isso constituem grupos sociais de interconhecimento, pois as comunidades possuem certa homogeneidade cultural e fortes laços de sociabilidade baseados no parentesco<sup>16</sup>.

As comunidades de camponeses expressam fortes laços sociais e as relações de parentesco são importantes, porque muitos dos grupos de aliança são construídos localmente. Mendras (1978, p. 97) ressalta a “importância da área de endogamia em cujo seio se concluem os casamentos”. Através das estratégias de alianças (casamentos), efetivam-se as relações de proximidade entre as famílias e por meio da análise das linhagens de descendência observa-se - de maneira complementar à primeira - as identidades sociais, visto que essas famílias se caracterizam por possuírem uma história social comum, uma origem étnica semelhante, ou seja, uma herança cultural. Esse é um dos fundamentos de que se faça referência ao território construído sobre os fundamentos da identidade social: territórios do cotidiano, que são os locais das redes de relações sociais e de trabalho. Nas palavras de Mendras “as coletividades vizinhas formam entre si um tecido de laços que cria uma sociedade local” (1978, p. 97). Nesse sentido, há entre os camponeses a formação de um tecido social local, cujo alicerce se constitui no grupo parental, na amizade e na vizinhança. O interconhecimento e as formas de reciprocidade são decorrentes destas intensidades de relações nas comunidades.

Para além dos estudos clássicos sobre as sociedades camponesas de Mendras e Wolf que destacam aspectos econômicos e políticos da reciprocidade, o trabalho recente de Ellen Woortmann realça a ideia do parentesco como uma dimensão da reciprocidade. Isso é fundamental para a compreensão das práticas de reciprocidade e a constituição de alianças entre os camponeses. Woortmann faz uma longa crítica aos economistas e antropólogos que apenas perceberam os camponeses enquanto grupos econômicos. Muitos autores aceitaram

---

<sup>16</sup> Ainda que sob outra inspiração teórica – no caso, marxista – o antropólogo Eric Wolf identifica características semelhantes às encontradas por Mendras. A expressão “sociedades camponesas” (como parcialmente isolada) que Mendras alude pode ser complementada por Wolf (2003a, p. 74) quando este afirma que entre os camponeses há a predominância de agentes voltados para a comunidade.



tacitamente que a família era um grupo de trabalho doméstico e poucos perceberam o fato de que a reprodução econômica dos camponeses é tributária de sua reprodução enquanto família – uma reprodução social que se ancora em linhagens de descendência de estratégias de alianças. O parentesco, sobretudo se forem observadas as alianças, é um sistema de trocas – de dádivas – que também se funda através de estratégias e por meio do poder.

Nesse sentido, a aproximação do dom e do parentesco é salientada por Woortmann quando ressalta que no estabelecimento de relações de dádiva são trocados não somente objetos ou coisas, mas inclusive pessoas (Lévi-Strauss). As coisas ou as pessoas trocadas não carregam necessariamente o dom (de acordo com Mauss), mas a relação entre as pessoas ou entre as coletividades (famílias) e o sistema de obrigações e liberdades constituído socialmente é o que sedimenta a manutenção da sociabilidade e da reprodução das famílias. Em meio às alianças matrimoniais, as trocas de bens se misturam com as de trabalho, pois dentro de um sistema local de redes sociais, “[...] famílias nucleares não são isoladas; pelo contrário, existem no interior de relações de parentesco e/ou vizinhança, em comunidades onde a troca de trabalho é um dos componentes centrais do padrão de reciprocidade [...]”, segundo Woortmann (1995, p. 49).

Entre os camponeses, as relações de proximidade se constituem nas mais importantes para a sociabilidade, sendo elas tanto de parentesco como de amizade. Mas as diferentes comunidades apresentam distintas maneiras de manter as sociabilidades, o interconhecimento e preservar os atos de reciprocidade e a intensidade da vida comunitária. Bailey (1968, p. 5) registra que é comum perceber a existência de graus de intensidade na vida em comunidade, ou seja, mais ou menos sociabilidades, relações e trocas entre as pessoas. Esse fato pode ser elucidativo sobre o papel das relações de proximidade e da dádiva entre os camponeses, e pode ajudar porque certas regiões desenvolvem externalidades positivas em consequência das relações de proximidade e reciprocidade, enquanto outras não proporcionam. Dessa maneira, quando se recorre ao modo de vida camponês para compreender as relações de reciprocidade constituídas historicamente num território (como no estudo de caso analisado aqui), não se pretende atribuir a isto uma forma generalizada de onde os atos generosos têm origem, mas apenas salientar que essa é uma forma pela qual ela pode se desenvolver, dependendo das características específicas dos locais, por exemplo, a intensidade das relações sociais, que pode ser dado pela religião, etnia, etc.

De maneira geral, os estudos sobre camponeses mostram que as práticas de reciprocidade são fundamentadas pelas trocas de dias de trabalho, trocas de objetos como presentes (animais, comida), alianças de parentesco, alianças de amizades, seja para o

trabalho, para associações ou cooperativas, entretenimento ou política. O interconhecimento está nas bases dos laços de confiança, das estratégias de casamento e nas cooperações de trabalho entre famílias. Nos camponeses é plausível pensar que as redes são tributárias das relações de interconhecimento (constituída também pelos atos em torno da dádiva), formador das alianças e das identidades sociais que as famílias compartilham.

Se as teorias sobre o campesinato podem legar uma interessante perspectiva para analisar a dádiva, a reciprocidade, as redes locais e o interconhecimento desenvolvido pelas relações de proximidade destes grupos, resta perguntar o que acontece quando a sociedade não é mais camponesa estrito senso? O que ocorre quando agricultores que, tal como em Veranópolis possuíam um modo de vida semelhante ao camponês estudado por Mendras na Europa, se inserem em processos sociais de trabalho e produção mercantilizados?

## 2.5. RECIPROCIDADE E MUDANÇA SOCIAL: A MERCANTILIZAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR

Para responder à questão formulada sobre as condições e possibilidades de reprodução das bases sociais, econômicas e culturais da reciprocidade em contexto de agudas mudanças, é preciso, antes de tudo, compreender o caráter de tais transformações.

As modificações da sociedade mundial durante o séc. XX fizeram Eric Hobsbawm (1995) escrever que nesse período ocorreu uma das mais violentas transformações sociais ocorridas nesse período: a morte do campesinato. O que afirma o ilustre historiador é que o modo de vida camponês e a pequena comunidade rural – quase autônoma – deixaram de existir. Isto não significa, entretanto, que as formas familiares de trabalho na agricultura desapareçam. A afirmação de Hobsbawm é enfática no sentido de que o modo de vida dos camponeses torna-se cada vez menos plausível num mundo onde as relações capitalistas de trabalho suplantam de modo cada vez mais potente as formas sociais que lhe são antagônicas, no qual as tecnologias e os de fluxos de informações desconstituem as “sociedades parciais”.

Mas na agricultura, ao contrário do que várias teorias preconizavam, o desenvolvimento do capitalismo e a instauração das relações sociais de trabalho e produção processaram-se, ao longo da história, de forma particular e contraditória, ao mesmo tempo. A contradição decorre do fato de que o capitalismo foi se desenvolvendo na agricultura sem remover ou acabar com a particular forma social de trabalho e produção que é a agricultura familiar.

Conforme destacado por Friedmann (1978a, 1978b), a persistência das formas familiares na agricultura sob um contexto em que as relações de troca e distribuição são capitalistas somente é possível onde os agricultores passam a produzir mercadorias sem ter que abrir mão da propriedade familiar dos meios de produção (terra, trabalho e capital). Para isso, torna-se indispensável o papel do Estado e das políticas públicas como mecanismos de proteção (preços) e regulação (crédito e tecnologia) dos agricultores. Isto só se justifica e ocorre de fato em sociedades que optaram por este modelo devido às vantagens inerentes desta forma social de trabalho que pode produzir a custos mais baixos, uma vez que não remunera os fatores terra e trabalho (que são sua propriedade) e, com isso, transfere renda aos demais setores da economia.

Contudo, este processo de integração dos agricultores familiares à dinâmica da produção capitalista não se dá sem promover mudanças profundas na sua constituição. Há implicações estruturais profundas no modo como os agricultores familiares vão se reproduzir. Produzindo e operando em um ambiente social e econômico capitalista (mesmo sem serem capitalistas), os agricultores acabam cedendo cada vez mais aos condicionantes deste contexto, que vêm a influenciar e até determinar, conforme o caso, o modo de funcionamento e a reprodução destas unidades. Na medida em que o agricultor vai interagindo mais com a sociedade em que está inserido, o que se dá por múltiplos meios, mais fortes tornam-se estes vínculos. Ploeg (1993) denominou este processo de mercantilização, que implica tanto na externalização ou transferência de etapas do processo produtivo que antes eram realizados dentro da propriedade para fora, como da influência dos mercados nas ações dos indivíduos.

Estas observações são indispensáveis para refletir acerca da permanência das unidades familiares de produção e trabalho operando em contextos mercantilizados. Este processo foi descrito por Abramovay (1998) como uma metamorfose do camponês para o agricultor familiar, sublinhando com este termo que certas características das formas familiares de trabalho na agricultura se modificam, tal como se examinou acima por meio dos estudos de Friedmann e Ploeg. Porém, a “metamorfose” implica que outros aspectos das formas familiares tenham sido preservados, tais como o interconhecimento e as relações de reciprocidade, que continuam sendo os sustentáculos do seu modo de vida, seja via vínculos parentais, seja por meio de amizades e da solidariedade.

## 2.6. RECIPROCIDADE, REDES SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO RURAL

Poucos analistas e estudiosos da reciprocidade têm se preocupado em pensar a validade desta noção para refletir sobre o tema do desenvolvimento<sup>17</sup>. Na perspectiva aqui perseguida, a introdução da noção de rede pode ser uma forma apropriada de articular a reciprocidade aos estudos sobre do desenvolvimento. A razão principal é que as redes possibilitam pensar a reciprocidade numa perspectiva sociológica de mais longo alcance. Para além das análises diádicas e das relações sociais localizadas, as redes são um conjunto de relações interpessoais e possuem extensões variáveis, na definição de Barnes (1987, p. 167). Dessa maneira, abre-se a possibilidade de estudar a reciprocidade, as relações de troca e o interconhecimento sob o enfoque das redes de relações sociais que se projetam num determinado espaço.

Portanto, é razoável ligar as noções de reciprocidade e de redes em relação à agricultura familiar. Uma vez que os processos de mudança social são tributários das redes e da reciprocidade entre as pessoas, as duas noções se constituem como um ponto de partida interessante para pensar o desenvolvimento rural.

Ocorre que muitos autores que discutem o desenvolvimento do ponto de vista das redes sociais incorporam a noção de território para enfatizar as sinergias espacialmente localizadas que permitem o desenvolvimento rural se instituir sob o ângulo dos atores sociais. Sob este prisma, o desenvolvimento rural é concebido desde uma perspectiva endógena. Diversas são as aproximações teóricas que foram realizadas sobre este tema, dando especial ênfase aos processos locais de desenvolvimento, tal como os estudos dos sistemas locais de produção, da geografia econômica e outros. Mas, sob o enfoque da análise de redes, mesmo esta concepção endógena permanece relativizada, por exemplo, o trabalho de Lowe et al. (1995).

A partir das indicações de Lowe et al. (1995), referencial teórico fundamentado nas redes possibilita dois avanços importantes. Em primeiro lugar, compreender o papel das redes num território, verificar as relações de cooperação entre indústrias locais (nos distritos),

---

<sup>17</sup> Sob outra perspectiva, os estudos sobre capital social incidem neste tema. Robert Putnam (2002) valeu-se das noções reciprocidade balanceada e reciprocidade generalizada para explicar as formas de confiança numa sociedade. Enquanto a primeira dizia respeito à retribuição simultânea com a finalidade de apoio mútuo entre duas pessoas, Putnam (2002, p. 181) afirmou que a segunda faz referência à contínua relação de troca que supõe expectativas futuras. Entretanto, por vincular esta regra de sociabilidade às noções de participação cívica, desempenho institucional e comunidade cívica, sua interpretação atribui ênfase à confiança que os indivíduos têm (e constroem) das instituições. Além disso, estas abordagens se assentam demasiadamente nas externalidades positivas da confiança e da cooperação, assim como nas capacidades existentes em cada comunidade para “gerar” o capital social e, conseqüentemente, o desenvolvimento.

constatar quão intensamente as relações de reciprocidade são mantenedoras destas redes e como elas se formaram e se caracterizam. De uma maneira geral, esses elementos fornecem subsídios para se ponderar sobre o desenvolvimento desde um ponto de vista endógeno. No entanto, e em segundo lugar, entender em que medida as redes extravasam os territórios, indo além do modelo exclusivamente endógeno de desenvolvimento. As redes econômicas podem ser mais extensas que a teia de relações políticas locais ou de reciprocidade nas comunidades, vindo a ligar diferentes territórios<sup>18</sup>.

A partir dos trabalhos Lowe et al. (1995) e de Murdoch (2000), a abordagem centrada nas redes possibilita avançar em relação a esse dualismo de modelos exógenos ou endógenos de desenvolvimento rural, visto que dificilmente existem esses tipos puros na realidade<sup>19</sup>. Deste modo, a noção de redes tanto é flexível para se compreender como se formam relações sociais que configuram determinados territórios, como para examinar as ligações entre territórios (pontos descontínuos no espaço).

Por essa razão, as redes não significam o fim dos territórios, elas os constituem, embora também possam desconstruir a imagem tradicional que se atribui ao espaço – às vezes fragmentado.

No campo das Ciências Sociais, incorporar a espacialidade na análise, sobretudo através do conceito de território, significa reconhecer que o espaço não é simplesmente funcional, como suporte para relações sociais. Conforme Bottazzi (1994, p. 423), o espaço se torna meio, possui uma dimensão sociocultural cujo papel é central. Bottazzi (1994, p. 423-424) alude que o local se diferencia justamente por que os atores sociais aí implicados estabelecem particulares tipos de relações sociais, como de confiança, cooperação, solidariedade, sentimento de pertença, etc. Sob este aspecto, incorporar a espacialidade na análise sociológica não significa perder a noção de tempo como variável de explicação, pois enquanto meio onde se constrói a cultura e as sociabilidades, o território só se sedimenta através do tempo e, em razão deste fenômeno, ele ganha sentido de pertença, de memória coletiva que o transformou e o tornou recurso social.

Importa destacar que o debate que absorve as noções de reciprocidade e de redes como variáveis que podem ser causas do desenvolvimento faz alusão ao território como uma unidade de referência espacial para se pensar estes processos sociais. Assim, a reciprocidade

---

<sup>18</sup> Souza escreve que o território é um campo de forças, uma teia ou redes de relações sociais projetadas num espaço (SOUZA, 1995, p. 87) – são estas relações que constituem o território.

<sup>19</sup> Embora numa perspectiva diferente, Schneider (2004) enfatiza um aspecto semelhante às proposições de Lowe et al. e de Murdoch. Os territórios não são autônomos nem totalmente dependentes das determinações externas. É no sentido de articulação que o território deve ser pensado.

pode se firmar como o fundamento para a consolidação das redes que se projetam num território, que vêm a permitir articular os processos de desenvolvimento rural.

Delineou-se até esta parte do trabalho o mapeamento teórico que irá possibilitar analisar as questões de pesquisa propostas nesta dissertação. As redes se projetam num espaço, conformando um território em cujos atores sociais organizam suas práticas e dão sentido às suas ações de modo específico – são redes de relações sociais que combinam, ao mesmo tempo, trabalho, produção e reciprocidade. Por isso, trabalho e produção seriam construções sociais e históricas, reguladas por instituições da vida coletiva e pelas regras de reciprocidade. As redes articulam atores que assumem posições sociais diversas neste ambiente (agricultores familiares, empresários, empregados urbanos) e que são ligados entre si por atributos também complexos, como etnia, religião, situação socioeconômica, identidade, etc. Por extensão, estes mesmos atributos são os que podem criar barreiras entre distintos grupos que compartilham um mesmo espaço.

Com o objetivo de captar sociologicamente o intrincado processo de desenvolvimento e seus desdobramentos a serem examinados neste território da Serra Gaúcha, a primazia está em observar as redes, as manifestações complexas da dádiva e o fenômeno da reciprocidade, num momento em que a sociedade local se distancia das suas origens. Visto que sua base econômica assemelhava-se a do campesinato e, atualmente, a mercantilização como processo procura se sobrepor sobre as antigas formas de regramento social, o peculiar será buscar entender como nesta sociedade a reciprocidade, o interconhecimento e as relações de proximidade ainda repercutem e estruturam as práticas sociais.

### 3 OS FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DA RECIPROCIDADE E DAS REDES SOCIAIS EM VERANÓPOLIS

Logo após a chegada dos primeiros colonos no local onde viriam a erigir o município de Veranópolis, foram sendo constituídas as comunidades, os laços de amizade e as formas de prestações entre as famílias. É imprescindível mostrar que ao longo das mudanças que se processaram na história, as relações sociais foram sendo em parte modificadas e em parte preservadas. A partir disso, se pode responder a indagação de como as redes foram se constituindo e qual é o papel das relações de reciprocidade nos processos sociais recentes.

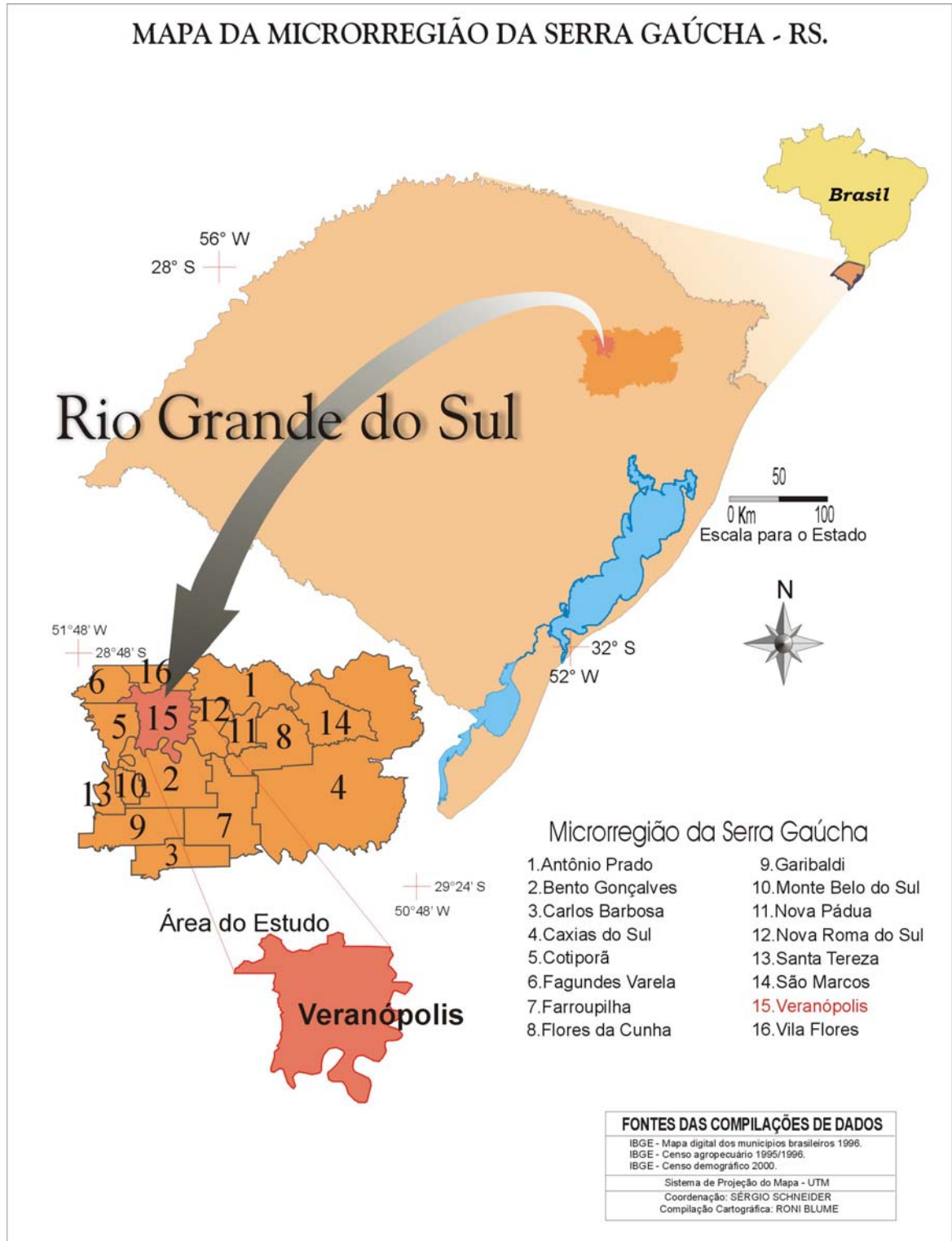
No que se segue, é apresentada uma periodização caracterizando fases da história de Veranópolis. Esta periodização é uma forma de separar momentos que são, de algum modo, distintos. Serão priorizadas neste capítulo as atividades econômicas, a sociabilidade, a cultura e a urbanização. O objetivo do capítulo é mostrar o desenvolvimento da sociedade local ao longo das décadas e como as redes sociais de reciprocidade e de trabalho têm origem na agricultura colonial cujos habitantes mantinham um modo de vida semelhante ao camponês.

#### 3.1. RECIPROCIDADE E INTERCONHECIMENTO NA FORMAÇÃO DAS PRIMEIRAS COMUNIDADES (1884-1930)

Até o final do Século XVIII as atividades econômicas na área de Veranópolis limitaram-se a ocasionais e esporádicas ações de grupos indígenas, das quais pouco se sabe. No Século XIX começaram algumas incursões de tropeiros e outros grupos que vinham de passagem ou com vistas a buscar indígenas para escravizar. O local onde hoje é o município de Veranópolis, foi chamado no final do séc. XIX de Roça Reiuna, onde paravam os viajantes que estavam de passagem entre Lagoa Vermelha e Montenegro (ver Figura 1, a seguir). Fogali (2002, p. 6) indica que foram fazendeiros de Lagoa Vermelha os que primeiramente abriram picadas no local.

Como são escassas as informações referentes à ocupação do território de Veranópolis antes da imigração italiana, não foi possível recolher documentos históricos razoáveis, senão

dados esparsos. É certo que a história contada pelos descendentes de italianos busca suprimir essa história anterior.



**Figura 1. Mapa da microrregião da Serra Gaúcha, Rio Grande do Sul.**

Fonte: elaborado pelo geógrafo Roni Blume para esta dissertação.



Conforme Araújo (1998), o sítio era habitado por índios Caingangues e a cultura do milho era difundida, pois o produto aparece em vestígios semelhantes a oferendas. A forma de vida desses habitantes se pautava também pela caça e pesca, de acordo com vestígios arqueológicos. Corroborando esta informação, Herédia (1997, p. 54) escreve que os italianos chegados ao local adotaram práticas agrícolas que os indígenas haviam desenvolvido (como a rotação de terras), mostrando que os contatos entre os grupos sociais aconteceram naquele período. No entanto, a presença européia certamente foi a razão dos grupos indígenas terem desaparecido do local.

Os primeiros colonos europeus que chegam ao local para se fixar atravessaram o rio das Antas, vindos de Bento Gonçalves, numa tentativa de forçar o governo brasileiro a abrir nova colônia além do rio. Imigrantes italianos chegavam ao Estado desde 1875 e ocuparam a região Serra do nordeste. As melhores terras distribuídas pela política de colonização do Brasil foram destinadas aos colonos alemães que chegaram cinquenta anos antes. Portanto, os italianos e, poucos anos depois, os poloneses, tiveram que abrir as terras na Serra, em locais onde era (e ainda é) difícil de plantar. Nesse período o Governo brasileiro estava interessado em povoar as terras devolutas (com intenção estratégica para o território) e em suprir a carência de mão-de-obra para o recente mercado de trabalho “livre” no Brasil (GIRON, 1980, p. 56).

Antes de 1884, fazendeiros de Lagoa Vermelha utilizavam o local, seja com algumas poucas roças ou como rota de passagem. Já havia uma estrada que ligava esta região ao município de Vacaria. O governo decidiu fundar a nova colônia em 1884, nomeando-a de Alfredo Chaves – uma homenagem ao então diretor geral da colonização no Rio Grande do Sul. A colônia viria a pertencer ao município de Lagoa Vermelha.

Em 1885 já habitavam o local 778 moradores e, cinco anos mais tarde, já chegava a 2.400. Após quase ser elevada à categoria de Vila em 1892, tentativa que recebeu a antipatia da população, se realiza a criação do município em 1898, sob o nome de Alfredo Chaves<sup>20</sup> (FARINA, 1992, p. 65). Um dos motivos fundamentais para a criação do município era a distância que os moradores locais alegavam acerca do centro administrativo de Lagoa Vermelha (99 km). Conseqüentemente, nos primeiros tempos da colônia os imigrantes estavam bastante isolados, o que veio a ser estímulo para que fossem fortalecidos os laços comunitários e as formas de solidariedades vicinais naqueles anos.

---

<sup>20</sup> Em 1945 o nome teve de ser trocado, pois o IBGE proibiu municípios topônimos no país. Como havia um município com este nome e era mais antigo, forçou-se a escolher outro nome, Veranópolis que significa “cidade veraneio”.

As primeiras atividades dos colonos eram dedicadas à agricultura, praticada no lote de 25 ha demarcado pelo governo brasileiro. Eles precisavam “derrubar” o mato com poucos instrumentos e utensílios, tais como a carroça, o facão, o machado, enxada e outros instrumentos leves. Os italianos tiveram que vencer os problemas da mata fechada, abrir clareiras e travessões, subir as encostas e ocupar as terras que lhes tinham sido destinadas. Ao derrubar o mato, os imigrantes utilizavam a madeira, abundante, para construção de casas e outras benfeitorias. Alguns anos depois, a madeira serviria como importante atividade econômica da região. À medida que limpavam o terreno, formavam as primeiras lavouras. As terras não eram fáceis de plantar, pois eram declivosas e vencer o rio das Antas era tarefa árdua para os recém-chegados, como assinalou o estudo de Ruschel (1998). São inúmeros os documentos, livros e depoimentos que enfatizam a dificuldade dos colonos (sobretudo dos italianos) para a colonização e a sobrevivência nos primeiros tempos. Ver-se-á no capítulo sexto desta dissertação que este discurso é comum e tem como resultado o fortalecimento de um *ethos* de aventureiro desbravador (o pioneiro) que permanece na mentalidade dos habitantes locais.

Os italianos utilizavam principalmente a agricultura de corte-queimada para transformar o meio. Era uma importante prática laboral, pois através dela utilizava-se a biomassa natural da vegetação local para o posterior cultivo (HERÉDIA, 1997). O trabalho de Schneider (2002) mostra que já havia extração de madeiras e essa já era uma atividade acessória desenvolvida pelos colonos, com a qual complementavam a agricultura.

Tomasetto e Tomasetto (1998, p. 156) afirmam que, logo que chegavam, os italianos caçavam (principalmente pássaros) e coletavam (frutos e pinhões), abriam clareiras na mata e consumiam a farinha, que era disponibilizada em Bento Gonçalves. Alguns outros mantimentos recebiam do Governo, como o charque. A criação de animais não era expressiva nessa época, limitando-se no geral aos animais de carga como a mula, segundo Duarte (1998, p. 191). O milho era importante alimento da dieta dos colonos, cultura de sustentação dos imigrantes chegados ao Brasil, pois a polenta estava presente nas refeições como alimento principal. O costume da polenta veio da Itália junto aos imigrantes, por que essa era fundamental para a alimentação da classe agrícola naquele país (HERÉDIA, 1997, p. 55). O milho, que era de fácil plantio, também era utilizado para alimentação de pequenos e médios animais como porcos e aves. Além do milho, segundo De Boni e Costa (1984, p. 130), outro alimento que ajudou a sustentar os imigrantes no início foi o pinhão.

Muitos dos imigrantes aportaram no continente americano com quase nada de bagagem, com poucas roupas e tiveram que enfrentar o frio que faz na Serra do Rio Grande

do Sul durante o inverno. Para saldar as suas dívidas e garantir a propriedade do lote, os colonos deviam se inserir em processos produtivos mercantis (SCHNEIDER, 2002, p. 49). Os mercados que demandavam produtos agropecuários já existiam, sobretudo em Porto Alegre e proximidades, e as primeiras atividades agrícolas dos agricultores destinadas à venda foram o milho, a abóbora e, mais tarde, o trigo.

Trabalhar a terra era essencial para sua reprodução social, visto que a agricultura, a extração e a caça eram as poucas atividades possíveis. É fato que muitos dos colonos já chegaram ao Brasil com outras profissões, o que já permitia que, se houvesse condições, logo se esboçaria uma primeira divisão social do trabalho a nível local. De Boni e Costa (1984, p. 214) asseguram que muitos imigrantes chegados ao Brasil não eram agricultores, mas sim artesãos. De fato, no museu municipal de Veranópolis, encontram-se registros de atividades não-agrícolas logo no início da colonização (tal como alambique, construção de capelas e capitéis, serrarias e algumas outras). Ferreiros produziam ferramentas para os agricultores, para uso na construção de estradas e de edificações. Entretanto, a diversificação de atividades na economia local era muito incipiente e a agropecuária era o setor de atividade que mais ocupava as famílias. Isso se explica também em função da necessidade de produzir para a subsistência da família – quase a totalidade dos membros deveria se engajar nos afazeres agrícolas, pois a produtividade era baixa nas primeiras décadas devido ao uso rudimentar de técnicas de plantio.

Já por volta de 1908-1910 outras atividades começam a ganhar importância, tal como o comércio, a indústria de banha, vinho e erva-mate. A banha do porco era um produto muito demandado, visto que não era ainda difundido o uso de óleos vegetais. Em 1910, a principal atividade comercial do município era a de tábuas de pinho, escoadas pelo rio das Antas, de acordo com Farina (1992, p. 74). O comércio de madeiras conheceu seu auge entre os anos 1890 e 1920. Relatos e documentos atestam que esta comercialização foi importante economicamente até o momento em que a madeira começou a ficar mais escassa, o que atesta a maneira predatória com que os colonizadores se relacionavam com a natureza naquele contexto. A madeira era transportada até o rio, descendo-se a Serra. No rio, faziam-se balsas com as próprias madeiras e os colonos vinham até Porto Alegre em viagens que duravam dias. Até o rio, este transporte era feito pelos carreteiros, indivíduos que utilizavam muares para o deslocamento das cargas de madeiras que vinham das serrarias de Veranópolis.

Schneider (2002, p. 55) indica que a exploração da madeira, e em especial a derrubada da araucária, juntamente com o conserto de estradas e a construção de alojamentos eram importantes fontes de ingressos não-agrícolas para os colonos. Em Veranópolis, percebe-se

que a possibilidade de comercializar produtos e prestar serviços através de atividades estranhas à agricultura existia desde o início e, certamente, o desenvolvimento econômico da região é também tributário disto. A opção dos colonos de investir em certas atividades e a possibilidade de escoar produção para cidades maiores (bem como a localização do município que era local de passagem de viajantes) favoreceram o desenvolvimento econômico do local.

Um fato bastante importante começa a mudar a vida da colônia a partir de 1908: a construção da ferrovia, ligando Porto Alegre ao interior, alcança a Serra e a região de colonização italiana. Para Schneider (2002) isso representa uma mudança drástica nas relações econômicas da região com as outras e o comércio dará um salto expressivo. Neste momento, o capital comercial terá um papel central na acumulação, que virá a ser um dos impulsionadores da industrialização. Farina (1992, p. 84) defende que as casas de comércio prosperaram muito em Veranópolis com a ferrovia e esse processo se deu da seguinte forma. No início havia pouco dinheiro em circulação, o que obrigava aos imigrantes a dar os excedentes de produção aos comerciantes e irem retirando depois – era um sistema de contas-correntes. As casas então acumulavam os excedentes, o que lhes dava condições de impulsionar o crescimento de suas atividades, seja via comércio, seja indústrias de bases artesanais ou mesmo semi-artesanais. Santos (1980) também insiste no comerciante como personagem chave de acumulação de capital via comércio, pois além comprar produtos dos colonos, vendia a estes produtos manufaturados.

O comerciante era uma figura chave no local não somente do ponto de vista econômico, ele se tornava um “notável” da comunidade, como analisou Mendras (1978). O dono das casas de comércio era quem colocava preços nos produtos dos colonos, ou seja, já havia desde essa época um desequilíbrio nas relações de poder. Com ele ficava a maior parte do lucro, que provinha da diferença de preço pago e preço de venda em outras praças.

Da mesma forma que desde o início da colonização já se constata atividades não-agrícolas, também se verifica a formação de uma vila urbana. Em 1885 e 1888, no centro já havia a igreja, a casa da comissão de terra, outras casas e em 1909 já existia o correio. Na praça principal em frente à igreja, festas eram realizadas pelos moradores. Fotos de 1902 (encontradas no museu municipal) indicam esparsas casas ao redor do centro, com terrenos pequenos. As casas eram grandes, abrigavam famílias numerosas. Portanto, a diversificação das atividades já favorecia o crescimento urbano, mas este ainda era bastante incipiente nas primeiras décadas e a população considerada como residente rural era superior a 90% neste período.

As primeiras comunidades rurais se formaram espontaneamente em torno das capelas que iam sendo construídas no meio rural. Os colonos se vinculavam a uma capela doando dízimo, pagando taxas de cemitério, contribuindo para a construção dos próprios por meio de trabalho ou de dinheiro. Portanto, conforme postulou Caillé (1998a), havia um sistema de trocas-dom que formavam alianças locais, sempre em volta da religião (capelas e capitéis). A religião alicerçava esse vínculo, fazendo com que o sistema de dádivas se constituísse através do credo católico. São muitos os relatos de doações para igreja, ou trabalhos em mutirão para construção de capelas, tal como a construção da Gruta de Lourdes que movimentou muitas pessoas, segundo Veronese (1986, p. 52). Nas fotos da construção da Gruta, aparecem agricultores e outros trabalhadores fazendo mutirões para terminar a obra, cuja fundamental influência foi a dos freis franciscanos franceses que logo nas primeiras décadas de colonização chegaram ao local<sup>21</sup>. Corroborando, Farina (1992, p. 192) afirma que os colonos davam também terrenos, madeiras, etc, tudo proveniente de recursos próprios.

Havia um sistema social local que centralizava os atos pela religião e *para esta*, no caso da dádiva. O interessante é a expressão que o historiador Farina usa para qualificar os atos de doação: “espontâneos”, tal como escreve Caillé (1998a) sobre a dádiva. Sem a presença do Estado, os colonos se “obrigavam a serem espontâneos”. Esta é exatamente a interpretação que Godbout (1998) tem, a medida em que se concebe a dádiva como obrigação, ela só se realiza na prática quando existe a liberdade de ação. Mas a possibilidade de escolher a retribuição já é uma intuição de que há algo de “obrigatório” (imperativo), que é justamente o sentimento de agir reciprocamente. Talvez esteja exatamente aqui a gênese para se entender a reciprocidade e os atos generosos dirigidos ao grupo local. De outro lado, obrigar a ser livre pode também ter como resultados relações de exclusão com aqueles que não “foram espontâneos”, portanto a formação de alianças nas comunidades é também formação de controle social sobre os atos dos vizinhos, sobre como é exercida a sociabilidade e quem se beneficia das trocas. Volta-se a este ponto mais adiante. Agora interessa detalhar como essa sociabilidade se manifestava.

Uma vez que muitos imigrantes eram pertencentes ao mesmo tronco familiar, as relações de parentesco eram também formas de cimentar as sociabilidades e estimular o apoio mútuo. Os casamentos e as novas alianças eram celebrados entre as famílias, efetivando relações sociais e preservando formas de reciprocidade. Desse modo, as famílias construía lentamente o interconhecimento, as afinidades, as novas possibilidades de alianças locais e as

---

<sup>21</sup> Apesar de serem em maioria católicos, chegaram famílias protestantes também a Veranópolis. Italianos e poloneses, duas das nacionalidades com maior número de famílias no local, eram majoritariamente católicos.

regiões de parentesco nas comunidades rurais. Neste sentido, é preciso entender que são diversas as maneiras que a sociabilidade se assegurava e se recriava. Além da religião e dos laços de parentesco, a etnia e o dialeto compartilhado por grande parte dos colonos afiançava a vontade de construir uma nova vida no Brasil.

Schneider (2002) aponta que a sociabilidade era muito importante para as famílias de colonos. Até 1898, estavam isolados do poder municipal, que se situava a 99 km de distância, portanto o Estado era quase ausente. Farina (1992, p. 208) salienta que “[...] a absoluta falta de dinheiros [...] tornava a solidariedade uma questão de vida e morte [...]”. Os depoimentos coletados com informantes passam a sensação de que os colonos aventureiros faziam uma viagem juntos, mesmo quando já estavam em terra com sua propriedade estabelecida. Aqui, a viagem tem o sentido de uma odisséia, cujo prêmio (“a chegada”) maior é o sucesso econômico, que não é somente aquele conseguido individualmente, mas o município enquanto desenvolvimento coletivo.

A crença em deus e as solidariedades vinham a ser sustentáculos, tanto na viagem de navio, como nos anos em que os imigrantes enfrentaram os desafios do Novo Mundo. O rosário, um dos símbolos da religião católica, era o companheiro inseparável na viagem e também nos primeiros anos na colônia, visto que durante os primeiros anos não havia padres, segundo o estudo de Fogali (2002). Mesmo quando chegaram os primeiros sacerdotes, as muitas capelas tinham missas com intervalos que chegavam a três meses. No meio rural, até hoje é semelhante, pois a missa ocorre a cada duas ou três semanas nas capelas das comunidades. Esse fato é relevante, no início os colonos tomavam a liderança de buscar formas de substituir essa ausência com orações e ladainhas em latim, muitas vezes feitas em encontros de famílias amigas. Estes relatos indicam mais uma vez como os imigrantes recém-chegados buscavam se solidarizar para preencher lacunas daquilo que interpretavam que lhes faltava, seja na religião, seja na falta do Estado. Em meio a este processo, formavam-se também as relações de poder e o controle das condutas, exercida também através da religião.

Além das associações que tinham como base as capelas, tanto no meio rural como no urbano, outros círculos leigos surgiram no decorrer do tempo. Desde a década de 1890 fundaram-se sociedades, tal como a Società Italiana Príncipe di Piemonte, atual Sociedade Alfredochavense. O trabalho de Guzzo e Netson (1998, p. 254) registra que ela se baseava no auxílio mútuo e no fortalecimento da educação, tendo por objetivos defender o nome italiano e cooperar para o engrandecimento e o bem-estar do Brasil.

A sociabilidade local se fazia por diversas formas, tal como a troca de dias, o mutirão de trabalho (que representam muito bem a reciprocidade e a dádiva), as rezas no domingo e os

filós à noite. Em pesquisa sobre o livro tombo da igreja da matriz de Veranópolis, Veronese (1986, p. 6) registra que as capelas eram o centro da vida social local e representavam associações de socorro mútuo. Veronese, que além de historiador é também padre, afirma que as capelas davam apoios “materiais e espirituais”. Se os colonos davam recursos para a construção e manutenção da igreja, essa, por sua vez, retribuía em trabalho espiritual, num claro sistema de reciprocidade (e de poder). De tempos em tempos, os colonos se organizavam junto aos representantes da religião para reformar as capelas, restaurar os salões ou capitéis. As diferentes capelas no interior das comunidades foram ampliadas ao longo dos anos, quando as comunidades cresciam em população.

Para Schneider (2002, p. 51), o catolicismo teve um papel preponderante na vida espiritual e também no que diz à política e à formação educacional, tanto para a alfabetização como para formação superior nas escolas confessionais. As capelas eram formadoras das sociedades locais no meio rural, pois quando novas comunidades e estradas eram projetadas pelos colonos, a capela que seria construída e seus futuros sócios também eram parte do projeto. Mas os atos generosos não eram somente em relação à igreja, as inúmeras escolas também foram construídas, em parte, com doações particulares de terrenos e de materiais. Nelas, muitos dos primeiros educadores eram pessoas das comunidades (sem formação escolar específica) que ministravam aulas, cujo pagamento, em certos casos, era feito com troca de dias de trabalho pelos alunos. Enquanto não havia escolas, os ministrantes davam aulas em lugares não específicos como salões de capela.

Quanto aos filós, estes eram reuniões que aconteciam nas casas dos colonos, quando famílias amigas se reuniam para orar, conversar, jogar carta, trabalhar. Geralmente à noite, os filós tinham como intenção aproximar as famílias e eram momentos de fortalecer os laços. Durante os encontros, Farina escreve que, muitas vezes, se produzia algo, por exemplo, palha de cigarro. Nota-se que aqui começa a se esboçar aquilo que Mendras (1978) afirmou ser fundamental para as relações sociais entre o campesinato: o interconhecimento. Esse conhecimento longo e prolongado que há entre as pessoas somente é possível quando os contatos sociais são intensos e recorrentes. Galeazzi (1998, p. 132) qualifica este encontro como a realização da convivência e do envolvimento, e as famílias manifestavam isto com a presença de todos os membros nas reuniões (ninguém da família deveria faltar). Este interconhecimento e a convivência proporcionaram as ajudas que as famílias desprendiam com seus vizinhos quando era necessário.

Os filós envolviam práticas religiosas, atividades laborais, lazeres, solidariedades, o que os tornava intensos. As famílias sempre se reuniam e, a cada vez, era na residência de um

colono (nunca o mesmo) onde aconteciam. Por envolver uma gama de atividades (lazer, trabalho, religião) e ser expressão de uma totalidade irreduzível a uma finalidade específica última, poderia ser interpretado como um fato social total, no sentido dado por Mauss (1974). Durante os filós, os atos em torno da dádiva eram fundamentais; as famílias hospedeiras ofereciam os alimentos, bebida, lenha para o fogo e local de encontro (GALEAZZI, 1998, p. 133). Às famílias convidadas era imputado aceitar o convite e retribuir num momento subsequente. Realizado geralmente na cozinha, as mulheres conversavam e trabalhavam num canto, os homens permaneciam falando ou jogando perto do fogo, e as crianças brincavam por perto e ouviam histórias; segundo Galeazzi (1998, p. 133) a reza era deixada para o final. Depoimentos obtidos durante a pesquisa de campo mostram que ainda acontecem, mas são menos recorrentes nos dias de hoje.

Este evento representava maneiras de interagir localmente com os grupos de vizinhos, parentes e amigos. De Boni e Costa (1984, p. 152) escrevem que muitas vezes o grupo vicinal era tão ou mais importante que o familiar. A troca de dia, o empréstimo de carne ou frutas (que os autores consideram ainda “sagrados” em alguns lugares) eram doações que procuravam fugir da rotina<sup>22</sup>, embora os presentes fossem comuns entre as famílias. Matar um gado e doar uma parte era importante porque uma única família não consumiria tudo até que carne se mantivesse em bom estado, então as doações e os atos de contra-prestação asseguravam trocas materiais e solidificavam vínculos sociais. Pode-se dizer que os colonos eram também compelidos a participar, o que vinha a ser necessário para a manutenção das “boas relações”. Mais adiante, os autores (1984, p. 153) afirmam que malhar o trigo na trilhadeira era um motivo de reunir os grupos e famílias. Sociabilidade e trabalho, desde esse período inicial, eram feitas em conjunto, o que terá importantes conseqüências para o modo de ser dos veranenses até hoje. Os autores insistem na coesão social que essa prática assegurava, tanto internamente aos grupos parentais como vicinais.

Era comum, além dos filós no qual se juntavam mais de uma família, as reuniões que as famílias nucleares realizavam na cozinha de suas residências durante as noites, em volta do fogão à lenha. Convictos católicos, italianos e poloneses tinham na família uma instância moral primária e núcleo de onde partiam outras relações sociais.

Estas manifestações da sociabilidade local permitem observar a importância do interconhecimento e das trocas-dom (os atos generosos) entre as famílias e destas para com a

---

<sup>22</sup> “Fugir da rotina” sugere que os atos de dom e contra-dom são descontínuos, tal como observou Marcel Mauss. A percepção de Mauss é arguta, porque se as trocas assim não fossem, jamais seriam “dádiva”, mas atos rotineiros sem relevância. Desse modo não haveria necessidade de analisar que conseqüências o ato de retribuição (que reproduz a dádiva) teria para as sociedades.



igreja católica. São essas relações sociais que vêm a constituir redes sociais nas quais trabalho e reciprocidade se confundem. A reciprocidade e os atos em torno de trocas-dom nos permitem incluir os problemas que as famílias enfrentavam nas relações sociais. Nem todos colonos cooperavam, e aqueles que cooperavam não o faziam sempre. Além disso, com o passar do tempo, as sociabilidades também se modificam, ainda que muito da cultura seja preservada. Assim, Farina (1992, p. 86) afirma que o imigrante era solidário principalmente no início, mas a circunstância de competitividade o levou a buscar fortuna para si e sua família. Conceituar essa sociabilidade através da dádiva (a reciprocidade sempre *possível*, mas nunca com certeza), faz parte do terreno movediço que é a relação social humana. As ações em prol do enriquecimento e do sucesso econômico, que serão fundamentais para a constituição do modo de ser do colono, não fazem desaparecer a reciprocidade e a dádiva, mas a modificam e os próprios atores sociais irão utilizá-la como recursos de poder. Fato é que a dádiva já se manifestava, desde sempre, também como uma sociabilidade agonística, por isso os relatos e documentos destacam a aparente contradição na forma de ser do colono, motivado para a doação e para o egoísmo ao mesmo tempo.

O recenseamento de 1911 já mostrava inúmeras ocupações dentre os habitantes do local. Comerciantes, mecânicos, ferreiros, sapateiros, seleiros, curtidores, marceneiros, açougueiros, alfaiates, escultores, advogado, funcionários públicos, professores, hoteleiros, cervejeiros, ourives, pedreiros e outras. No ramo industrial havia serrarias, moinhos, alambiques, doces, chapéus, cerveja, ferrarias, trilhadeiras, sapatos, fundições, cortumes e algumas outras (FARINA, 1992, p. 80).

As escolas foram construídas algumas décadas depois que os colonos chegaram ao território e se tornaram numerosas no meio rural. Visto que os colonos tinham uma prole muito grande (cerca de dez filhos por casal), dos quais a maior parte tinha de trabalhar na agricultura, as escolas rurais eram cruciais nessas primeiras cinco ou seis décadas. Era a garantia de que pelo menos parte dos jovens se tornasse alfabetizada.

Nesse período, as relações de mercado se intensificam. A partir de 1911, abandona-se gradativamente a extração de madeiras e os principais produtos da agricultura são o milho, o trigo e a erva-mate. Schneider (2002, p. 57) mostra que, por volta de 1920, o trigo tem um impulso na região, junto ao vinho e a produção de derivados de suíno, como a banha. Esses produtos já são indícios de que a produção para o mercado começa a ser mais intensa. O fato de comerciantes ou consumidores de outros locais demandarem mais produtos, e alguns destes bastante específicos como a erva-mate ou a banha, demonstra que Veranópolis estará mais integrada no atendimento de alimentos e matérias-primas para os centros urbanos. As

estradas e a ferrovia foram fundamentais para isso. A partir de 1930 os colonos passam a um período de especialização da atividade agrícola.

### 3.2. FORTALECIMENTO DOS LAÇOS SOCIAIS E DA ECONOMIA (1930-1970)

Schneider (2002, p. 59) localiza nas décadas de 1930 e 40 uma “época de ouro” para a agricultura da região. Nesse período, há expansão dos volumes produzidos e os colonos conseguem se especializar em certos cultivos para venda, mantendo seus tradicionais produtos para consumo interno das famílias.

O surgimento das atividades paralelas à agricultura é ampliado. Diversas ocupações aparecem, tais como linhas de ônibus que transportavam pessoas (por exemplo, a linha Veranópolis-Erechim), produção de carrocerias, transporte de madeiras e erva-mate. Até mesmo ocupações ligadas à manifestação artística surgem, como a banda de música Cavedon – que abrigava muitos músicos – e a banda Lyra, cujo maestro ensinava e escrevia. Através destas informações históricas, vê-se que é esboçada claramente a formação de estratos sociais que não se dedicavam à produção agropecuária ou artesanal, complexificando a sociedade local no que diz respeito ao trabalho, o que vinha a apresentar uma certa diferenciação social, ainda em caráter bastante preliminar.

Apesar do arrefecimento do escoamento da madeira, cuja atividade não podia contar mais com o volume de produção como nos anos anteriores – visto que a madeira se tornava relativamente escassa –, os colonos mantinham a tradição de continuar o ofício do comércio via transporte. Isto significa que outros produtos entraram na pauta do comércio e eram vendidos fora daquela região. Os carreteiros transportavam madeiras e levavam também produtos coloniais no lombo das mulas, antes da introdução dos primeiros automóveis.

A partir deste período, as relações de reciprocidade e de interconhecimento entre as famílias já possuíam uma história e, esta sociabilidade, que foi fundamental para o início da colônia e que vinha a ser um dos sustentáculos das comunidades rurais, agora era acionada com mais intensidade para os empreendimentos econômicos. Esse era o caso das famílias que formavam associação empresarial. Não raro as famílias mantinham algum negócio em comum, geralmente um empreendimento de comércio, serviço ou de natureza industrial, ainda que em bases artesanais. A reciprocidade extrapolava os limites da sociabilidade para atingir as formas econômicas de reprodução das famílias e, neste processo, engendraram embrionárias redes de produção que tinham o potencial de angariar trabalhadores para

contratação. Devido às relações de proximidade serem centrais para desencadear este processo, as redes de trabalho se ajustavam às redes de reciprocidade e de interconhecimento.

O comércio era uma atividade fundamental para a acumulação de capital, o que vinha a ampliar a diversificação de atividades no local e os volumes de produção, pois os comerciantes disponibilizavam crédito a juros. Schneider (2002, p. 60) afirma que foram os comerciantes os primeiros a ascender socialmente em Veranópolis, fator que os tornava mais influentes politicamente. Já o estudo de Farina (1992, p. 92) aponta que também os colonos italianos vinham do meio rural e colocavam negócios na cidade – e, neste processo, muitos prosperaram. O autor dá como exemplo, no início da década de 1910, a inauguração da fábrica de palhas de cigarro Moraes & Cia, atividade que empregava trabalhadores que já conheciam, em parte, o processo de fabricação. Isto porque transformar as palhas de cigarro era igualmente uma atividade dos colonos que se dedicavam à agricultura em suas propriedades e era difundida na região. Eles faziam em dias de chuva ou em filós (FOGALI, 2002, p. 21) e funcionava como uma fonte de renda complementar à agricultura. Segundo informações obtidas, os colonos não lucravam tanto quanto às indústrias que compravam a palha, ocorre que estas exploravam a força de trabalho do agricultor.

Por conseguinte, é no período que vai de 1920 a 1950/60 que surgem importantes atividades industriais. Entre elas estão as indústrias de bolas e os comerciantes fruteiros, que serão analisados em separado no capítulo quatro deste estudo. Fundamental é perceber que estas atividades se beneficiaram de recursos econômicos poupados nas atividades agrícolas, no comércio e nas indústrias de bases artesanais deste período. Quando os recursos não eram suficientes para erigir os empreendimentos, as famílias ou indivíduos buscavam se associar, por isso a reciprocidade funcionava também como regulação da economia. Este sistema de trabalho e produção podia, dessa forma, ancorar-se nas relações de proximidade e no parentesco como recursos sociais. As redes somente vão se configurar enquanto tal a partir do momento em que se tornam maiores e mais complexas, por meio de atores sociais que ocupavam distintas posições na sociedade local, podendo inclusive influenciar significativamente o mercado de produtos e de trabalho.

Quanto às outras manifestações na economia de Veranópolis nestes anos, Schneider (2002, p. 61-62) cita as importantes iniciativas que ocorreram com cooperativas nas décadas de 1920 e 30. A origem das formas cooperativas no município é mais remota, mas em 1936 é fundada a Cooperativa Agrícola Alfredochavense (que produz a marca de vinhos Noé). Embora muitas das cooperativas que surgiram nessas décadas estejam hoje fechadas, elas tiveram sua importância econômica e social. Mais adiante, em 1966, é fundado o sindicato

dos trabalhadores rurais de Veranópolis, entidade reivindicatória de direitos e melhoria das condições dos agricultores do município e de Fagundes Varela e Vila Flores.

Até 1915, 90% da população era rural (FARINA, 1992, p. 266). Já havia no centro da cidade alguns poucos edifícios, como a Sociedade Alfredochavense e a Sociedade Italiana Príncipe do Piemonte (atual casa de cultura), e a maior parte das ruas não possuía calçamento. Em documentos de 1937, no centro da cidade já aparecem muitas residências, cuja maior parte é de casas grandes. As ruas eram bem esquadrihadas e o desenho urbano atual é muito semelhante àquela época. Através das fotos, observou-se que muitas das casas do centro urbano dos anos de 1920, 30 e 40 têm dupla função: são moradias das famílias e, na parte de baixo, são ocupadas com atividades econômicas tais como o comércio de diversos tipos. Esta é uma característica que se mantém até hoje em Veranópolis. Muitas famílias têm empreendimentos econômicos em uma parte da moradia e isso mostra uma perceptível proximidade entre ambiente de trabalho e ambiente de interação familiar, fator que indica algo peculiar do modo que os habitantes locais interpretam as relações entre economia e parentesco.

Acredita-se que a peculiaridade da relação entre economia e parentesco esteja nas formas ancestrais da agricultura de traços camponeses, isto é, que ela tenha sido pedra de toque para o desenvolvimento de atividades em família. Sendo o modo de vida tipicamente camponês recente na história dos colonos da Serra Gaúcha, a tradição familiar mantém-se em muitos empreendimentos não-agrícolas, tanto no meio rural (vinícolas) como no urbano (indústria de roupas, de camas, mercados, armazéns, farmácias), semelhante ao que analisaram Bagnasco e Triglia (1993) na Terceira Itália. Durante a expansão da economia de Veranópolis entre os anos 1940 e 1960 (período fundamental para a consolidação de diversas indústrias) muitos dos empreendimentos operavam desta maneira, por meio da família e de relações de proximidade. Desde esta época, muitas novas empresas surgiram, conservando esta marca cultural e histórica. Permanecem como pequenas empresas que operam em bases familiares ou com poucos empregados contratados, cujas relações de proximidade são relevantes. Como foi aludido no capítulo precedente, observa-se como o tempo imprime marcas nas gerações, nas quais o fortalecimento mercantil e econômico não rompe totalmente com o modo de vida no qual a reciprocidade constitui importante referencial.

Os documentos e informações através de entrevistas confirmam que a religiosidade e as práticas de reciprocidade continuaram fundamentais no período de meados do século XX. As redes de sociabilidades constituídas nos primeiros anos da colônia e que impulsionavam empreendimentos econômicos (como empresas constituídas entre parentes, vizinhos, amigos),

são aprofundadas pelo interconhecimento. Começa a se construir uma idéia referencial comum de que essas famílias possuem um passado comum, trajetórias sociais semelhantes. Essa base identitária compartilhada é sintetizada pela religião católica, pela etnia italiana e polonesa e pelas atividades que as famílias vão desenvolvendo ao longo do tempo. Faz-se necessário ressaltar que a sociedade local evolui no tempo segundo esse passado comum, reforçando laços sociais pelo interconhecimento, pelas prestações e pelas trocas matrimoniais.

Talvez seja em virtude disso que haverá uma preponderância de casamentos internos às etnias<sup>23</sup>, gerando laços parentais de proximidade, uma comunidade que começa a se constituir num território não mais de italianos propriamente, porém de ítalo-brasileiros, ainda que nos referenciais simbólicos a identidade (como a própria nacionalidade) italiana sempre esteja presente e em oposição aos brasileiros. Galeazzi (1998, p.133) confere, poeticamente, que com o passar do tempo

[...] é no cemitério que iam se alinhando cruzeiros dos pioneiros italianos, que da Itália unificada conservam apenas a lembrança [...]. O seu patriotismo não passava além da profunda nostalgia de seus vilarejos, que levam consigo para o túmulo.

A imagem mítica é interessante, visto que a constituição do imigrante é também a construção do italiano *na* América. Com o passar do tempo e com a chegada de outros grupos sociais neste espaço, o sentimento arraigado acerca de sua etnia, de sua forma de viver e de trabalhar, serão fontes de conflito social no município.

Por volta de 1930 e 1940, ocorrem mudanças importantes na economia do município. Embora desde as primeiras décadas da colonização a uva tenha sido produzida pelos imigrantes (inclusive para fabricação do vinho), ela compunha primordialmente o rol de produtos agrícolas para o consumo da própria família. Nestas décadas, os colonos ainda não a produziam especialmente como excedente a ser comercializada nos mercados. Isto por que, até meados de 1950, o trigo era um dos mais importantes cultivares que os agricultores destinavam para venda externa.

De 1930 a 1950, Veranópolis foi o principal município produtor de trigo do Rio Grande do Sul, e, como as terras eram declivosas, o plantio era manual. No entanto, com a mecanização da produção agrícola que começa a ocorrer a partir dos anos cinquenta, as terras mais apropriadas ao uso de máquinas no Planalto Rio-grandense (região de Passo Fundo e arredores) suplantam a produção de Veranópolis. A este fator se somou o Acordo do Trigo

---

<sup>23</sup> Farina (1992, p. 189) salienta que nos primeiros quinze anos não houve casamentos envolvendo grupos étnicos diferentes.

que o país tratou com os Estados Unidos nestes anos. É neste momento que o ciclo dos cereais em Veranópolis inicia sua decadência e a fruticultura passa a ser uma alternativa dos agricultores<sup>24</sup>.

A uva, então, passou a ser uma das bases da economia, não somente Veranópolis como de grande parte da região de colonização italiana na Serra do Rio Grande do Sul. A partir de meados de 1950, aparecem outras frutíferas. Visto que a uva já era cultivada e vendida, cresce também na região a produção de maçã e de ameixa, conforme Schneider (2002, p. 62). Por volta de 1960, aparece também o cultivo do pêsego. Ao longo dos anos, Veranópolis e os municípios em sua proximidade passam a ser reconhecidos como pólos produtores de frutas.

Nos anos que vão de 1940 a 1970, há a intensificação da produção de excedentes para a venda. O fato das relações mercantis se aprofundarem marca não somente a venda dos produtos agrícolas, mas a compra de implementos a serem utilizados na agricultura, produzidos nas indústrias. Cada vez mais, agricultura integra-se aos mercados como consumidora de insumos e implementos de produção agropecuária, sobretudo no final deste período. Esse processo implica algum tipo de poupança de recursos econômicos por parte dos agricultores, que agora investem na produção de forma acentuada. A partir deste momento, a agricultura vai estar mais dependente do mercado e os agricultores vão passar

[...] de um sistema semi-autônomo baseado na combinação da produção para o autoconsumo e para subsistência com a venda de excedentes, para um modelo produtivo assentado na especialização produtiva de algumas culturas vegetais e na utilização crescente de insumos de origem industrial [...] (SCHNEIDER, 2002, p. 64).

O mesmo autor localiza na década de 1940 uma razoável melhoria das condições de vida dos colonos, isto é, acesso à renda. A partir da década de 1950 com a fundação de dois bancos, houve um processo de monetarização da economia local e o aumento dos fluxos de moedas (SCHNEIDER, 2002, p. 62). O processo de acumulação de capitais entre os colonos conheceu seu auge entre as décadas de 1940 e 1960. Afirma Schneider que, desde então, muitos agricultores passaram a fazer poupança e reinvestir localmente em outras atividades econômicas. Em parte, este processo social explica a expansão da industrialização desta época. As indústrias vão se constituir a partir da acumulação de capitais na agricultura e na

---

<sup>24</sup> Schneider (2002, p. 57) esclarece que Veranópolis foi pioneira na instalação de uma estação experimental de pesquisa em trigo e cevada no ano de 1919. Além de lançar vários cultivares de trigo, a estação foi fundamental por realizar melhoramento genético em frutíferas e outros cultivos. Atualmente a estação é do domínio da FEPAGRO, que a transformou em Centro de Pesquisa da Pequena Propriedade em 1995.

associação de recursos econômicos entre sócios. O mercado de trabalho sentirá os efeitos, pois as demandas de mão-de-obra em atividades não-agrícolas serão crescentes.

Importante é destacar que uma das origens das indústrias e das agroindústrias é exatamente a rede de produção e trabalho no tecido socioeconômico construído historicamente entre agricultores, comerciantes e outros grupos sociais. As redes de reciprocidade e as relações de proximidade, além de vir a centralizar recursos e a estruturar o mercado de trabalho (uma vez que muitas contratações serão por indicações pessoais ou via própria família, nuclear e extensa), também articularão as empresas que se complementam, se beneficiam mutuamente ou participam do mesmo ramo.

A construção da ponte sobre o Rio das Antas em 1952 teve um impacto importante nas relações comerciais de Veranópolis, facilitando a circulação de mercadorias. Até esta data, a travessia no rio das Antas era feita com a barca e, com o término da construção da ponte, as balsas cessaram suas atividades. Nos escritos de Veronese (1986, p. 7), há a tese de que o grande problema econômico de Veranópolis e região nas primeiras décadas era a dificuldade de comunicação através de estradas. Até a construção da ponte e a colocação do asfalto, em 1960, o autor descreve que a colônia estava estagnada economicamente. Outras informações atestam o fato, como o depoimento de um empresário do ramo industrial na região desde os anos cinqüenta. Contou que, quando chegara à cidade, circulava a história de que havia uma maldição em Veranópolis, lançada por um padre. Entretanto, na opinião do entrevistado, a única assombração era o sistema telefônico e elétrico precários e a inexistência da ponte. Era isso que faltava, segundo análise própria, para que a região pudesse dar um salto rumo ao desenvolvimento econômico.

Apesar destes depoimentos que salientam os problemas enfrentados pelos colonos para ampliar e incrementar a economia de Veranópolis, antes mesmo da construção da ponte a região tinha um ritmo de desenvolvimento bastante admirável, como se procurou mostrar nas páginas anteriores. Certo é que a partir da construção da ponte e o aperfeiçoamento das estradas, da energia elétrica e dos meios de comunicação Veranópolis dilatou sua economia.

Se por volta de 1950 as indústrias se consolidavam em bases familiares, num mercado de trabalho mais restrito no qual as redes se projetavam de maneira endógena - porém já indicando crescimento em potencial - depois dos anos sessenta o desenvolvimento econômico (sobretudo industrial e comercial) alcança patamares elevados. Um processo de diferenciação social acontece, fato que teve conseqüências políticas importantes, como uma separação entre aqueles que exercem o poder e os que não o fazem. Porém, o interessante é perceber que os círculos de sociabilidade entre os grupos não se rompem totalmente.

Assim, e semelhante ao que ocorreu em outros municípios da Serra, Veranópolis se torna um pólo industrial de mercado de trabalho extenso, que necessita de mão-de-obra, seja ela proveniente dos municípios arredores (particularmente dos filhos de agricultores nas áreas rurais), seja de outras regiões. Como ver-se-á no capítulo quatro, as fábricas de bola e de fusão de aços têm crescimento importante exatamente no período entre 1960 e 1980.

### 3.3. MERCADO DE TRABALHO E REDES, DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL E MIGRAÇÕES (1970-2005)

A partir do final da década de setenta e início dos anos oitenta, a produção agrícola de Veranópolis passa estar crescentemente integrada às agroindústrias, sobretudo, a uva, o leite, os suínos e frangos. Os principais produtos de origem agropecuária em Veranópolis são uva, laranja, pêssego, bergamota, milho, leite, aves e suínos. Este sistema de cultivo, criação e produção agropecuário, que se constitui a partir de meados de 1980, não se modifica sensivelmente nos últimos anos, segundo Schneider (2002, p. 72). Pelo próprio processo de integração em agroindústrias, os mercados vêm a estruturar a produção dos agricultores. A especificidade de Veranópolis é que a modernização tecnológica (tão disseminada no Brasil nos anos 1970) foi restrita, pois as terras não permitiam a mecanização intensiva e a implantação do binômio trigo-soja. Portanto, o que houve foi a disseminação da moto-mecanização através de microtratores, a introdução de produtos químicos, tais como fertilizantes, corretivos e agrotóxicos, e a utilização de plantas e sementes cujas variedades eram melhoradas geneticamente.

As indústrias continuam a se desenvolver e a crescer. Os exemplos mais expressivos são a empresa de armas E.R. Amantino Boito, que já exportava expressivamente e que, em 1972, lança o plano inicial da construção do que viria a ser a sua empresa de microfusão. No ano de 1977, chega ao município a empresa paulista São Paulo Alpargatas e, em 1979, é inaugurada a fábrica de óleos OleoPlan, pertencente ao grupo Irmãos Siviero, naturais da região. A fábrica de vestuário de Kalil Sehbe, que em 1976 tinha quinze funcionários, no ano de 1980 já possuía 480 (GHIGGI, 1998, p. 522). Verifica-se que é comum neste processo de crescimento industrial generalizado o mercado de trabalho ganhar um forte impulso neste período.

É nessa mesma época que começa a haver um deslocamento expressivo da mão-de-obra sobrando na agricultura para o trabalho industrial. Para Schneider (2002, p. 69) são os



filhos de agricultores mais pobres e jovens urbanos que vão fornecer a força de trabalho para as empresas da cidade. Devido ao desenvolvimento econômico industrial e no setor de serviços, essa mão-de-obra pôde ser absorvida, em parte, em âmbito territorial. Embora tenha havido migrações para a capital do estado, quando população em excesso não se deslocava ao meio urbano de Veranópolis, a opção eram os municípios de Bento Gonçalves (que faz divisa) ou de Caxias do Sul. Essas informações podem ser ilustradas conforme a Tabela 1, abaixo.

**Tabela 1. Evolução da população em Veranópolis (1970-2000).**

Anos	1970	1980	1991	2000
População total	23.399	23.247	16.916	19.460
% da população rural sobre total	69,54	57,05	31,21	17,72

Fonte: Censo Demográfico IBGE, 2000.

A Tabela 1 mostra que Veranópolis manteve estabilidade de população desde 1970, ainda que a partir do final dos anos oitenta alguns municípios tenham se desmembrado de sua sede. Além de Nova Prata, que já era desvinculado desde 1924, Cotiporã (1982), Fagundes Varela (1987) e Vila Flores (1988) são os municípios que alcançaram autonomia nesse período aqui analisado. Esta relativa estabilidade populacional não é resultado de pouca ou nenhuma mudança interna, como se percebe na tabela. Relatos e dados censitários revelam que a população rural decresce significativamente durante todo o período desde 1970. Mesmo assim, o município mantém boa parte do excedente populacional proveniente do meio rural. Então, como explicar o acréscimo de população entre 1991 e 2000? A resposta está no fato de que Veranópolis, em meados dos anos oitenta e como resultado da expansão industrial, começou a ser pólo de atração de força de trabalho que migrava de regiões menos favorecidas e economicamente estagnadas do Rio Grande do Sul, principalmente da região conhecida como o Alto Uruguai (norte do Estado).

É nos anos 1980 e, principalmente, na década de 1990 que migrantes vindos de regiões distantes começam a chegar no local. Embora não sejam exclusivamente do norte do Estado (outros locais de expulsão são Lagoa Vermelha, Médio Uruguai, Fronteira), a maioria tem como local de nascimento os municípios que compõem o Alto Uruguai (Constantina, Rondinha e outros). O fator explicativo do porquê da concentração de migrantes destes municípios, a ser detalhado no capítulo seis deste estudo, é a possibilidade de refletir sobre os processos migratórios a partir da perspectiva das redes. Assim, a migração é efetivada sob

alguma referência para o migrante – alguém que transmite a informação, como uma rede que se estabelece e permite recursos materiais e simbólicos para tal ação.

Visto que desde os anos setenta há uma profunda mudança no perfil demográfico, com a drástica diminuição da população rural, a questão analítica importante aqui é entender a formação industrial e as mudanças na agricultura como um processo social geral e articulado no território. Bagnasco e Triglia (1993, p. 61-62), em seus estudos sobre a Itália central, afirmam que a característica atual da conformação social e econômica é resultado de uma articulação particular entre o campo e a cidade. Mais ainda, o papel emblemático do mundo rural no caso italiano está fortemente vinculado à contribuição para o mercado de trabalho. Veranópolis parece ter uma semelhança nesse sentido, já que as ligações entre a colônia (o meio rural) e a formação urbana e industrial estão nas raízes da constituição do território e adquirem maior incidência no desenvolvimento recente. Ainda importante, é que os migrantes de outros municípios e regiões do Rio Grande do Sul contribuíram também para a formação industrial via mercado de trabalho, fornecendo parcela da mão-de-obra que possibilitou o crescimento econômico. Convém realçar que muitos dos que se deslocaram para Veranópolis eram oriundos de áreas rurais do norte do Estado, local onde a modernização agrícola – via *commodities* trigo e soja - foi muito mais opulenta na transformação social e da natureza<sup>25</sup>.

Além deste fenômeno de absorção de população em busca de empregos, Schneider afirma que em meados da década de setenta, muitos agricultores passaram a comprar terrenos na cidade, visto que os preços ainda não eram elevados. São os filhos destes colonos que se estabelecem no solo urbano e se dedicam a outras ocupações não-agrícolas em expansão, desde profissionais liberais a construção civil. Durante este período, o espaço urbano é incrementado tanto por estes indivíduos nascidos nas comunidades rurais como pelos migrantes, o que não significa, entretanto, que social e politicamente o convívio entre estes grupos distintos aconteça sem problemas.

Quanto à economia e ao mercado de trabalho no período atual, é relevante verificar que algumas grandes indústrias, além de empregarem os migrantes, também buscam trabalhadores nos municípios ao redor ou terceirizam produção em oficinas menores. Aliás, esta significativa característica da economia local se materializa através de redes de relações, pois, principalmente no caso da terceirização, da subcontratação e na compra de serviços de outras empresas, a confiança, a cooperação, os aliados e o conhecimento mútuo são estratégicos para as empresas locais. Aqui se verifica a expansão das redes sociais. Se nas

---

<sup>25</sup> Para as transformações da agricultura na região do Alto Uruguai no Rio Grande do Sul, ver os trabalhos de Conterato (2004) e Gazolla (2004).

décadas anteriores as redes ligavam apenas famílias, cujos pequenos empreendimentos se complementavam (ou operavam em conjunto), no período recente ela se complexifica e se amplia. Nela, valores como o interconhecimento e reciprocidade ainda são estruturantes, mas adaptados às condições atuais. A rede liga grandes, médias e pequenas empresas, diferentes ramos da economia, atores sociais que assumem papéis chaves (tal como fornecedores, prestadores de serviços, especialistas, etc.), contatos específicos no interior de cada empreendimento e, certamente, famílias e indivíduos que conservam laços de interconhecimento.

No final dos anos noventa, outra onda de migrações para Veranópolis acontece. A razão é a construção da Usina de Montes Claros, uma obra que empregou milhares de pessoas num período de cerca de quatro anos. Aqui, o fenômeno migratório é bastante distinto do anterior, que até então era regular e quase que somente interno ao Estado do Rio Grande do Sul. Neste período, migrações aconteceram em massa e foram realizadas por intermédio da empresa responsável pela execução da obra, que contratou a maior parte dos trabalhadores fora do Estado. Esse processo será examinado mais adiante, porém já demonstra que a necessidade de contratação de força de trabalho causou mudanças no cotidiano local, pois parte destes indivíduos que foi trabalhar na construção jamais deixou o município findada a obra. Eles vislumbraram aquilo que anteriormente outros migrantes perceberam, isto é, que a região de Veranópolis oferece oportunidades de trabalho mais razoáveis do que nas regiões em que residiam.

Ao longo do século XX, Veranópolis passa de um município quase que totalmente rural e agrícola, para uma situação cuja economia é diversificada. A população se torna majoritariamente urbana, amplamente empregada em indústrias ou no setor de serviços e a sociedade já possui uma configuração que dificilmente pode ser associada à homogeneidade do ponto de vista das identidades sociais e das etnias.

Há diferentes teses sobre o caráter do desenvolvimento de Veranópolis, bem como de toda a região de colonização italiana na Serra do Nordeste do Rio Grande do Sul. Discordantes em muitos pontos, estas teses possuem em comum referenciar a importância da obtenção da propriedade privada por parte dos colonos que chegaram da Europa no fim do séc. XIX, do sistema local existente na época que já integrava os colonos parcialmente aos mercados e demandava produtos, e dos saberes artesanais e agrícolas que os imigrantes trouxeram de sua terra de origem (MAESTRI, 2005, p. 3). Quanto às discórdias, destacam-se os papéis da religião e da identidade, que, segundo Maestri (2005, p. 3) alguns estudos tendem a superestimar, atribuindo a estas etnia e religião um destino e uma trajetória “natural” para o

sucesso. Obviamente que, nesta dissertação, se descartam as teses essencialistas, no entanto, se reserva de concluir algo nesse sentido por ora.

Em outro aspecto concluinte do capítulo, pôde se aproximar da primeira hipótese de pesquisa, a saber, de que as redes de reciprocidade e trabalho têm sua origem na agricultura colonial semelhante ao modo de vida camponês. Mostrou-se que as formas de trabalho e a sociabilidade dos colonos estão na gênese do processo de constituição da sociedade local, ou seja, daí deriva o modo de ser coletivo que, apesar das mudanças, permanece arraigado neste sistema de crenças e de relações sociais. As redes de trabalho desenvolvidas no município, das simples às complexas, são largamente ancoradas em redes de reciprocidade, envolvendo parentesco, amizades e relações sociais de proximidade. Embora muito preliminarmente a hipótese esteja sendo testada até aqui, algumas informações já indicam a tendência de que ela seja correta. Após abordar de maneira geral a evolução de Veranópolis no tempo, os próximos capítulos incidem especificidade em cada rede estudada, bem como em suas gêneses e nas características atuais.

## 4 GÊNESE E CARACTERÍSTICAS ATUAIS DAS REDES DE TRABALHO LIGADAS AOS FRUTEIROS, À MICROFUSÃO E À INDÚSTRIA DE CALÇADOS/ARTIGOS ESPORTIVOS

Neste capítulo, examinam-se a gênese e as características atuais de três redes sociais de trabalho no município de Veranópolis. São elas, as redes vinculadas aos fruteiros, às indústrias de microfusão e às indústrias de calçados/artigos esportivos. Conforme explicitado na introdução, acredita-se que estas três redes possam cobrir razoavelmente as formas de trabalho que articulam rural e urbano e como estas são perpassadas por relações de reciprocidade, proximidade ou parentesco. Neste capítulo, procurar-se-á abordar duas hipóteses, além de voltar a refletir sobre a primeira, já examinada no capítulo anterior. Numa das hipóteses, está sendo proposto que apesar de terem origem nas no modo de vida da agricultura colonial (reciprocidade, interconhecimento, proximidade, centralidade do parentesco) as redes de trabalho apresentam características distintas. Na outra, a hipótese que orienta a análise é que as redes extrapolam os limites rural x urbano e agrícola x não-agrícola, dinamizando a economia local, gerando externalidades positivas e propiciando o aparecimento da pluriatividade entre agricultores familiares.

No que segue, são apresentados dados gerais de Veranópolis, características da economia, do mercado de trabalho e da qualidade de vida. Após esta caracterização, são examinadas as redes e suas especificidades.

Atualmente, na economia de Veranópolis é acentuada uma importante diversificação de atividades. As indústrias empregam a maior parte da população economicamente ativa (a PEA, que são os ocupados somados à população procurando emprego) e os setores de serviços, juntamente com o comércio possuem participação importante na composição do trabalho. No caso da agropecuária, apesar de ter a menor participação, ainda é um ramo importante na geração de postos de trabalho.

Conforme a Tabela 2, abaixo, os setores de atividades de Veranópolis são divididos de acordo com sua participação percentual no Valor Adicionado Bruto, referente à evolução entre os anos de 1996 e 2001.

**Tabela 2. Valor Adicionado Bruto (VAB) a preços básicos, por setores de atividade econômica, Veranópolis, 1996/2001 (%).**

Ano	Agropecuária	Indústria	Serviços		Total do VAB
			Comércio	Demais Serviços	
1996	10,38	48,44	6,84	34,34	100,00
2001	10,21	55,98	4,03	29,78	100,00

Fonte: FEE – Núcleo de Contabilidade Social.

A produção industrial continuou em crescimento nos anos noventa e a participação da atividade industrial no total do Valor Adicionado Bruto (VAB), que era de 48,44% do VAB total em 1996, passou para 55,98% em 2001. Durante este recente período, a agricultura manteve-se estável e o setor de serviços é o que perdeu um pouco a participação. Não obstante as oscilações na composição do VAB são importantes, a função principal da tabela é mostrar a caracterização recente da economia de Veranópolis.

A informação da Tabela 2, acima, é complementada com a Tabela 3, a seguir. Nela, observa-se que na composição total do emprego em Veranópolis o setor industrial tem preponderância no ano de 2000. Isso também significa que o emprego industrial é caracterizado por uso de mão-de-obra intensiva, fenômeno típico das fábricas de calçados e artigos esportivos, de forte presença na região.

**Tabela 3. Pessoas com 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por grandes grupos de ocupação no trabalho principal. Veranópolis, 2000.**

Total	Trabalhadores dos serviços, vendedores do comércio em lojas e mercados	Trabalhadores agropecuários, florestais, de caça e pesca	Trabalhadores da produção de bens e serviços industriais	Trabalhadores de outros grupos de ocupação de acordo com classificação do IBGE
10.072	2.150	1.191	3.922	2.809

Fonte: Censo Demográfico IBGE, 2000.

A Tabela 3, acima, revela que o Censo Demográfico do IBGE no ano de 2000 contabilizou 3.922 trabalhadores de um total de 10.072 ocupados na produção de bens e serviços industriais. No comércio e nos serviços, que também são expressivos na composição do emprego total, havia 2.150 trabalhadores. A agricultura, a pecuária e as outras atividades primárias respondiam com a menor parcela, 1.191 ocupados. O restante são ocupações

diversas não categorizadas nas três anteriores. Esta tabela mostra uma diversidade e uma significativa heterogeneidade na composição setorial do VAB (influenciando diretamente o PIB) e da força de trabalho.

O sistema de empregos, com preponderância para pessoas ocupadas nas atividades industriais ou de serviços, exerce efeitos nos rendimentos da população. Na Tabela 4, a seguir, os dados são para microrregião de Caxias do Sul, onde se localiza Veranópolis. Ela tem a vantagem de mostrar informações estatísticas para os arredores do município e possibilitar a comparação. Tomando-se como referência o rendimento domiciliar, a maior concentração percentual em classes de rendimentos em Veranópolis para o ano de 2000 era na faixa que varia de 5 a 10 salários mínimos mensais, logo seguidos da classe que compreende de 3 a 5, conforme a Tabela 4, a seguir.

**Tabela 4: Rendimento nominal mensal domiciliar nos municípios da Microrregião de Caxias do Sul, em salários mínimos, 2000 (%)\*.**

Municípios	Domicílios	Classes de rendimento nominal mensal domiciliar (%)							
		Até 1	1 a 2	2 a 3	3 a 5	5 a 10	10 a 20	Mais de 20	Sem renda
Antônio Prado	3.659	3,0	8,7	11,0	18,9	30,8	19,6	8,0	0,1
Bento Gonçalves	27.168	2,3	5,7	7,7	17,3	33,9	20,7	10,9	1,4
Boa Vista do Sul	804	2,6	9,6	9,1	17,5	31,6	21,4	7,7	0,5
Carlos Barbosa	6.083	2,1	4,5	6,2	15,3	40,2	22,9	8,2	0,6
Caxias do Sul	109.199	2,9	6,7	7,3	18,4	31,1	20,7	11,4	1,4
Cotiporã	1.103	2,1	9,4	6,5	25,2	34,7	14,2	6,6	1,2
Fagundes Varela	653	4,6	5,7	6,0	25,1	35,8	21,1	1,4	0,2
Farroupilha	16.013	2,6	7,0	7,8	21,2	34,2	17,2	8,8	1,2
Flores da Cunha	6.791	2,1	4,5	7,6	17,5	32,6	25,5	9,8	0,4
Garibaldi	8.237	2,7	5,5	7,2	19,5	34,6	20,5	9,6	0,3
Monte Belo do Sul	784	0,9	4,7	6,5	5,9	33,4	29,2	18,5	0,9
Nova Pádua	612	-	7,5	2,1	14,1	35,9	20,9	19,6	-
Nova Roma do Sul	816	1,7	7,2	5,8	25,7	40,6	13,2	5,6	-
Santa Tereza	521	5,0	9,4	16,9	19,0	36,3	8,8	3,6	1,2
São Marcos	5.596	3,2	7,7	8,7	24,5	31,6	17,1	6,4	0,8
<b>Veranópolis</b>	<b>5.586</b>	<b>1,8</b>	<b>6,8</b>	<b>7,8</b>	<b>23,0</b>	<b>35,1</b>	<b>17,0</b>	<b>8,1</b>	<b>0,3</b>
Vila Flores	788	1,5	8,2	11,2	27,0	31,3	18,9	1,9	-
Microrregião	194.413	2,7	6,5	7,5	18,8	32,5	20,4	10,5	1,2

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

\* Nota: no ano de 2000 o salário mínimo era de R\$ 151,00.

Os rendimentos domiciliares de todos os municípios da microrregião apresentam-se concentrados na faixa de rendimentos entre 5 a 10 salários mínimos e, cerca de 15% a 20% situam-se na faixa de 10 a 20. Assim sendo, as rendas domiciliares se mostram razoáveis, pois poucos municípios apresentam percentuais significativos na faixa de rendimento até um

salário mínimo. O que é completado pelo fato de que também são poucos que mostram percentuais inexpressivos na faixa de mais de 20 salários mínimos.

Deste modo, os dados sobre rendas indicam que há influência destas na qualidade de vida das populações e no desenvolvimento social. Sabe-se que o desenvolvimento é algo muito mais complexo que o crescimento econômico e o pleno emprego e é dificilmente explicado com base em um indicador. Entretanto, a fim de demonstrar que saúde, educação e renda podem ser utilizadas com alguma aproximação para explicar o bem-estar<sup>26</sup> de uma população, utilizam-se aqui os dados do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal<sup>27</sup> do IPEA (IDH-M), conforme tabela abaixo.

**Tabela 5: Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) dos municípios da Microrregião de Caxias do Sul, 1970, 1980, 1991 e 2000.**

Município	IDH-M			
	1970	1980	1991	2000
Antônio Prado	0,499	0,748	0,794	0,841
Bento Gonçalves	0,597	0,777	0,815	0,87
Boa Vista do Sul	-	-	0,727	0,832
Carlos Barbosa	0,506	0,751	0,795	0,858
Caxias do Sul	0,607	0,759	0,807	0,857
Cotiporã	-	-	0,806	0,82
Fagundes Varela	-	-	0,782	0,812
Farroupilha	0,555	0,767	0,803	0,844
Flores da Cunha	0,551	0,75	0,798	0,839
Garibaldi	0,528	0,75	0,798	0,843
Monte Belo do Sul	-	-	0,771	0,874
Nova Pádua	-	-	0,764	0,868
Nova Roma do Sul	-	-	0,757	0,83
Santa Tereza	-	-	0,736	0,825
São Marcos	0,551	0,746	0,808	0,843
<b>Veranópolis</b>	<b>0,498</b>	<b>0,744</b>	<b>0,804</b>	<b>0,85</b>
Vila Flores	-	-	0,804	0,818
Média do RS	0,631	0,808	0,871	0,809
Média do Brasil	0,462	0,685	0,742	0,757

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2003.

Os municípios da microrregião de Caxias do Sul – incluindo Veranópolis – mantiveram um substancial crescimento do índice de desenvolvimento humano ao longo das décadas, desde 1970. Na Tabela 5, acima, observa-se que durante o período em que o

<sup>26</sup> A complexidade da noção de desenvolvimento perpassa o conjunto do trabalho, mas no último capítulo será problematizada por fatores como preconceito racial, cultura política e controle social.

<sup>27</sup> IDH-M calculado pelo IPEA é baseado no IDH da ONU. É um índice que utiliza indicadores municipais de renda, escolaridade e saúde compostos a partir de médias ponderadas.



município de Veranópolis foi palco de inúmeras migrações, diminuição da população rural, crescimento industrial, transformações no sistema de emprego e de outras mudanças sociais gerais, os indicadores das condições de vida destacam-se positivamente, quando comparados à média brasileira. Chama a atenção que o IDH de Veranópolis dobrou entre 1970 e 1991 – em apenas vinte anos – e continuou em ascensão na década de noventa.

Embora os dados secundários sejam eloquentes e esclarecedores quanto à proeminência da economia, não detalham o processo social, as relações informais que estruturam a dinâmica das ocupações. Contudo, algumas das informações fornecidas pelas fontes oficiais de estatística no Brasil podem ser contrapostas e relacionadas para estimular interpretações menos evidentes, como a seguir.

Na seqüência, pretende-se demonstrar a relação entre a Tabela 6, a seguir, e a Tabela 7, apresentada logo em seguida, que fundamentarão uma das principais idéias perseguidas nesta dissertação. Estas tabelas, que trazem informações disponibilizadas pelo IBGE para os anos de 2000 e 1998, respectivamente, descrevem as posições na ocupação da PEA ocupada e o número de micro, pequenas, médias e grandes empresas. A partir da Tabela 6 se observa que a maior parte da PEA ocupada é de empregados (67,94%), seguidos pelos trabalhadores por conta-própria (25,67%), depois pelos não-remunerados (2,86%), logo após pelos empregadores (2,71%). Trabalhadores somente ocupados em autoconsumo representam menos que 1% do total.

**Tabela 6. Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por posição na ocupação e a categoria do emprego no trabalho principal, Veranópolis, 2000.**

	Total	Empregados	Empregadores	Conta própria	Não remunerados em ajuda a membro do domicílio	Trabalhadores na produção para o próprio consumo
Total	10.072	6.843	273	2.585	288	83
%	100,00	67,94	2,71	25,67	2,86	0,82

Fonte: Censo Demográfico IBGE 2000.

Ao que parece, há uma desprezível contribuição dos que ocupam a posição de empregadores no total da população. A informação da tabela acima leva a concluir que há uma massa de empregados e uma participação também razoável de contas-própria frente a

uma pequena parcela de empresas. No entanto, quando contraposta a Tabela 7, a seguir, a interpretação se modifica. A relação que existe entre o conteúdo das duas tabelas é a seguinte: grande parte dos trabalhadores por conta-própria da Tabela 6, acima, está no grupo de empresas classificadas como “microempresas” na Tabela 7, a seguir. Observando-se os percentuais, constata-se que quase 92% das empresas de Veranópolis são microempresas, o percentual restante é de pequenas (7,5%), médias (0,26%) e grandes (0,43%). Vale destacar que é admirável o município possuir mais de mil microempresas (com menos de nove empregados), já que contabilizava uma população total de 19.460 pessoas no ano de 2000.

**Tabela 7. Empresas com CNPJ em Veranópolis, 1998<sup>28</sup>.**

Empresas com CNPJ	Microempresas		Pequenas		Médias		Grandes	
	n°	%	n°	%	n°	%	n°	%
1.173	1.077	91,82	88	7,50	3	0,26	5	0,43

Fonte: Cadastro Geral das Empresas, IBGE, 1998.

Os dados mostram que o tipo de atividade econômica, inclusive nas industriais, está assentado em pequenas unidades (quase 92% de microempresas). Geralmente não existe, por seu tamanho e escala, uma divisão de trabalho técnico baseada na separação total e impessoal entre proprietários e trabalhadores. É o ambiente produtivo que fornece a personificação dos vínculos sociais, a proximidade e também o controle. Nesta atmosfera social, o interconhecimento e a amizade tendem a se manter, o que é uma herança da economia agrícola colonial. Para entender o desenvolvimento econômico de Veranópolis, é necessário ir além de interpretações marxistas, pois este é tributário de relações sociais específicas (reciprocidade, interconhecimento e proximidade) e do saber-fazer herdado da agricultura colonial. A maneira pela qual os colonos interpretam a sua vida e sua história – o seu lugar no mundo – é a que cria uma “trama” entre dádiva, reciprocidade e concorrência nos mercados (o sentido econômico da dádiva e das redes).

Por meio dos dados secundários, é fato que a economia de Veranópolis apresenta uma diversificação de sua base produtiva. O capítulo anterior havia mostrado que desde o início da colonização essa característica estava presente e era marcante, porém foi entre as décadas de

<sup>28</sup> A classificação em microempresas, pequenas, médias e grandes de acordo com a legislação obedece uma classificação baseada na movimentação financeira. A classificação aqui utilizada é com base no IBGE a partir do número de pessoas ocupadas. Dessa forma, microempresas são aquelas com 9 ou menos pessoas ocupadas. Pequenas empresas ocupam de 10 a 49 pessoas, as médias ocupam de 50 a 99 pessoas, e as grandes empresas ocupam 100 ou mais pessoas.

1940 e 1960 que o crescimento das atividades industriais e de serviços se ampliaram consideravelmente. As proposições de Lowe et al. (1995) e de Murdoch (2000) auxiliam a compreender o processo de desenvolvimento. As redes de trabalho e produção endógenas canalizavam recursos e investimentos para o local, enquanto que também eram responsável por ligar a economia territorial com outras, via comércio. As relações particulares estabelecidas neste espaço - o papel das relações de proximidade e de reciprocidade - foram essenciais para que se conjugassem recursos sociais e materiais para o desenvolvimento.

O objetivo agora é averiguar as peculiaridades de cada rede para compor este estudo de caso. No entanto, não é realizado um estudo minucioso e detalhado de cada um dos casos, pois isto demandaria talvez apenas focar uma das redes neste trabalho. A primazia está em compará-los e procurar compreender a sociedade local a partir deles. A comparação entre os casos é o que permitiu chegar a conclusões acerca das redes sociais e da reciprocidade em Veranópolis.

#### 4.1. FRUTEIROS

A primeira das redes a ser examinada é a dos fruteiros. Os fruteiros são comerciantes que compram, vendem e revendem frutas, legumes e verduras e possuem locais para a armazenagem e distribuição. Dentre um total de 25, existem distintos tipos de comerciantes, conforme o tamanho do estabelecimento. Uma grande parte, os considerados pequenos, tem depósitos menores, ou guardam o produto em galpões de sua residência. Este grupo vende na cidade e nas proximidades de Veranópolis (municípios de Protásio Alves, Fagundes Varela, Vila Flores e Cotiporã), muitas vezes deslocando-se de caminhoneta para oferecer o produto em feiras ou de porta em porta. Um grupo intermediário realiza viagens pelo Estado, utilizam caminhões e possuem depósitos maiores. Já dentre os maiores fruteiros, que freqüentemente são também os que há mais tempo estão no ramo, muitos realizam importação e exportação de frutas, especializam-se em certos produtos. Estes possuem câmaras frias, depósitos enormes e diversos caminhões, ou seja, estão realmente consolidados no ramo.

A atividade iniciou nos anos 1950 através de colonos agricultores da comunidade Lajeado, no interior de Veranópolis, que possuíam pequenos caminhões e procuravam comercializar sua própria produção<sup>29</sup>. O pioneiro a realizar essa atividade foi Guerino Rigon

---

<sup>29</sup> Vale a pena recordar que a reconstrução das histórias das redes de reciprocidade e de trabalho analisadas neste capítulo e no próximo foram realizadas por meio de entrevistas semi-diretivas obtidas no ano de 2005.

e, depois disso, alguns vizinhos começaram a perceber que a atividade se desenvolvia e buscaram fazer semelhante a Rigon. No princípio vendiam apenas o que produziam em suas propriedades. Porém, percebendo que o comércio era lucrativo, deixaram de ser somente vendedores da sua própria produção agrícola e passaram a comprar produtos de agricultores locais ou em outros lugares, fazendo a distribuição onde houvesse mercados.

A partir de então, com a prosperidade do comércio dos produtos que veio a permitir acumulação de capital para reinvestir no ofício e ampliar a área de abrangência, passaram a diversificar a atividade. Sua arte se traduz em comprar em diversas regiões e centralizar a organização da distribuição em Veranópolis. Durante o desenvolvimento da atividade, os fruteiros alçaram um mercado importante, observando que a estratégia principal era distribuir certas frutas em locais que não as têm, e trazer à Veranópolis aquilo que ali não se produz.

O tipo de trabalho desenvolvido entre os fruteiros é geralmente desempenhado com o uso da força física, pois os empregados carregam e descarregam caixas de frutas, verduras e legumes dos caminhões. Além disso, a outra forma de trabalhar é na parte administrativa (geralmente feita pelo dono do depósito ou por alguém da sua família) ou como motorista do caminhão. Não há exigência de qualificação nem de educação formal para trabalhar como empregado. Uma das entrevistadas afirmou categoricamente:

A gente não tem muito pré-requisito porque [o trabalho] é braçal, entende? Então o pré-requisito que eu te diria é a vontade de trabalhar. (entrevistada n. 1).

A separação no processo de trabalho obedece ao que o dono da empresa define. Os donos – e sócios – realizam o trabalho de contatos, venda por telefone, administração de custos e gerência. Nas empresas pequenas e médias, há a participação direta na família na parte administrativa e gerencial, embora nestas também os empresários costumam fazer outros trabalhos eventualmente (dirigir e carregar os produtos). Assim, nestas empresas a divisão interna do trabalho é elementar e a família é estratégica, pois geralmente os membros desta são responsáveis pelos setores que envolvem confiança do chefe do estabelecimento. A existência de laços de parentesco, tanto na descendência (filhos) como nas alianças (casamento) podem representar diferenças no trabalho dos fruteiros, conforme um dos depoentes que declarou ficar livre da parte administrativa e burocrática desde que se casou e sua esposa veio trabalhar com ele, passando a desempenhar esta função.

São raros os fruteiros que constituem seus negócios com total divisão interna do trabalho, por exemplo, contratando pessoal especializado para administração, para controle de

caixa e para análise de mercado. Na maioria absoluta, são os donos e suas famílias que controlam estas partes da atividade. Não aparecem aqui nem a oposição de classes, como analisou Marx, nem a instauração do cálculo finalístico, da teoria weberiana. Sob este aspecto, destaca-se que este ramo de trabalho comporta relações mais próximas entre patrões e empregados, independente do tamanho da empresa, fato que é distinto nas outras redes.

Existe uma variabilidade entre as remunerações, mas os empregadores afirmaram pagar melhores vencimentos do que as empresas de calçados/artigos esportivos, sendo, portanto, acima de um salário mínimo e meio. Os empregados mais antigos chegam a ganhar quase três salários mínimos. Uma das razões para isto é que o trabalho nesta atividade é extenuante, não somente pelo uso da força, mas por que geralmente há serviço nos fins-de-semana. Os repousos e as horas extras recorrentes são negociados entre patrões e empregados, fazendo subir os rendimentos individuais.

Dois empregadores entrevistados pertencentes ao ramo dos fruteiros afirmaram que as pessoas de origem do meio rural (chamados comumente de “pessoal da colônia”), são preferíveis para ocupar postos de trabalho nas suas empresas. Eles são mais dispostos a trabalhar, declararam. Nos dois casos observados, a quase totalidade dos empregados era nascida na colônia, mas nenhum deles residia ainda lá.

Eu particularmente prefiro o pessoal da colônia, eles estão acostumados com trabalho mais pesado, então isso aqui pra eles é leve. [...] prefiro o pessoal da colônia, mas se tiver que dar emprego pra uma pessoa daqui, como a gente já deu [...] não me importaria. (entrevistada n. 1).

Este tipo de preferência demonstra a separação gradual que é feita entre as pessoas da cidade e do campo, e os filhos de agricultores são requisitados pela sua dedicação ao trabalho pesado, ao trabalho manual, embora também contratem trabalhadores de outras origens sociais. Como mostrou o estudo de Raud (1999) comparando o estado de Santa Catarina no Brasil com a Terceira Itália, a força de trabalho proveniente da agricultura desempenha um papel importante para a diversificação das economias locais, pois elas são portadoras de saberes e também abastecem os mercados de trabalhos com a mão-de-obra. Reis (1985) também observou isto em Portugal, analisando que papel tinha a agricultura familiar (que ele intitulava de pequena agricultura) para a formação dos sistemas locais de emprego. A força de trabalho originária da agricultura vem a ocupar espaços específicos no mercado de trabalho e, em Veranópolis, redes de trabalho tornam este mercado de trabalho diferenciado. Esta intensa

ligação entre a agricultura familiar e o mercado de trabalho não-agrícola será observada sobretudo nas indústrias de calçados e artigos esportivos.

No tocante a gênero e trabalho entre os fruteiros, constatou-se que geralmente são feitas contratações de trabalhadores homens e são muito poucas as mulheres que participam deste mercado de trabalho. A razão apontada nos depoimentos é a dificuldade da mão-de-obra feminina para lidar com constante uso da força física. As mulheres somente participam nos serviços de administração e gerência e, como essa parte do serviço é realizada pelos donos das empresas, elas têm o acesso se casadas ou filhas dos donos. É verdade que nesse processo elas passam a ser gerentes - tomam decisões - mas não foi encontrado caso de mulheres que abriram seu negócio neste ramo de maneira independente.

Os fruteiros fazem uma espécie de concorrência cooperada na região. A maior parte deles comercializa grande variedade de produtos, ou seja, possuem um rol diversificado de produtos. Entretanto, eles acabam se especializando em apenas um, porém sem deixar de comercializar outros. Isso se reflete nas relações de concorrência, por que há poucos comerciantes especializados no mesmo produto, fazendo com que haja cooperação entre eles. Quando um comerciante faz uma venda de fruta que não dispõe, pode comprar do vizinho para repassar a seu cliente, e eles possuem regras transparentes para esses negócios internos à rede (prazo para pagar, desconto, etc.)<sup>30</sup>.

A concorrência também é administrada em função dos itinerários que cada empreendimento realiza com suas mercadorias. Conforme depoimentos, cada fruteiro procura não fazer a mesma rota (com os seus caminhões) por onde passam os outros concorrentes de seus produtos. A idéia de uma construção social do mercado, tal como proposta por Bagnasco e Triglia (1993), se manifesta através da organização que possui o mercado regional e as regras e formas de competição. O fato de comprar do concorrente para revender é uma das maneiras para regular a competição, pois os dois ganham com isto. A organização do mercado e as indicações de venda são fundamentais para manter as relações sociais. A reciprocidade, conforme alerta Sabourin (2001, p. 47), vem a ser um modo de regulação que a sociedade realiza para sua própria organização, ela institucionaliza comportamentos sociais.

As relações entre os fruteiros adquirem uma conformação em rede, tal como Barnes (1987) e Mayer (1987) aludiram, não somente pelos recorrentes vínculos, mas também pelas suas diferenças na economia local. Alguns são aliados de fato, outros são “mais”

---

<sup>30</sup> Long e Villareal (2004, p. 7) também observam que indivíduos que se ocupam em atividades semelhantes constroem redes de dívidas e de compromissos, indicações e conhecimento mútuo. Assim, formam associação, relações de troca e de comércio internas à rede que os auxilia a lidar com seus compradores, clientes, etc.

concorrentes, dependendo do produto em que se especializam. A organização do mercado não consegue esconder as disputas comerciais, por isso as alianças amparam-se na esperança da retribuição. O que caracteriza a rede para Mayer e Barnes é que nem todos os atores sociais estabelecem contatos efetivos, embora possam e até mesmo se conheçam. Semelhante aos demais casos analisados neste capítulo, este aspecto demonstra que não formam um conjunto de ação orientado a um fim específico, sua forma de interação se desenha como uma rede, na qual a reciprocidade e a concorrência aparecem simultaneamente.

Logo, tudo parece indicar que a maneira de interpretar o seu espaço na economia local é fornecida fundamentalmente pelo papel da reciprocidade e da concorrência na cultura local. Neste sentido, Bourdieu (1996a) auxilia a pensar como a dádiva é constituída historicamente nos grupos sociais que a valorizam, e a conduta recíproca passa a alimentar um tipo de conduta social. A concorrência entre fruteiros é tributária do fato das pessoas procurarem agir semelhante a seus próximos, de valorizar aqueles que se estabeleceram como bem sucedidos em suas atividades.

Para ilustrar esta característica seria relevante examinar um caso em particular. Um dos entrevistados afirmou que trabalhou durante anos para um dos maiores depósitos de frutas de Veranópolis. Durante este período, angariou experiência, passou a conhecer os mercados, como estabelecer itinerários para os caminhões de venda, como comprar e vender os produtos. A rede, neste caso, é tipicamente articulada no mercado de trabalho, pois para chegar a esta posição dentro da empresa, ele interagiu com amigos - e “amigos de amigos”, como estudou Boyssevain (1987). Os “amigos de amigos” podem ter a função de estender a rede de relações das pessoas.

Neste processo, verifica-se que suas relações de reciprocidade dentro da empresa foram fundamentais, não somente com seus superiores como também com seus colegas. Quando percebeu que podia abrir seu negócio, articulou-se com um colega para tal feito. A rede de reciprocidade tinha possibilitado uma coalizão. Objetivando não prejudicar o do antigo empregador, procurou investir num produto que seu ex-chefe pouco comercializava (tomate), garantia tanto de lucros como da manutenção da relação social com o agora concorrente. A reprodução social e econômica também visava reproduzir suas relações sociais de proximidade, a sociabilidade (ainda que não houvesse essa certeza). A moralidade da dádiva, na acepção de Caillé, estava para o entrevistado em entender que muito do que possuía de conhecimento dos mercados tinha lhe sido destinado com relativa gratuidade por outras pessoas. Havia também o sentimento de não prejudicar aqueles que não haviam lhe prejudicado, tal como Gouldner (1977) afirmou ser uma das “normas” da reciprocidade.

Maior ainda é a importância da reciprocidade aqui, uma vez que o mesmo entrevistado afirmou que começou seu empreendimento por poder estabelecer sociedade com um amigo seu, então colega quando eram empregados do fruteiro. A associação com alguém que empreendesse esforços para que, em conjunto, pudessem sair da condição de empregados e passar a empregador foi relevante. Dessa maneira, é saliente perceber que os novos empreendimentos surgem muitas vezes partir de indivíduos que não têm expressivo capital econômico acumulado.

É nesse sentido que se advoga ao recurso da análise de redes sociais, porque o mercado de trabalho e o surgimento de novas empresas se dão por meio de vínculos pessoais. Conforme abordou-se no capítulo dois, as pesquisas desenvolvidas no âmbito da Nova Sociologia Econômica (Granovetter, Abramovay, Wanderley) explicam que o mercado de trabalho pode, muitas vezes, funcionar como uma ampla rede que conectam empregados, empregadores, desempregados e conhecidos. Estes são ligados por laços, ora fortes, ora fracos e, para o caso dos fruteiros de Veranópolis, os novos empresários tecem o fio da rede que os liga aos empreendimentos em que anteriormente eram funcionários. Há redes no sentido de relações entre empregados e empregadores cujo efeito é a formação de outros empregadores. A potencialidade da noção reside em perceber que, segundo Barnes (1987), a rede ultrapassa os limites de grupos e de categorias (classes, castas, etnias). Segundo os relatos, muitos dos fruteiros iniciaram seus empreendimentos depois de terem trabalhado anos no ramo como empregados. E esta dinâmica se vê renovar de tempos em tempos, nos discursos de empregados, como se segue um relato sobre os anseios de seus filhos:

Os que mais queriam [empreender] são os meus filhos, eles gostariam de “botar” alguma coisa própria. (entrevistado n. 2).

Repetindo-se entre os empregadores, uma entrevistada comentou que

[...] talvez um deles seja um pouquinho mais ambicioso e sonhe um pouquinho mais alto, o resto eu acho que não. Ele conhece bem o ramo e trabalha com meu marido há muitos anos. (entrevistada n. 1).

Como se observa nos relatos acima, redes de relações se expressam nas contratações do mercado de trabalho (vínculos ou indicações entre patrões, empregados e outros). Do mesmo modo, e vinculado a isto, pessoas procuram reunir sinergias para constituir novas empresas, isto é, relações de proximidade para constituição dos empreendimentos próprios. Esses empreendimentos são realizados através das alianças de parentesco entre primos,



sobrinhos e cunhados, mas também ocorrem entre amigos e vizinhos. O conceito de interconhecimento de Mendras (1978) – conhecimento longo e profundo que os camponeses mantêm entre si – é alargado para perceber relações sociais entre atores sociais não camponeses. Wolf (2003b) desenvolve a idéia, complementar a Mendras, de que nas sociedades complexas as estruturas informais, paralelas às burocráticas, podem ser tão centrais que estas alianças entre parentes, compadres e amigos se tornam o fundamento que possibilita as empresas. Portanto, acontece uma combinação de confiança nas relações de parentesco ou proximidade e dádiva mútua entre sócios - contribuições em forma de capital, trabalho e conhecimento para iniciar e manter a empresa.

Além das relações de reciprocidade e das redes sociais, outros fatores são importantes para iniciar os negócios, o capital econômico e o conhecimento do ramo. Mesmo que os recursos materiais sejam indispensáveis, eles não explicam por si só a constituição das empresas. Tal como visto acima, a reciprocidade pode desencadear relações entre pessoas que procuram reunir recursos e juntar capitais para o investimento, ou entrar na sociedade com fornecimento de trabalho. Quando ele não é disponível nessa relação, nem em outra relação de proximidade (parentes)<sup>31</sup>, há a opção do financiamento via instituição de crédito. Segundo relatos, muitos investem nos seus negócios também a partir do dinheiro que é poupado quando empregados, ou seja, há um mecanismo na conduta e na racionalidade dos atores sociais que assegura, quando são empregados, poupar parcelas de dinheiro. Após serem dispensados, geralmente ganham um montante. Então a sociedade empresarial formada com um ou mais indivíduos é propiciada pela centralização de recursos econômicos, garantindo o investimento inicial.

Contudo, parece claro que mesmo importante, o capital econômico não poderia explicar por que os novos empresários não investem em diversos ramos da economia (indústria, serviços, etc). Ora, o conhecimento do setor de atividade é absolutamente fundamental para iniciar seus projetos. Em razão disto, os ex-empregados de depósitos de frutas investem no mesmo ramo. Novamente, as redes de reciprocidade e de trabalho exercem efeito expressivo, visto que, se os novos empreendedores nunca tivessem feito parte das, pelas quais obtiveram o emprego, jamais teriam a experiência que lhes é demandada para ser empresário do ramo. Neste caso, o trabalho como operário proporciona a “acumulação” de saber que se torna basilar para orientar os investimentos:

---

<sup>31</sup> Um informante afirmou que não é raro obter dinheiro emprestado através de relações de proximidade - com parentes - antes de recorrer a bancos ou outras instituições de crédito.

Eu conhecia bem o ramo, trabalhei durante anos, e meu sócio conhecia bem como vender o produto, o tomate. (entrevistado n. 3).

No tocante às articulações dos agricultores familiares com esta rede social, se percebeu que no interior do setor dos fruteiros o número de trabalhadores que ainda vivem no meio rural não é significativo comparado ao total de trabalhadores do setor. Os empregadores costumam contratar as pessoas que residem na cidade, apesar dos depoimentos manifestarem a preferência pelos primeiros. Uma das razões para isso é que eles teriam que arcar com os custos de transportes. Entretanto, se o ponto de vista for do conjunto da população rural, os empregos nos depósitos de frutas são importantes, também pelo fato de que alguns dos fruteiros localizam seus negócios no meio rural. Nesse caso, as contratações são feitas, muitas vezes, na vizinhança, em locais que os agricultores familiares têm acesso mais fácil, fazendo surgir a combinação de ocupações agrícolas e não-agrícolas, a pluriatividade.

De fato, o curioso é que essa é a rede em que os empreendedores mais apresentam ligações com o meio rural e com a agricultura. Devido ao fato de ser uma atividade originária da agricultura, muitos mantêm as propriedades rurais que eram dos seus pais. Parte ainda mora no meio rural e possui plantações ou criações, seja para venda seja para consumo próprio, porém a produção que realizam representa muito pouco do volume de produtos comercializados. O interessante é perceber como a agricultura familiar se vincula na rede de trabalho, com o fornecimento de mão-de-obra dos que ainda moram nas propriedades ou através daqueles que já abandonaram o rural. Além disso, conforme enfatizado por Schneider (2004), as formas de reprodução social da agricultura familiar são fortemente influenciadas pelas dinâmicas territoriais com as quais ela se articula. Em Veranópolis, ela se vincula aos fruteiros não somente através do trabalho, mas também do mercado de produtos. Os fruteiros compram e escoam a produção de frutas, hortaliças, verduras e legumes, portanto não se pode desprezar que a própria atividade dos comerciantes de frutas tenha influenciado no tipo de produto que os agricultores comercializam, visto que é em parte através deles que se realiza a venda dos produtos de origem agropecuária.

A peculiaridade dos fruteiros é que a rede inclui os atores sociais num círculo de relações que os prepara para serem comerciantes. Por isso as informações sobre os mercados, as interações pessoais, o conhecimento dos preços e dos bons e maus pagadores são essenciais para o sucesso. Num primeiro aspecto, a reciprocidade se manifesta no mercado de trabalho no qual a proximidade, o interconhecimento e as indicações por meio dos laços de amizade são os suportes para acessar as ocupações, da forma que sugeriu Wanderley (2002). Do

mesmo modo, no interior dos depósitos, é fundamental estabelecer relações adequadas para ser considerado um bom empregado - além de fiel e, às vezes, submisso, semelhante ao que Wolf (2003b) afirmou sobre as relações patrono-cliente. Num segundo ponto de vista, a reciprocidade aparece também entre os empreendimentos de fruteiros, pois entre eles se faz necessário construir relações de cooperação, mesmo tendo que administrar a concorrência. A construção do mercado ocorre na mesma medida em que a rede de relações é constituída, visto que as informações sobre melhores rotas, clientes e fornecedores se tornam centrais para que ela se estabeleça.

#### 4.2. MICROFUSÕES

A indústria de microfusão<sup>32</sup> de aços iniciou de forma bastante peculiar em Veranópolis. Sua origem é na fábrica de armas que João Boito desenvolvera junto com os filhos desde as décadas de 1920 e 30. Boito tinha uma residência em Vila Azul, distrito de Veranópolis, local por onde passava a estrada que ligava Bento Gonçalves aos municípios do nordeste do estado. Ele desenvolvia muitas atividades junto à família, além de ser agricultor, fazia o conserto de rodas de carretas que por ali transitavam, hospedava e oferecia refeições a viajantes da rota Bento Gonçalves – Passo Fundo. De modo geral, Boito e sua família representam bem as características que Bagnasco e Triglia (1993, p. 64) conferem aos grupos de agricultores de características camponesas, o saber-fazer artesanal específico e polivalente constitui um aspecto da flexibilidade da força de trabalho rural.

De acordo com relatos, os colonos enfrentavam animais perigosos nas matas e, João Boito, que também gostava da prática da caça, começou a fabricar armas de fogo de maneira rudimentar. Utilizando tornos simples e força animal, eles faziam armas com materiais que encontravam, até mesmo com cabos usados de guarda-chuvas, arames e etc. O trabalho era realizado em família, mas também havia relações de reciprocidade entre os vizinhos que garantiam o funcionamento da oficina, segundo o relato:

Pelo o que eu sei é que na época também havia carência de mão-de-obra de ferreiros. Então ele buscava com a família Barbieri, uma troca. O sr. Barbieri ia na oficina do avô pra ajudá-lo da fabricação da arma e ele colocava a sua filha mais velha na lavoura no lugar do seu Barbieri para trabalhar. E depois, se associou também à família Dal’Agnol. (entrevistada n. 9).

---

<sup>32</sup> Microfusão é a de fusão de aços cujo processo tem por objetivo projetar e moldar peças que necessitam perfeição nos detalhes e ligas de metais diversos.

Manifestação típica de atitudes recíprocas do modo de vida dos agricultores como Sabourin (1999, 2003) tem estudado no Brasil, as famílias se ajudavam e se associavam, trocando força de trabalho para que se desenvolvesse a economia e fosse garantida a reprodução social. Em função disto que no início da atividade foram fundamentais as trocas e doações que os grupos domésticos praticavam entre si. Através destas práticas, possibilitou-se ampliar a oficina a partir das relações de reciprocidade na comunidade rural. Não se sabe até que ponto estas trocas eram com maior ou menor espontaneidade. Há, nos variados, discursos manifestações de reciprocidade como pura generosidade, mas é importante observar que as algumas famílias podiam estar em dívidas – financeiras ou morais - com outras.

A partir de 1947, E. R. Amantino, um empreiteiro que trabalhava na construção da ferrovia próxima ao rio das Antas, precisou de uma peça de ferro que deveria ser importada. Avisaram-lhe, então, que procurasse João Boito e, Amantino, com cautela, decidiu lhe encomendar a peça, que foi feita por um filho de João Boito.

Encantado com a perfeição da peça feita em torno, o sr. Amantino ofereceu incrementar a produção de armas associando-se aos filhos de Boito (entrevistada n. 9).

O novo sócio, na realidade, acabaria comprando a maior parte da empresa. Assim, em 1955 fundaram a E. R. Amantino & Boito Cia Ltda. que passava a contar com o capital e maquinário para produção de armas em série. Com o passar do tempo, a indústria de armas cresceu e a produção aumentou expressivamente.

A partir da produção em série e vendas ininterruptas, o uso de tecnologias era assaz necessário, por exemplo, na utilização de aço microfundido. Durante o crescimento da empresa, incomodava aos donos e sócios da empresa necessitar encomendar de São Paulo a produção de peças para as suas armas. Foi assim que em 1977, a empresa constituiu uma outra unidade no município para microfundir aços somente para as armas, unidade que passou a se chamar de MicroVera.

Sabendo que de São Paulo para Veranópolis era muito difícil transportar e de atender as necessidades momentâneas e instantâneas que a empresa precisava, trouxe-se um técnico de São Paulo e montou-se a microfusão em Veranópolis. (entrevistado n. 10).

Com o passar dos anos, houve uma diversificação do portfólio de produtos e a indústria começou a vender para outras empresas, comercializando peças e partes de peças (conectores, junções, etc.). Uma das razões para deixar de apenas abastecer sua própria fabricação de armas foram as demandas de mercado e a concorrência.

Durante a pesquisa de campo no ano de 2005, constatou-se que existem cinco empresas de microfusão, todas elas consideradas de médio a grande porte, e outras tantas iniciativas de pequenos empreendimentos que realizam trabalhos para estas empresas maiores. Elas terceirizam partes do processo de fabricação industrial, tal como é o caso das matrizarias (oficinas e fábricas produtoras de matrizes<sup>33</sup> para fundição de peças) e dos fornecedores de máquinas.

Na análise desta rede, constatou-se que trabalho realizado neste ramo é o tipicamente industrial, com a característica divisão no interior da indústria. As fábricas comportam diversos setores, excetuando-se as oficinas menores, os torneiros e as matrizarias. Em alguns destes setores, o tipo de trabalho necessita o uso de força física ou a capacidade de suportar altas temperaturas dos fornos de fundição de aços.

A divisão das tarefas é proeminente, se comparados aos fruteiros. Neste setor, há a administração e gerências específicas e, mesmo nas fábricas que empregam muitos membros de uma mesma família – sobretudo quando uma família é sócia majoritária ou dona do empreendimento – há clara separação de tarefas e preparação condizente com o cargo administrativo ou de chefia.

A exigência de qualificação para os trabalhadores das linhas de montagem e produção é relativa, pois os informantes relataram que o processo de aprendizagem é endógeno. Um dos motivos apontados para isso é a existência precária de instituições de ensino para as atividades da microfusão, sendo algumas destas bastante específicas. O fundamental é que os recém empregados são alocados em setores nos quais há pouca exigência de preparação técnica e, dependendo dos avanços que fizer, passará para outros setores nos quais se exigem mais responsabilidade e competência.

Neste sentido, a qualificação é necessária para o trabalhador evoluir no interior da empresa, o que pode ser restrito. Apesar do conhecimento adquirido, a força dos vínculos de amizade, parentesco e proximidade vêm a ser uma forma de acessar estes meios com mais facilidade. Dessa maneira, para aqueles que ascendem profissionalmente, há certa propensão em desempenhar mais disposição para colaboração do que concorrer.

---

<sup>33</sup> Matrizes são as peças únicas utilizadas na fabricação das em série. As empresas de microfusão encomendam as matrizes, que são feitas em aço e em cera pelas matrizarias.

Ainda a respeito da qualificação da mão-de-obra, as empresas cresceram expressivamente e tiveram que se adaptar e contratar a mão-de-obra disponível na região. Acaba sendo tarefa delas preparar o empregado<sup>34</sup>. Por conseguinte, se, de um lado, a microfusão não exige escolaridade ou qualificação específica para ser admitido na fábrica (o funcionário irá galgar postos gradualmente, conforme seu aprendizado interno), de outro, ele pode sair da empresa com uma profissão. Isso cria um diferencial de experiência deste funcionário, caso ele venha a ser dispensado de seu emprego.

Comparada às outras redes de trabalho, a microfusão pode ser considerada a que mais aplica tecnologia avançada nas diferentes etapas do trabalho. Isso se verifica no próprio processo de fundição, como nos projetos de peças, desenhos, uso dos fornos, testes de qualidades de produtos e etc. Com efeito, os trabalhadores também devem aprender a lidar com a tecnologia durante o trabalho. Essas características do trabalho que implica maior envolvimento (às vezes, risco de acidentes graves), aprendizado e qualificação ao longo do tempo fazem esta rede de trabalho se caracterizar pelos salários mais elevados, dentre as três analisadas neste capítulo. Em razão disto, muitos procuram estas oportunidades de trabalho, porém nem todos têm condições de serem admitidos.

Esse fator tem por consequência que o mercado de trabalho nas microfusões é relativamente disputado. Desse modo, como as empresas contratam aquele trabalhador que mais se adapta ao posto de trabalho, não há preferência por trabalhadores da região ou de fora. Alguns operários qualificados têm vindo de outras cidades, e até mesmo de outros estados da federação, principalmente os que já possuíam experiência em empresas do mesmo ramo. De acordo com um entrevistado,

[...] poderia te citar, quatro ou cinco anos atrás, eram pessoas de Veranópolis, praticamente só pessoas de Veranópolis. Hoje, a gente já tem pessoas da Bahia, que trabalham aqui conosco; tem pessoas de Santo Cristo, pessoas de todos os lugares do Rio Grande do Sul, de outras comunidades, porque há um grande número de empresas em Veranópolis. (entrevistado n. 10).

Acerca dos aspectos ligados às relações de gênero no trabalho, conforme observado durante a pesquisa de campo, existem setores das fábricas onde atuam mais as mulheres, outros atuam mais homens. As mulheres são encarregadas dos trabalhos que necessitam mais detalhes e atenção, como nas pinturas, acabamentos e certos tipos de moldagem. Os homens

---

<sup>34</sup> Isto não significa, no entanto, que um trabalhador a procura de emprego que possua no seu currículo um curso técnico na área industrial não tenha mais chances comparado aos que não possuem qualquer qualificação.

são hegemônicos nos fornos de alta temperatura, ou nas atividades que requerem uso da força física, transporte de peças, carga e descarga. Mesmo assim, há mais homens ocupando postos de trabalho industrial nestas empresas, enquanto nos setores administrativos, atendimento e vendas, não há diferenças expressivas.

Uma das características que conforma a rede de trabalho da microfusão é que ela iniciou de uma única indústria. A partir da MicroVera, que começou suas atividades em 1977, muitos operários obtiveram larga experiência no processo de produção e, alguns destes, decidiram abandonar a condição de empregado para empreender negócio próprio no setor, passando a fazer concorrência aos antigos patrões.

A microfusão de Veranópolis é a “mãe” de todas as microfusões do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Todos os funcionários trabalharam ou saíram de dentro da MicroVera e montaram as suas empresas. (entrevistado n. 10).

Esse é um dos resultados do interconhecimento: o aprendizado é coletivo e o saber-fazer se difunde rapidamente. A reciprocidade, no caso analisado, se processa a partir da participação dos indivíduos nas esferas de aprendizado, no interior da indústria. Para conhecer o *modus operandi*, é preciso “pertencer à rede”, assim ele obtém conhecimento suficiente depois de alguns anos de experiência e do saber que lhe é transmitido.

Entretanto, emergem formas de competição e, da mesma forma como ocorre entre os fruteiros, a concorrência é “diluída” em virtude das oportunidades do mercado nacional e do alto grau de diversificação de cada empresa, que tendem a se especializarem num tipo de produto. O que não fica absolutamente excluído da possibilidade de julgamento negativo acerca da conduta dos ex-empregados que abriram suas empresas:

Os que saíram daqui foram talvez os que colocaram uma microempresa, não sei se são dois ou três rapazes, eram jovens. Tinham vontade, tinham aquela ânsia de crescer e eles estão bem [...] Mas no geral, esses que estão aqui, esses antigos, todos vivem disso. (entrevistada n. 9).

Portanto, apesar do controle das condutas sociais, a rede de contratações no mercado de trabalho possibilitou que parte dos empregados adquirisse conhecimento do ofício e pudesse, de acordo com os anseios de cada um, iniciar suas próprias empresas, assim que recursos estivessem disponíveis. Fala-se em ‘rede de contratações’ por que muitas delas eram (e ainda são) feitas através de indicações de pessoas conhecidas ou de parentes. A rede do trabalho se estende para além dos empregados, incluindo os que procuram empregos e

também os que não procuram (atuam apenas como fontes de informação), oferecendo uma clara configuração de 'rede', tal qual aparece nos trabalhos de Barnes (1987) e de Mayer (1987). Neste aspecto, as amizades, as relações de reciprocidade e as indicações por meio do grupo parental se constituem muito importantes, porque são formas seguras de conseguir a ocupação. Além disto, verificam-se as “estruturas informais paralelas às burocráticas” mencionadas por Wolf (2003b), que revelam a maneira de contratar operários, segundo o depoimento.

O que fazíamos anteriormente era buscar familiares, parentes, amigos, conhecidos [para trabalhar]. Hoje o que a gente faz? Nós buscamos familiares, parentes, amigos e conhecidos. São indicações. (entrevistado n. 10).

Além das contratações, as relações de proximidade se constituem como recursos para novas empresas. Algumas das grandes empresas de microfusão iniciaram desta forma em Veranópolis, com sócios que possuíam laços de amizade, conhecimento do ofício e algum capital para comprar o mínimo de máquinas e outros materiais necessários. Em dois destes empreendimentos, os sócios começaram com apenas um torno mecânico e cresceram gradualmente.

Além de ter sido condição para parte das médias ou grandes empresas, isso se manifesta nas pequenas igualmente. Vale a pena destacar, novamente, um caso particular. Um dos entrevistados declarou que sua firma de matrizarias se concretizou com a iniciativa dele e de dois parentes. Um dos sócios tinha conhecimento de quase dez anos de experiência além de cursos na área industrial, e os outros sócios entraram com capital de giro, benfeitorias (espaço de trabalho) e força de trabalho. O entrevistado relatou que seu parente “*deu* uma força para o início da atividade”. Essa expressão é muito significativa, pois o *dar* adquire um sentido de dádiva, que precisa ser retribuída pelo trabalho e pelo saber técnico do entrevistado. Para Mauss (1974), aceitar e retribuir eram partes constitutivas fundamentais do sistema de reciprocidade. No entanto, o “*dar*” também parece implicar certa gratuidade no ato, tal qual postulou Caillé (1998a), pois seu parente não tinha qualquer obrigação com ele. Ainda que esteja em questão se este seria um caso particular de dádiva no interior do grupo familiar, pode-se afirmar que as ‘liberdades e obrigações’ da reciprocidade se processaram por meio do parentesco.

Mais adiante, o mesmo depoente relatou que sua empresa entrou no mercado especificamente para a produção de matrizes para as indústrias maiores. As redes operam na



ampliação das ofertas de peças e na especialização da produção local também. Nas empresas maiores e já constituídas, assim que surge a possibilidade de subdividir a produção e terceirizar, possivelmente elas fomentarão que alguém se lance no mercado a fim de suprir esta demanda. Seguramente, esse fenômeno às auxilia a diminuir custos com pessoal e com encargos sociais (tributos e taxas).

Dentre os empregados, suprir esta demanda é facultado àqueles que estão informados sobre o mercado, conhecem o processo e têm condições econômicas. Exatamente neste sentido, os que conseguem abrir suas empresas têm condições por que pertencem à rede - são informados, têm conhecimento e experiência e têm alguma relação de proximidade e reciprocidade (redundando em confiança) com alguém que possa vir a ser seu sócio. Em alguns casos, os próprios empregados propuseram aos empregadores a possibilidade de realizar o serviço que, até então, não era terceirizado. Na intenção de ter sua autonomia, ou seja, não depender mais do salário, e de auferir ganhos mais significativos, eles ajudaram a especializar o ramo industrial, possivelmente diminuir custos nos empreendimentos em que trabalhavam e a criar novas empresas na região.

Por todas estas razões, as redes têm um potencial de efeito multiplicador para os novos empreendimentos e, conseqüentemente, novas contratações e assim por diante. Isso é possível por que através das redes acontecem contratações, os empregados adquirem conhecimento, ao longo do tempo poupam o dinheiro ganho e utilizam seus laços de sociabilidade para concentrar e centralizar recursos. Em razão disto, Scherer-Warren (2005) afirma que os estudos dos antropólogos britânicos já nos anos sessenta descobriram que as redes do cotidiano dos atores sociais eram as mesmas redes políticas, acessadas e transformadas em prol de uma ação coletiva específica. Em Veranópolis, as relações de cooperação demonstram um fenômeno semelhante, pois a reciprocidade é canalizada como recurso socialmente disponível no território cuja finalidade precípua é a inserção econômica.

Apesar destas possibilidades existirem e se manifestarem expressivamente em Veranópolis, não são todos os que adquirem recursos materiais e sociais para tal feito. Uma ampla maioria permanece no “chão de fábrica”, apenas assistindo aos casos de sucesso. Pelo menos em parte, os conflitos sociais locais se dão por um confronto entre lógicas distintas, isto é, entre os que almejam ascender socialmente, tal como os casos de empreendedores de sucesso, e os que gostariam de também realizar, mas não aceitam a submissão, a fidelidade à empresa e o trabalho extenuante. Há uma coincidência que os primeiros são geralmente oriundos de Veranópolis e arredores, enquanto que entre os últimos há muitos procedentes de outras regiões, aspecto que será avançado mais adiante.

Conforme já demonstrado, no caso das microfusões, o trabalho industrial requer que os operários sejam treinados durante tempos. Assim, há diferenças entre os fruteiros, cujo conhecimento não é voltado para processos produtivos, tecnologias e operações. Por virtude disto, na empresa mais antiga do setor, é comum encontrar funcionários com mais de 20 ou 30 anos de dedicação a ela. Os próprios trabalhadores corroboram o que os chefes declararam, a possibilidade de galgar postos de trabalho mais elevados dentro da empresa, depois de anos de experiência.

De repente surge a oportunidade como a do meu chefe de seção. Primeiro ele era funcionário que nem eu e apareceu a oportunidade pra ele. Até um parente meu que trabalha aqui e chegou depois de mim, [...] ele já está como chefe da seção [...]. Fui eu quem o trouxe. (entrevistado n. 12).

O depoimento acima evidencia que a experiência adquirida resulta em conhecimento, que o empregado poderá utilizar como lhe convier – ficando ou saindo da fábrica. Há ainda a manifestação de indicação de um parente seu para o trabalho, isto é, a rede se constitui entre vários conhecidos, desde os cargos de chefia indicando seus familiares, como na parte operativa-industrial.

O ramo também se diferencia do anterior por necessitar de mais capital econômico para o investimento inicial. Um dos entrevistados indicou que as máquinas são muito caras, mesmo aquelas não tão complexas e modernas. Dependendo do caso, isto não se constitui grande problema, visto que muitas famílias de Veranópolis têm capital acumulado durante anos de atividade, tanto na agricultura (desde muitas décadas atrás) como no comércio ou mesmo na indústria. Algumas das empresas de microfusão ou as matrizarias iniciam com a importante contribuição de um montante de capital econômico, mas isso não significa que ele seja expressivo em todos os casos. De acordo com o exposto acima, conhecimento da atividade e dos mercados, bem como a associação de recursos realizada por sócios pode ser determinante, como é o caso de duas (hoje grandes) empresas, que iniciaram com recursos bastante limitados.

No que diz respeito aos agricultores familiares e sua inserção nesta rede, dentre os depoimentos obtidos se verificou que não é significativa a participação deste grupo social, ou familiares destes, entre o total de trabalhadores. Nenhum relato de chefes ou encarregados de administração revelou preferência por trabalhador desta origem social, diferente do que ocorrera entre os fruteiros. A maioria dos trabalhadores desta rede reside na cidade de Veranópolis, e muitos são provenientes de fora do município. Ocorre que os postos de

trabalho destas empresas são visados por muitos trabalhadores (em razão dos salários), e ser indicado ou possuir alguma qualificação pode ser decisivo para obter o emprego.

Chama a atenção que a reciprocidade no ramo da microfusão adquire uma forma específica. Aqueles que possuem o saber técnico são capazes de transmiti-lo para os novatos na medida em que estes trabalham nas indústrias. Isso é o que lhes permite angariar conhecimento e ascender profissionalmente dentro da empresa. Por esta razão, podem investir em negócios próprios quando obtiverem recursos suficientes, que é conseguido pelas relações de proximidade. Este é o efeito multiplicador na economia local e, via condutas de reciprocidade, a rede conecta pessoas ao mercado de trabalho (que na realidade é uma rede de laços sociais, inclusive de trabalho) e empresas do mesmo ramo.

#### 4.3. INDÚSTRIAS DE CALÇADOS E ARTIGOS ESPORTIVOS

As origens do ramo de produção industrial de calçados e artigos esportivos em Veranópolis são bastante antigas. Em seu livro sobre a história do município, Farina (1992, p. 184) relata que, já no ano de 1926, Gerônimo Todeschini fabricava artigos de couro - principalmente selarias. Três anos mais tarde, Benvenuto Dal Ponte passou a lhe ajudar. Os dois tornaram-se sócios no ano de 1939 comprando um terreno, localizado na comunidade Monte Bérico. Naquela época, construíram uma benfeitoria que foi destinada a ser o local da fabricação dos diversos produtos oriundos da transformação do couro. Farina narra que um determinado dia, os irmãos Maristas da região levaram uma bola estragada para o que o sr. Dal Ponte a consertasse. Meio a contragosto, o artífice aceita realizar tal conserto. Depois de tal feito, decide começar a produzir algumas bolas para vender.

Com o passar do tempo, o negócio passa a gerar algum lucro e deixa os donos do estabelecimento atraídos a incrementar a produção. Tanto foi que em 1967, a produção é ampliada e a boa aceitação das bolas faz cessar a produção de chinelos e montaria da fábrica, fazendo-a especializar-se na área esportiva (FARINA, 1992, p. 184). A empresa, já com a denominação de Dal Ponte (pois o sr. Todeschini morreu em 1954), amplia sua inserção em mercados no Brasil e no exterior. Em 1968, já tinha 80 funcionários e em 1973 vendia para treze países, conforme Farina (1992, p. 185).

Entretanto, em meados dos anos setenta, o empreendimento começa a apresentar certos problemas financeiros. No ano de 1977, instalou-se no município a empresa paulista São Paulo Alpargatas que, sabendo do momento de dificuldades da Dal Ponte, apresenta

interesse em comprá-la (SCHNEIDER, 2002, p. 77). Conforme relatos, a venda acontece e os donos da antiga Dal Ponte (a geração dos filhos do Sr. Benvenuti) permaneceram na Alpargatas como gerentes durante alguns anos. Contudo, insatisfeitos com a condição, resolveram revitalizar a sua própria empresa novamente. Reiniciaram a antiga Dal Ponte no princípio dos anos oitenta, voltando a produzir artigos esportivos e calçados, enquanto a Alpargatas também manteve sua unidade no município.

Dessa forma, no processo histórico relativamente recente, duas grandes fábricas de calçados e artigos esportivos passaram a atuar em Veranópolis. Desde o princípio dos anos oitenta, elas se tornaram concorrentes no município, inclusive para empregar força de trabalho local, pois é expressiva a quantidade de contratações – 1.300 na Alpargatas e cerca de 500 na Dal Ponte. Porém, o efeito no mercado de trabalho é mais significativo se forem contabilizados os trabalhadores que atuam nas “empresas-satélites” (terceirização).

Comparando-se ao anterior, o esquema de terceirização da produção é uma característica muito mais importante neste ramo. Segundo Schneider (2002, p. 77), foi nos anos noventa que o sistema de subcontratação se ampliou, o que proporcionou o surgimento de outras empresas de artigos esportivos no local (fábricas cujo tamanho varia de pequeno a médio).

As operações de subcontratação é o que liga empresas grandes, médias e pequenas, fazendo surgir um sistema de terceirização que funciona como uma rede. As grandes fábricas buscam direcionar partes do processo produtivo para as pequenas, tal como a costura, a pintura, o bordado, etc. Portanto, por envolver necessariamente a cooperação e a confiança entre os empreendimentos (na figura de pessoas chave, como gerentes), a subcontratação também se inscreve nos princípios de reciprocidade tal qual as outras redes. Em virtude de que as redes se apóiam nestes valores, disso resulta que os mercados são como estruturas socialmente construídas.

Atualmente, há cerca de doze empresas de calçados e artigos esportivos (principalmente bolas) no município de Veranópolis. É um ramo extremamente dinâmico da economia e, além das grandes e médias fábricas, há ainda as pequenas indústrias e os *ateliers* que realizam grande parte do processo de produção de bolas e calçados como contratadas. Dependendo do caso, elas são encarregadas de fazer bordados, solados, impressão de alta frequência<sup>35</sup>, serigrafia, estampas ou pinturas.

---

<sup>35</sup> Alta-frequência é um tipo de impressão de marcas feitas através do uso do calor e de matrizes específicas.

O número expressivo de indústrias tem impactos relevantes no mercado de trabalho e na geração de divisas. Conforme um dos entrevistados, que é gerente numa das grandes empresas, os empregos na fábrica somados às terceirizações chegam a concretizar entre quatro ou cinco mil postos de trabalho, envolvendo trabalhadores residentes nas áreas urbanas e rurais dos municípios de Veranópolis, Vila Flores, Cotiporã, Fagundes Varela, Protásio Alves. Desse modo, esta rede exerce um efeito no território, pois as fábricas precisam ir além dos limites do município para obter força de trabalho.

Quanto ao trabalho exercido, as fábricas possuem setores específicos, tais como montagem, corte, preparação dos solados, etc, ou seja, a organização obedece aos sistemas clássicos de divisão do trabalho. Na maior parte dos setores, o trabalho desempenhado pelos operários é repetitivo, independente de utilizarem máquinas ou de realizarem o ofício manualmente.

Apesar do uso de tecnologias para pintura, montagem e impressão das marcas de alta-frequência, a força de trabalho continua sendo um importante fator na produção, isto é, a mão-de-obra é intensiva no processo de fabricação. Por isto é que as empresas pertencentes a esta rede de trabalho estão dentre as maiores contratadoras de mão-de-obra da região. Segundo o depoimento:

O trabalho tem também a ver com tecnologia, mas não é preponderante. Preponderante é que o calçado ainda absorve mão-de-obra intensiva. Todos os processos, praticamente 100% deles, dependem de uma boa qualidade manufatureira. (entrevistado n. 4).

Quanto à qualificação dos trabalhadores, não há um treinamento exaustivo e formativo para as ocupações, bastando algum tempo de experiência dentro da fábrica. Mesmo assim, o trabalhador necessita envolvimento e atenção aos afazeres que desenvolve, visto que lida com máquinas, tipos específicos de colagens e montagens que estão sujeitas a falhas e a erros, se houver pouco cuidado na operação. No aspecto relativo à escolaridade dos trabalhadores, existe uma variação significativa a respeito, pois as maiores empresas exigem Ensino Fundamental e estão já a caminho de exigir Ensino Básico completo (antigo 2º grau). Já as empresas menores, menos criteriosas, precisam contratar os trabalhadores que se dispõem ao emprego.

Pelo seu tamanho e o tipo de atividade ser intensivo no uso de força de trabalho, as empresas de calçados e bolas acabaram atraindo não apenas a mão-de-obra local e regional, como migrantes de outras regiões do Rio Grande do Sul, semelhante ao estudado por Schneider (1999) para as empresas de calçados do vale dos Sinos. Em razão do trabalho ser

repetitivo e as qualificações não serem requisitos, os salários acabam sendo os mais baixos comparando-se às duas redes anteriormente analisadas. Muitos migrantes que se empregam na condição de proletários, trabalham por um período e abandonam o emprego, por não estarem de acordo com o nível de remuneração. Por este motivo que muitos dos operários, tanto os locais como os que vêm de fora, não se sentem atraídos por trabalhar nas fábricas de calçado/artigos esportivos. A diferença é que para os primeiros essa ocupação pode ser uma fase da carreira, uma experiência ou uma maneira de ser indicado a outro emprego, enquanto os últimos não pertencem às extensas redes de sociabilidade e, para eles é mais inoportuno se submeter a estes mecanismos locais de controle. Este é um dos fatores que inibe a sociabilidade entre ambos.

Somadas estas razões, a rede de trabalho destas empresas é a que tem mais dificuldade de contratação de mão-de-obra (principalmente masculina). Não é sem motivo que as maiores indústrias sentem-se compelidas a buscar mão-de-obra potencial em outras cidades da região, principalmente nas áreas rurais de municípios como Vila Flores, Fagundes Varela e Protásio Alves, inclusive colocando, à disposição dos operários, ônibus que fazem o transporte de ida e de volta deles. Neste sentido, não há falta de força de trabalho estrito senso em Veranópolis, mas acontece que as empresas pagam baixos salários como estratégia de expansão e, para concorrer, oferecem empregos em municípios menos industrializados.

As fábricas necessitam tanto da mão-de-obra masculina como da feminina. De maneira similar à rede das microfusões, os homens são requisitados em atividades mais dispendiosas de esforço físico e as mulheres são encaminhadas para o processo de trabalho que envolve maior delicadeza e sensibilidade com o produto. Conforme depoimentos, a mão-de-obra feminina é demandada por que os produtos enfrentam concorrência no mercado e a fabricação dele deve ser impecável, perfeita nos detalhes. Mas é a mão-de-obra masculina a mais problemática para os empregadores, ilustrado pelo depoimento:

E aí está o nosso grande problema na região. Exatamente. Porque a maioria da mão-de-obra masculina está empregada em outras empresas, em transporte, depósito de frutas, etc. É a nossa grande dificuldade. Nossa grande parte de mão-de-obra masculina vem de fora. (entrevistado n. 4).

A dificuldade não é explicada somente pela estrutura econômica local, mas ocorre porque as empresas de calçados e artigos esportivos concorrem com outros fabricantes nacionais, localizados em regiões onde o trabalhador é mal remunerado. Conseqüentemente, estas indústrias concorrentes conseguem vender produtos a preços mais baixos. Em

Veranópolis isto se torna problemático para as fábricas ali localizadas, pois não podem baixar o salário em demasia nem aumentá-lo para equiparar aos outros setores de atividade local. Isto acarreta que, de um lado, as empresas perdem por não conseguir trabalhadores e, de outro, perdem por não conseguir competir no mercado.

Esse fenômeno tem por conseqüência que o tipo de trabalhador que se insere neste mercado de trabalho é, muitas vezes, aquele que não teria condições de outro emprego. Verifica-se uma hierarquia social que se traduz em oportunidades diferenciadas de emprego e ocupação. Dentre os fruteiros e nas microfusões há maior seletividade nas contratações, porém, nas empresas de calçado e bolas é mais simples, visto que o trabalho é repetitivo e exige quase nenhum requisito. Em Veranópolis, gerou-se uma economia cujo mercado de trabalho é diferenciado.

Entretanto, é no esquema de rede de subcontratação e terceirização que as indústrias de calçados e artigos esportivos promovem a superação da dicotomia rural x urbano e agrícola x não-agrícola e estimulam o aparecimento da pluriatividade. Sob este prisma, a pluriatividade deve ser entendida como a projeção efetiva desta rede. Além do mais, uma vez que as grandes empresas realizam viagens diárias do meio rural ao urbano levando e buscando trabalhadores, eles atuam não somente nos pequenos ofícios subcontratados nem apenas nos *ateliers* de calçados. Nesta rede, os membros das famílias agricultoras têm expressiva presença em Veranópolis e nos municípios arredores. Combinando ocupações eles resolvem problemas de excesso de mão-de-obra na propriedade e auferem ganhos exteriores à atividade agrícola. Como não deixam de residir no meio rural, onde o custo de vida é mais barato e suas próprias famílias fornecem os alimentos produzidos, os salários nas fábricas de calçados são ainda razoáveis. São, todavia, realmente vantajosos para as fábricas.

Dentre os empregados, os membros das famílias de agricultores (como filhos e esposas) são valorizados por serem dedicados e submissos ao trabalho e à hierarquia, e por terem seriedade quanto ao emprego. É também com este significado que a reciprocidade entre empregados e empregadores se manifesta. Ao dar confiança e estímulo ao operário agricultor, a empresa recebe dedicação no ofício e qualidade no resultado final da mercadoria a ser colocada nos circuitos de compra e venda.

Parte dos agricultores familiares ocupados na confecção de calçados e bolas realiza seu ofício em *ateliers* de trabalho localizados no meio rural, já mencionados, ou no próprio domicílio. Nestes espaços, é mais comum que os trabalhadores realizem a costura do couro, que pode ser de bolas ou calçados. Fenômeno já analisado por Schneider (1999) no pólo de produção de calçados na região de Novo Hamburgo, em Veranópolis ele funciona da seguinte

maneira. A empresa contrata uma pessoa da família - uma mulher, na maior parte dos casos - para fazer costura em seu próprio domicílio, mas como há volume de produção a ser entregue pela pessoa à fábrica, a produtividade da trabalhadora contratada deve ser alta. Então, outros membros da família acabam ajudando, mas oficialmente as empresas só realizam o contrato de trabalho através da mulher. As costuras de bolas podem ser feitas em casa, pelas famílias, já a costura de calçados deve ser realizada em *ateliers* e, independente de estarem localizados no meio rural ou urbano, estes contratam muitas pessoas residentes no meio rural, agricultores familiares<sup>36</sup>.

Segundo já demonstrado, a busca de trabalhadores é um motivo de competição entre as empresas. Entretanto, o que chama a atenção é que este ramo se diferencia dos anteriores pela existência de significativa concorrência entre as empresas para comercialização dos produtos. Nos outros casos, a cooperação e a reciprocidade regulavam o mercado e geravam uma rede de aliados. Nesta rede, as subcontratações parecem formar grupos, manifestando características de exclusividade em certos casos. Como já abordado acima, isso se manifesta não somente em função da concorrência entre os empresários locais, mas também no que acontece no mercado nacional e para exportação<sup>37</sup>.

Este caráter não sugere que os mecanismos de reciprocidade não estejam presentes, mas que as alianças específicas podem se estruturar a partir de uma hierarquia vertical: as duas grandes empresas realizam relações singulares com cada terceirizada. Aqui os regimes de reciprocidade se processam através da confiança que os grandes industriais depositam nos menores e nos donos de *ateliers*, porque a alta velocidade das demandas deve ser acompanhada pelas respostas. Por sua vez, o fenômeno adquire um sentido de rede de poder (ligações verticais), e igualmente de confiança e de reciprocidade. Os empregadores dos pequenos empreendimentos apostam nas capacidades de seus empregados em responder ao pedido e, caso não obtenham sucesso, eles terão que recorrer aos seus concorrentes (outras pequenas fábricas).

Curiosamente, neste último caso, a rede se projeta de maneira horizontal, pois são as pequenas fábricas que mantêm redes de relações entre si, indicando serviços quando não podem realizar o pedido da indústria maior. O que é importante verificar é que, muitas vezes,

---

<sup>36</sup> Durante a pesquisa de campo, um informante declarou que o “raio” de atuação da terceirização e da subcontratação da fábrica em que trabalha aumentou consideravelmente nos últimos anos, alcançando municípios distantes a 70 ou 80 km de distância, tais como Casca, Cotiporã, Vanini, David Canabarro, Lagoa Vermelha, Ciríaco e Guabiju. Relatou que, nestes municípios, existem diversos *ateliers* onde trabalham pessoas oriundas do meio rural e de famílias de agricultores, especialmente mulheres.

<sup>37</sup> O Brasil se tornou um dos importantes exportadores destes produtos e rivaliza neste mercado com outros países, inclusive alguns conhecidos por mão-de-obra muito mal remunerada, como a China e o Paquistão.



a indústria contratante sequer sabe que houve esta última subcontratação. A indicação de mercados, a aposta na confiança e na esperança da retribuição, como Caillé formulou, recria a reciprocidade. Esta conduta social é o que reforça que as relações de mercado se processam imersas num conjunto de complexas relações sociais, do modo como Polanyi analisou (1976). O mesmo autor sugeriu que recorrentes atos de reciprocidade efetivam uma integração de reciprocidade (POLANYI, 1976, p. 296). Isso pode vir a minimizar o sentimento de competição e a reforçar o de cooperação, segundo o relato:

Eu tenho mais três concorrentes. Eu não gosto de usar o termo “concorrente” eu, pelo contrário, eu me dou bem com todos eles. (entrevistado n. 7).

Observando-se esse fenômeno é que se pode verificar que a combinação entre competição e cooperação em Veranópolis reflete-se no mercado de trabalho, na formação de novas empresas e na qualidade dos produtos finais. O setor não foge à regra, tal como as redes de fruteiros e microfusão, ou seja, na maior parte das empresas que surgem, os donos são ex-empregados do setor de calçados e artigos esportivos, particularmente oriundos das duas grandes fábricas, Dal Ponte ou Alpargatas.

Segundo um depoimento, é nos cargos de chefia, de gerência de produção (ou seja, cargos mais altos) que surgem os novos empregadores, pois eles possuem experiência do ramo e conhecem os mercados. O desafio então é conseguir capital - que geralmente ocorre na combinação de dois fatores: dinheiro ganho ao ser dispensado do cargo (no caso dos que são despedidos) e junção de capitais através de sociedade com pessoas conhecidas e que têm boa informação sobre a atividade econômica. Dessa maneira, estão presentes os fatores fundamentais para a consolidação da fábrica: as relações de reciprocidade, que operam na junção de capital econômico, o conhecimento e a confiança entre os sócios.

Um dos entrevistados relatou que iniciou sua empresa com um colega de trabalho. Os dois eram empregados e surgiu a idéia de constituir uma empresa que realizasse a terceirização para a empresa na qual trabalhavam. Eles puderam entrar dessa maneira no mercado, porque havia problemas com estes produtos que eles procurariam fornecer:

O pessoal [antigo fornecedor] não tinha tanta qualidade e surgiu assim. A gente podia fazer um investimento, ver quanto custava, ver o que a gente podia fazer. E esse meu colega me deu força. Porque se é uma pessoa só, eu acredito que não ia sair. (entrevistado n. 7).

O entrevistado sugere que aceitou o desafio de ser melhor que o antigo fornecedor, demonstrando como a concorrência existe, apesar de ser regulada. De outro lado, era necessário participar da rede de trabalho e ter as informações corretas para efetivar a empresa. As conexões – como sugere Mayer (1987) – são essências para as estratégias de ação em rede e isto se materializou em obter confiança da empresa na qual trabalhava, como também na relação com seu sócio. E, no caso citado acima, os recursos financeiros eram bastante restritos:

A gente não tinha dinheiro nenhum. Não tinha dinheiro nem pra começar e registrar a firma. E a gente fez um financiamento no banco. Conseguimos fazer o financiamento e compramos uma máquina. Até o dinheiro pra abrir a firma foi emprestado, não tinha nada, começamos do zero. E a gente começou, colocamos a máquina em casa. (entrevistado n. 7).

Num outro caso pesquisado, a associação com pessoas com quem mantinha relações de proximidade foi fundamental. Um dos sócios trabalhava num dos grandes empreendimentos locais e fora dispensado.

Nós começamos, eu e a minha esposa. Ela era arquiteta. A gente começou meio sem recursos, ela foi deixando a profissão para se dedicar à fábrica. Nós vendemos tudo que nós tínhamos. Nós tínhamos construído uma casa e vendemos. Nós tínhamos dois carros e vendemos um. O que eu recebi de indenização (trabalhei por cinco anos), então nós apostamos tudo o que nós tínhamos. (entrevistado n. 8).

Neste caso, a empresa não entrou como terceirizada, mas com fabricação própria. Por isso, ela que passou a subcontratar costureiras. Interessante examinar que deste empreendimento (de médio tamanho e que está operando a pouco mais que uma década) já saiu um outro pequeno empresário, ex-funcionário.

Nós já temos um caso de um ex-funcionário nosso. Nós compramos uma fábrica de câmara de ar e o nosso [então] supervisor dessa unidade montou um negócio de câmaras (entrevistado n. 8).

Os ex-empregados são ótimos conhecedores do ramo e, muitas vezes, se associam aos antigos empregadores, como o caso de um dos entrevistados que diz ter feito uma parceria com a empresa em que antes trabalhava. O combinado era a empresa lhe dar toda a produção a ser terceirizada e ele, além de fornecer os produtos, não se associar a outra fábrica. Seguramente, uma expressão da relação de reciprocidade num sistema de trocas que estrutura as interações

entre as duas empresas. A relação vertical é diádica, mas seu sistema de “parceria com concorrentes” (quando não pode dar conta da produção) faz a rede se tornar quase um grupo. Sob um outro ângulo, quando se verificam os ex-empregados que passam a efetivar novas unidades fabris, as relações tomam a conformação de rede “ilimitada”, na medida em que Barnes (1987) estudou. As relações diádicas ligam atores sociais numa cadeia de vínculos produzindo uma rede de extensões variáveis, sempre na possibilidade surgirem novas alianças e novas empresas.

Desse modo, a rede de trabalho e reciprocidade produziu um setor da economia bastante dinâmico. O efeito multiplicador é mais intenso ainda que nas redes antes examinadas, pois o mercado de trabalho é muito ampliado (todo novo empreendedor contrata outros operários) e a possibilidade de ascensão social por esta via é possível.

Este capítulo observou a gênese e detalhou as características atuais das redes de trabalho ligadas aos fruteiros, às indústrias de microfusão e às indústrias de calçados/artigos esportivos, salientando suas diferenças e apontando as similitudes. Os avanços do texto reforçam que se pode confirmar a hipótese de que as redes têm origem na agricultura colonial, pois as três redes examinadas demonstraram as origens no modo de vida e na reciprocidade dos colonos. Conforme exposto acima, as redes apresentam diferenças quanto aos vários aspectos analisados (trabalho, operação, concorrência, tecnologia e etc.), porém o que deve ser destacada é a maneira que a reciprocidade atua nas diferentes redes.

Em relação aos fruteiros, a reciprocidade está vinculada à maneira como eles se tornam comerciantes, ou seja, como conhecem os mercados, de que maneira acessam informações sobre produtos, clientes, fornecedores e rotas de comercialização. Para isto são necessárias relações de proximidade entre os atores sociais. A reciprocidade está na origem da atividade, quando os agricultores iniciaram a vender seus produtos por meio de deslocamentos com veículos e a relatar aos seus vizinhos o que faziam.

Na rede que liga os atores sociais das indústrias de microfusão o essencial é o saber técnico “acumulado” no período em que trabalham nas empresas. Por entrarem nas fábricas via indicações (nas quais as relações de amizade e parentesco exercem efeito considerável), na maior parte das vezes sem experiência de trabalho, o conhecimento que lhes é transmitido adquire sentido de dádiva. A retribuição - como momento que reproduz a reciprocidade, em Mauss - é efetivada na fidelidade ao emprego e à empresa. Mas também ocorre entre os que se tornam novos empreendedores do ramo na medida em que procuram não se tornarem concorrentes diretos (nos mesmos produtos) de seus antigos patrões.

Nas indústrias de calçados e artigos esportivos a reciprocidade possui sentidos distintos. Ela tem um caráter vertical, porque as duas grandes empresas são responsáveis pela alocação de trabalho da significativa parte das fábricas menores. A verticalidade e a clara relação de poder também se verificam entre as empresas médias e pequenas. Portanto, a confiança da subcontratação é o que sustenta a reciprocidade, e a retribuição se processa na exclusividade da produção, na formação de alianças com obrigações. Contudo, entre as pequenas fábricas e *ateliers*, por conjugarem esforços, a rede se projeta horizontalmente no espaço, do meio urbano ao rural.

Não é somente entre os fruteiros que a reciprocidade está na origem da rede. Ela perpassa todos os setores e possui expressiva capacidade de estabelecer as redes sociais em Veranópolis. Por esta razão que as pequenas fábricas de calçados esquematizam sistemas horizontais de cooperação, redes de aliados, para entregar seus trabalhos. Do mesmo modo, é assim que os negócios em família e em amizade obtêm sucesso, seja no ramo que for. E por força da reciprocidade assumir diferentes formas, ela também configura de distintas maneiras as redes. O essencial é constatar que as relações sociais permitem o surgimento dos empreendimentos, somadas a fatores como conhecimento do ramo (do labor, adquirido nas redes) e capital para investir. Observou-se, contudo, que quando os recursos econômicos são escassos, as relações de proximidade podem centralizar recursos.

Noutro aspecto, também se constatou as articulações dos agricultores familiares às redes, sendo que em duas delas esse fenômeno é mais expressivo. Dentre os fruteiros com participação variando de baixa à média quanto à força de trabalho, mas como elo importante para o fornecimento de produtos. E nas indústrias de calçados e artigos esportivos com massivas contribuições quanto à força de trabalho. Portanto, começa a se delinear a confirmação de que as redes extrapolam os limites rural x urbano, agrícola x não-agrícola, dinamizando a economia e propiciando o aparecimento da pluriatividade contexto social. Essa é uma externalidade positiva, pois o mercado de trabalho se alimenta desta dinâmica em toda a região. Especificamente sobre o meio rural, a rede de subcontratações e de terceirização das indústrias de calçados e bolas (inclusive com oficinas e *ateliers* de costura) gera um mercado de trabalho em que a pluriatividade se constitui como estratégia fundamental das famílias. A pluriatividade emerge como uma opção dos agricultores familiares não apenas de Veranópolis, mas dos municípios de Fagundes Varela, Cotiporã, Vila Flores, Protásio Alves e outros mais distantes, ou seja, há uma territorialidade ligada a este fenômeno socioeconômico.

A complexidade da noção de reciprocidade e de redes reside em contrastá-la com a dinâmica de concorrência entre as empresas. Diferente do conceito de campo de Bourdieu

(1989a), nas redes os atores não necessariamente precisam acumular capitais (social, econômico, simbólico) para se destacar. As redes operam em conexões que possibilitam estratégias, manipulações, alianças. Em determinados momentos, alguns ganham, em outros, todos podem ganhar em conjunto e, dependendo da situação, pode acontecer de nenhum obter sucesso. Isto sempre está sujeito aos casos concretos para as quais as conexões estejam sendo acessadas. Sob uma perspectiva diversa, as interações na rede influem demasiadamente nas ações dos indivíduos e empresas, e não apenas a estrutura (de um campo).

Porém, a concorrência surge como um fator essencial para as relações sociais em Veranópolis. Ela jamais faz desaparecer a cooperação entre pessoas e empresas, mas vem a sugerir que as relações de poder permeiam os atos de reciprocidade. Isto também aponta que a competição seja institucionalizada. Do modo que Landé (1977) analisou, as alianças fazem surgir obrigações difusas (não claramente delineadas), condizentes com objetivos particulares. As obrigações difusas explicam por que há um misto de reciprocidade e concorrência. A concorrência é o que garante que os indivíduos e empresas busquem objetivos particulares e, na rede, é esperado que permaneçam os competentes, aqueles que reciprocamente podem estabelecer conexões e se tornarem aliados. As redes analisadas sugerem que os veranenses edificaram um estilo de agir no espaço social em que o progresso econômico se conduz através de relações de proximidade e reciprocidade combinadas com formas de concorrência e de controle.

Até esta parte do trabalho, direcionou-se o estudo para as redes sociais de trabalho e reciprocidade que ocorrem em empreendimentos não-agrícolas, suas formas de trabalho e contratação, suas relações com os agricultores familiares e o surgimento de novas atividades. Permanece-se ainda no campo de relações sociais que envolvem empregados e empregadores, embora as redes extravasem para relações entre empresas. No entanto, se foi a partir de relações sociais na agricultura que se situou o legado de relações sociais de reciprocidade e proximidade da sociedade local, qual o estado dessas relações hoje no meio rural de Veranópolis? Como elas caracterizam as formas de trabalho?

## 5 REDES SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO RURAL: A AGRICULTURA FAMILIAR E AS ESTRATÉGIAS DE REPRODUÇÃO SOCIAL

Nos capítulos precedentes, foram abordados a constituição da sociedade local e o percurso histórico que resultou na formação das redes sociais. Num primeiro momento, eram redes que ligavam atores sociais por meio do interconhecimento, visto que quase a totalidade da coletividade vivia num modo de vida semelhante ao camponês, o que aqui se denominou de modo de vida colonial, inspirado no trabalho de Schneider (1999). A partir de processos de industrialização, urbanização e diversificação na economia, a sociabilidade local foi, em certa medida, alterada e as redes foram sendo cada vez mais acionadas como formas de reprodução econômica de indivíduos e famílias.

Juntamente a este processo, a economia agrícola colonial sofreu processos de mercantilização social e econômica, que reestruturaram sua inserção em mercados e modificaram as formas de sua reprodução social. Da maneira elucidada por Ploeg (1993), em Veranópolis a mercantilização na agricultura procedeu muito mais em razão de um crescente direcionamento da produção para mercados, do que na externalização do processo produtivo. Assim, é a expressiva presença do mercado que vem a atuar com forte influência sobre as ações dos indivíduos. A reciprocidade como importante maneira pela qual indivíduos e famílias se relacionavam no modo de vida colonial também se modifica, pois os atores sociais vão se readaptar às externalidades da dívida neste ambiente social transformado historicamente.

Neste percurso histórico, a agricultura de Veranópolis insere-se crescentemente em mercados de venda de produtos agrícolas, mas alimenta-se também da dinâmica econômica não-agrícola gerada no local. Em função disto, os agricultores passam a fazer parte de redes sociais de trabalho da economia, que extrapolam os limites rural e urbano. Semelhante ao que observou Reis (1985) em seu estudo sobre Portugal, a reprodução das famílias rurais de Veranópolis, ao longo do tempo, veio a se efetivar em suas interações com o mercado de trabalho não-agrícola, oferecendo também um panorama favorável para o desenvolvimento das indústrias locais que necessitavam de força de trabalho. Na medida em que se ampliava a economia não-agrícola, na forma da industrialização, eles vieram a integrar significativamente

os mercados de trabalho, tal como se demonstrou no capítulo quatro, mormente nas indústrias de sapatos e bolas que se espalham pelo município.

É o caso aqui de se retomar, para efeito de analogia, o trabalho de Schneider (1999) sobre a industrialização de calçados do vale dos Sinos, Rio Grande do Sul. O autor mostrou que neste processo há uma expressiva interligação entre agricultores e indústrias, pois a força de trabalho e o saber-fazer oriundos do meio rural conferiram benefícios para este modo de industrialização. De outro lado, a diversificação e o crescimento da economia do Vale foi fundamental para que as formas de reprodução social das famílias rurais se tornassem mais versáteis, surgindo a pluriatividade. Portanto, dentre as famílias de agricultores de Veranópolis, o conjunto das redes que estruturam o tecido social local propicia e estimula a combinação de atividades agrícolas e não-agrícolas. Na verdade, o que se pretende ressaltar é que a pluriatividade é a própria expressão das redes de trabalho e de produção.

Contudo, a pluriatividade como forma de reprodução social dos agricultores familiares ao longo das últimas décadas não se restringiu à vinculação destes atores sociais numa teia de relações com os outros setores da economia. Isso significaria pensar que a agricultura familiar e o meio rural de Veranópolis apenas geraram o saber-fazer artesanal, os valores e os modos específicos de interagir que agora são socialmente compartilhados, o interconhecimento e a reciprocidade. Ao contrário, os atores sociais aí estabelecidos são protagonistas de processos de inserção produtiva diversificada, fazendo emergir redes endógenas de produção e de trabalho. Logo, a pluriatividade vem a se expressar igualmente em redes constituídas no meio rural e a partir de agricultores familiares. Estas redes não revelam somente que as famílias possuem habilidades produtivas que os capacita a sobreviver e estabelecer metas no mercado, mas que seus atos também se traduzem em ações políticas e coletivas eficazes.

O objetivo deste capítulo é analisar as redes sociais que são organizadas e acionadas por estes agricultores como mecanismos de interação social e busca de garantia de sua reprodução. A centralidade está em observar como se constituem estas redes e como estas estimulam o aparecimento da pluriatividade.

Foram examinadas duas redes de agricultores conhecidas ao longo da pesquisa de campo no município de Veranópolis: a rede dos produtores de vinhos e a rede dos produtores ecológicos. Priorizaram-se estas duas para compará-las às redes descritas no capítulo quatro, as quais possuem uma configuração mais claramente intersetorial e envolvem relações entre rural e urbano pelo mercado de trabalho. Já estas que serão aqui examinadas, surgem a partir da produção agrícola ou do beneficiamento da produção dos agricultores e são, ao mesmo tempo, formas de ação coletiva no espaço social. Se as redes de indústrias são especialmente

desenvolvidas no espaço urbano e se desenrolam também no rural, as redes a serem observadas neste capítulo se desdobram em direção inversa, do meio rural se projetam para o urbano.

Na primeira parte do capítulo, antes de analisar as redes, faz-se uma caracterização da agricultura familiar, para que se possam revelar as suas particularidades, o modo pelo qual interage com a sociedade local, as vicissitudes do modo de vida e as suas formas de inserção na economia que a circunda.

### 5.1. CARACTERIZAÇÃO DA ESTRUTURA PRODUTIVA E OCUPACIONAL DA AGRICULTURA FAMILIAR

Os dados a seguir apresentados foram obtidos a partir da aplicação de 59 questionários padronizados com agricultores familiares de Veranópolis no ano de 2002. A amostra sistemática procurou recobrir toda a área do município, obtendo dados em todas as comunidades rurais.

Como destacado anteriormente, a estrutura fundiária das colônias foi dividida pelo governo brasileiro no século XIX através de lotes de 25 ha para cada família. Após algumas gerações, esta estrutura se modificou, não havendo concentração de terras, ao contrário, houve ligeira diminuição do tamanho médio, que está por volta de 24,46 ha. A Tabela 8, abaixo, mostra a distribuição percentual em estratos de área.

A Tabela 8 também traz a informação de que houve muitas divisões de propriedades, seguramente realizada em virtude da partilha da terra entre filhos herdeiros. Ao longo do séc. XX, devido às taxas de natalidades serem bastante significativas, as famílias geravam uma prole extensa, que se somava ao fato dos pequenos lotes não suportarem tantas repartições. Assim, as terras deveriam cumprir a função de sustentar uma ou duas famílias, o que se complicava com o passar dos anos. Esse fenômeno fez com que a migração se tornasse uma estratégia, seja para outras regiões em busca de novas terras - na expansão da fronteira agrícola, como mostrou o estudo de Santos (1993) - seja para os centros urbanos a procura de outras ocupações. Isso fica claro observando a tabela abaixo na qual 42,4% das propriedades têm entre 10 e 20 ha. Neste processo histórico, ocorreu também o fato de alguns agricultores alcançarem melhores condições de vida, o que propiciou que adquirissem propriedades. Por esta razão, houve a compra visto que quase 30 % das terras têm agora mais de 30 ha e, destes, 6,8% chegam a mais de 50 ha.



**Tabela 8: Estrutura fundiária (ha) na agricultura familiar de Veranópolis.**

Área (ha)	%	% Acumulada
Menos de 10	13,6	13,6
10 a 20	28,8	42,4
20 a 30	28,8	71,2
30 a 40	13,6	84,8
40 a 50	8,5	93,3
Mais de 50	6,8	100,0

Fonte: Pesquisa AFDLP – UFPel (PPGA)/UFRGS(PGDR), 2003

Porém, quando se examina a superfície agrícola útil (SAU) das propriedades, possibilitada pelo tipo de relevo e vegetação encontrados em Veranópolis, a situação é ainda mais restrita. A partir da Tabela 9, abaixo, observa-se que a superfície que se aproveita da terra na região é inferior ao tamanho total da propriedade, chegando ao percentual de 81% das propriedades utilizarem no máximo 20 ha. Estendendo a análise, até 30 ha de área produtiva é aproveitada em pouco mais de 90% das propriedades, enquanto nenhuma ultrapassa os 50 ha.

**Tabela 9: Superfície Agrícola Útil (SAU) na agricultura familiar de Veranópolis.**

Área (ha)	%	% Acumulada
Menos de 10	37,3	37,3
10 a 20	44,1	81,4
20 a 30	10,2	91,8
30 a 40	5,1	96,9
40 a 50	3,4	100,0

Fonte: Pesquisa AFDLP – UFPel (PPGA)/UFRGS(PGDR), 2003

A utilização das terras mostra que a agricultura possui uma diversificação produtiva razoável. A Tabela 10, a seguir, assinala que uva e leite são as principais composições da pauta de produtos agrícolas nas propriedades rurais, representando também os maiores valores brutos de produção (VBP), seguidos de bergamota, suínos, laranja e feijão.

**Tabela 10: As dez maiores produções agropecuárias de Veranópolis - 2001/2002.**

Principais produtos	% do VBP total	Coefficientes médios
1 – Uva	26,6	1,94 ha
2 - Leite	18,9	8 vacas (2.468 L/vc/ano)
3 - Bergamota	8,7	1,85 ha
4- Suínos	5,2	55 suínos/ano/suinocultor
5 - Laranja	4,8	1,06 ha
6 - Feijão	4,8	0,66 ha
7 – Vacas	3,8	2,25 vacas/ano/pecuarista
8 – Milho	3,5	3,67 ha
9 – Frango de corte	3,0	35.660 aves/ano/avicultor
10 – Novilhas	2,4	0,25 novilha/ano/pecuarista

Fonte: Pesquisa AFDLP – UFPel (PPGA)/UFRGS(PGDR), 2003

A fim de complementar as informações da tabela acima, os dados do Censo Agropecuário revelam que houve mudanças significativas no padrão de utilização das terras desde o ano de 1970. Além da área total se reduzir consideravelmente, percebe-se, através da Tabela 11, que também diminuem drasticamente as lavouras temporária<sup>38</sup>. Uma das razões é o aumento das pastagens naturais e das áreas com matas naturais ou plantadas. Conforme informações obtidas, o uso de pastagens se intensifica em razão do crescimento da atividade leiteira no município.

**Tabela 11. Evolução do padrão de utilização das terras em Veranópolis.**

Município	Censos	Área total (ha)	Lavouras Perma- nentes	Lavouras Tempo- rárias	Lavouras Tempo- rárias em Descanso	Pastagens Naturais	Pastagens Plantadas	Área com matas naturais	Área com matas plantadas
Veranópolis	1970	63.928	8,87	27,14	26,21	10,08	7,54	6,59	1,10
	1975	60.847	7,32	24,08	9,47	12,18	9,26	7,74	1,65
	1980	57.706	7,83	21,98	10,03	22,16	3,41	9,52	2,69
	1985	42.694	7,20	21,47	9,32	19,34	10,86	8,35	4,12
	1995/96	15.836	9,18	13,77	1,76	28,20	1,26	23,96	5,35

Fonte: Censos Agropecuários IBGE.

Em conexão com a discussão sobre a terra e seu uso, outro fator importante de se elencar na análise é a forma pela qual a propriedade é transmitida de uma geração para outra. Em Veranópolis há a preponderância da herança, ou seja, uma transmissão familiar na qual a compra aparece marginalmente, como a Tabela 12 confirma. Houve herança em 76,3% das famílias entrevistadas, e a forma de acesso a terra por meio da via “compra de terceiros” em apenas 15,3% dos casos. A informação corrobora a importância do parentesco para as formas de reprodução social das famílias. A agricultura colonial não perde seu caráter familiar apesar

<sup>38</sup> A área total também se reduz por causa das emancipações municipais que ocorreram nestas décadas.

das transformações econômicas históricas, ou seja, a tese de Friedmann (1978a) sobre a manutenção das propriedades familiares em ambientes capitalistas encontra respaldo aqui, porque a terra não é vendida na mesma medida que os outros bens.

**Tabela 12: Formas de acesso a terra em Veranópolis.**

Acesso à terra	%
Houve herança	76,3
Compra de parentes	5,1
Compra de terceiros	15,3
Posse provisória	3,3
Doação	0,0
outra	0,0

Fonte: Pesquisa AFDLP – UFPel (PPGA)/UFRGS(PGDR), 2003

Os agricultores que não migraram com o passar das décadas se confrontaram com a estrutura agrária minifundista e o grau de utilização das terras restrito devido ao relevo acidentado regional. Foi assim que alternativas de reprodução social se apresentaram através da produção e venda de frutas – especialmente uvas –, do leite e também com o crescimento das atividades não-agrícolas – principalmente das indústrias. Grande parte da uva e do leite produzidos é destinada às agroindústrias, fenômeno que ganhou impulso a partir dos anos 1980, e a criação de pequenos animais é direcionada aos matadouros. Como afirmava-se em páginas anteriores, a maneira que assumiu o escoamento estes produtos para o mercado nos últimos anos são expressões da mercantilização da agricultura.

A Tabela 13, a seguir, revela os estratos de renda agrícola nos quais estão agrupadas as famílias. Esta reformulação do portfólio produtivo ao longo das décadas permite afirmar que, apesar das terras não serem extensas, os agricultores de Veranópolis apresentam níveis de rendimentos da atividade agrícola importantes. A uva não necessita área extensa para cultivar e a atividade do leite é perene, fonte de ingressos durante o ano inteiro. Existem ainda outros cultivos e criações presentes nas propriedades, tal como a batata, o feijão, o milho, os ovos a criação de aves e suínos.

**Tabela 13. Estratos de renda agrícola na agricultura de Veranópolis.**

Estratos de RA (R\$)	%	% Acumulada
Até 5.000	33,8	33,8
5.001 a 10.000	11,8	45,7
10.001 a 20.000	27,2	72,9
Mais de 20.001	27,2	100
Total	100,0	100

Fonte: Pesquisa AFDLP – UFPel (PPGA)/UFRGS (PGDR), 2003.

Em termos absolutos, o estrato que abarca a maior parte das propriedades é o mais baixo, no qual 33,8% tem renda agrícola até R\$ 5 mil por ano, entretanto, os percentuais acumulados demonstram que 45,7% das famílias tem renda até R\$ 10 mil. Dos 54,3 % restantes, 27,2 % informaram rendas entre R\$ 10 mil e 20 mil anuais e os outros 27,2% informaram mais de R\$ 20 mil anuais<sup>39</sup>.

O mercado de trabalho, que hoje se encontra economicamente diversificado, tem raízes longínquas na história de Veranópolis. Na medida em que o município se industrializava e surgiam atividades no setor de serviços, as formas de reprodução social da agricultura familiar se inseriam nesta mesma dinâmica local. No período recente, as redes de trabalho refletem a pluriatividade cujas repercussões são sentidas nos rendimentos familiares. Portanto, é relevante entender que as rendas exclusivamente agrícolas podem muito bem descrever a situação econômica da agricultura, mas não das famílias rurais, que possuem outras formas de inserção laboral e ganhos.

A Tabela 14, a seguir, apresenta as rendas totais das famílias rurais de Veranópolis. Nela, as famílias estão agrupadas conforme o estrato de renda total<sup>40</sup>, semelhante à tabela acima.

**Tabela 14. Estratos de renda total (RT) na agricultura de Veranópolis.**

Estratos de RT (R\$)	%	% Acumulada.
Até 5.000	3,4	3,4
5.001 a 10.000	10,2	13,6
10.001 a 20.000	32,2	45,7
Mais de 20.001	54,2	100
Total	100	100

Fonte: Pesquisa AFDLP – UFPel (PPGA)/UFRGS (PGDR), 2003.

Por meio da comparação da Tabela 14, acima, e da Tabela 13, anterior, se observa que a renda total anual é razoavelmente maior que a renda agrícola. Na tabela 14, verifica-se que 54,2% das famílias rurais declararam rendimento total superior à R\$ 20 mil por ano, corroborando os dados a respeito de que a receita agrícola é apenas uma parte dos ganhos das

<sup>39</sup> Segundo Conterato (2004, p. 159), renda agrícola (RA) “corresponde à parte da riqueza líquida que permanece no estabelecimento agrícola e que serve para remunerar o trabalho familiar e realizar investimentos, ou seja, o Valor Agregado Líquido (VAL) descontado os impostos, arrendamento, empregados permanentes, e outros encargos sociais”.

<sup>40</sup> No mesmo trabalho, Conterato (2004, p. 159) afirma que a renda total (RT) é “a soma da rendas auferidas pelo chefe e demais membros da família residentes na unidade de produção. A RT constitui-se pelo somatório da Renda Agrícola (RA), Renda de Aposentadorias (RAp), Rendas de Outras Fontes (ROF), Outras Rendas do Trabalho (ORT) e das Rendas Não-Agrícolas (RñA)”.

famílias rurais de Veranópolis<sup>41</sup>. Isto fica esclarecido quando se observa que a composição da renda total (RT) em Veranópolis é bastante diversificada, ou seja, as famílias obtêm rendimentos provenientes de aposentadorias, pensões, outras fontes e ocupações não-agrícolas permanentes e ocasionais, segundo a Tabela 15, adiante.

De acordo com a Tabela 15 faz-se indispensável constatar que os montantes ganhos na atividade agrícola ainda têm papel notável na composição dos ganhos totais dos agricultores familiares, com 54,5% de participação. Ocupam o segundo lugar na composição total, as rendas de atividades não-agrícolas, o que apresenta a expressiva importância que têm as ocupações não-agrícolas para a geração de ingressos dentre as famílias rurais. As receitas são ainda complementadas com participação das transferências sociais na forma de aposentadorias e pensões (20,2%) e demais fontes de ingressos cuja participação é menor, como outras rendas de trabalho (trabalho temporário) e rendas de outras fontes (aluguel, arrendamento, juros de poupança, doações).

**Tabela 15. Formação da renda total de agricultores familiares de Veranópolis (%).**

Renda Agrícola (%)	Renda de transferências sociais (aposent. e pensões) (%)	Rendas de outras fontes (%)	Outras rendas do trabalho (%)	Rendas de atividades não-agrícolas (%)	Renda Total (%)
54,5	20,2	2,8	1,4	21,1	100,0

Fonte: Pesquisa AFDLP – UFPel (PPGA)/UFRGS(PGDR), 2003

O expressivo papel que têm os ingressos das atividades não-agrícolas na formação da renda total é explicado observando-se o percentual de famílias rurais que se dedica a ocupações estranhas à agricultura, de acordo com a Tabela 16, a seguir. Mais de 59% das famílias são pluriativas, isto é, combinam ocupações agrícolas com não-agrícolas. É significativo observar que as redes de trabalho integram os setores de atividade agrícola e não-agrícola por meio das famílias pluriativas. Em função disto, as redes dinamizam os vínculos entre o rural e o urbano, pois parte destas atividades não-agrícolas é desenvolvida no meio urbano, via redes anteriormente examinadas, e outra parte é realizada no próprio rural, através de ocupações em agroindústrias, de turismo rural, serviços locais e outras.

<sup>41</sup> Informação complementar e importante para medir renda familiar *per capita*, os resultados da pesquisa apontaram que a média de membros por família na agricultura familiar de Veranópolis é de 4,6 pessoas.

**Tabela 16: Famílias rurais de Veranópolis, segundo tipo de ocupação da família.**

Tipo de família	%
Monoativas	40,7
Pluriativas	59,3

Fonte: Pesquisa AFDLP – UFPel (PPGA)/UFRGS (PGDR), 2003.

Quando comparados os rendimentos totais das famílias monoativas (agrícolas) e pluriativas, constata-se que as últimas auferiam ganhos significativamente superiores. Conforme a Tabela 17, a seguir, a renda total das famílias pluriativas é superior em cerca de R\$ 5 mil das famílias monoativas. Este diferencial explica, em parte, o recurso a estas atividades.

**Tabela 17. Média de renda total por tipo de família.**

Famílias	Média renda total (R\$/ano)
Monoativas	23.468,00
Pluriativas	28.962,00

Fonte: Pesquisa AFDLP – UFPel (PPGA)/UFRGS (PGDR), 2003.

Neste sentido, o caso de Veranópolis revela analogia com os estudos de Reis (1985), Bagnasco e Triglia (1993) e Schneider (2004) que mostraram que o conjunto de possibilidades de diversificar estratégias de reprodução social e formas de inserção na economia por parte dos agricultores familiares será proporcional à heterogeneidade do mercado de trabalho local. As alternativas econômicas, como nas indústrias de sapatos e nos fruteiros, se constituem como significativos meios para obtenção de melhores condições de vida para as famílias, pois a dependência de fatores exclusivos para reprodução das famílias (por exemplo, da renda do trabalho na agricultura) diminui sensivelmente.

No âmbito da diversificação da economia, para o caso estudado, as famílias procuram diferentes estratégias para a inserção nos mercados, das quais a venda de produtos transformados e beneficiados dentro do estabelecimento agrícola é uma delas. Os agricultores de Veranópolis guardam um saber-fazer artesanal que tem origem na agricultura colonial. A mercantilização como um processo social geral direcionou para os mercados aqueles produtos que antes eram apenas consumidos na unidade doméstica. Este saber-fazer foi condição para que o beneficiamento se intensificasse e, a ele, foi aliado a poupança de dinheiro ganho em

atividades agrícolas e não-agrícolas, que permitiu às famílias autofinanciarem suas atividades. Com o crescimento dos negócios, as relações interpessoais nas comunidades, por meio de interações de proximidade, estimularam a constituição das redes rurais, tais como os produtores de vinhos e os ecológicos.

A Tabela 18, a seguir, expõe que quase metade das famílias rurais de Veranópolis vende algum tipo de produto beneficiado dentro da propriedade, cuja vantagem deste tipo de comércio vem a ser o valor agregado que o produto possui. Queijos, salames, sucos, doces de frutas, mel e outros constituem o conjunto de especialidades que as famílias disponibilizam nos mercados.

**Tabela 18. Famílias que realizam transformação doméstica (beneficiamento de produto na propriedade) para venda.**

Resposta	%
Beneficiam	47,5
Não beneficiam	52,5
Total	100,0

Fonte: Pesquisa AFDLP – UFPel (PPGA)/UFRGS (PGDR), 2003.

Ainda no que diz respeito às diferentes atividades dos membros das famílias, em especial aquelas que são realizadas fora do estabelecimento agrícola, informações coletadas a campo revelam que os membros ocupados em atividades não-agrícolas costumam participar também das atividades agrícolas da família, conforme atesta a Tabela 19, a seguir. Mais de 76% das famílias pluriativas informou que os membros que se ocupam em ocupações fora da propriedade mantêm ajudas laborais junto à família.

Esse dado é significativo para compreender as relações no interior da família, na qual as estratégias são pensadas em conjunto. Desde a imigração, os colonos tiveram o grupo de parentesco como centro das ações, sempre sob a autoridade paterna, porém também na qual as atitudes de reciprocidade - como as ajudas - eram estimuladas. Conforme analisado num trabalho anterior (RADOMSKY, 2004), a pluriatividade como fenômeno recente vem a alterar o modo de vida das famílias rurais, porém, em Veranópolis as relações de reciprocidade são reorganizadas em função de um novo contexto.

**Tabela 19. Membros da família que trabalham em atividades não-agrícolas e fornecem algum tipo de ajuda nas atividades agrícolas da propriedade.**

Resposta	%
sim	76,5
não	20,6
Não sabe /não respondeu	2,9
Total	100,0

Fonte: Pesquisa AFDLP – UFPel (PPGA)/UFRGS (PGDR), 2003.

A tabela acima revela que, apesar de obterem lucros privados, aqueles membros que se ocupam em atividades não-agrícolas continuam a contribuir para o conjunto do trabalho familiar. E muitos deles ainda contribuem para as rendas totais do grupo parental. Segundo a Tabela 20, abaixo, 76,5% das famílias pluriativas possui membros que colaboram para as despesas gerais da residência.

**Tabela 20. Membros que trabalham em atividades não-agrícolas e contribuem para as despesas da família.**

Resposta	%
sim	76,5
não	20,6
ns/nr	2,9
Total	100,0

Fonte: Pesquisa AFDLP – UFPel (PPGA)/UFRGS (PGDR), 2003.

Isso vem a reforçar a tese já exposta em outros trabalhos (ANJOS, 1995) de que estas famílias não se descaracterizam enquanto agricultoras, embora também não signifique que estas unidades permaneçam exatamente iguais àqueles que são ainda monoativos. Em conexão com o que se apresentou no segundo capítulo, a pluriatividade pode representar uma maior inserção destes indivíduos em formas de trabalho tipicamente capitalistas. Portanto, a “mercantilização do espaço agrário”, expressão utilizada por Silva et al. (1997) inspirados nos escritos de Ploeg, é também um fenômeno ligado às atividades rurais não-agrícolas. A pluriatividade como estratégia de reprodução das famílias rurais pode representar este fenômeno, pois ela indica que está em andamento a ampliação das formas capitalistas de trabalho para esferas que ainda não eram absorvidas, tal como o seio das famílias rurais. Logo, o conceito de mercantilização, de Ploeg (1993), se expande como recurso explicativo, não permanecendo restrito à integração dos agricultores nos mercados e na aquisição de insumos. Neste processo em que as famílias rurais se modificam, há um misto de permanência



e transformação, no qual também a dívida e a antiga reciprocidade dos colonos se alteram.

Uma última menção aos rendimentos das famílias incide na peculiaridade que as transferências sociais têm para a formação das rendas totais das famílias rurais no estudo de caso. Veranópolis é considerado o município com maior expectativa de vida no Brasil e uma porcentagem alta de famílias conta com os recursos previdenciários de seus membros idosos, de acordo com a Tabela 21, abaixo. Em 78% das famílias entrevistadas encontrou-se pelo menos um membro beneficiário de aposentadoria ou pensão do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS). A terceira coluna da Tabela 21 é relativa somente àqueles que responderam que havia membros beneficiários na família e é notável observar que 66% destes recursos tem sido destinado ao próprio financiamento da atividade agrícola, sobretudo para o custeio.

**Tabela 21. Famílias com aposentados ou pensionistas e destino dos recursos.**

Resposta	Aposentados ou pensionistas na família	Os recursos ajudam a custear a atividade produtiva (%/casos válidos)*
Sim	78,0	66,0
Não	22,0	34,0
Total	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa AFDLP – UFPel (PPGA)/UFRGS (PGDR), 2003.

\*Obs: a terceira coluna desta tabela é relativa àqueles que responderam que havia membros com aposentados ou pensionistas na família.

A diversificação das fontes de renda e a dinâmica da economia local guardam uma relação que importa ressaltar. As externalidades positivas geradas por um tipo de desenvolvimento são sentidas no tecido social e no mercado de trabalho local, onde o agrícola e o não-agrícola e o rural e o urbano estão integrados. Por essa razão, faz sentido falar em uma territorialidade que se materializa através das redes sociais. Por meio das redes, o mercado de trabalho e de produtos ganha uma configuração particular, fazendo interagir atores sociais diversos, empresas industriais e comerciais, famílias urbanas e rurais. A proposta de Murdoch (2000) a respeito das redes e seu papel para o desenvolvimento rural encontra eco nas análises de Saraceno (1994) na Europa e de Kageyama (1999) no Brasil. As redes que potencializam o desenvolvimento rural obtêm sucesso na medida em que fazem o conjunto da economia local se projetar, visto que os atores sociais implicados no processo extrapolam o próprio rural.

Desta maneira, os espaços rural e urbano assumem uma dinâmica territorial, pois as

redes são as instâncias que promovem o processo de territorialização do espaço. A simbiose destes trabalhos com o referencial teórico sugerido por Lowe et. al. (1995) e também por Schneider (2004) é manifesta, pois é como articulação que o rural é concebido, e a projeção das redes concretas é o que permite verificar empiricamente o fenômeno.

## 5.2. AMBIENTE SOCIAL E ECONÔMICO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A percepção de que a agricultura familiar demanda não apenas de condições endógenas à família e à propriedade para se desenvolver e reproduzir tem levado a pesquisadores, como Saraceno (1994) e Schneider (2003, 2004), a indicar que as unidades familiares requerem um ambiente social e econômico que lhes seja favorável e permita uma interação mais ampla desta forma social. A relevância heurística de analisar o ambiente social reside no fato de permitir verificar a abrangência espacial das diferentes relações sociais, contribuindo para se refletir em que medida as relações de reciprocidade, que envolve proximidade, são distintas de outras relações (por exemplo, na política e nos mercados de insumos agrícolas), que não se apresentam da mesma forma.

De fato, a sociabilidade em Veranópolis, mais ainda no meio rural, ainda contém um substrato de territorialidade que liga os indivíduos e que tem como consequência a formação das redes sociais de trabalho, bem como as redes entre os agricultores. Observa-se, entretanto, que a proximidade física não se confunde com a que é relativa às relações sociais, embora as duas estejam se “cruzando” o tempo todo na região. Isto significa que a dimensão simbólica (de pertencimento à identidade) tem correspondência com a territorialidade e à história comum, porém a rede tem potencialidades de ultrapassar a territorialidade e passar a vincular pontos distantes.

De maneira particular, é no ambiente social que se desenrolam processos de interconhecimento e reciprocidade e no qual as redes assumem extensões diversas. A proximidade vem a se constituir numa variável pela qual se entendem as relações de confiança adquiridas pelos atores sociais.

A Tabela 22, a seguir, demonstra as relações sociais que travam os agricultores familiares e suas avaliações sobre o ambiente em que vivem. Observa-se que a ampla maioria dos entrevistados (35,6%) confia nos próprios vizinhos em detrimento de políticos locais (0,0%) e dos compradores da produção agrícola (1,7%). A informação vem a reforçar a idéia de que há uma diferença em confiar nos indivíduos e em confiar nas instituições. As redes se

originam de relações de sociabilidade e interconhecimento que estão fortemente vinculadas à proximidade e à reciprocidade<sup>42</sup>. Portanto, isto poderia confirmar que a confiança e a reciprocidade se formaram ao longo do tempo e se tornaram um modo de agir estruturado, na acepção trabalhada por Bourdieu (1989a).

**Tabela 22: Graus de confiança e credibilidade dos agricultores familiares de Veranópolis.**

Confiança e Credibilidade	Mais confiança e credibilidade (%)	Menos confiança e credibilidade (%)
Na Emater	18,6	0,0
Na prefeitura (funcionários, agentes saúde, etc)	0,0	13,6
Nos vereadores do município	0,0	55,9
Nos dirigentes do sindicato	10,2	0,0
No pastor e/ou padre da igreja que frequênta	13,6	3,4
Nos pessoas ligas à agroindústria e cooperativas	11,9	0,0
Nos compradores da produção agrícola	1,7	10,2
Nos vizinhos	35,6	1,7
Não sabe/sem resposta	8,5	15,3
Total	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa AFDLP – UFPel (PPGA)/UFRGS (PGDR), 2003.

Estes laços de sociabilidade também se manifestam em relações sociais estabelecidas através da participação social e política das famílias em associações, cooperativas, sindicatos e clubes. Conforme a Tabela 23, a seguir, em Veranópolis podem-se destacar a participação no sindicato dos trabalhadores rurais (71,2%), associações relacionadas à igreja (66,1%), clubes de futebol, bocha e outros (62,7%) e cooperativas (55,9%).

Aqui fica claro que, para que haja manutenção das relações sociais de proximidade e interconhecimento ao longo do tempo, ainda são fundamentais as práticas religiosas e o lazer. Há, sem dúvida, a idéia de que as “instituições” igreja, cooperativa e associação aglutinam a vida coletiva, mas elas funcionam e ganham dinamismo através das ações de seus membros nas redes interpessoais.

<sup>42</sup> Sabourin (2005, p. 7) propõe analisar dádiva e reciprocidade além das relações interpessoais. Dentre as várias classificações, chama a atenção uma que o autor denomina de *reciprocidade ternária unilateral*. Ela ocorre quando um doador não é retribuído diretamente por suas ações. Isso poderia ser aplicado ao estudo de instituições políticas, pois as ações governamentais não necessitam de uma restituição direta dos beneficiados, que se constituiria em clientelismo ou favorecimento. Este tipo de reciprocidade tem uma estrutura ternária porque o doador é como um mediador, recebe de um lado e repassa para outro. É ele quem decide como equilibrar os recursos repassados e recebidos, por isso há uma possibilidade de que essa ação recíproca gere responsabilidade e senso de justiça, o que nem sempre ocorre na política.

**Tabela 23: Participação social das famílias em Veranópolis.\***

Participação	Sim (%)
Associação comunitária de produtores	22,0
Cooperativa (crédito, eletrificação, produção)	55,9
Sindicato de trabalhadores	71,2
Associação de mulheres/clube de mães	50,8
Associação igreja (pastoral, canto, etc)	66,1
Clube de futebol, bocha, etc ligado ao lazer	62,7

Fonte: Pesquisa AFDLP – UFPeL (PPGA)/UFRGS (PGDR), 2003.

\* Nota: Por ser múltipla a resposta, a soma dos percentuais nesta tabela ultrapassa os 100%.

Na tabela 24, a seguir, explora-se o fato da participação das famílias rurais nos círculos de amizade, proximidade, associações conectar-se com a satisfação que estes atores sociais demonstram para com seu ambiente social. A tabela revela o grau de satisfação dos moradores com o meio rural e com a atividade agrícola que desempenham. O meio rural enquanto espaço de vida possui quase unanimidade em satisfação, porque somente 3,4% se mostraram insatisfeitos. A situação é diferente quando focalizada apenas a atividade agrícola, para a qual não houve nenhuma família “muito satisfeita” e 20,3% declararam insatisfação.

**Tabela 24: Nível de satisfação em relação à atividade agrícola e ao meio rural na agricultura familiar de Veranópolis.**

Respostas	Atividade agrícola (%)	Meio rural (%)
Muito satisfeito	0,0	39,0
Satisfeito	79,7	57,6
Insatisfeito	20,3	3,4
Não sabe	0,0	0,0
Total	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa AFDLP - UFPeL (PPGA)/UFRGS (PGDR), 2003.

Embora o meio rural esteja inserido na economia que o circunda e as relações sociais estabelecidas nele não possam mais ser explicadas exclusivamente por suas interações internas, ele ainda subsiste como lugar onde os agricultores residem, conhecem seus vizinhos, formam associações, participam dos rituais religiosos e das festas. O conceito de interconhecimento de Mendras (1978) é revelador das práticas vigentes entre os agricultores em seu espaço de sociabilidade. A definição de Mendras deste conceito, que assinala o conhecimento mútuo longo e profundo que os atores sociais do meio rural ainda partilham, não entra em contradição com a proposta de Marsden (1998) sobre a crescente ação em distância no mundo rural contemporâneo. Marsden procura complexificar a análise assegurando que a sociabilidade se vê confrontada com uma lógica de inserção econômica

ampliada. Contudo é o interconhecimento como característica social ainda presente e importante no meio rural que auxilia a compreender o porquê da satisfação em nele residir, conforme a tabela acima.

A satisfação em morar no meio rural, abordado pelo conteúdo da tabela acima, é complementado com os aspectos mais valorizados deste ambiente social, apresentado pela Tabela 25, abaixo. Nesta está detalhado o que os atores sociais declararam acerca do meio rural, o que ele ainda proporciona a seus habitantes que o torna prazeroso de nele permanecer residindo. A Tabela 25 é central na linha de raciocínio aqui traçada, pois ela corrobora as diversas informações anteriores relativas à sociabilidade e à participação social das famílias. A tranquilidade característica do meio rural (45,8%) e a importância das relações sociais entre vizinhos (30,5%) são os motivos mais valorizados pelos agricultores sobre o meio rural em que vivem.

**Tabela 25: Aspectos mais valorizados pelos agricultores familiares de Veranópolis em relação ao meio rural em que vivem.**

Mais valoriza no meio rural	%
A paisagem	1,7
Os animais e as plantas	11,9
O trabalho na agricultura e importância de produzir alimento	10,2
A tranquilidade	45,8
Os vizinhos e a comunidade em que vive	30,5
Total	100,0

Fonte: Pesquisa AFDLP – UFPel (PPGA)/UFRGS (PGDR), 2003.

A valorização dada aos vizinhos e ao fato de residir na comunidade rural é resultado de uma orgânica rede de relações sociais que construiu e deu sentido às instituições como a igreja, cooperativas, associações e sindicatos. É também em virtude disso que este espaço pode ser identificado como tranquilo, satisfatório, onde simultaneamente se exercem trabalho, lazer e vínculos coletivos.

É propício aqui observar a trajetória das redes sociais de reciprocidade e de trabalho. Os dados acima analisados revelam que as redes de trabalho complexificaram as redes de interconhecimento e reciprocidade constituídas no cotidiano. A partir do momento em que o mercado de trabalho cresceu substantivamente com a industrialização e a urbanização, a sociabilidade local procurou preservar as peculiaridades das relações sociais de proximidade. No entanto, em meio a vizinhos e amigos é possível manter os círculos mais restritos, enquanto no trabalho e em relação a instituições menos próximas isto é mais difícil. Por este motivo, as atitudes de reciprocidade e confiança aparecem com mais frequência em função de

relações de proximidade, parentesco e amizade e com menor ocorrência para indivíduos pouco conhecidos (compradores, dirigentes, políticos) ou com quem apenas se estabelecem vínculos sem intencionalidade. O importante é ressaltar que na medida em que as redes se tornam maiores por meio do trabalho, a reciprocidade e o interconhecimento se tornam recursos, pois estes são usados como fontes de aliados, e os atores sociais se permitem restringir a sua sociabilidade àqueles em quem possuem fortes laços sociais.

Até este ponto, abordaram-se as bases sociais e econômicas sobre as quais se assentam determinados tipos de relações sociais que favorecem e estimulam a interação social por meio de redes. Ou seja, mostrou-se, de certo modo, a materialidade que dá sustentação às redes e ao particular modo de sociabilidade que se encontra nesta região. Agora, são analisados dois casos pelos quais se pode verificar mais detalhadamente como se constituem as redes sociais endógenas ao meio rural. Novamente, o objetivo não é aprofundar demasiadamente a pesquisa em cada uma das redes, porém utilizá-las como material empírico para vir a compor uma compreensão geral sobre redes sociais de reciprocidade e de trabalho em Veranópolis.

No item 5.4 deste capítulo, após examinar as redes e as maneiras pelas quais os atores sociais se vinculam para esboçar estratégias visando sua reprodução social, retoma-se a discussão sobre as representações sociais dos agricultores familiares, principalmente nos aspectos que concernem às perspectivas de futuro desta categoria social em Veranópolis.

### 5.3. REDES SOCIAIS DA AGRICULTURA FAMILIAR E DO MEIO RURAL

Durante a pesquisa de campo, verificou-se que a noção de redes podia ser um recurso explicativo para entender a maneira pela qual os atores sociais se relacionam no meio rural. A relevância disto é que há redes formalmente consolidadas e outras informais, dependendo da problemática em questão para qual se procura resposta. Procurou-se nesta parte do trabalho abordar apenas duas que são formalmente constituídas, nas quais há um estatuto semelhante ao de associação. Não obstante o modo contratual de regulação das ações (via associação) seja diferente do modo exercido pela reciprocidade (informal), importante é não perder de vista que mesmo as associações são tributárias de relações do cotidiano, como postulou Scherer-Warren (2005). Assim, quando consolidadas em associações contratuais, o conteúdo informal de regulação social é mantido em paralelo como estruturante das interações (WOLF, 2003b). Embora esta ressalva, ao longo deste quinto capítulo serão pontuadas outras formas de relações sociais e econômicas no meio rural que podem ser interpretadas a luz do conceito de

rede.

### 5.3.1. Redes sociais e as metamorfoses dos colonos vinicultores

A rede de vinícolas funciona como uma associação que possui oito cantinas integradas no município e seu raio de abrangência é restrito à Veranópolis. Ela iniciou entre os anos de 1999 e 2000 e foi uma estratégia em conjunto entre os produtores de uva e vinho e o poder público através do escritório local da Emater, apoiados pela prefeitura<sup>43</sup>.

De três entrevistados (no total das oito vinícolas), dois afirmaram que a iniciativa partiu efetivamente da Emater com o objetivo de organizar, legalizar e tornar mais competitiva a produção local. O fabrico do vinho é uma prática bastante antiga que os imigrantes trouxeram da Itália e, desde os primórdios da colonização, era comum que as famílias produzissem vinho a partir de parreirais próprios, cujo objetivo era o consumo doméstico, não sendo uma atividade comercial expressiva. Entre as décadas de 1920 e 1940 surgiram as cooperativas engarrafadoras de vinho nos municípios da Serra, fato que auxiliou a prosperar a atividade viticultora em toda a região de colonização italiana na Serra (SCHNEIDER, 2002).

Além dos elementos já ressaltados no trabalho sobre o crescimento da produção de uva como alternativa depois do declínio da extração de madeira e da cultura do trigo, é preciso notar que a fabricação do vinho se desenvolve em paralelo a esta. Santos (1980, p. 139) constatou que o comércio do vinho foi estimulado na região de colonização italiana, porque era uma maneira dos agricultores venderem seus produtos sem a concorrência da colônia alemã. A colônia italiana produzia muitos cultivos semelhantes aos de São Leopoldo e arredores, que se situava mais perto de mercados consumidores (Porto Alegre) e em regiões de melhores solos. Santos (1980, p. 139) argumenta que a fabricação do vinho e a aposta na especialização deste produto se tornaram formas de superar as condições desiguais entre as duas regiões de imigração.

Entretanto, ao longo dos anos muitos agricultores que entregavam uva para processamento nas diversas cooperativas começaram a se sentir insatisfeitos devido aos baixos preços recebidos. Portanto, além deste descontentamento, os colonos sempre mantiveram o saber-fazer do vinho de maneira tradicional, que era produzido e consumido na família e, uma outra parte, era vendida sem legalização. Em virtude disto, relatos informaram

---

<sup>43</sup> Programa “Agroindústria e Turismo Rural” e a rota turística “Vinhos & Longevidade”.

que a iniciativa da Emater, em parceria com agricultores interessados, veio a cumprir objetivos diversos: legalizar os empreendimentos, tornar o produto comercializável nos restaurantes e mercados, estabelecer metas de especialização (produção de uvas especiais como Merlot, Cabernet, Moscato, além das tradicionais Isabel e Niágara), promover o turismo urbano e rural, e fazer emergir uma produção com a marca do território.

A constituição desta rede (de formato horizontal, isto é, não-hierárquico) é um exemplo notável de como a mercantilização opera uma readequação dos antigos referenciais e das formas tradicionais de relações sociais. A rede se ampara no saber-fazer tradicional - o “estoque” de conhecimentos que são repassados por famílias às gerações seguintes, geralmente sem um ensinamento sistemático específico - porém expressa o claro objetivo da inserção mercantil. A rede também denota o processo de diversificação na forma de acesso aos mercados, via aumento da competitividade e aprofundamento da especialização, ou seja, a produção deixa de ser para uso doméstico. A associação é uma forma de estabelecer metas em conjunto, uma espécie de ação coletiva para qual o mercado de escoamento de produtos é a principal finalidade. Conforme relato de um entrevistado,

A associação ela é bem vista nesse ponto de desenvolver e competir, de trocar idéias. Desenvolver a ambição, pra melhorar a qualidade e competir. Então ela é muito importante nesse segmento [...] Em termos de marketing, divulgação, ela é muito importante (entrevistado n. 19).

Nas vinícolas, o próprio trabalho já se tornou uma combinação de formas tradicionais familiares e modernas, competitivas e mercadológicas. Ao lado da tradição dos antepassados, há a visão de que é necessário processar mudanças graduais (melhorias na produção, via conhecimento ou tecnologia), condição para continuarem na atividade enquanto vinicultores de porte pequeno a médio.

A Emater começou a unir os produtores de vinho, fazer uns cursinhos pra elaborar vinho de qualidade. [Antes], não tinha tanta qualidade como agora. Não tínhamos conhecimento, nós só sabíamos os vinhos “normais”. (entrevistado n. 20).

Mesmo sendo pequenos e médios produtores, com parreirais próprios e trabalho geralmente familiar, a forma de inserção mercantil, a organização legal da associação, as estratégias de divulgação os colocam muito próximos da profissionalização. Conforme relatou um entrevistado sobre seu empreendimento,



Então nós nos tornamos mais profissionais do que familiares, agora. (entrevistado n. 19).

Durante a pesquisa de campo, observou-se que estes empreendimentos em geral foram constituídos sob a base de relações sociais ancoradas em parentesco e, em menor intensidade, por meio de relações de reciprocidade entre conhecidos. A maior parte das vinícolas é familiar e, segundo os depoimentos, o parentesco vem a ser uma maneira de garantir a reprodução social, tal como Woortmann (1995) verificara em seus estudos sobre importância do parentesco para a manutenção das famílias rurais. Isso é desempenhado tanto no tronco familiar de descendência,

A iniciativa da vinícola foi do falecido marido, junto com dois filhos; o pai colocou negócio com eles. Eles e as mulheres moram na propriedade. (entrevistado n. 18).

Como nas alianças,

A família fazia vinho, mas o negócio estava meio parado. Com a minha entrada na família [casamento], retomou-se. (entrevistado n. 20).

Outros relatos coletados e visitas confirmaram também constituição de vinícola entre vizinhos. Cada qual, entra na parceria com aquilo que pode contribuir (conhecimento do processo de fabricação, capital econômico, força de trabalho, materiais, benfeitorias e instalações). Além destas manifestações de reciprocidade e interconhecimento para a constituição de empreendimentos entre pessoas que não são do mesmo grupo doméstico, os entrevistados responsáveis pelas vinícolas informaram que permanece importante um sistema de ajudas entre os vizinhos, no interior das comunidades. Entre as famílias produtoras de vinho, é corriqueiro um amigo próximo ajudar na colheita da uva, ação que é também retribuída na forma de trabalho. É o caso de observar, entretanto, que a necessidade de pedir ajuda ao vizinho também cria a dívida de retribuir.

Desta maneira, verifica-se como os agricultores familiares re-elaboram as transformações impetradas pela necessária especialização produtiva e integração em mercados. As relações de parentesco e de proximidade continuam sendo o principal sustentáculo produtivo, da confiança que eles depositam nas pessoas com quem trabalham e para o acúmulo do saber-fazer específico do meio rural (colheita e processamento dos produtos). Ao encontro do que as pesquisas de Polanyi (1976) mostraram sobre economia

como atividade institucionalizada, aqui está em questão o fato de que parentesco e economia não (a)parecem alienados, eles coadunam uma lógica comum e complexa.

A rede de vinícolas é também uma extensão destas relações de reciprocidade que acontecem entre vizinhos, porém ampliada, certamente modificada e com fins bastante evidentes. Neste sentido, é possível estabelecer analogia com os estudos de Barnes (1987) e Boyssevain (1987), visto que se percebe que redes do cotidiano podem ser sustentáculo para redes ampliadas, como também observou Scherer-Warren (2005). Além disto, as redes de ligações pessoais facilmente se convertem em estruturas de apoio ou recursos sociais para atores vinculados, ampliando suas capacidades de ação, como esclareceu o trabalho de Long e Villarreal (2004, p. 9) sobre migrantes mexicanos nos Estados Unidos.

A sociabilidade entre vizinhos é mais próxima, de mais antigo conhecimento mútuo entre as famílias, entretanto não se pode desconhecer que a rede, mesmo com estrutura formal, também requer reciprocidade ou confiança entre os participantes, segundo enfatizou Caillé (1998a). Assim se expressa na figura do diretor da associação, citado em todas as entrevistas como alguém em quem o grupo confia. O importante é ressaltar os atos do grupo sendo dirigidos para a associação, através de um esforço em conjunto. Isso não implica que suas próprias cantinas e famílias não sejam prioridade, mas que a rede pode ser um meio (para as estratégias visando a qualidade de vida da família) e também um fim (a rede fortalecida é salutar para o município, para o futuro da atividade, o que retornaria também em benefícios particulares). A rede como construção social que estrutura os mercados, semelhante ao proposto por Bagnasco e Triglia (1993), faz emergir estes elementos onde se polarizam o individual (unidades) e o coletivo, confrontados através dos dilemas entre competir e cooperar:

A gente começou a fazer umas reuniões, se organizar e [...] chegamos a conclusão de que deveríamos fazer uma associação, trabalhar unidos. (entrevistado n. 20).

Analisar a concorrência é interessantíssimo para compreender o modo de vida dos agricultores. Conforme já foi relatado durante o texto, a concorrência é cooperada, ela não é assumida abertamente em alguns relatos, embora ela seja perceptível e visível ao pesquisador que circula no município durante algum tempo. No caso das vinícolas, é exemplar que a associação opere em forma de cooperação.

A gente trabalha mais ou menos ‘tudo igual’. Não tem muita diferença entre

uma e outra. Não existe concorrência entre nós. Mesmo porque a gente não pode fazer isso, porque daqui a pouco a gente acaba até destruindo a associação. (entrevistado n. 20).

Mas em outro relato percebe-se que pode ser distinto.

É uma pena. Quando há união em desenvolvimento do trabalho, essa associação, tem-se uma política, como eu estava defendendo há pouco, mais igualitária, de desenvolvimento, e de uso do dinheiro para que haja produção; isso fez com que se desencadeasse uma implantação de vinhedos, até por que o setor estava em alta, e muitos dos agricultores plantaram nos últimos anos. Dessas uvas, algumas são finas e, como alguns não são registrados ainda, eles estão começando a vinificar e competir. (entrevistado n. 19).

Observa-se que o agricultor, tal como escrevera Farina (1992), tem um ímpeto a imitar o seu vizinho, sobretudo se economicamente for viável. Quando essa imitação é realizada de maneira transparente aos olhos da comunidade, ela pode vir a ser interpretada (e até mesmo forçada a ser) como cooperação. Pode-se ampliar essa análise para além dos agricultores, indicando que esse também era o caso dos fruteiros. Entretanto, quando há a desaprovação segundo os padrões morais, ela é uma competição no sentido estrito, algo que parece existir somente na acepção negativa do termo. Por outro lado, quando ela é aberta, dificilmente será percebida como um constrangimento, característica que representa uma perspectiva do que venha a ser o significado de competição e cooperação entre a população local.

O fato de a associação representar uma ampliação das relações sociais de proximidade, já modificada e mais instrumental, faz com que os seus fins sejam distintos da reciprocidade comunitária. Neste caso, a rede funciona como representação legal junto ao poder público, nela são realizadas reuniões para discussão de preços e estratégias e aparece como uma importante difusora de informações. É por meio dela que os viticultores se atualizam acerca das demandas do mercado, das novidades, das tecnologias e das diferentes medidas governamentais para o setor. Ela tem uma função fundamental de ligar o local e o rural com o urbano, o nacional e o global. A rede representa a articulação na forma de organização com o qual o rural se articula com a economia local do território, tal como Reis (1985) sugeriu para o caso português, isto é, o rural se articula com o ambiente externo. Dessa maneira, permite-se recorrer à compreensão de Marsden (1998) sobre o fenômeno, pois a rede dinamiza as ligações através de sua ação local e também por meio de sua ação-em-distância, que vêm a se realizar quase simultaneamente em tempos de globalização.

Para além dos aspectos até aqui analisados, outras três questões ainda são importantes

para entender a constituição da rede de vinícolas, o conhecimento, o capital econômico e a capacidade de empreender. Conforme já destacado, as vinícolas emergiram da associação de fatores tradicionais (familiares) de um lado, e modernos (estratégias empresariais) de outro; e isso é válido tanto no trabalho como no uso de tecnologias e na gestão. Portanto, pode-se atribuir a elas a capacidade de iniciativa que circula tanto no interior das famílias produtoras de vinho como através da própria rede, sem a qual não teriam surgido. Em meio ao contexto social mercantilizado, a cultura herdada, que projetava a prosperidade da família como um horizonte a ser alcançado, é utilizada como recurso para a constituição das vinícolas e da rede. Da mesma maneira, o tradicional conhecimento dos antepassados é utilizado como estrutura fundante sob a qual a rede irá operar o aprofundamento da especialização.

Não obstante, nem o senso de empreendedorismo nem o conhecimento seriam suficientes se não houvesse capital econômico a ser investido. De fato, o capital é condição da mesma forma que os outros fatores o são. As famílias que constituíram vinícolas possuíam recursos acumulados durante anos na atividade agrícola e na venda esporádica do vinho, que antes era um produto para o autoconsumo doméstico. O importante é atentar-se que quando os capitais econômicos são escassos, os recursos podem ser centralizados por meio das relações sociais de proximidade, confiança, parentesco, reciprocidade.

Nestes termos, a rede terá um papel central para organizar a produção e as estratégias, através dos quais os vinicultores também se sentirão compelidos a modificar suas formas de produção. Mas a entrada nesta organização não é livre e requer até mesmo pré-requisitos. A associação somente comportará aqueles que se mostrarem interessados em participar dessa proposta, e os que têm capacidade econômica. Dessa forma, as relações de reciprocidade e de concorrência passam a administrar suas interações, em virtude do que a rede se assemelha a um grupo, ou um conjunto de ação, na interpretação de Mayer (1987). Este é o caso quando todos os atores sociais se vinculam e regulam seus atos em harmonia com objetivos muito precisos. Entretanto, a pretensão é compreender o fenômeno em Veranópolis como rede, pois a dinâmica da organização comporta aqueles que puderem se engajar (existe uma extensão das relações sociais que, com o tempo, pode se ampliar) e a concorrência nos mercados não os faz apenas cooperadores. Sob este aspecto teórico, ainda advém o fato de que as atitudes dos membros da rede são influenciadas por outros vinicultores locais que não participam dela formalmente.

Nas vinícolas aqui examinadas a família continua a ser protagonista, sem perder sua centralidade mesmo com o processo de mercantilização. Nela está resguardado o conhecimento (saber-fazer) que subsidia a estratégia, agora renovada em função das

transformações históricas no ambiente social. Pela família, o conhecimento é retransmitido na aliança - por meio dos matrimônios - e na herança - através da descendência. Além do mais, a mercantilização não antecipa seu perecimento, ao contrário, as formas familiares vão ser paradoxalmente benéficas para o desenvolvimento do capitalismo. Em Veranópolis, as famílias operam a associação de conhecimento, capital econômico e reciprocidade, fatores necessários para consolidar os empreendimentos e atingir os mercados.

### 5.3.2. O papel das redes na reorganização dos processos produtivos: o caso dos produtores ecológicos

A rede dos produtores ecológicos de Veranópolis existe há pouco mais de cinco anos e congrega seis famílias que estão localizadas tanto no meio rural como no urbano. A história da rede inicia com quatorze participantes que fizeram curso de formação no Centro de Ecologia do município de Ipê. Segundo informações, foi o sindicato de trabalhadores rurais que estabeleceu contato com o Centro e angariou a participação dos produtores no curso. Depois deste período de tentativa de conversão, muitos desistiram da alternativa de produção. De modo análogo à anterior, é também uma rede horizontal de ação que visa mercados, representação local e organização da produção, porém através da produção ecológica.

Os produtores se organizam conjuntamente e vendem parte de sua produção em feiras realizadas duas vezes por semana no centro de Veranópolis. Conseguir licença para estabelecer a feira periodicamente foi a dificuldade mais relevante, pois tiveram que negociar com os outros produtores do município que plantam de maneira tradicional e também se organizam em feira, no mesmo município. Novamente, a organização dos produtores em rede parece ter sido fundamental para articular um movimento conjunto que garantiu representação junto ao poder público. Essa legitimidade só se completaria mesmo com o sucesso da feira junto aos consumidores.

A rede também funciona como meio de informação e é extremamente bem articulada, pois são poucas famílias ainda no ramo. Em visita à feira, observou-se que a procura pelos produtos é expressiva, percebendo-se tal como os depoimentos haviam relatado, há um movimento intenso no início e alguns produtos acabam rapidamente. Um dos entrevistados relatou que precisa da ajuda das filhas logo que a sessão é aberta, elas então sacrificam parte do horário de almoço (pois trabalham na cidade) para ajudar o pai. A procura pelos produtos é confirmada pelo fato da feira ocorrer duas vezes na semana.

O mesmo entrevistado afirmou que decidiu converter a propriedade agrícola depois de uma grave intoxicação com insumos químicos utilizados nas lavouras. Ele soube do centro de ecologia do município de Ipê através do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Veranópolis e fez cursos nesta instituição com outros agricultores. A partir da conversão da propriedade, diversificou a plantação e a forma de comércio (em feiras), além de constituir uma agroindústria ecológica junto com o irmão, que também é seu vizinho. Do ponto de vista agrônomo, o processo de conversão exige muitos requisitos. A produção necessita de dispêndio de tempo, recursos econômicos para inversão e conhecimento de outras técnicas de eliminação de pragas. Outro fator que pode ser complicador é a quantidade de resíduos que permanece no solo. Os estabelecimentos agrícolas que durante anos receberam significativos depósitos de materiais agrotóxicos não são limpos facilmente, o que demanda um trabalho minucioso para que não permaneça veneno na área de produção.

A experiência deste entrevistado vale ser realçada e pode ser comparada com a constituição das vinícolas analisadas anteriormente. Tal como está sendo abordado neste estudo desde o princípio, relações sociais de reciprocidade e interconhecimento foram fundamentais para que seu empreendimento se realizasse. Em parceria com o irmão, ele montou uma agroindústria ecológica que produz sucos de uva, geléias, molho de tomate. O irmão trabalha com atividades não-agrícolas (não lida na agricultura), mas participa da agroindústria, que funciona no período da colheita e fica inativa durante o resto do ano agrícola. A diversificação de atividades é exemplar, pois são duas famílias (dois irmãos casados e com filhos) que, em conjunto, se dedicam à agricultura, a ocupações não-agrícolas em comércio e serviços na figura de alguns membros (um dos chefes de família e outros filhos jovens das duas famílias nucleares) e a atividades de processamento agrícola na propriedade. Constatou-se, segundo os depoimentos, que o empreendimento de beneficiamento foi possível devido à associação entre os irmãos, cujas relações ampliaram o leque de atividades. Ainda assim, eles também contaram com o apoio governamental através de recursos públicos. O caso ressalta que a combinação de fatores como capital econômico, relações no grupo de parentesco e empreendedorismo possibilitou a conversão da propriedade como também a implementação da agroindústria, que é também direcionada a produção ecológica.

O estabelecimento conta também com as formas costumeiras de reciprocidade que é típica das famílias rurais de Veranópolis, se estendendo para além do grupo doméstico. O entrevistado informou que

[...] na época de fazer suco, os filhos ajudam, a cunhada e outra sobrinha que mora na comunidade vizinha. O vizinho também ajuda na colheita e na fabricação do suco. Eu empresto meu trator que pode entrar no parreiral dele e ele me ajuda aqui (entrevistado n. 17).

Semelhante ao que verificaram os estudos de Long e Villarreal (2004), a citação acima evidencia que a reciprocidade e o interconhecimento constroem uma rede de apoios mútuos e pessoais, tanto nos membros da família como dos amigos, com quem o entrevistado faz troca de dias de serviço. Isto não mascara as relações de poder e de dívida que os vizinhos contraem no cotidiano, pois o entrevistado possui uma máquina que o vizinho não tem e que necessita para trabalhar. Para compensar, o vizinho trabalha na propriedade do dono da máquina. A troca de dias também tem sido observada por Sabourin (1999) em seus trabalhos com camponeses do Nordeste do Brasil. O caso examinado em Veranópolis sugere que a rede dos produtores ecológicos atua como organizadora da produção e também com a finalidade de apoiarem-se mutuamente. Contudo, estas manifestações da dádiva e do interconhecimento se projetam pelo meio rural de maneira geral, fazendo com que os atores sociais acessem seus vizinhos e amigos para efetivar as ajudas, ou seja, a rede formal é apenas uma dimensão da reciprocidade e dos vínculos coletivos.

Devido à mercantilização, a rede de ecológicos é uma estratégica para a diversificação da produção agrícola, se inserindo em nichos de mercado diferenciais. Utiliza relações sociais de proximidade, parentesco e reciprocidade para constituir os empreendimentos, ou seja, tal como a das vinícolas, é uma associação com a finalidade de mercado, mas que por meio de relações sociais específicas, os auxilia a iniciar os negócios, acessar os mercados e garantir a reprodução social das famílias.

A concorrência entre os agricultores é quase inexistente, já que são poucas famílias que se dedicam à atividade agrícola sem o uso de insumos agro-químicos. A rede é bastante coesa na orientação da comercialização e os agricultores até mesmo combinam o que produzir para que um não ocorrem problemas de oferta do mesmo produto. A informação que circula na rede tem papel essencial para que este objetivo seja almejado. No entanto, a administração do mercado por parte dos produtores na forma de cooperação ainda é possível porque são poucos produtores e há demandas de mercado. O que os obstaculiza não é a concorrência, mas sim a carência dela, porque, muitas vezes, as técnicas não conseguem eliminar as pragas e parte da produção é perdida. A produção ecológica local fica então prejudicada. As famílias que desistiram se depararam com a dificuldade de produzir e a falta de apoio técnico e institucional.

Assim, a cooperação dos feirantes é muito significativa para que não faltem produtos, ou seja, há uma espécie de “necessidade de concorrência”, porque tem sido frequente até mesmo a escassez de oferta. O detalhe aqui está compreender este mecanismo que estimula, ao mesmo tempo, a reciprocidade e a concorrência no interior das redes. Isto somente seria possível por meio de mecanismos sociais, discursivos e culturais muito precisos construídos, tenazmente, ao longo da história.

De maneira semelhante às vinícolas, o capital econômico é assegurado nas famílias que acumularam por meio da atividade agrícola ao longo dos anos, o que os possibilita a investirem, mas elas também recorrem a recursos públicos e parcerias. A agroindústria ecológica citada acima foi impulsionada por um programa do governo estadual que incentivava ecológicos e também está na rota turística “Vinhos & Longevidade”. Além desses incentivos obtidos junto a programas governamentais, a sociedade com parentes e o trabalho familiar (que possibilita a junção de capitais econômicos) e mercados demandantes são condições para o negócio se desenvolver.

Uma das distinções com a rede das vinícolas é o conhecimento do ofício. Ele não é adquirido recorrendo às antigas práticas dos antepassados, pois neste caso trata-se de um conhecimento de técnicas novas, que visam uma ruptura com a forma anterior de produção – isto é, deixar de utilizar fertilizantes e agrotóxicos. A rede se fundamenta nas relações sociais ancestrais que o modo de vida na agricultura legou, mas precisa exercitar conhecimentos recentes, por isso a readequação das antigas práticas objetiva a adaptação a contextos novos. Particularmente, este vem a ser um dos problemas da rede não conseguir angariar novos produtores, visto que os agricultores têm dificuldades de romper com a tradicional forma de produção imposta pela modernização da agricultura e sentem-se temerosos de buscar alternativas, segundo relato (entrevistado n. 17). Portanto, trata-se de uma rede de produtores que provavelmente se desenvolverá caso obtenha apoio do poder público.

### 5.3.3. Redes, desenvolvimento rural e diversificação das atividades

Uma apreciação geral permite afirmar que elementos semelhantes aparecem nas duas redes acima examinadas. Estratégias de inserção em mercados que são possíveis através de relações sociais entre os produtores, seja nas vinícolas, seja entre os ecológicos. As redes são formas de ação coletiva em função de mercados e da diversificação, mas se ancoram em trabalho familiar no interior dos empreendimentos, em redes de reciprocidade entre parentes e



vizinhos, no interconhecimento e na confiança recíproca, em cooperação.

Há também diferenças nas duas redes. A concorrência é muito maior na primeira, visto que a possibilidade de auferir lucros é muito maior na comercialização dos vinhos finos. A rede das vinícolas movimenta muito mais recursos no município e tem forte apelo ao turismo; já os ecológicos visam outros fins, como a produção mais sustentável e a qualidade dos alimentos para as suas famílias e para a venda nos mercados locais. A consequência disto é que o capital acumulado para investimento da rede de vinícolas deve ser maior comparando-se estes com a rede de ecológicos. Quanto ao conhecimento, também se verifica que a segunda rede precisa realizar uma ruptura com o passado (deixar de utilizar químicos prejudiciais ao ambiente e à saúde humana), enquanto na primeira rede as técnicas empregadas pelos antepassados são recursos importantes, tanto para o saber-fazer como para o simbólico sobre a procedência e a história do vinho que cada família produz.

A fim de uma comparação com as redes descritas e analisadas no capítulo anterior, uma das diferenças fundamentais é que estas redes pouco envolvem contratação de mão-de-obra, somente alguns trabalhadores eventuais para a colheita da uva e na fabricação do vinho. A maior parte do trabalho é feita pela família e ainda outra é realizada com troca de dias. Quando ocorrem contratações, se assemelham ao fenômeno da troca de dias quanto à forma de vínculo social, pois são pessoas conhecidas, da comunidade ou de localidades vizinhas, a maioria delas. A contratação da força de trabalho é uma das principais diferenças entre estas redes e as analisadas no capítulo anterior, que possuem como uma das consequências a verticalidade das relações (patrão-empregado).

As redes rurais têm nas famílias uma centralidade. Nela o trabalho é alocado, a propriedade agrícola é transmitida e as alianças de parentesco são concretizadas. O saber-fazer não é adquirido na rede, como entre fruteiros, microfusão e indústrias de calçados, mas é um dos suportes para ela existir. Em outro aspecto diferencial, no meio rural as redes de vinícolas e dos produtores ecológicos se projetam com mais intensidade pelo interconhecimento, pois as redes são menores em extensão, o que as torna mais coesas e mantidas por meio de vínculos personificados.

Por meio da análise destas duas redes é possível enfatizar que, no meio rural de Veranópolis, geram-se inúmeras estratégias de diversificação de rendas e inserção econômica para as famílias. Neste processo, as redes de relações sociais têm papel fundamental para que o tecido social consiga recriar estratégias e ampliar o leque de possibilidades laborais.

Durante as pesquisas de campo, observou-se outras formas associativas de cooperação no meio rural que tinham por objetivo a reprodução social e econômica das famílias, estas,

porém, não-formais (sem caráter de associação legal). Numa das famílias visitadas, a entrevistada relatou que seu filho uni-se ao cunhado para implementar um aviário, cujo montante aplicado foi conseguido por meio de um empréstimo. Sua família e a do cunhado se conheciam desde longa data, ambas pertencentes à mesma comunidade – manifestação de uma integração de reciprocidade, como Polanyi (1976) afirmou a respeito da maneira que grupos podem se vincular por meio da reciprocidade com finalidades econômicas. A família ainda diversifica as atividades econômicas via lavouras e via fabricação de queijos, pois a entrevistada relatou que viver só da agricultura é penoso.

A diversificação das atividades no meio rural é evidenciada também de outras maneiras (aviário, fruticultura, pluriatividade, beneficiamento da produção na propriedade – queijos e salames –, turismo, extração). A atividade de extração de pedras basalto foi citada como importante fonte de rendas em certas comunidades rurais, sobretudo aquelas próximas aos municípios de Fagundes Varela e Vila Flores, onde no solo afloram estas formações<sup>44</sup>. Ocupar-se nas pedreiras traz rendimentos razoáveis; comparadas às indústrias de calçados, por exemplo, chegam a pagar um salário de cerca de quatro vezes maior, mas a atividade é muito insalubre.

Na fruticultura e nos aviários há também investimentos, pois são mais lucrativos que outros cultivos e representam formas das famílias permanecerem na agricultura:

Aqui ainda é muito rentável pro pessoal fazer a fruticultura, investir na fruticultura. Bastante gente vende a uva *in natura* para os mercados. Aqui em Veranópolis eu acho que é a capital dos fruteiros, o pessoal carrega bastante, vai pra fora, pra fronteira [...] A fruticultura está em segundo lugar ou até, praticamente num patamar igual. E na avicultura o pessoal tem investido (entrevistado n. 20).

Dessa maneira, observa-se que no meio rural se apresenta uma miríade de formas de inserção em atividades econômicas, na agricultura exclusivamente (aviários, fruticultura, produção ecológica), no beneficiamento da produção (agroindústrias diversas, vinícolas, queijos, salames, sucos) e nas atividades tipicamente não-agrícolas (pedreiras, turismo), além da articulação nas redes de trabalho (indústrias e fruteiros) analisadas anteriormente. A diversificação gera externalidades sobre o território como a absorção local da força de trabalho, a inversão das poupanças e dos salários e a própria ampliação da divisão social do trabalho.

---

<sup>44</sup> O trabalho de Cole (2003) mostrou que a atividade de extração de basaltos é uma das formas em que se expressa a pluriatividade entre agricultores familiares de David Canabarro e arredores, municípios de colonização italiana localizados relativamente próximos à Veranópolis.

Estas redes potencializam relações sociais que dinamizam o mercado de trabalho – que no meio rural comumente faz surgir o fenômeno da pluriatividade. Em virtude de o interconhecimento ser quase “naturalizado” no cotidiano das famílias, a sociabilidade adquire sentidos e dela derivam formas diversas de interação, tal como na economia (na formação das redes e dos empreendimentos em família ou entre vizinhos), no lazer, nas ajudas mútuas, na religião, nas redes de informação.

Do ponto de vista do desenvolvimento rural, se faz necessário pensar que as redes, além de se constituírem em formas de inserção econômica e reprodução social, potencializam os vínculos políticos, as associações nas comunidades rurais (associações de mulheres, grupos religiosos, grupos de jovens, etc.), as cooperativas e as ações coletivas, ou seja, elas expressam a pluralidade de empreender esforços para o desenvolvimento rural. Por projetarem espacialmente estas relações e enfatizar os vínculos locais (porque a reciprocidade e o interconhecimento são melhor suscitados quando ocorrem em interações de proximidade e intensidade da vida coletiva local) o desenvolvimento rural articula-se e inscreve-se em uma marca territorial.

É com este intuito que se justifica pensar o “paradigma da dádiva”, no sentido atribuído por Caillé (1998a, 1998b, 2002a) e retomado por Freitas (2002), como uma maneira de acessar redes de relações. O conteúdo simbólico e ético da dádiva, reclamado por Mauss, seria o cimento destas redes em suas diversas configurações: redes endógenas ou redes que ligam territórios, estudadas por Lowe et. al (1995) e Murdoch (2000), redes de coalizões e quase-grupos pesquisadas por Boyssevain (1987) e Mayer (1987), respectivamente. Este conteúdo permite que se encontrem conexões entre as redes sociais de reciprocidade e de trabalho com os processos que visam o desenvolvimento rural.

#### 5.4. OS JOVENS RURAIS E AS PERSPECTIVAS DE FUTURO NA AGRICULTURA FAMILIAR

O desenvolvimento rural somente faz sentido, para além da noção e da concepção política de “desenvolvimento agrícola”, se for capaz de almejar que o rural seja um espaço de interações sociais e de relações com a natureza. Sob esta perspectiva, ele se constitui enquanto local moradia, de lazer, de trabalho, de significado e de memória. Sem dúvida, suas possibilidades se conjugam com a capacidade de que o rural venha a permanecer com estes sentidos para as populações, sobretudo para as novas gerações. São elas que carregam as

potencialidades tanto para a permanência deste território enquanto apropriado e “vivo”, como para uma história do futuro, transformações necessárias e desejadas para estes espaços. Neste sentido, a pretensão é que para analisar a sustentabilidade de um processo de desenvolvimento rural, dever-se-ia examinar os indicadores que dizem respeito às expectativas dos jovens.

Em alguma medida, essa capacidade de reprodução da forma social ‘agricultura familiar’ no espaço rural é garantida pelo engajamento dos jovens no trabalho agrícola, ou seja, na esteira da sucessão do estabelecimento e nas suas possibilidades de constituir uma nova família. No entanto, em Veranópolis, há um descompasso entre a vontade dos pais acerca da continuidade dos filhos na propriedade e a efetiva existência de herdeiros dispostos a aceitar esta incumbência colocada por parte das famílias entrevistadas, conforme a Tabela 26, a seguir. Enquanto 64,4% das famílias gostaria que os filhos seguissem a profissão de agricultor, em 44,1% delas há efetivamente um sucessor. A meio termo, as perspectivas de futuro da família na atividade – que não necessariamente envolve apreciações quanto aos filhos e a sucessão – são positivas em 55,9% das famílias.

**Tabela 26: Perspectivas de futuro dos agricultores familiares de Veranópolis (%).**

Resposta	Gostaria que os filhos seguissem a profissão (%)	Perspectiva de futuro da família na atividade (%)	Algum membro continuará na agricultura (%)
Sim	64,4	55,9	44,1
Não	27,1	35,6	35,6
Não sabe	8,5	8,5	20,3
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa AFDLP - UFPeL (PPGA)/UFRGS (PGDR), 2003.

Quando se separam os dados por tipo de família, aparece um dado curioso. Tudo levaria a supor que os agricultores que se ocupam exclusivamente da agricultura deveriam se mostrar mais esperançosos de permanecer na atividade, no entanto não é o que ocorre, segundo a Tabela 27, abaixo. Quando perguntadas sobre as perspectivas de futuro da família na atividade agrícola, menos da metade dos agricultores monoativos (somente dedicados à agricultura) respondeu que sim, ou seja, que havia perspectiva. De outro lado, 61,8% dos pluriativos (famílias que combinam ocupações agrícolas e não-agrícolas) respondeu que tinha perspectiva de futuro na atividade agrícola. Dessa maneira, a pluriatividade parece estar garantindo até mesmo o futuro da família nas duas ocupações, pois já não dependem exclusivamente dos rendimentos do setor agropecuário.

**Tabela 27. Perspectiva de futuro na atividade agrícola (%), por tipo de família.**

Resposta	%	
	Monoativo	Pluriativo
Sim	48,0	61,8
Não	32,0	38,2
NS/NR	20,0	0,0
Total	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa AFDLP – UFPel (PPGA)/UFRGS (PGDR), 2003.

Por esta razão, os agricultores se mostram mais abertos aos diversos caminhos que os filhos podem seguir profissionalmente, combinando ocupações e mantendo a propriedade agrícola ativa. As redes de trabalho permitem não apenas a reprodução social dos indivíduos, mas que o rural continue também um espaço de moradia. Isso possui conexão com o fato de que no rural já não é mais indispensável o saber das práticas agrícolas, ou seja, o rural se tornou muito maior que o agrícola, corroborando o que estudos de Schneider (2003) e Silva (1999) verificaram. Tanto é verdade que quando perguntados sobre a educação dos jovens rurais, a maioria (64,4%) respondeu que os filhos e filhas de agricultores deveriam ter educação mista, com ensino agrícola, mas também com estudos voltados para formação geral, de acordo com a tabela 28, a seguir.

**Tabela 28. Opinião dos agricultores de como deveria ser o ensino e a educação fornecidos às crianças e jovens, filhos e filhas, de agricultores em Veranópolis.**

Respostas	%
uma educação voltada para a agricultura	18,6
uma educação geral	13,6
uma educação mista, tanto à agricultura como à formação geral	64,4
não sabe/sem resposta	3,4
Total	100,0

Fonte: Pesquisa AFDLP – UFPel (PPGA)/UFRGS (PGDR), 2003.

Esta propensão a que os filhos e filhas de agricultores se insiram em processos de aprendizagem para além das práticas agropecuárias não apenas indica uma modificação do rural. Há também uma preocupação dos pais e jovens acerca da sustentabilidade de manter a propriedade, conseguir estudos razoáveis no local ou de obter empregos. Assim, muitas famílias expressaram em suas respostas que algum membro apresentava desejos de migrar para cidades, abandonando de vez a agricultura e o meio rural. A Tabela 29, a seguir, mostra que 37,3% das famílias possui alguém que gostaria de mudar para a cidade. Todavia, a tabela explicita que é expressiva a porcentagem de famílias que não têm membros com desejo de sair do meio rural (59,3%). Conforme destacado anteriormente, a diversidade de formas de ocupação e de obtenção de rendas se alia a capacidade dos atores sociais em estabelecer

vínculos sociais e formularem estratégias de reprodução em redes de trabalho.

**Tabela 29: Perspectivas de algum membro da família mudar para a cidade.**

Respostas	Alguém da família gostaria de mudar para cidade (%)
Sim	37,3
Não	59,3
Não sabe	3,4
Total	100,0

Fonte: Pesquisa AFDLP - UFPeL (PPGA)/UFRGS (PGDR), 2003.

Dentre as famílias que responderam afirmativamente sobre propensão à migrar no grupo doméstico, as principais razões apontadas que levam os membros a abandonar suas propriedades no meio rural foram a falta de acesso à educação e ao mercado de trabalho, de um lado, e a baixa remuneração e dificuldade do trabalho agrícola, de outro, ambos com 33,3% dos casos cada resposta, segundo a Tabela 30, a seguir.

**Tabela 30: Principais razões que levam os membros da família a migrar segundo os agricultores familiares de Veranópolis\*.**

Razões que impulsionam a migração	Nº de casos	% sobre os válidos
Acesso à educação e mercado de trabalho	7	33,3
Baixa remuneração e dificuldade do trabalho agrícola	7	33,3
Questões associadas à saúde	2	9,5
Outros	5	23,8
Total	21	100,0

Fonte: Pesquisa AFDLP – UFPeL (PPGA)/UFRGS (PGDR), 2003.

\* Nota: para esta tabela só foram contabilizados os que responderam afirmativamente a propensão à migrar.

Porém, além da migração, alternativas aparecem quando a agricultura passa por crises em determinados períodos. A relevância disto é mostrar que os recursos sociais, simbólicos e econômicos do território, como as redes de reciprocidade e o mercado de trabalho, exercem um papel central na capacidade de que os atores sociais projetem suas estratégias de reprodução social no ambiente social local. De acordo com a Tabela 31, a seguir, mais de 33% dos entrevistados respondeu que a melhor maneira de proceder num momento de crise é esperar e continuar a fazer o mesmo até que a crise passe. Outra resposta a esta pergunta, contemplada por uma parte significativa das famílias, está ligada a pluriatividade. Devido às amplas oportunidades de empregos em atividades não-agrícolas, 28,8% admitiram que a estratégia a ser adotada num momento de crise é buscar estes empregos, sem vender a terra e sem deixar de morar no meio rural.

**Tabela 31: Estratégia adotada pelos agricultores familiares de Veranópolis frente uma situação de crise na agricultura.**

Estratégia	%
Continuar a fazer o mesmo e esperar a crise passar	33,9
Buscar emprego em atividade não-agrícola, sem vender a terra	28,8
Buscar aperfeiçoamento tecnológico para melhorar a produção	25,4
Deixar de trabalhar na agricultura e vender a terra	8,5
Não sabe/sem resposta	3,4
<b>Total</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa AFDLP - UFPeL (PPGA)/UFRGS (PGDR), 2003.

De uma maneira geral, e apesar das oportunidades de trabalho não-agrícolas, os agricultores ainda anseiam por melhorias nos preços agrícolas de seus produtos e, conseqüentemente, nas suas rendas. Essas são as principais condições apontadas pelos agricultores (39 %) para que sua qualidade de vida melhore, tal como é demonstrado pela Tabela 32, abaixo.

Esta preocupação não é apenas relativa à reprodução social de sua família, pois um contingente expressivo das famílias acessa com facilidades as redes de trabalho não-agrícolas ou possui aposentadorias, mas demonstra a preocupação com a continuidade da própria agricultura familiar através de futuros (e possíveis) sucessores. Por essa razão, cobram preços justos para seus produtos e condições tanto para permanecer produzindo como para que o estabelecimento, pertencente à sua história, continue ativo nas próximas gerações.

**Tabela 32: Principais condições apontadas pelos agricultores familiares de Veranópolis para a melhoria nas condições de vida da família.**

Respostas (por ordem de importância)	Nº	%
Melhoria dos preços dos produtos agrícolas e rendas	23	39,0
Mais crédito e financiamento	7	11,9
Melhoria da saúde dos membros da família	7	11,9
Melhoria da infra-estrutura	4	6,8
Melhoria das aposentadorias	3	5,1
Mais empregos	2	3,4
Mais terra	2	3,4
Mais e melhor assistência técnica	1	1,7
Outras	7	11,9
Não sabe/Não respondeu	3	5,1
<b>Total</b>	<b>59</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa AFDLP - UFPeL (PPGA)/UFRGS (PGDR), 2003.

Os agricultores insistem que os apoios para a agricultura são condições fundamentais

para continuar na atividade. Muitos jovens ainda estão abandonando as comunidades, fenômeno que, como se viu nos capítulos três e quatro, não é tão recente. A pesquisa qualitativa permitiu observar que em certas comunidades visitadas foi relatado que era cada vez mais difícil manter a juventude. Eles têm abandonado o meio rural em virtude das dificuldades e penosidades do trabalho (pouca terra e terrenos declivosos), da atração dos empregos não-agrícolas e do fascínio provocado pela vida urbana (associada à moderna). Como informou uma entrevistada: “os jovens saem da colônia, e os que saem nunca voltam” (entrevistada n. 16). Neste sentido, ainda que em Veranópolis a pluriatividade seja responsável pela permanência de muitos jovens, o que está em questão para eles não é somente oportunidade no mercado de trabalho, mas um outro tipo de *status* atribuído a morar na cidade e outras facilidades encontradas no meio urbano (por exemplo, estabelecer um relacionamento com outra pessoa)<sup>45</sup>.

A contradição é que a atração pelos empregos, tanto nos setores industriais como no comércio e nos serviços que, em muitos casos, são os principais responsáveis pelas famílias permanecerem no meio rural, acabam por fazer os jovens se desligarem efetivamente do meio rural e da agricultura. Eles obtêm o emprego e se desligam do trabalho agrícola, permanecendo no estabelecimento até casar ou ter condições de ter sua própria residência.

Ainda que dessa forma, os jovens interpelados nas incursões a campo declararam que realmente não faltam oportunidades de emprego não-agrícola na região, independente de residirem no meio rural ou urbano, sejam moças, sejam rapazes. Como já foi mostrado no capítulo quatro, os salários não são altos, mas o bastante para compensarem as vicissitudes do trabalho agrícola. Alguns escolhem permanecer na colônia (meio rural) e trabalhar na propriedade ou nos empregos não-agrícolas. Um dos entrevistados trabalha numa das grandes empresas de calçado e mora no interior do município de Protásio Alves, afirmou enfaticamente que aprecia seu emprego na fábrica e que também jamais gostaria de sair do rural, pois tem os amigos, os parentes, os conhecidos da capela e a rotina do trabalho agrícola junto à natureza. Para ele, não há contradição entre um e outro.

Portanto, encontram-se em Veranópolis diferentes manifestações sobre a ruralidade, o meio urbano, a agricultura e as ocupações não-agrícolas. A dificuldade de prosseguir na atividade agrícola é anteposta à satisfação que muitos declaram sentir pelo meio rural, e pelas facilidades (dependendo da localização da comunidade rural) de se realizar diariamente o

---

<sup>45</sup> Não será avançado neste estudo, mas um dos complicadores atuais para as famílias rurais é a dificuldade dos jovens do sexo masculino encontrarem esposas, semelhante à pesquisa de Bourdieu (2000). Informantes do município relataram que alguns rapazes estão casando com (ex) prostitutas.



movimento pendular rural – urbano. Um dos entrevistados, cujo filho do sexo masculino não quer continuar na propriedade, passou a confiar na permanência das moças, diferente do que estudos demográficos têm mostrado, conforme relato:

a minha esperança é que alguma filha queira ficar, se o asfalto chegar, pode morar aqui e [continuar a] trabalhar na cidade (entrevistado n. 17).

Além das formas de ocupação diversificadas (na agricultura, no beneficiamento da produção agrícola e nas atividades não-agrícolas) examinadas anteriormente que dão condições razoáveis para os agricultores familiares e jovens rurais permanecerem no meio rural, a sociabilidade e as relações de reciprocidade poderiam ser utilizadas como recursos para a manutenção da juventude. Em algumas comunidades, a sociabilidade, o interconhecimento e a proximidade das famílias facilita-as de aderirem a projetos em conjunto, tal como era no passado (atos generosos para com a comunidade, a igreja, os vizinhos). Um entrevistado informou:

Existem problemas aqui, mas com ações mais sociais mais democráticas, mais justas, essa comunidade superou muitas coisas e hoje está num período positivo de evolução por causa da superação desses problemas. Por isso que essa é uma prova de eu estar falando dessa forma por eu ter presenciado uma ação que reverteu os pequenos problemas que existem. (entrevistado n. 19).

Dessa maneira, se as condições econômicas para os jovens são favoráveis em Veranópolis e nos municípios da região, as ações coletivas com vistas a melhorias na qualidade de vida poderia ser readequadas. Seria o caso das redes se reestruturarem e passarem a se dirigir igualmente ao lazer, à educação, às condições de infra-estrutura, aos espaços de sociabilidades da juventude (ou sua desdiferenciação com os jovens da cidade) e às ligações entre o rural e o urbano.

Finalizando este capítulo, acredita-se ter contemplado a terceira hipótese do estudo, em que se afirma que as redes agem no sentido de extrapolar os limites entre rural e urbano e entre as atividades agrícolas e não-agrícolas, dinamizando a economia local e fazendo aparecer a pluriatividade. As redes dos agricultores familiares ainda são mais restritas ao meio rural, mas suas estratégias envolvem atividades nas áreas urbanas, importantes até mesmo para dar visibilidade às suas ações, como as vendas em feiras, promoção de atividades de degustação de vinhos. A própria fabricação de produtos de origem agrícola beneficiados dentro da propriedade (por exemplo, o vinho, o suco ecológico ou queijos) coloca em questão

a separação entre ocupações agrícolas e não-agrícolas.

A agricultura familiar de Veranópolis encontra-se em condições econômicas favoráveis, tanto pela produção agrícola, como pelas formas de se inserir no mercado de trabalho não-agrícola acessando as redes sociais descritas neste capítulo e no anterior. Em função disto, são atores que se ligam tanto à estrutura socioeconômica que os envolve (indústrias e serviços) como protagonistas nos próprios empreendimentos e redes rurais.

Entretanto, se as redes de trabalho são oriundas das antigas redes sociais de reciprocidade e interconhecimento desenvolvidas no processo histórico, como se tem argumentado neste estudo, estas últimas ainda seriam ótimos dispositivos para a sociabilidade e o lazer no meio rural, sobretudo para a juventude. É o caso de observar em que medida as redes se voltaram demasiadamente para os processos de inserção econômica ao longo da história e como podem recuperar o substrato que as formaram.

Uma vez que os atores sociais não estão apenas em busca de sua satisfação econômica, anseiam viver num meio rural não necessariamente subalterno ao urbano e não desejam permanecer avessos às facilidades do mundo contemporâneo, as redes de trabalho ainda guardam o potencial de revitalizar a reciprocidade que recairia não somente na reprodução econômica da família, mas nas suas relações sociais. Por vincular rural e urbano intensamente, os atores sociais que articulam as redes (inclusive a juventude) renovam suas estratégias produtivas e sua inserção na sociedade local, não restrita à comunidade rural. Assim, as possibilidades do desenvolvimento rural se vêem representar pelos modos pelos quais a sociabilidade e os aspectos econômico-produtivos são articulados, fazendo insurgir redes em que a simbiose entre trabalho e reciprocidade recria a sua própria dinamicidade.

## 6 COTIDIANO, CULTURA E POLÍTICA

A análise sobre o desenvolvimento de Veranópolis, a partir de aspectos tais como a evolução econômica, a urbanização, a industrialização e as metamorfoses da agricultura familiar realçou o processo re-significação das formas de reciprocidade através das redes sociais constituídas pelos atores sociais locais, em meio à crescente mercantilização das relações sociais de trabalho e produção.

Neste capítulo, o objetivo será abordar uma transversalidade em relação a este tema. Pretende-se mostrar que há contradições existentes no desenvolvimento econômico e o estudo de caso escolhido para esta pesquisa é peculiar na forma de revelar a maneira que nele se apresenta esta contradição. A hipótese a ser verificada aqui é a de que os mecanismos de regulação política e cultural, em conexão com os processos de dádiva e reciprocidade, manifestam alto grau de previsibilidade e controle sobre os indivíduos, o que torna pouco provável e até mesmo socialmente inaceitável o conflito.

Inspirado em Marcel Mauss e sua conceituação do fato social total, tanto do ponto de vista teórico como prático, dar conta da totalidade é enfatizar que este desenvolvimento não é exclusivamente captado pelos desdobramentos econômicos. Este último é vinculado à formação das estruturas sociais e discursivas, e é organizado por fatores culturais, que dão o sentido e a forma deste processo. Com isso se quer repensar o tema do conflito social, mas não por meio da situação econômica dos indivíduos nem por um exame das relações de classe, que ofuscaria a maneira como ele se manifesta. A análise das redes de trabalho e reciprocidade no território, por incidir em aspectos sociais e simbólicos (com conteúdos políticos) também espelha como as redes unem ou separam grupos sociais por meio de atributos, identidades, etnia, religião e modo de ser.

Num outro aspecto, tentar-se-á mostrar que dádiva, reciprocidade e redes sociais somente podem ser causa de crescimento econômico se forem alimentados por uma razão simbólica que prestigia este e que o coloca como fim último almejado, seja de uma pessoa, seja de uma família, seja de uma coletividade. Começa-se por esta última questão, pois ela pode ser reveladora do que foi exposto acima e possui conseqüências políticas importantes no território.

## 6.1. A COLONIZAÇÃO ITALIANA EM VERANÓPOLIS E REGIÃO: A FORMAÇÃO DE UM MODO DE SER

Na constituição do modo de ser dos atores sociais locais, serão priorizados dois elementos que compõem a imagem que os descendentes dos colonos pioneiros têm de si, a figura do pioneiro e desbravador e a vontade de ser dono de si. Além de verificar cada uma a seu tempo, observar-se-á que as duas características estão relacionadas.

### 6.1.1.O desbravamento

“No princípio era a selva, a selva estava em tudo”, é a frase do poeta, escritor e homem público, nascido na Itália, mas que viveu em Veranópolis e é venerado neste município, Mansueto Bernardi (FARINA, 1998, p. 47). Nessa sentença, o poeta procura sintetizar o que os colonos imigrantes encontraram na Serra quando chegaram, depois da longa e cansativa viagem. No capítulo três, mostrou-se que estes indivíduos protagonizaram uma “batalha” investida na derrubada de matas, na construção de suas casas e estradas, no provisionamento da alimentação por meio da caça, da pesca e da coleta de frutos silvestres antes de suas roças produzirem gêneros para subsistência. Com o passar dos anos, Veranópolis se constituiu em um pólo de desenvolvimento econômico, como uma “civilização que surgiu da selva”.

Observando os relatos, não é de se duvidar das dificuldades que estes imigrantes enfrentaram para se instalar nas novas terras, embora novos estudos tenham apontado outras conclusões. Este é o caso da pesquisa realizada por Corteze (2005, p. 6), publicada resumidamente num jornal, que ressalta, ao contrário do que afirma o senso comum local, inúmeros depoimentos enfatizando a tranquilidade da viagem e da chegada, e assegura que a maior parte dos imigrantes saiu de seu país por receber notícias de parentes acerca das benesses da nova terra. Portanto, para Corteze (2005, p. 6), os relatos sobre o isolamento das colônias foram exagerados. De maneira semelhante, Maestri (2005) sugere que os estudos que elogiam as conquistas do colono sempre “esquecem” de mencionar os fracassos, os insucessos, aqueles que se suicidaram, o empobrecimento de outros, etc. Este é o típico caso em que a memória, conforme menciona Tedesco (2004, p. 34), age seletivamente, reformulando o passado segundo as situações do presente.

Apesar da importância destas novas descobertas de pesquisa social e histórica, não está em questão a veracidade dos depoimentos no processo de leitura que se opera na análise. O importante, no entanto, é assinalar de que maneira estes elementos discursivos acabam por serem formativos do modo de ser, revertendo para a própria perpetuação dos elogiosos atos locucionários a respeito da epopéia dos imigrantes. Em outras palavras, durante as primeiras investidas no novo continente os colonos já priorizavam a prosperidade como *telos* (já estava no horizonte simbólico quando chegaram no continente), e este se reforça com o passar das décadas com o efetivo sucesso econômico que atingem muitos deles. Na presença dessa forma de pensar e agir no mundo que reciprocidade e concorrência vêm a se mesclar, fornecendo orientações econômicas para as redes sociais. Mais adiante, ver-se-á que o efeito social disto é que o desenvolvimento enquanto tal será tomado como pertencente à essência dos que proferem os repetidos discursos, atribuindo outro *status* (hierárquico) àqueles que não comungam da origem italiana tampouco obtiveram prosperidade econômica.

Conforme um dos relatos sobre os imigrantes do séc. XIX:

Aqui eles não encontraram casas, não encontraram nada. Tiveram que construir tudo. Muitos deles viviam a base de pinhão até começar a colher alguma coisa diferente do que trouxeram da Itália. Eu só imagino o sofrimento que eles tiveram e, hoje, 130 anos depois, nós temos a região que nós temos. (entrevistada n. 14)

Portanto, o fim almejado e sonhado desde a pátria-mãe dos imigrantes era o sucesso na terra onde exerceriam a liberdade. Cabe sempre lembrar que, muitas vezes, estes eram oprimidos nos seus países de origem, trabalhando como assalariados agrícolas ou artesãos. A razão simbólica do sucesso econômico era o fator de propulsão destes imigrantes logo no início da colonização, num primeiro momento para a consolidação da subsistência da família, depois, para a prosperidade material que seria conseguida através do trabalho exaustivo – problema resolvido pela crença de que a finalidade superaria o sofrimento que ele ocasiona.

Os relatos e textos examinados parecem confirmar as teses benjaminianas acerca do poder que possui o horizonte de visão dos indivíduos de uma coletividade para com seu tempo histórico (BENJAMIN, 1985a). Entre os colonos, ele parece operar numa curiosa lógica que oscila entre o passado como reminiscência (que é abarcado como grandiosidade e conquista, de um lado, e sofrimento e amargura, de outro) e o futuro em aberto visando progresso. Paradoxalmente, a suposta abertura do futuro se contradiz com fato de que “o olhar está encravado no passado” que se distancia, tempo pretérito que acaba sendo guia do que virá, gerando um presente/futuro que é uma espécie de tentativa de realizar atos grandiosos tal

como os antepassados fizeram. O paradoxo se duplica, já que o futuro interpretado como evolução pode ter como consequência o “apagamento dos rastros” inscritos pelos antepassados. Portanto, a própria perpetuação do passado, como ordem que confere sentido aos atos no presente, está o tempo todo instável e na possibilidade de desaparecer com a apologia ao progresso e ao sucesso da ousadia inovadora das gerações precedentes, portanto à mudança.

Todavia, estas transformações são passíveis de uma tradução simbólica coletiva que é feita de tempos em tempos, cujo objetivo é tentar preencher as lacunas onde os significados não são precisos. Se o paradoxo da consciência do tempo é que ela se dirige para o futuro com os olhos no passado, o que se desenrola no curso da história é a eminente possibilidade de se perderem os rastros fazendo que as pessoas caiam no abismo do sem-sentido. E por qual meio seria possível se contrapor a essa estranha lógica? Pela noção de evento, que direciona o olhar para o passado (pois ele faz sentido em conexão com eventos anteriores), mas que não perde o dinamismo daquilo que é novo e que é conquista das gerações no presente. No caso estudado, interessante é perceber este acontecimento a partir do episódio da imigração. A noção de evento funciona como um marcador do tempo, mais semelhante à idéia de um mito (fundação). O evento é um fato, mas vem a ser recurso simbólico construído como um “nó” na linha do tempo e que “amarra” os tempos pretéritos, sejam eles distantes, sejam próximos. Ora, o passado da vida na *comune* italiana é cada vez mais distante, contudo conservar-se presente na memória. Presencia-se neste caso uma rememoração, um ato de tecer no tempo os episódios em redes simbólicas e, na interpretação de Benjamin (1985b), o que importa não é o vivido e sim a textura da lembrança e do esquecimento. O passado de fato dos colonos que aqui aportaram é aquele que inicia depois do evento chamado de “imigração”.

Por essa razão é possível falar concomitantemente em mudança e reprodução na sociedade estudada, haja visto as duas operam em esferas separadas, mas uma tenta dar sentido a outra. Apostar na mudança e fazer sua coletividade evoluir economicamente, no caso estudado, só se realiza se alguma reprodução do antigo for possível. Em outras palavras, se existe a morte dos rastros, ela é gradual, mas nunca conhecida por inteira; sempre antes do dar-se conta coletivo, os eventos, a renovação dos discursos e os rituais operam como suturadores da ordem que em todo o momento corre o risco de se fragmentar. É neste instante que ritos e mitos se entrelaçam na formação dos simbólicos, ou quando o real (presente) se conjuga com o simbólico (passado) e com o imaginário (futuro)<sup>46</sup>.

---

<sup>46</sup> O tema da memória (o passado) como condição do simbólico foi trabalhado por Lacan. Conforme Gualandi, Deleuze observou que, além disso, o desejo também se orienta para a lembrança, pois ele está “ligado a um

Desse modo, há presente entre os veranenses de origem italiana uma imagem positiva sobre aquele indivíduo que tenta por suas próprias forças mudar a situação de vida, principalmente no que diz respeito ao sucesso econômico. Alimentados pelas narrativas que valorizam o que os antepassados empreendiam, as novas gerações sentem-se compelidas a manter a postura empreendedora. Em grande parte, o sucesso econômico já era perseguido desde os primeiros tempos e na América foi encontrada uma situação que possibilitou que essa racionalidade desencadeasse o desenvolvimento econômico (propriedade do lote de terra, mercados demandantes de produtos das colônias, etc).

De alguma maneira, o espírito de abandonar as situações - relativamente estáveis, porém sob certa exploração - em busca de sucesso acabou por constituir uma maneira específica sobre como interpretar o trabalho, a economia e o seu lugar no mundo. Não é sem razão que deve-se procurar entender o porquê de tantos empreendimentos econômicos de pessoas que buscam autonomia e verificar que as redes sociais se realizam para a sociabilidade, mas que também são dirigidas a finalidades de prosperidade econômica.

As redes analisadas anteriormente elucidam o papel deste modo de pensar e agir da sociedade local. As contradições da reciprocidade se apresentam por meio de relações de poder e, especialmente da concorrência que aparece nas redes. Se dádiva e reciprocidade podem regular a concorrência entre as empresas e nas teias sociais do mercado de trabalho, ela se sustenta por uma incitação que faz da competição na economia uma razão de ser benéfica e “natural”.

#### 6.1.2. Ser dono de si

Quando se passa a vivenciar o contexto social da região de Veranópolis, entrevistando moradores e partilhando do cotidiano, um olhar atento logo percebe a existência de uma aspiração eloqüente das pessoas para virem a possuir seus próprios empreendimentos. É como se existisse uma racionalidade que não aceitasse o sucesso material pleno sem que se esteja com sua própria empresa, esteja ela consolidada ou em andamento. Isto talvez seja um recurso explicativo para os 92% de microempresas, dado apresentado no capítulo quatro desta dissertação.

---

processo dinâmico de reativação mnésica”. Para este autor, foi o escritor Marcel Proust quem melhor clarificou as imbricações entre a memória e a vontade em obras como *Em busca do tempo perdido* e *O tempo redescoberto* (GUALANDI, 2003, p. 109-110).

Os imigrantes ansiavam desembarcar numa terra onde não havia patrões como nas suas comunidades na Europa, para poder realizar o sonho de vir a ser seu próprio chefe, ter liberdade para dar o rumo que quisesse a sua vida e da sua família<sup>47</sup>. Estes colonos tiveram a chance que não teriam em seu país de possuir uma propriedade privada de terra da qual deveriam retirar seu sustento e saldar as dívidas contraídas na viagem. Quando resolveram empreender a travessia do Atlântico, largaram tudo o que tinham em sua terra, seus antepassados, seus parentes, suas comunidades e seus laços sociais mais próximos. Portanto, nesse processo de cortar as raízes mesmo que sem perder integralmente as suas memórias está em jogo um evento de dupla natureza que imprime marcas nas gerações. De um lado, como já foi visto acima, o evento marca o outro início, o “nó” na trama da história que constitui uma nova vida no continente americano; de outro, deixar para trás a segurança - o possível acontecimento de abandonar as raízes - mesmo na dureza que representa o ato, passa a constituir o modo de ser daquele que não terá mais dificuldade de abandonar sua estabilidade. Mais que isso, na memória social do grupo esta ruptura trouxe benesses, ela é por vezes necessária para o bom andamento da vida. Na Itália a vida se tornou de tal modo árdua que foi necessária essa “fuga”, essa viagem em busca da melhoria das condições de vida.

Assim é que a viagem tem continuidade na terra firme, e a metáfora ilustra não mais o caráter espacial (o deslocamento do Velho para o Novo Mundo deixando tudo para trás), mas a temporalidade, uma espécie de odisséia. O sucesso não se restringe à chegada em terra firme sem catástrofes após cruzar o oceano, mas a chegada no sucesso econômico: *la cucagna*.

Eu me lembro que [meus pais] falavam “la cucagna”. Aquela pessoa alcançou o sucesso, alcançou o auge, conseguiu vencer na vida. Eu acho que “la cucagna” é a nossa evolução nesses 130 anos. Nós estamos mostrando a origem da comunidade e ao mesmo tempo mostrando a nossa cidade. Tudo que nós vivemos hoje. Então, “la cucagna” é o que nós alcançamos até hoje. Tem uma brincadeira que tem um pau de sebo e no fim coloca prêmios. As pessoas têm que subir e quem chega lá pega o prêmio. Essa brincadeira<sup>48</sup> é também chamada de “la cucagna”. Porque, as pessoas, quando chegam lá, elas tem uma compensação, um prêmio. (entrevistada n. 14).

Quando estiver laborando como empregado numa empresa, este associará à felicidade o fato de poder possuir o destino de si que é conseguido através do trabalho em seu próprio

<sup>47</sup> O fragmento “da sua família” na sentença não é ingênuo: a família imigrante tinha o pai como figura central de poder e decisão.

<sup>48</sup> A brincadeira se assemelha a um ritual, que sempre remonta ao evento da imigração e à trajetória histórica dos colonos, ou seja, “funcionam como suporte para a construção de uma memória” (STEIL, 2001, p. 203). “Rituais são tipos especiais de eventos, mais formalizado e estereotipado, [...] há uma ordem que os estrutura, um sentido de acontecimento cujo propósito é coletivo”. E por que analisar rituais? Porque eles e os eventos críticos “ampliam, focalizam, põem em relevo e justificam o que já é usual” numa sociedade (PEIRANO, 2001, p. 8).



empreendimento. Então esta racionalidade compartilhada socialmente fornecerá o motivo propulsor. O depoimento a seguir é exemplar sobre este aspecto:

Eu sempre pensava comigo mesmo ou falava pra minha esposa que um dia eu ia ter um próprio negócio. Não sei o quê, mas eu pretendia um dia não trabalhar a vida inteira de empregado. Eu tinha dentro de mim alguma coisa que dizia que eu tinha que abrir o meu negócio, sabe? [...] Eu só não sabia o que seria esse negócio. Sinceramente, naquela época eu dizia que eu ia botar, mas que negócio eu ia colocar eu não sabia. (entrevistado n. 7)

O trecho transcrito acima é central para o que se quer demonstrar. A dádiva e a reciprocidade isoladamente não formam uma racionalidade orientada para o desenvolvimento e crescimento econômico. Tanto que o entrevistado não sabia sequer em que setor da economia gostaria de tentar sua sorte, ele apenas insistia que não queria ser empregado, queria ser dono do seu próprio negócio.

E agora, não é tão difícil largar a estabilidade do seu emprego, visto que um tipo de abandono da vida segura já foi realizado uma vez nas gerações passadas e se torna lugar comum no cotidiano das pessoas.

Essa cidade é típica italiana. Como os italianos chegaram ao Brasil? Largaram tudo que tinham lá e vieram pra cá. (entrevistado n. 8).

Pertencer ao senso comum e ao cotidiano dos habitantes locais não assegura o tipo de ação desejado, visto que eles procuram estar cientes de somente realizar quando a situação permitir. Isso significa que o desejado não é realizado por todos, mas está no horizonte de muitos. A maior parte dos que gostariam de tentar tal atitude não tem condições econômicas, e isso se soma ao fato de que há um sentimento geral de medo de ficar devendo dinheiro e dar calote, fatos que ferem a honra.

A gente [na constituição da empresa] não fazia nada sem saber se poderia arcar. Não era assim. Então a gente tinha um controle da situação. Nunca a gente deixou de pagar nada. Sempre deu certo o nosso planejamento. Dava um medo, mas “fechava” certinho. (entrevistado n. 7).

Neste aspecto, e já elucidado ao longo da dissertação, as redes sociais atuam como aglutinadores de recursos e são orientadas, quando necessário, para a finalidade econômica, tal como mostra a narrativa acima.

Mas em que medida toda essa trajetória de uma coletividade e sua maneira de interpretar a si próprio se tornaram importantes elementos que revelam o modo de ser do colono de origem italiana em Veranópolis e proximidades e como eles funcionam como operador simbólico que divide, hierarquiza e procura isolar a alteridade (indivíduos e culturas) que partilham de formas de pensar a vida?

O capitalismo tem como a instância de consagração o sucesso econômico do indivíduo; todas as outras formas de vida social que não se acomodam a esta forma, são desvalorizadas quando aparecem num ambiente social no qual são hegemônicas as práticas dirigidas ao sucesso material. Estes foram, em certa medida, os legados dos escritos de John Locke, Adam Smith e Jeremy Bentham para as condutas dos indivíduos na sociedade ocidental, o apego ao lucro, o apreço dado aos bens privados e à utilidade das ações individuais. O valor moral do trabalho está em conexão com esses elementos, pois através do trabalho consegue-se desbravar e construir uma sociedade (como uma civilização, nos livros de história antiga) como também se consegue driblar as armadilhas do mercado de trabalho, deixando de ser empregado e passando a ser patrão com o suor de sua labuta. À diferença das propostas dos autores clássicos, as ações coletivas tiveram primazia sobre às individuais em Veranópolis. Mas o valor do trabalho possui como conseqüências políticas que o sucesso econômico deve ser uma luta, um esforço pessoal em sentido oposto a algo dado. Tome-se como exemplo, a citação a seguir.

O sucesso conseguido nas últimas décadas origina-se da dedicação ao trabalho árduo e tenaz do avô e do pai, que iniciaram [...] com o trabalho da terra, mas sempre de visão futurista, com a união da família e dos filhos, procurando progredir e diversificar, para a afirmação da família e o desenvolvimento da localidade. (BERTOCCO, 1998, p. 200).

Nesse processo de vir a se tornar bem sucedido, outros fatores surgem para compor a racionalidade, a cultura e o cotidiano. O colono estará sempre observando o seu vizinho, os seus amigos e seus parentes. A imitação será uma arte do colono italiano, que estará sempre monitorando os seus próximos para poder esboçar estratégias (FARINA, 1992). O surgimento de atividades como a dos fruteiros obedeceu a essa característica, assim como outras. Portanto, o dinheiro, a ostentação e o sucesso das empreitadas servem como motivos propulsores de novas ações, ou seja, no imaginário social não se pode aceitar o fracasso, ao menos não sem trabalhar e se esforçar. Novamente, vê-se como conseqüência social e política que aqueles que não partilham dessa racionalidade são desconsiderados.

[Alemães e Italianas] são culturas trabalhadoras. A cento e poucos quilômetros daqui tem o município de Lagoa Vermelha que os daqui chamam de “pêlo duro”. Afirmando “- esse é de Lagoa Vermelha, não gosta de trabalhar”. É por causa da cultura. (entrevistado n. 8).

Porém, o controle social que se exerce sobre os indivíduos não se apresenta somente como explícita o relato acima, dirigido a outros grupos sociais ou etnias. Ele é um elemento que rigidamente constrói o colono, tornando identificado, isto é, necessariamente forçando-o a permanecer idêntico a seus próximos e suas origens. É assim que a economia de relações de proximidade garante as atitudes recíprocas bem como a previsibilidade de comportamento.

Noutro sentido, e complementar à idéia anterior, a dádiva impõe certa regularidade da conduta social, mas nunca consegue certificar que a retribuição, a confiança e a generosidade acontecerão. Sobre isso, a noção de estratégia condizente com os atos de dádiva (BOURDIEU, 1996a) é basilar para compreender que as relações sociais fundamentadas expressam sempre a possibilidade de manifestarem a “diferença” em relação à “identidade”; ou seja, são passíveis de desestruturação da relação instituída, embora não venha a representar sua abolição, mas modificação. Ilustra-se isto através das práticas de imitação do vizinho ou de concorrência com empresas de pessoas cujo relacionamento é próximo podem ser entendidas como afrontas. Em alguns casos é assim, noutros não, isso depende dos mercados existentes e das relações entre as pessoas envolvidas, ou seja, como se mostrou nos capítulos anteriores, a concorrência é interpretada no interior de um sistema simbólico próprio.

Em Veranópolis e região a competição adquire uma certa legitimidade, pois é condição da multiplicação das atividades econômicas no espaço local, desde que ela seja aberta, declarada e de acordo com as regras do jogo. Significa afirmar que certas estratégias adotadas pelos atores sociais locais são aceitas socialmente, e menos controladas ou reprimidas, existindo sempre um espaço para que alguma estratégia se desenvolva, geralmente as que se constituíram legitimadas. Então a “diferença” em relação à “identidade” se processa de uma maneira menos radical do que poderia, operando muitas vezes num limite aceitável, reforçando a idéia de que os processos de regulação e de controle social são potentes<sup>49</sup>. Nesse sentido, o caráter das instituições sociais é fundamental para as estratégias dos novos empreendedores e sua inserção na economia local.

---

<sup>49</sup> Tedesco (2004, p. 163) recorda que a memória, mesmo a que parece muito singular, tem um caráter coletivo com implicações importantes para o sentimento de identidade. Apoiando-se em Maurice Halbwachs, Tedesco sugere que as lembranças de uma pessoa ocorrem, muitas vezes, em função de que os outros a fazem lembrar e, na medida em que recorda, ela ratifica seu pertencimento.

Estas considerações a respeito da maneira como as relações de proximidade e reciprocidade podem ter efeitos contraditórios e conduzem a pensar em que sentido dádiva e reciprocidade exprimem relações de poder.

## 6.2. DIFERENCIAÇÃO SOCIAL, PODER E DÁDIVA

Na qualidade de análise sociológica, apenas descrever a existência da desigualdade social e econômica em determinado contexto não auxilia a compreender por que e em que medida as pessoas que vivem esta desigualdade compartilham códigos sociais, dividem um mesmo espaço e estão cotidianamente relacionadas sem que o antagonismo provocado por esta disparidade desempenhe papel de desestruturador do ‘edifício’ social.

Bailey (1968) mostra que mesmo numa situação de desigualdade social as pessoas compartilham uma comunidade moral. Em Veranópolis isso é bastante evidente e é o que explica especificidades das relações do tipo ‘patrono-cliente’ (WOLF, 2003b), visto que a ligação entre as pessoas envolve contra-prestações e relações sociais em planos de igualdade (étnica, religiosa, identitária) e desigualdade (trabalho e produção). Mas as duas se cruzam o tempo todo, por diversos motivos tais como o fato de muitos empregadores das indústrias ou das empresas de distribuição de frutas terem sido empregados um dia. Também Landé (1977) corrobora com a idéia de que muitas das relações horizontais se transformam em verticais sem que a interpretação pelos próprios atores sociais tenha sido modificada na mesma proporção.

O interessante é que no panorama do processo social histórico os grupos sociais podem se distanciar economicamente, mas a relação social simbólica não varia no mesmo ritmo. Parte das relações sociais horizontais em Veranópolis podem ter evoluído para verticais, visto que muitos patrões foram empregados um dia. A relação pessoal e direta é fundamental para entender que as pessoas continuam sendo, em alguma medida, “iguais” e Landé afirma que mesmo nas relações patrono-cliente criam-se mecanismos de certo grau de igualdade (LANDÉ, 1977). Pode-se pensar que os atores sociais numa relação desigual sabem dessa mesma desigualdade, mas mantêm relações diretas e pessoais com os patrões – e, o mais curioso, é que os patrões maximizam seus ganhos às custas de seus inferiores, embora possam esconder esse fato de si mesmos. Dessa maneira, relações de proximidade e reciprocidade podem escamotear reais formas de dominação, sendo a dádiva uma poderosa forma de obter aliados e transpassar a linha que divide patrões e empregados. O uso do conceito de rede social visa capturar situações em que as ligações entre os indivíduos não se

conformam estritamente por classe social, como indicou Dorigon (1997); a rede faz interagir sujeitos de distintas posições sociais, velando muitas das diferenças de situação socioeconômica ou política.

Por essas razões, Bailey (1968), Mauss (1974), Bourdieu (1996a), Wolf (2003b) e outros autores se atentaram para as formas de poder que estão implicadas nos atos generosos (dádivas)<sup>50</sup>. As redes de trabalho em Veranópolis são lócus para observação deste fenômeno e a proximidade que há entre trabalhadores e donos de empreendimentos denuncia esta condição. Os depoimentos exemplificam como as famílias se dedicam aos seus empregos e estão implicadas e comprometidas com suas ocupações, mesmo que sendo empregadas, conforme a seguir.

No início, comecei a consertar caixas, puxar umas caixas e vender aqui na frente. Fiquei assim, faz dez anos que estou aqui. Eu gosto dele [do empregador], eu ajudo ele. (entrevistado n. 2).

O relato explicita uma relação social que extravasa a impessoalidade que dificilmente faria a manutenção da confiança e dos vínculos entre empregadores e trabalhadores. E a relação contratual de emprego se confunde com dádivas dos empregadores, segundo manifestou um dos entrevistados. Relatou, rindo, que “para quem me aturou oito anos, eles me aturam mais” (entrevistado n. 12). A permanência no emprego ao longo do tempo é vista como tolerância dos chefes. Obviamente, os operários também admitem que são bons no trabalho que realizam, mas isso reforça a idéia de que ele deve ser adequado para que o patrão o mantenha na ocupação. Ao mesmo tempo, na negociação política os empregadores possuem poder e, quando resolvem ser desprendidos, são também admirados:

O sindicato “baba” o nosso patrão; negociar com ele é mais fácil do que qualquer outra empresa. Geralmente, ganhamos um pouquinho mais do que o dissídio. Temos participação de lucro. (entrevistado n. 12).

Essas manifestações condicionam os empregados a serem bastante fiéis ao seu trabalho, dedicados aos empregadores. Eles compartilham essa comunidade moral que valoriza o trabalho em geral e na qual as relações de reciprocidade e proximidade contribuíram para gerar formas de controle social. Em analogia com esta característica das representações sobre o trabalho em Veranópolis, Schneider (1999) discute o papel do

---

<sup>50</sup> Bailey (1968) mostra que na língua alemã há um só vocábulo para significar “presente” e “veneno”. De maneira análoga, como observou Derrida no seu *Farmácia de Platão* o termo grego *phármakon* foi geralmente traduzido como “remédio”, mas também podia significar “veneno” (NASCIMENTO, 2004).

absenteísmo nas fábricas do Vale dos Sinos. É justamente no sentido de valores compartilhados, garantidos “por normas sociais rígidas, além da coerção moral pública que cimenta a vida comunitária” que os indivíduos se dedicam ao emprego (1999, p. 145). O que se deve destacar, a partir das pesquisas na Serra Gaúcha, é que os indivíduos não se mantêm taciturnos ou agindo de má-fé a espera de que as regras sociais venham a “ruir”. Os imperativos sociais só se constituem tão eficientes porque os atores sociais acreditam neles, interiorizam em suas práticas e reproduzem estes comportamentos como uma forma de ser coletivamente.

Vinculada semelhantemente a esse aspecto, a família funciona como um apelativo. Ela está na maioria dos discursos, certamente em razão da filiação religiosa cristã dos colonos e pela origem da agricultura colonial. Nas lides, os empreendimentos operam de forma familiar e mesmo nas grandes empresas as narrativas sobre a centralidade da família aparecem e constituem parte integrante da organização administrativa.

Nós somos uma empresa familiar. Desde o nosso diretor, que nos considera dessa forma, e nós estamos considerando todos os nossos colegas dessa forma. (entrevistado n. 10).

O fato de o empregador o considerar como pertencente à família é um presente, isto é, fica corroborado pela legitimidade de o chefe pronunciar estes discursos sobre os empregados. Se o empregador considera assim, o operário deve reciprocamente aceitar e retribuir, é a dádiva das palavras para qual as alusões de Caillé são esclarecedoras (2002b). Neste caso, os atos discursivos dos patrões servem para incluir simbolicamente o empregado entre as suas relações de sociabilidade. Como conseqüência da maneira familiar de laborar tem-se um ambiente de trabalho declarado como agradável, propício para relações próximas entre os funcionários, mas também suscetível a problemas:

O clima aqui dentro é familiar. Embora muitas vezes eu acho que não seja propício nessa época. Porque, se é chamada a atenção de alguém da família... chega em casa, quando reúne a família, pode ser que todos tomem as dores. (entrevistada n. 9)

Portanto, tanto é verdade que as empresas contratam pessoas da mesma família como também elas discursam sobre o “clima” familiar dentro do ambiente de trabalho, mesmo que, na prática, as pessoas não mantenham entre si relações de parentesco. Uma vez que a família é a célula fundamental dos enunciados discursos e textos, o caráter simbólico da família reside

nesta transposição da estrutura original (grupo doméstico, linhagem e aliança) para o fato de um coletivo ampliado se auto-referenciar como família.

Ainda tendo o parentesco como objeto de análise, há uma outra configuração pela qual a diferenciação social também se manifesta. A família como matriz primária e principal da relação social em Veranópolis apresenta uma variedade aspectos no que diz respeito às atividades econômicas. Como já se demonstrou, muitos negócios iniciam em família, com irmãos, primos, cunhados (alianças). Não bastando isso, é de se salientar que muitas famílias se apartam, se dividem para formar empreendimentos diferentes. Num primeiro caso, isso funciona como estratégia em conjunto da família. Durante a pesquisa de campo, observou-se que famílias procuravam diversificar suas atividades, alguns membros se vinculariam a certas atividades, outros em formas alternativas de inserção econômica. A estratégia nesse caso tem a família como centro da decisão e também como lócus do resultado. Num segundo caso, membros familiares buscam se separar por razões de desentendimento e vêm a colocar negócios próprios, fazendo concorrência com o original ou estabelecendo outro ramo de atividade. Neste caso, o aspecto a ressaltar é que a via de obtenção do sucesso profissional é também o negócio próprio, isto é, ser dono de si. E, neste processo, os negócios originais da família podem ser motivo (como a reprodução de um *ethos*) para o indivíduo que busca seu empreendimento individual. Desse modo, grupos domésticos e indivíduos se diferenciaram socialmente, mas não perderam o modo de ser que lhes era atribuído histórica e socialmente.

Até aqui, as relações de poder observadas são a partir de interações interpessoais, elas identificam relações concretas entre pessoas e grupos. Existe, no entanto, o fato de que destes círculos de sociabilidade e trabalho emergem instituições com finalidades específicas, tais como sindicatos, partidos e outros, cuja atuação ou inexistência no local indica peculiaridades sobre a sociedade.

### 6.3. INSTITUIÇÕES, CONFLITOS E CONTROLE SOCIAL

Uma das características que mais chama a atenção do pesquisador social quando este participa do cotidiano de Veranópolis é a pouca atuação, quando não se traduz até mesmo em inexistência, de instituições que mediam conflitos ou representam setores da sociedade. Ou seja, conhecer este ambiente social traz um misto de surpresa e admiração, uma vez que, à primeira vista, os antagonismos sociais não geram instituições específicas para resolver e expor os conflitos.

Este é o caso, por exemplo, da atuação dos sindicatos de trabalhadores. Das redes estudadas, existem sindicatos tanto dos trabalhadores nas indústrias de bolas e calçados como sindicatos das indústrias de metalurgia, no qual estão incluídas as microfusões. Entretanto, sua atuação é quase inexpressiva. Os dois sindicatos de indústrias sequer têm representações próprias no município, portanto os operários das fábricas locais são vinculados às sedes que se localizam em Bento Gonçalves, município vizinho. Dois empregadores entrevistados procuraram enfatizar que os dirigentes pouco aparecem.

Circula socialmente a idéia comum de que os sindicatos não são necessários e às vezes atrapalham e emperram as negociações. Um dos empregadores, sócio de uma empresa de artigos esportivos, relatou que acha desagradável os operários terem que trabalhar alguns dias por ano para o sindicato. Para ele, o sindicato vem ao município apenas para cobrar contribuição em dinheiro. O que importa é perceber que, em alguma medida, os próprios operários endossam os patrões, como a seguir fica demonstrado:

Muitas vezes a gente é contra e muitas vezes a gente é a favor [do sindicato], por que tem muitas coisas que não é muito justo o que eles fazem pra gente. A gente tem que trabalhar um dia pra eles. Esse mês que passou eu tive que trabalhar um dia para o sindicato. (entrevistada n. 5)

A situação assume uma importância porque a comunidade moral que empregados e empregadores compartilham que se concretiza nas redes instaura um comportamento no qual dificilmente o sindicato vem a ser responsável pelas benesses no labor. É verdade que os operários entrevistados reconheceram alguns benefícios e vantagens do sindicato – por exemplo, planos de saúde que oferecem – mas isto é marginal. O que desempenha concretamente o papel para as conquistas dos trabalhadores é sempre o esforço do indivíduo, suas capacidades e relações sociais, por isso a representação pode estorvar a vida dos trabalhadores, segundo suas compreensões. Conforme o relato continua, é como se o sindicato mantivesse uma postura geralmente contra a dos representados:

Às vezes, [os chefes] fazem uma proposta aqui na firma. Daí a gente coloca o que a gente acha que é melhor. Só que vai para o sindicato, tem que passar pela prova dele. E muitas vezes a gente escolhe o que é melhor e eles contra. Daí, eles não estão sempre ao nosso favor. (entrevistada n. 5)

Por esta razão a instituição não adquire respaldo social, pois o controle é feito de maneira muito sutil, o que faz os conflitos serem dominados na base, no cotidiano do trabalho e da sociabilidade. Ocorre também o fenômeno porque os gerentes e empresários dão



pequenos prêmios aos trabalhadores, estabelecem relações pessoais, contraem vínculos no tempo de convivência. Assim, o sindicato assume uma presença formal, como “uma ajuda e uma ação discreta”, segundo o relato de um entrevistado da indústria de microfusões (entrevistado n. 12). Este é um dos legados da industrialização assentada em pequenas unidades, nas quais o controle e a amizade se combinam, autoridade e reciprocidade se confundem, característica que se preserva, com as devidas proporções, nas grandes empresas.

No que diz respeito à atuação sindical, a exceção fica por conta da representação dos trabalhadores rurais, tradicional em Veranópolis. Ao contrário dos outros, este é sediado na cidade e possui a abrangência em outros municípios da região. O sindicato possui ações bastante objetivas, sendo uma instituição importante da sociedade e na política local. Contudo, é pertinente destacar para fins de análise do poder que o setor da sociedade que ele busca representar (os agricultores familiares) se caracteriza por não ter empregador.

Uma outra forma de perceber as extensões dos laços pessoais, as atitudes recíprocas e o poder no interior das instituições se processa via partidos políticos. Muitos depoimentos afirmaram que partidos de esquerda tem grande dificuldade de se representar no município. Os controles sobre os tipos de partidos que procuram eleitores ocorrem via relações personalizadas, pois é nas redes que as informações difundem e que os aliados se aglutinam. Portanto, o interconhecimento e a reciprocidade vêm a estruturar as interações políticas, porque, mesmo sendo instituições, são seus representantes que, cotidianamente, dão-lhes existência e dinamismo.

A diferença disto nas ações locais é que os partidos políticos adquiriram história e estatuto cuja mudança pode vir ser mais árdua que das pessoas. Os indivíduos também não modificam sua conduta e modo de pensar de maneira simples, no entanto os partidos têm caráter público. Isto significa que a identidade social construída ao longo da história se materializa nas instituições, enquanto as pessoas podem vir a abandonar os partidos. As dinâmicas redes sociais também operam envolvendo as instituições, portanto o recrutamento partidário pode consistir num artil de acessar os círculos de reciprocidade, trabalho e participação. Neste sentido, os partidos tradicionais, que se consideram situados no ‘centro’ e na ‘direita’, de acordo com o espectro ideológico, desempenham também a função para preservar os comportamentos sociais e políticos da região.

De fato, a racionalidade, os modos de interpretar o trabalho, o passado e a história, a diferenciação social e a instituição familiar têm ainda outros efeitos de caráter político. Este aspecto fica confirmado quando se focaliza o olhar de pesquisa para os processos migratórios recentes (aqueles desencadeados a partir do crescimento econômico de Veranópolis nas

últimas décadas) e para as interações sociais entre os habitantes mais antigos e os que se instalaram ultimamente, vindos, em sua maioria, de outros municípios do Rio Grande do Sul não pertencentes à região da Serra.

#### 6.4. MIGRAÇÕES, REDES SOCIAIS, INTERAÇÕES E PODER

Desde que Veranópolis alçou um crescimento econômico razoável e mais diversificado em sua base produtiva, com a ampliação das atividades industriais e do setor de serviços, outras regiões, caracterizadas por estagnação econômica e por excedentes de mão-de-obra em virtude da intensificação tecnológica na agricultura, passaram a efetuar a expulsão de população economicamente ativa. Não ocorreu somente em direção a esta próspera região, porém a outros municípios do eixo Caxias do Sul – Porto Alegre, concentrando-se na região metropolitana desta capital. Kageyama e Silva (1987) salientaram que durante a década de setenta e oitenta do séc. XX, o Brasil experimentou a intensificação dos processos migratórios rural-urbano e muitos centros urbanos cresceram enormemente, fato que seria efeito direto da modernização da agropecuária brasileira impulsionada naqueles anos.

O fenômeno da migração para Veranópolis passou a ser bastante significativo no final da década de oitenta e início da década de noventa, segundo alguns depoimentos, embora tenha havido migrações anteriores. Apesar de que se possam encontrar novos residentes cujas origens estão em inúmeros municípios do estado (e até mesmo de outros estados), é possível definir claramente grandes grupos de novos habitantes possuindo mesma origem. Destacam-se três regiões para as quais se percebeu mais menções durante os depoimentos, elas caracterizavam eventos migratórios bem específicos: os provenientes de Lagoa Vermelha, os da região do Alto Uruguai (norte do Estado) e os que se mobilizaram do centro ou norte do país para a construção da usina hidrelétrica Montes Claros. Não foi possível determinar exatamente o período em que iniciaram as migrações, mas pode-se afirmar que os primeiros são os mais antigos e migraram há mais de vinte anos, o segundo grupo iniciou o processo na passagem dos anos oitenta para os noventa (não cessando), enquanto os últimos se deslocaram no final dos anos noventa e, a princípio, iriam permanecer apenas temporariamente, na interpretação dos próprios veranenses.

O mais interessante de se analisar é que o processo migratório não se realiza ao acaso, ele é usualmente ancorado em alguma materialidade, isto é, em alguma informação, evento ou relação social que permite o deslocamento das pessoas com alguma segurança. Os migrantes

difícilmente saem de seus lugares de origem sem que exista algum fator específico no local destino que os impulsionassem a escolhê-lo. A pergunta que caberia é por que as migrações obedecem a certo tipo de regularidade? Também neste caso, os elementos analíticos referentes às teorias e paradigmas centrados na análise de redes são ferramentas razoáveis para compreender o fenômeno. Verificou-se que as redes explicam em parte os deslocamentos, ou seja, primeiramente migra um grupo ou uma família e, depois que entra em contato com o novo contexto estabelecendo-se, pode tornar mais fácil que membros conhecidos do seu local de origem também possam mudar. Veja-se este depoimento esclarecedor dado por um empresário local:

E as pessoas acabam migrando pra cá. Veio um, trouxe o cunhado, outro trouxe o irmão. Esse evento das migrações se acentua de três anos pra cá. [...] Quando começou a construção da usina, muita gente veio pra Veranópolis, três ou quatro mil pessoas. Muita gente veio e não voltou, gente de todo o Brasil. (entrevistado n. 8).

A partir do relato acima, percebe-se nas redes de migrantes os atributos das relações sociais que Scherer-Warren (2005) verifica em seus estudos, sendo o parentesco um dos primordiais. São estes atributos que cimentam as ligações entre os atores sociais e fazem a rede social se concretizar.

Num outro depoimento, um funcionário de uma fábrica afirmou que chegou a Veranópolis e ficou na casa de uma pessoa que era conhecida sua na cidade onde morava. Depois ele conseguiu emprego e trouxe um outro parente seu, além de conseguir trabalho para ele: “fui eu quem trouxe ele, fui eu quem indicou ele para trabalhar, eu e ele viemos do interior de Constantina” (entrevistado n. 12). Logo, a migração é realizada com base nas relações sociais de proximidade ou interconhecimento, e muitas vezes conta com atos de reciprocidade para o seu sucesso se concretizar (um amigo que consiga um lugar para ficar, uma indicação para emprego, etc.). Então a rede se solidifica e é assegurado mais recursos sociais e simbólicos para novas possíveis migrações e estabelecimento de canais de sociabilidade no novo lugar de moradia.

Caracterizando os três grupos citados acima, a maior parte dos migrantes que se deslocou há algumas décadas de Lagoa Vermelha são o alvo de maior preconceito pelos antigos moradores, visto que muitos são pobres. Sua região de origem também é constantemente identificada como lugar de pífio desenvolvimento econômico, onde as pessoas não querem ou “não gostam de trabalhar”. Alguns relatos informaram que eles migraram para Veranópolis com a finalidade trabalhar numa empresa, numa articulação do

então poder público com esta empresa; foram alojados em locais de difícil acesso e sem infraestrutura, depois foram transferidos a outro local (talvez com condições piores). Entretanto, não havia postos de trabalhos para todos e, ainda assim, muitos dos que obtiveram ocupação, largaram seus empregos. Grande parte dos que são provenientes de Lagoa Vermelha moram num bairro chamado de “Segundinha”, onde um contingente importante da população é pobre, e uma parcela recebe ajudas de organizações assistenciais para compra de alimentos e pagamento de contas. Devido ao fato de terem a cor da pele mais escura, o fenômeno da pobreza e a raça (parda ou negra) aparecem identificados como uma essência pelos colonos de origem européia.

Já entre os migrantes vindos do Alto Uruguai a situação é diferente. Muitos são de cor de pele branca e de sobrenome italiano, fatores que já tornam sua convivência mais fácil com os moradores antigos. São vistos como pessoas trabalhadoras, mas também são motivos de certo tipo de juízo, geralmente não muito amistosos. Algumas das brincadeiras são feitas, tais como a respeito de um bairro no município cuja ampla parcela dos moradores são de origem de um município do Alto Uruguai. Nesse caso, é como se houvesse certo receio da cidade de Veranópolis ser “tomada” pelos de “fora” ou como se sua cidade de origem não os pudesse comportar mais. Os provindos do Alto Uruguai são ocupados em diversos setores da atividade econômica em Veranópolis, como restaurantes, fábricas e outros serviços em geral.

Quanto aos migrantes que vieram para Veranópolis com o objetivo de trabalhar na construção da usina, relatos informam que chegaram entre três e quatro mil pessoas para trabalho temporário na grandiosa obra. Mas a maior parte dos operários (cerca de 70%) foi embora depois que a obra terminou, ficando o restante na cidade. Este restante procurou se empregar nas atividades locais e muitos o conseguiram com êxito. Parte das pessoas de Veranópolis considera-os diferentes, por serem pessoas de outros estados do Brasil (Pará, São Paulo, Minas Gerais, etc.), falam de maneira diferente, têm outro tipo de racionalidade quanto ao trabalho, a cor de pele é mais escura:

Depois de uns cinco anos pra cá, eu te diria que o fato de ter vindo o pessoal pra barragem mudou muito, porque a [empresa] Camargo Correa foi embora, mas ficou muita gente. Então eles são empregados aqui, mas ainda assim são estranhos, para a gente. (entrevistada n. 1).

No relato acima, pode-se interpretar que os indivíduos que foram a Veranópolis para trabalhar na construção *deveriam* ter ido embora ao final da obra, não lhes facultando o direito de permanecer.

Os grupos de fora do local são considerados como estranhos, fato que é mais perceptível para este grupo, comparado aos anteriores examinados. Os juízos não são pontuais, eles valem para todos os aspectos da constituição do indivíduo. Conforme relato:

Eles têm um jeito diferente, uma maneira diferente de falar. Às vezes a gente faz uma pergunta e eles respondem de outro jeito. Mas eu sempre me dei bem com essas pessoas. Às vezes eu evito conversar algumas coisas que eu acho que não “encaixa”.[...] (entrevistada n. 5).

Mais adiante, a mesma entrevistada sugere que a maneira de viver e de refletir sobre o trabalho e o sustento da família também é distinto entre este grupo social e o que ela pertence:

Eu penso no dia de amanhã, e eles não. Eles pensam só no dia de hoje. Não pensam no dia de amanhã. (entrevistada n. 5).

No depoimento fica evidenciado como a diferença pode ser interpretada a partir de uma *essencialidade*, onde se combinam maneiras diferentes de falar, de trabalho, de viver e de pensar o futuro. Essa diferença é vista como algo necessário a ser afastada e evitada. Outro informante voltou a se referir ao gosto pelo trabalho do colono de origem italiana, presente não só em Veranópolis como na região: “Eles [os de fora] são diferentes. O pessoal daqui gosta mais de trabalhar do que os de fora”. (entrevistado n. 6). O gosto pelo trabalho é um fator elucidativo, porque ele mostra em que proporção os residentes antigos do local podem se sujeitar a salários baixos e trabalho pesado sem que isso venha a manifestar conflitos sérios; os migrantes recentes têm precauções contra a exploração e, ao contrário dos veranenses, não têm ligações pessoais sólidas no território com donos de estabelecimentos que os empregam. Por conseguinte, o que aos olhos de um pode ser o “gosto pelo trabalho”, para os de outro transmuta-se em não se deixar enganar e explorar. Basicamente, os novos migrantes não foram socializados da mesma maneira que os veranenses, e não se importam em conseguir trabalho num dia e abandonar no outro. Para os locais, isto não é bem visto, pois os empregadores não gostam e, como eles dividem uma comunidade moral (BAILEY, 1968) profundamente influenciada pelos padrões comportamentais recíprocos (MAUSS, 1974; CAILLÉ, 1998a), os empregados já integrados também denegam.

Seguramente, a cor da pele se constitui no mais imediato fator de preconceito. Segundo o relato de uma informante-chave que é nascida fora de Veranópolis, quando indagada sobre os principais motivos de conflito no município, respondeu:

Resumindo, o que acontece é o racismo contra o pessoal [que veio de fora do Rio Grande do Sul trabalhar na obra] da empresa Camargo Correa porque eles são de cor. E todo gringo por natureza ou italiano dessa região aqui é preconceituoso contra o brasileiro de cor. Então eu vejo dessa forma. (entrevistada n. 1).

A própria informante acaba por utilizar um linguajar que diferencia o “gringo<sup>51</sup>” do brasileiro. O discurso diferencia as etnias, mas a sensação é a de que a diferença também acontece no aspecto nacionalidade, ou seja, o colono italiano nega a mesma condição de brasileiro, por não ter cor da pele mais escura e o sobrenome de ascendência italiana, aproveitando para incluir no discurso o “*seu gosto pelo trabalho*”.

Num outro sentido relativo à constituição de relações, o método de análise de redes sociais permite evidenciar a formação de grupos, redes de vizinhança, redes de residentes antigos e redes de novos moradores. Os recém chegados procuram seus próximos ou pessoas que têm a mesma origem.

Tem o nosso bairro, também tem o bairro vizinho que a gente vai. Um amigo meu que mora lá. Aí de vez em quando a gente vai até lá. Mais é o pessoal que vem lá de cima [Alto Uruguai], que a gente conhece mais e sabe mais o jeito das pessoas. A gente já se conhece. É difícil você procurar um estranho pra conversar. Você já procura um que mais ou menos conhece ou ao menos ouviu falar. (entrevistado n. 12).

Portanto, se há redes distintas, é por que há algum tipo de separação de grupos, que pode resultar em classificações hierárquicas (BOURDIEU, 1989b) atribuídas aos grupos com menos recursos simbólicos ou, conforme os estudos de Elias e Scotson (2000), com menos organização interna. Os dois elementos aparecem no estudo de caso e se combinam, pois a falta de recursos simbólicos está atrelada à inexistência de recursos sociais (no sentido de relações sociais constituídas) e de organização dos grupos.

Quando chegam, os migrantes procuram entender o mundo a sua volta, tentam localizar aqueles que consideram os seus pares, estabelecer canais de informação e relações sociais sólidas. Já os grupos que residem no local possuem relações estabelecidas, conhecem bem os processos sociais locais e podem se articular com mais facilidade, fato que é ampliado visto que possuem passado comum (identidade de colono de origem italiana ou polonesa e religião católica). Há, nesse processo de chegada dos migrantes um “aperceber-se” da situação, que leva algum tempo para se completar minimamente. Escreve Hobsbawm (1995,

<sup>51</sup> Embora o vocábulo “gringo” esteja sendo utilizado atualmente para nomear qualquer sujeito norte-americano, a acepção mais antiga no Brasil refere-se ao “gringo” como a denominação que se costumou a dar ao colono de ascendência italiana.

p. 282) que “quando enfrentam o que seu passado não as preparou para enfrentar, as pessoas tateiam em busca de palavras para dar nome ao desconhecido, mesmo quando não podem defini-lo nem entendê-lo”. Convém compreender que não é somente para o migrante que isso ocorre, mas para os próprios estabelecidos as mudanças causam impactos e eles precisam interpretar o que acontece.

Até a alguns anos, praticamente tu conhecias o avô, o pai, o filho e o neto no convívio diário da comunidade. Mas na cidade, em torno de cinco ou seis anos, chegaram milhares de pessoas de outras localidades pra trabalhar nas usinas, até nas próprias indústrias de Veranópolis. Quando se vive numa cidade do interior, você conhece até o soldado da brigada. Então o que aconteceu ao longo do tempo foi que nós não estávamos habituados a tanta gente na nossa comunidade. E assim, particularmente, assustou um pouco. Porque chegou gente aqui com uma cultura totalmente diferente da nossa, gente que não tinha roupa, que não tinha colchão. Então nós nos sentimos um pouco temerosos. O que essas pessoas vão fazer se não tiverem condições? (entrevistado n. 10).

O depoimento revela que a ida de trabalhadores para Veranópolis se expressou como um evento desconhecido para as populações locais, deixando-os alerta e desconfiados para com os outros. A transformação é vivenciada e, utilizando os recursos sociais e simbólicos disponíveis, eles se articularam para entender a situação e até mesmo para agir em relação aos migrantes, como continua narrando o entrevistado:

Nós, eu particularmente, a empresa e o funcionários, fizemos até campanha para coleta de roupa, de colchão, de travesseiro, de lençol, pra ajudar essas pessoas. Assim, nós nos moldamos ao que estamos vivendo. (entrevistado n. 10).

Neste processo de acomodação, a dádiva, sendo aqui exposta nas diferentes doações que foram dirigidas aos novos moradores locais, vem a representar uma maneira de interagir, funciona mesmo como um “quebra-gelo”, um ato unilateral voluntário e obrigatório simultaneamente, como referendaram Caillé (1998a) e Godbout (1998). O conteúdo obrigatório se faz presente, pois as doações eram necessárias para o bem de todos, e voluntárias por que a ninguém em particular foi imputado tomar a iniciativa de angariar os donativos.

Para aqueles recém-chegados, até que os círculos de sociabilidade sejam fortalecidos no local, os migrantes dificilmente compreendem exatamente o que se passa a sua volta, quais grupos são hegemônicos, quais as esferas sociais em que lhes é mais fácil participar e

interagir, que tipos de olhares são lançados sobre eles. Em virtude disso, os migrantes do Alto Uruguai têm mais vantagem que os outros, pois possuem redes mais sólidas e menos passíveis de desestruturação. Esta característica se manifesta observando-se os bairros que constituíram, os empreendimentos econômicos em que são empregados ou donos, as redes de vizinhança e os espaços de sociabilidade que freqüentam. Eles já tornaram a esfera do público e do social mais permeável, embora sua articulação seja ainda preponderantemente interna.

De outro lado, os outros dois grupos (os de Lagoa Vermelha e os de fora do Rio Grande do Sul) ainda expressam relativa dificuldade de articulação e inserção, o primeiro por sua condição socioeconômica precária, o segundo, por estar no local muito recentemente, ser considerado “diferente” (inclusive racial e religiosamente) e sem referências culturais comuns. Estes são menos coesos internamente e entre os grupos isto é ainda mais precário. Em razão disto, certa segregação social persiste e os próprios migrantes reforçam isto, pois não se articulam entre si, preferem buscar formas de inserção gradual na sociedade local. Isto ocorre ao menos em dois deles, porém os oriundos de Lagoa Vermelha parecem não tentar realizar tal feito como os outros, porque lhes parece uma tarefa bastante árdua, devido ao estágio avançado de estigmatização que muitos deles sofrem e da precarização das condições de vida de diversas famílias.

Múltiplas formas de manifestação cultural e política acabam reforçando estas condutas. Muitos já percebem que Veranópolis não deva mais ser pensada como um município “de italianos”, restrito e monolítico do ponto de vista cultural. Entretanto, alguns poucos indivíduos possuem eventualmente poder para expressar isto através do poder público ou nas empresas em que trabalham, como é o caso a seguir:

Eu acho que agora a gente está começando a compreender que essas pessoas [migrantes] também têm um “direito ao sol”, que o sol nasceu para todos. (entrevistado n. 10).

Outros entrevistados - que ainda são mais numerosos, seja no poder municipal seja nas organizações locais - manifestaram a opinião de que as tradições (dos colonos italianos) precisam ser mantidas, pois ela estaria na origem da colonização na região. Os exemplos mais elucidativos são as festas tradicionais, que resgatam as antigas tradições, como o *filó*, o trabalho na roça, as cantigas e a gastronomia. As festas e exposições continuam acontecendo e são como amostras do poder que tem o grupo oriundo da colonização antiga; são formas legítimas de se expressar, porém nota-se o quase inexistente espaço que há para *outras* manifestações culturais, étnicas e até mesmo religiosas.



De maneira geral, os rituais acima citados não são os únicos que expressam a conduta que provoca certo apagamento da heterogeneidade social local, é no cotidiano, sobretudo nas escolas, que estas imagens constitutivas do modo de ser são regularmente trazidas e impostas aos outros que não comungam destes referenciais simbólicos. Pode-se até pensar que o cotidiano é ainda mais sutil e “sorrateiro” neste processo. O ano que se realiza esta pesquisa é crucial para mostrar estes comportamentos sociais e políticos do município, visto que são comemorados os 130 anos da imigração italiana e, durante a pesquisa de campo, observou-se que o município e as escolas preparavam eventos especiais, sempre resgatando o legado do colono, seu modo de ser, sua história e etc.

Numa sociedade que se regula por relações de proximidade, a demarcação de limites entre grupos ou dos círculos de sociabilidade só é observável num processo de imersão do pesquisador. Muitas vezes, os atos de dádiva e reciprocidade no dia-a-dia expressam mais relações de poder do que gratuidade, tal como afirma Wolf (2003b). Bailey (1968) também reforça esta visão sobre a dádiva: a linha que separa mensagens cooperativas e competitivas é tênue.

Cotidianamente, os moradores mais recentes se vêm na eminência de participar da vida social de Veranópolis e, por mais paradoxal que seja, eles devem fazer isto, pois já vivem na sociedade local. Acontece, por exemplo, quando são contratados pelas empresas da região, freqüentam locais de lazer ou praticam a sua religião. A eles é imputado o dever de se inserir nestes processos da vida social, mas o risco de não ser aceito é constante. Bailey (1968, p. 23) salienta, com muita propriedade, que “se você não troca, você não pertence; se você troca, a mensagem que você invoca com intenção de solidariedade pode ser interpretada como desafio”.

Portanto, reciprocidade e manutenção da separação de grupos podem ocorrer sem prejudicar a economia e o trabalho, numa lógica de sociabilidade veladamente pacífica. Isso geralmente acontece por que os novos residentes precisam dos trabalhos, e eles procuram a região por falta de condições melhores nos lugares de onde saíram. Muitos relatos informaram que os migrantes que procuraram Veranópolis gostam do local *porque* na cidade há trabalho. Mesmo assim, antagonismos não faltam, até quando a estrutura social local parece apresentar plena integração. Quando o poder se manifesta por meio dessa sociabilidade que não se separa radicalmente da esfera do trabalho, o presente pode ser uma generosidade incapaz de retribuir, então “[...] ele pode se tornar um veneno, uma humilhação [...]” (BAILEY, 1968, p. 24).

Ao abordar como se constituiu e se operou a manutenção de uma racionalidade que orientava as relações de reciprocidade para a finalidade do sucesso econômico, observou-se

que este processo social e histórico é vinculado imediatamente ao poder e ao controle sobre os indivíduos no tecido social em Veranópolis. A evolução das relações sociais no tempo foi fundamental para constituir as identidades e para gerar discursos internos sobre a pretensa superioridade do colono de origem européia para promover o desenvolvimento, enquanto nos mesmos discursos os outros grupos e etnias aparecem caracterizados como menos “talhados” para este fim.

A re-significação das sociabilidades nas redes atuais acaba por efetuar o estabelecimento de relações que dividem e hierarquizam grupos que possuem organizações internas distintas, poderes e recursos desiguais, e não comungam das mesmas origens étnicas e filiações religiosas. A consequência política mais evidente foi a que confirmou a quarta hipótese deste estudo, de que os mecanismos de regulação política e cultural, em conexão com os processos de dádiva e reciprocidade, manifestam alto grau de previsibilidade e controle sobre os indivíduos, o que torna mais improvável e inaceitável o conflito social.

As relações entre poder, proximidade e reciprocidade são manifestas e evidentes intragrupo – que apresenta alto grau de coesão, obediência à ordem e identidade social (os colonos) – e entre grupos, tal como se expressa na fronteira que são construídas para com os que buscam se instalar no território. Mais do que isto, é saliente que mesmo grupos de residentes mais recentes e já mais integrados à ordem geral (ou com mais recursos sociais e simbólicos no território), sentem-se compelidos a repetir os mesmos gestos de “criação de muros sociais”, tal como contra eles ocorrera. De certo modo, este fato se consuma e se reproduz sempre contra aqueles que são “diferentes”, em qualquer sentido que esse vocábulo venha a significar.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O DESENVOLVIMENTO E SUAS ARMADILHAS

A questão que está no âmago deste estudo é a conexão existente entre relações sociais de reciprocidade, formação de redes sociais e o desenvolvimento socioeconômico. Dela derivam as características que assume a mudança social, a continuidade dos signos compartilhados coletivamente e as formas de antagonismo social que fundamentam a sociedade em Veranópolis.

Ao longo da dissertação, procurou-se mostrar que o desenvolvimento econômico de Veranópolis se processou a partir de estreitas relações entre os atores sociais, configurando o que denominou-se de redes sociais de reciprocidade e de trabalho. Desde o princípio da colonização, formou-se uma sociedade que se ancorava profundamente nos vínculos parentais e nas amizades, na etnia e na religião católica. Era edificado um modo de vida no qual as atitudes recíprocas extrapolavam a sociabilidade e que atingiam a economia e a política, uma constelação de signos na qual relações de proximidade e interconhecimento podiam estruturar formas de trabalho, o acesso às ocupações e a participação política do município. Foi por meio destas relações sociais particulares que se processou o desenvolvimento econômico de Veranópolis, as quais foram fundamentais para diversificar a base produtiva e fomentar a industrialização que iniciou em pequenas unidades.

Esse tecido social possuía uma feição peculiar quando a maior parcela dos moradores e trabalhadores das empresas de Veranópolis era oriunda do local. O controle social dos conflitos era exercido na família e em relações de proximidade, mas a subordinação aos princípios era aceita com menos problemas, pois os atores sociais partilhavam de uma visão de mundo muito semelhante. Esta é a armadilha da reciprocidade, que pode não apenas se manter como gratuidade, mas como cobrança e controle social. Quando entram outros atores para compor este espaço social, disputar empregos e exercer lares em locais públicos, a situação se modifica. São pessoas que jamais foram socializadas no mesmo padrão dos veranenses e que não estavam dispostos a se submeter às formas de vigilância. É certo que os próprios colonos sofriam este controle, típico das relações de proximidade, porém o fenômeno adquiriu outra ordem após as migrações recentes. As sociabilidades locais, que com veemência se ancoravam em vínculos familiares e de amizade, na religião católica e nos

traços da etnia, passam a acessar esses atributos como recursos de poder e de instituição de “fronteiras” sócio-culturais.

A rede, como recurso analítico, incide precisamente neste duplo aspecto. É verdade que as redes se formam para alocar recursos (unir pessoas, estender os laços sociais, integrar atores sociais com diferentes posições sociais), mas acabam sendo excelentes meios para dividir a sociedade, criar aliados e separar sujeitos, pois quem não participa da rede é excluído das possibilidades de uma sociabilidade plena.

Está em questão, portanto, problematizar o desenvolvimento. Dois aspectos da vida social local são muito importantes para compreendê-lo sob o prisma do modo de vida que caracteriza a sociedade de Veranópolis, a reciprocidade e a concorrência. São estas duas características, que em Veranópolis se mesclam para formar um híbrido de cooperação e competição, as responsáveis por direcionar as externalidades positivas do interconhecimento, do parentesco e das relações de proximidade para fins econômico-produtivos. A necessidade da sobrevivência na América e o sucesso econômico como razão sonhada, nutridos desde a partida dos imigrantes da Europa, consolidou uma forma de viver para o qual as relações sociais se tornaram recursos para a prosperidade material. É pertinente salientar que as gerações posteriores introduziram este modo de ser em suas condutas, razão pela qual a acumulação de recursos econômicos ao longo das várias décadas favoreceu a industrialização, o crescimento urbano e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento rural.

A combinação de atitudes de reciprocidade e de concorrência na economia é a forma típica de agir da população que colonizou esta região. Entretanto, para a maior parte dos migrantes que chegaram ao município nos últimos anos, estas formas de ação lhes são estranhas e regulam negativamente suas atitudes. Primeiro, porque a reciprocidade local dificilmente os integra nas redes que anseiam (inclusive em sociabilidades, em participação e etc.); segundo, porque, sem os mesmos recursos materiais e sociais dos veranenses, têm condições menos favoráveis de concorrer no mercado de trabalho e de maneira geral na economia local. Assim sendo, este estudo mostrou a difícil e delicada relação que existe entre os diferentes grupos sociais, a interposição de barreiras e a segregação, a pobreza no interior de uma região abastada. Esta é uma das faces pela qual se apresentam as contradições do desenvolvimento.

Portanto, a concorrência e a reciprocidade funcionam como motores deste processo de desenvolvimento econômico, uma postura que foi sedimentada nas atitudes dos indivíduos por mecanismos sociais, discursivos e culturais em muitos anos de história. Este híbrido garante que cada unidade utilize as coalizões em rede e as atitudes em grupo buscando, ao

mesmo tempo, os seus objetivos particulares e o fortalecimento do próprio coletivo. Isto significa que a reciprocidade se desdobra na construção das redes, mas nenhum dos participantes deixa de procurar o seu espaço particular, por isso a competição e os mercados são administrados e regulados socialmente.

Sob a perspectiva do trabalho e da produção, uma das conseqüências das redes é que elas acentuam a dinamização da economia rural e urbana e favorecem a acumulação de capital no território. Com isso, há a chance de que as redes gerem efeitos benéficos extensivos a diversos atores da sociedade, pois a partir delas é possível a ascensão social. Contudo, e de uma maneira bastante objetiva, redes e reciprocidade não levam necessariamente as populações ao desenvolvimento se não estiverem associadas a outros elementos, também estudados neste trabalho (recursos econômicos, razão simbólica que prestigia o lucro, acesso a tecnologias e mercados). É conveniente enfatizar que jamais foi objetivo deste trabalho menosprezar a relevância dos recursos econômicos (poupança e acumulação de capital) para o desenvolvimento. Estes são elementos imprescindíveis para a formação de empresas, redes de produção e alocação de trabalho, assim como outros também o são, tais como o indispensável conhecimento do ofício, o acesso à tecnologias e inovações e etc.

O que se pretende, contudo, é chamar a atenção para o papel que exercem os recursos simbólicos e sociais disponíveis no território, na forma de relações de parentesco, reciprocidade, interconhecimento e proximidade, que podem servir para centralizar recursos econômicos quando estes são escassos. Isto se observou com clareza entre os fruteiros que iniciaram seus empreendimentos por meio de relações de parentesco e entre as microfusões e matrizarias que buscaram aportes em amigos ou parentes. Verificou-se também dentre as pequenas fábricas de bolas e calçados cujos sócios se aliam para começar operar e nas vinícolas e produtores ecológicos, que por meio do interconhecimento e relações de reciprocidade, conseguem converter suas estruturas produtivas e instaurar as redes.

Com base nestes fundamentos, projeta-se uma determinada forma de desenvolvimento rural. Em primeiro lugar, as redes expressam a superação da tradicional dicotomia rural-urbano, porque através delas o mercado de trabalho adquire uma dimensão territorial, inclusive projetando-se para outros municípios. E esta superação representa a vinculação da agricultura familiar às atividades não-agrícolas, isto é, o aparecimento da pluriatividade nas famílias rurais. Por este motivo, e em segundo lugar, as redes superam a dualidade agrícola x não-agrícola, uma vez que a pluriatividade no interior das famílias apresenta-se como a expressão da integração entre os distintos setores de atividade. Neste sentido, as redes também contribuem para a diversificação da economia local e geram externalidades que se manifestam

na criação de novas oportunidades de inserção ocupacional para a juventude no território. As redes revigoram o meio rural porque fazem dele não apenas lugar de produção agrícola e ajudam a recriar estratégias de trabalho, sociabilidades e ações em conjunto que ativam o desenvolvimento do espaço rural e urbano de forma concomitante.

É com esta perspectiva que o desenvolvimento pode ser pensado em conexão com a reciprocidade e a constituição de redes sociais. O conteúdo integrativo da reciprocidade se estende por redes que unem atores sociais num território e que vêm a estruturar a política, as alianças, a produção, os mercados e as relações de amizade.

Quase cem anos após os escritos de Émile Durkheim, Bronislaw Malinowski e Marcel Mauss, o tema da dádiva e da reciprocidade permanece atual. As condições históricas e sociais mudaram desde então, porém as diferentes teorias da troca continuam a estimular a reflexão sobre a sociabilidade humana e seu conteúdo ético, sobre a mudança social, o poder e o desenvolvimento. O percurso do debate obedeceu a um deslocamento, naquele momento, de uma discussão sobre a modernidade e seus efeitos sociais para outra na qual os termos como pós-modernidade, modernidade tardia e hipermodernidade digladiam por meio de seus interlocutores. Contudo, parece permanecer neste profícuo debate, a perspectiva de que é no caráter ético da reciprocidade que reside sua potencialidade para articulá-la ao desenvolvimento.

Da mesma forma, o trabalho procurou demonstrar que o referencial analítico da teoria das trocas baseada na reciprocidade, proposto pelos precursores da sociologia e da antropologia, torna-se mais sólido e pertinente para tratar dos temas atuais do desenvolvimento e da mudança social na medida em que for capaz de dialogar com outras tradições teóricas, tais como as perspectivas de Karl Polanyi e de Bagnasco e Triglia. Neste sentido, estimular a reciprocidade é pensar o desenvolvimento e a transformação social como produção de valores humanos, tal como havia sustentado Sabourin (2005). Este é um dos sentidos mais profundos da reciprocidade. A dádiva como ligação e como processo sem fim de construir e reconstruir relações, quando não é bloqueada pelas incongruências da dominação e do oportunismo político, possui a capacidade de vivificar e de reinventar a tessitura do laço social.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. Entre deus e o diabo: mercados e interação humana em Ciências Sociais. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, v. 16, n. 2, p. 35-64, 2004.
- \_\_\_\_\_. O capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural. In: ABRAMOVAY, R. **O futuro das regiões rurais**. Porto Alegre: Ed. da Universidade (UFRGS), 2003. p. 83-100.
- \_\_\_\_\_. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. 2. ed. São Paulo: Anpocs: Unicamp: Hucitec, 1998.
- ANJOS, F. S. **Agricultura familiar em transformação: os colonos-operários de Massaranduba (SC)**. Pelotas: UFPEL, 1995.
- ARAÚJO, G.S. Tradição e interesse: diálogos e confrontos na modernização brasileira. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 2004, Caxambú. **Anais...** Caxambu: ANPOCS, 2004. p.1-24.
- ARAÚJO, T.N. A arqueologia no Planalto Meridional do Rio Grande do Sul. In: COSTA, R. (Org.). **Raízes de Veranópolis**. Porto Alegre: Est, 1998. p. 37-39.
- BAGNASCO, A.; TRIGLIA, C. **La construction sociale du marché : le defi de la Troisieme Italie**. Paris: Julillet / Editions de l'ENS-Cachan, 1993.
- BAILEY, F.G. Gifts and poison. In: \_\_\_\_\_. **Gifts and poison: the politics of reputation**. Chicago: Aldine, 1968. p. 1-25.
- BARNES, J. A. Redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: Global, 1987. p.159-193.
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito de História. In: \_\_\_\_\_. **Obras escolhidas – magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985a. V. 1, p. 222-232.
- \_\_\_\_\_. A imagem de Proust. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas – magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985b. V. 1, p. 36-49.
- BERTOCCO, L. Grupo empresarial Siviero. In: COSTA, R. (Org.). **Raízes de Veranópolis**. Porto Alegre: Est, 1998. p. 200-204.
- BOTTAZZI, G. Le développement local ou la remontée du “local”: considérations pour une définition de l’espace local? In: **NOUVEAUX dynamismes industriels et économie du développement**. Grenoble : IREPD, 1994. p. 423-447. (Série actes de colloques).
- BOURDIEU, P. A gênese dos conceitos de *habitus* e de campo. In: \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989a. p. 59-73.
- \_\_\_\_\_. A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região. In: BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989b. p. 107-132.
- \_\_\_\_\_. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papirus, 1996a.

\_\_\_\_\_. Marginalia: algumas notas adicionais sobre o dom. **Mana: Estudos de Antropologia Social**, v. 2, n. 2, p. 7-20, 1996b.

\_\_\_\_\_. Reprodução proibida: simbólica da dominação econômica. In: BOURDIEU, P. **Campo econômico: a dimensão simbólica da dominação**. Campinas: Papyrus, 2000. p. 93-119.

BOYSSEVAIN, J. Apresentando “amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões”. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: Global, 1987. p. 159-193.

BRUNN, B. Lucky Strike e Gauloises...duas cidades, uma em frente da outra, capitais de dois estados federados na Alemanha, separadas por um rio, unidas por uma ponte. Rememorando o pós-guerra, quando os cigarros eram como ouro puro. **Humboldt**, Bonn, ano 44, n. 84, p. 39-42, 2002.

CAILLÉ, A. Nem holismo nem individualismo metodológicos: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13, n. 38, p. 5-38, 1998a.

\_\_\_\_\_. Don et association. **La Revue de MAUSS**, Paris, n. 11, p. 75-83, 1<sup>er</sup>. sem. 1998b.

\_\_\_\_\_. O princípio de razão, o utilitarismo e o antiutilitarismo. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília (DF), v. 26, n. 1-2, p. 26-56, 2002a.

\_\_\_\_\_. A dádiva das palavras – O que dizer pretende dar; dádiva e associação. In: MARTINS, P. H. (Org.). **A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social**. Petrópolis: Vozes, 2002b. p. 99-135.

CAPPELLIN, P.; GIULIANI, G.M. A racionalidade, a cultura e o espírito empresarial. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília (DF), v. 17, n. 1, p. 123-152, 2002.

COLE, D. M. **Colonos, agricultores familiares e pluriatividade: um estudo de caso no município de David Canabarro e na microrregião do Alto Taquari/RS**. 2003. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

CONTERATO, M. A. **A mercantilização da agricultura familiar no Alto Uruguai/RS: um estudo de caso no município de Três Palmeiras**. 2004. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

CORTEZE, D.P. Ulisses foi para América. **Zero Hora**, Porto Alegre, 21 maio 2005. Segundo Caderno, p. 6.

DE BONI, L.; COSTA, R. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Est; Caxias do Sul: UCS, 1984.

DORIGON, C. **Microbacias como redes sócio-técnicas: uma abordagem a partir do enfoque Ator-Rede**. 1997. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Sociedade e Agricultura) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Agricultura, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

DUARTE, O.C. O carreteiro – elemento propulsor do progresso da Região Nordeste do Rio Grande do Sul. In: COSTA, R. (Org.). **Raízes de Veranópolis**. Porto Alegre: Est, 1998. p. 191-194.



EKEH, P. P. Troca social (teoria da). In: OUTHWAITE, W.; BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 778-780.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. **Estabelecidos e outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FARINA, G. **História de Veranópolis**. Veranópolis: SMEC, 1992.

\_\_\_\_\_. Veranópolis: origens e desenvolvimento. In: COSTA, R. (Org.). **Raízes de Veranópolis**. Porto Alegre: Est, 1998. p. 44-47.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FOGALI, E. **Italiano criativo**. 2002. Trabalho apresentado à disciplina Métodos e Técnicas de Pesquisa II (Graduação em História) – Centro de Ciências Humanas e Comunicação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2002.

FREITAS, A.S. A crítica da razão utilitária e a fundamentação ontológica das escolhas metodológicas no paradigma da dádiva. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília (DF), v. 17, n. 2, p. 309-332, 2002.

FRIEDMANN, H. Simple commodity production and wage labour in the american plains. **Journal of Peasant Studies**, London, v. 6, n. 1, p. 71-100, 1978a.

\_\_\_\_\_. World market, state and family farm: social bases of household production in the era of wage labour. **Comparative Studies in Society and History**, Cambridge, v. 20, n. 4, p. 545-586, 1978b.

GALEAZZI, Z. Os serões do filó. In: COSTA, R. (Org.). **Raízes de Veranópolis**. Porto Alegre: Est, 1998. p.132-133.

GAZOLLA, M. **Agricultura familiar, segurança alimentar e políticas públicas**: uma análise a partir da produção para autoconsumo no território do Alto Uruguai/RS. 2004. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

GHIGGI, L. História da imprensa de Veranópolis. In: COSTA, R. (Org.). **Raízes de Veranópolis**. Porto Alegre: Est, 1998. p. 501-531.

GIRON, L.S. A imigração italiana no RS: fatores determinantes. In: DACANAL, J. H.; GONZAGA, S. **RS: imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 47-66. (Série documenta, 4).

GODBOUT, J.T. Introdução à dádiva. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 13, n. 38, p. 39-52. out. 1998.

GODELIER, M. Presentación. In: POLANYI, K. (Org.). **Comercio y mercado en los impérios antiguos**. Barcelona: Labor Universitária, 1976. p. 9-37.

GOLDMAN, M. O que fazer com Selvagens, Bárbaros e Civilizados? In: \_\_\_\_\_. **Alguma Antropologia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. p. 77-82. (Coleção Antropologia da Política, 7).

GOULDNER, A. W. The norm of reciprocity: a preliminary statement. In: SCHIMDT, S. W. et al. (Ed.). **Friends, followers and factions; a reader in political clientelism**. Berkeley: University of California Press, 1977. p. 28-43.

GUALANDI, A. **Deleuze**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003. (Figuras do saber).

GUZZO, P.C.; NETSON, L. História da Sociedade Alfredochavense – SOAL. In: COSTA, R. (Org.). **Raízes de Veranópolis**. Porto Alegre: Est, 1998. p. 254-255.

HABERMAS, J. **Discurso filosófico da modernidade**: doze lições. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HERÉDIA, V.B.M. **O processo de industrialização da zona colonial italiana**. Caxias do Sul: Educs, 1997.

HIRSCHMAN, A. O. **As paixões e os interesses**: argumentos políticos a favor do capitalismo antes de seu triunfo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HOBBS, T. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Nova Cultural, 1988. 2 v.

HOBBSAWM, E. **A era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

KAGEYAMA, A. **Uma tipologia dos domicílios agrícolas no Brasil em 1995**. Campinas, SP: IE/UNICAMP, 1999. (Texto para discussão, n. 70).

\_\_\_\_\_.; SILVA, J. G. da. Os resultados da modernização agrícola nos anos 70. **Estudos Econômicos**, v. 13, n. 3, p. 537-559, 1987.

LANDÉ, C.H. The dyadic basis of clientelism. In: SCHIMDT, S. W. et al. (Ed.). **Friends, followers and factions; a reader in political clientelism**. Berkeley: University of California Press, 1977. p. 13-38.

LANNA, M. Notas sobre Marcel Mauss e o ensaio da dádiva. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 14, p. 173-194, jun. 2000.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LEFEBVRE, H. **A cidade do capital**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LEFORT, C. A troca e a luta dos homens. In: \_\_\_\_\_. **As formas da história**: ensaios de antropologia política. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 21-35.

LÉVI-STRAUSS, C. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Edusp, 1974. V. 2, p. 9-48.

LOCKE, J. **Segundo tratado sobre o governo civil e outros escritos**: ensaio sobre a origem, os limites e os fins verdadeiros do governo civil. Petrópolis: Vozes, 1994.

LONG, N. **Development sociology**: actor perspectives. London: Routledge, 2001.

\_\_\_\_\_.; VILLARREAL, M. Redes de deudas y compromisos: la trascendencia del dinero y las divisas sociales en las cadenas mercantiles. In: VILLARREAL, M. (Coord.). **Antropología de la deuda**: crédito, ahorro, fiado y prestado en las finanzas cotidianas. México: CIESAS: Porrúa y Cámara de Diputados, 2004. p. 1-31. Fotocópia.

LOWE, P. et al. Networks in rural development: beyond exogenous and endogenous models. In: PLOEG, J.D.V.; DIJK, G.V. (Ed.). **Beyond modernization**: the impact of endogenous rural development. Assen: Van Gorcum, 1995. p. 87-105.

MAESTRI, M. Imigração italiana: entre a História e o mito. **Zero Hora**, Porto Alegre, 14 maio 2005. Segundo Caderno, p. 2-3.

MALINOWSKI, B. **Crime e costume na sociedade selvagem**. Brasília: Editora da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

- MARQUES, E. C. **Estado e redes sociais**: permeabilidade e coesão nas políticas urbanas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Revan; São Paulo: Fapesp, 2000.
- MARSDEN, T. New rural territories: regulating the differentiated rural spaces. **Journal of Rural Studies**, London, v. 14, n. 1, p. 107-117, 1998.
- MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: \_\_\_\_\_. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Edusp, 1974. V. 2, p. 49-209.
- MAYER, A. C. A importância dos “quase grupos” no estudo das sociedades complexas. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: Global, 1987. p. 127-158.
- MENDRAS, H. **Sociedades camponesas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.
- MICHELAT, G. Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em Sociologia. In: THIOLENT, M. (Org.). **Crítica metodológica, investigação social e enquête operária**. São Paulo: Polis, 1980. p. 191-211.
- MURDOCH, J. Networks – a new paradigm of rural development? **Journal of Rural Studies**, London, v. 16, n. 1, p. 407-419, 2000.
- NASCIMENTO, E. **Derrida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- NEVES, D.P. O desenvolvimento de uma outra agricultura: o papel dos mediadores sociais. In: FERREIRA, A.; BRANDENBURG, A. (Org.). **Para pensar outra agricultura**. Curitiba: UFPR, 1998. p. 147-167.
- OLIVA, A. **Conhecimento e liberdade**: individualismo x coletivismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- PEIRANO, M. Prefácio. Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **O dito e o feito**: ensaios de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 7-14.
- PLOEG, J. D. van der. El Proceso de trabajo agrícola y la mercantilización. In: SEVILLA GUZMAN, E.; GONZÁLEZ DE MOLINA, M. (Ed.). **Ecología, campesinado y historia**. Madrid: La Piqueta, 1993. p. 153-195.
- POLANYI, K. **A grande transformação**: as origens da nossa época. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- \_\_\_\_\_. La economía como actividad institucionalizada. In: POLANYI, K. (Org.). **Comercio y mercado en los imperios antiguos**. Barcelona: Labor Universitaria, 1976. p. 289-315.
- PUTNAM, R. D. **Comunidade e democracia**: a experiência da Itália moderna. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- RADCLIFFE-BROWN, A. **Structure and function in primitive society**: essays and addresses. Londres: Cohen and West, 1952.
- RADOMSKY, G.F.W. **Mercado de trabalho e diferenciação social no meio rural gaúcho**: um estudo de caso no município de Barão. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- RAUD, C. **Indústria, território e meio-ambiente no Brasil**: perspectiva da industrialização descentralizada a partir da análise da experiência catarinense. Florianópolis: Ed. da UFSC; Blumenau: Ed. da FURB, 1999.

REIS, J. Modos de industrialização, força de trabalho e pequena agricultura: uma análise da articulação entre a acumulação e a reprodução. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 15/16/17, p. 225-260, 1985.

ROESE, M. A metodologia do estudo de caso. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, n. 9, p. 189-200, 1998.

RUSCHEL, R.B. O rio das Antas e seus desafios. In: COSTA, R. (Org.). **Raízes de Veranópolis**. Porto Alegre: Est, 1998. p. 39-44.

SABOURIN, E. Práticas de reciprocidade e economia de dádiva em comunidades rurais do Nordeste brasileiro. **Raízes**, ano 18, n. 20, p. 41-49, nov. 1999.

\_\_\_\_\_. Aprendizagem coletiva e construção social do saber local: o caso da inovação na agricultura familiar da Paraíba. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 37-61, abr. 2001.

\_\_\_\_\_. Dádiva e reciprocidade nas sociedades rurais contemporâneas. In: ENCONTRO NORTE E NORDESTE DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 11., 2003, Aracajú. **Anais...** Aracajú: UFS, 2003. V. 1, p. 1-26. Fotocópia.

\_\_\_\_\_. Organização dos agricultores e produção de valores humanos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 12., 2005, Belo Horizonte. **Sociologia e Realidade: pesquisa social no século XXI**. Belo Horizonte: UFMG, 2005. p. 1-20.

SANTOS, J. V. T. dos. Cantineiros e colonos – a indústria do vinho no Rio Grande do Sul. In: DACANAL, J. H.; GONZAGA, S. **RS: imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 135-155. (Série documenta, 4).

\_\_\_\_\_. **Matuchos: exclusão e luta: do Sul para a Amazônia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

SARACENO, E. Recent trends in rural development and their conceptualisation. **Journal of Rural Studies**, London, v. 10, n. 4, p. 321-330, 1994.

SCHERER-WARREN, I. Redes sociais: trajetórias e fronteiras. In: DIAS, L.C.; SILVEIRA, R.L.L. (Org.). **Redes, sociedades e territórios**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005. p. 29-50.

SCHNEIDER, S. A abordagem territorial do desenvolvimento rural e suas articulações externas. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 6, n. 11, p. 88-125, jan./jun. 2004.

\_\_\_\_\_. **A pluriatividade na agricultura familiar**. Porto Alegre: Ed. da Universidade (UFRGS), 2003.

\_\_\_\_\_. **Agricultura familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. da Universidade (UFRGS), 1999.

\_\_\_\_\_. **Dinâmica local e territorial do desenvolvimento rural no Rio Grande do Sul: um estudo de caso no município de Veranópolis na Encosta Superior da Serra do Nordeste**. Porto Alegre, 2002. Relatório técnico de pesquisa.

SIGAUD, L. As vicissitudes do “Ensaio sobre o Dom”. **Mana: Estudos de Antropologia Social**, v. 5, n. 2, p. 89-124, 1999.

SILVA, J. G. da et al. O emprego rural e a mercantilização do espaço agrário. **Revista São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 50-64, 1997.

SILVA, J. G. da. **O novo rural brasileiro**. Campinas: Ed. Unicamp, Instituto de Economia, 1999. (Coleção Pesquisas, 1).

- SOUZA, M. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. et al. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116.
- STEIL, C. A. Política, etnia e ritual: o Rio das Rãs como remanescente de quilombos. In: PEIRANO, M. (Org.). **O dito e o feito: ensaio de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 197-210.
- TEDESCO, J.C. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: Educs, 2004.
- TEMPLE, D. **La dialectique du don: essai sur l'économie des communautés indigènes**. Paris: Diffusion Inti, 1983.
- TOMASETTO, A.I.P.; TOMASETTO, A. Tomasetto: uma família de pioneiros. In: COSTA, R. (Org.). **Raízes de Veranópolis**. Porto Alegre: Est, 1998. p. 156-159.
- VERONESE, D. **Colônia Alfredo Chaves: cem anos de história religiosa – 1886-1986**. Porto Alegre: Est, 1986.
- VILLELA, J.L.M. A dívida e a diferença: reflexões em torno da reciprocidade. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 44, n. 1, p. 185-220, 2001.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana: Estudos de Antropologia Social**, v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996.
- WANDERLEY, F. Avanços e desafios da Nova Sociologia Econômica: notas sobre os estudos sociológicos do mercado. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília (DF), v. 17, n. 1, p. 15-38, 2002.
- WOLF, E. R. Aspectos das relações de grupo em uma sociedade complexa: México. In: FELDMAN-BIANCO, B.; RIBEIRO, G.L. (Org.). **Antropologia e poder: contribuições de Eric R. Wolf**. Brasília: Ed. da UnB; São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo: Ed. da Unicamp, 2003a. p. 73-91.
- \_\_\_\_\_. Parentesco, amizade e relações patrono-cliente em sociedades complexas. In: FELDMAN-BIANCO, B.; RIBEIRO, G.L. (Org.). **Antropologia e poder: contribuições de Eric R. Wolf**. Brasília: Ed. da UnB; São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo: Ed. da Unicamp, 2003b. p.93-114.
- WOORTMANN, E. F. **Herdeiros, parentes e compadres: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste**. São Paulo: Hucitec; Brasília: Edunb, 1995.

## APÊNDICE A – Questionário padronizado

### AGRICULTURA FAMILIAR, DESENVOLVIMENTO LOCAL E PLURIATIVIDADE: a emergência de uma nova ruralidade

Entrevistador:.....

Data:.....

Município	Localidade	Nº Questionário

#### Estrutura Fundiária, Capital e Produção

##### 1) Estrutura Fundiária

Área Total (ha)	Área (ha)					
	Própria	Em Parceria		Arrendamento		Outra forma
		De Terceiro	Para Terceiro	De Terceiro	Para Terceiro	

1.1) Quanto paga pelo arrendamento [informar em dinheiro ou produto]? .....

1.2) Quanto ganha com arrendamento [informar em dinheiro ou produto]? .....

1.3) Quanto paga na parceria [informar em dinheiro ou produto]? .....

1.4) Quanto ganha na parceria [informar em dinheiro ou produto]? .....

##### 2) Como o Senhor obteve suas terras – área própria? (Indicar ao lado a quantidade em Hectares)

- |                                                            | Quantidade de área |
|------------------------------------------------------------|--------------------|
| <input type="checkbox"/> através de herança                | .....              |
| <input type="checkbox"/> compra de parentes                | .....              |
| <input type="checkbox"/> compra de terceiros               | .....              |
| <input type="checkbox"/> através de doação                 | .....              |
| <input type="checkbox"/> as terras são de posse provisória | .....              |
| <input type="checkbox"/> por atribuição (colonização, etc) | .....              |
| <input type="checkbox"/> outra _____                       |                    |

##### 3) **SE HOUVE HERANÇA** (parcial ou total da propriedade), assinalar quem foram os herdeiros:

- o marido herdou a terra de sua família
- a esposa herdou a terra de sua família
- ambos, o marido e a esposa, herdaram partes que compõem a propriedade atual
- outra \_\_\_\_\_

##### 4) Como o pai do Senhor procedeu na distribuição de sua propriedade aos seus filhos (no caso a ele próprio e eventuais irmãos)?

- Todos os herdeiros, homens e mulheres, receberam uma parte igual da herança (IGUALITÁRIA PARA TODOS)
- Apenas os homens receberam uma parte da herança e as mulheres não receberam nada (IGUALITÁRIA PARA HOMENS)
- Apenas os homens receberam uma parte da herança e haverá uma compensação para as mulheres (IGUALITÁRIA PARA HOMENS COMPENSADA)
- A partilha não foi igualitária e não houve compensação para os não-herdeiros (DESIGUAL NÃO COMPENSADA)
- A partilha não foi igualitária mas houve um sistema de compensação para os não-herdeiros (DESIGUAL COMPENSADA)
- Um sucessor foi designado pelo pai e recebeu a terra sem nenhuma compensação para os outros demais herdeiros (DESIGUAL NÃO COMPENSADA COM SUCESSÃO)
- Não houve herança

( ) Outra forma \_\_\_\_\_

**5) Atividades de produção vegetal – roça [Ano agrícola de setembro de 2001 a agosto de 2002]**

Especificação	Superfície Área Plantada (ha)	Quantidade Total Colhida	Destino da Produção (quantidades e preço obtido)			
			Venda e/ou Comércio		Para o Consumo Familiar	Para o Consumo Animal
			Quantidade	Valor/Unidade (R\$)		
Arroz						
Batata – Doce						
Batatinha						
Cana Açúcar						
Feijão						
Fumo						
Mandioca						
Milho						
Soja						
Trigo						

Legumes e Verduras [Somente especificar se houver venda. Se forem produtos para autoconsumo registrar em horta]


Frutas [Somente especificar se houver venda. Se forem produtos para autoconsumo registrar em pomar]

Uva						
Pêssego						
Pastagem Plantada						
Pastagem Nativa						

Reflorestamento e extração de madeira

Acácia-negra						
Eucalipto						
Pinus						

**S A U Total**

Matas e Florestas Naturais						
Benfeitorias (casa, estábulo, etc)						
Terras Inaproveitáveis						
Área Total						

**OBS. I - CUIDADO! Quando duas ou mais culturas anuais ocupam a mesma superfície cultivada ou são plantadas em consórcio, esta área deverá ser contada apenas uma única vez.**

**OBS. II – Solicite PRIMEIRO a informação sobre a área em terras inaproveitáveis (banhados, penhascos, etc.), DEPOIS sobre benfeitorias e o restante da área incluir em matas e florestas.**

**6) Aquisição de insumos para produção vegetal [Ano agrícola de setembro de 2001 a agosto de 2002]**

Especificação	Quantidade/unidade	Valor Pago por Unidade
Sementes		
Mudas		
Adbos		
Adubo químico (NPK, etc.)		
Adubo orgânico (esterco, estrume, etc.)		
Uréia		
Calcário		
Óleo diesel		
Agrotóxicos (fungicida, inseticida, herbicida, formicida).		

**7) Para quem o Senhor vende a maior parte da produção vegetal? (assinalar apenas uma alternativa)**

- venda direta para consumidores – nas casas ou em feiras livres     para poder público – município, etc.  
 para cooperativa     para o intermediário – atravessador  
 para agroindústria e/ou empresa privada se estiver integrado     não vende  
 outro \_\_\_\_\_

**8) Possui HORTA?                      Sim ( ) Não ( )**

8.1) A Horta é suficiente para atender as necessidades da família?                      Sim ( ) Não ( )

8.2) Na sua avaliação quanto valem os produtos que são retirados da horta (por semana ou mês) em R\$?.....  
.....

8.3) Assinale os principais produtos/variedades que possui na horta

- alface                       cenoura                       repolho                       radite                       pimentão                      ( ) .....  
 beterraba                       couve                       tomate                       rúcula                       moranga                      ( ) .....  
 cebola                       salsa                       alho                       couve-flor                       brócoli                      ( ) .....

**9) Possui POMAR?                      Sim ( ) Não ( )**

9.1) O pomar é suficiente para atender as necessidades da família?                      Sim ( ) Não ( )

9.2) Na sua avaliação quanto valem os produtos que são retirados do pomar (por semana ou mês) em R\$?.....  
.....

9.3) Assinale os principais produtos/variedades que possui no pomar

- uva                       laranja                       pêra                       figo                      ( ) .....                      ( ) .....  
 pêssego                       bergamota                       goiaba                       limão                      ( ) .....                      ( ) .....  
 maçã                       abacate                       caqui                       tangerina                      ( ) .....                      ( ) .....



**10) Efetivos animais disponíveis [Ano agrícola de setembro de 2001 a agosto de 2002]**

Inventário das Criações Raças – categorias	Efetivo	Valor/ Unidade	Animais Vendidos n°	Preço Animais Vendidos	Consumo Familiar
Bovinos					
Touros					
Vacas					
Novilhas					
Terneiros					
Bois para trabalho					
Aves					
Frango de corte					
Galinha caipira					
Suínos					
Ovinos					
Equinos / Muares					

**11) Produção de origem animal (Ano agrícola de setembro de 2001 a agosto de 2002) [Usar produção por dia, semana, mês ou ano]**

Especificação	Unid.	Quant. Prod.	Quant. Vend.	Preço de Venda	Consumo Familiar
Leite					
Ovos					
Mel					
Peixes					

**12) Insumos das atividades de produção animal [Ano agrícola de setembro de 2001 a agosto de 2002]**

Especificação	Unidade	Quantidade	Valor Pago por Unidade
Sal mineral			
Rações (para suínos, bovinos, aves)			
Componentes para rações (milho/sorgo, vitaminas, farelos, etc.)			
Produtos veterinários (antibióticos, vacinas, carrapaticidas, vermífugos, desinfetantes, etc.)			
Outros insumos animais (especificar)			

**13) Para quem o Senhor vende a maior parte da produção animal? (assinalar apenas uma alternativa)**

- venda direta para consumidores – nas casas ou em feiras livres     para poder público – município, etc.  
 para cooperativa     para o intermediário – atravessador  
 para agroindústria e/ou empresa privada se estiver integrado     não vende  
 outro \_\_\_\_\_

**14) Listar produtos processados ou beneficiados dentro do estabelecimento (Transformação Caseira ou Agroindústria Familiar) [Ano agrícola de setembro de 2001 a agosto de 2002]**

Produto produzido	Quantidade Produzida	Unidade	Preço Médio de Venda por Unidade	Quantidade Vendida	Quantidade Consumida pela Família
Queijo					
Salame					
Vinho					
Banha					
Schmier					
Conservas					

**15) Listar toda a matéria-prima utilizada para a transformação da produção caseira (Somente o que for comprado) [Ano agrícola de setembro de 2001 a agosto de 2002]**

Especificação	Quantidade	Unidade	Valor Pago por Unidade	Observações sobre quantidades, etc
Açúcar				
Coalho				
Tripas				

**16) Para quem o Senhor vende a maior parte dos produtos da transformação caseira (beneficiamento e/ou processamento no estabelecimento) ou da agroindústria doméstica? (assinalar apenas uma alternativa)**

- venda direta para consumidores – nas casa ou em feiras livres       para poder público – município, etc.  
 para cooperativa       para o intermediário – atravessador  
 para agroindústria e/ou empresa privada se estiver integrado       não vende  
 outro \_\_\_\_\_

**17) Benfeitorias e instalações (levantar todas disponíveis no estabelecimento)**

Especificação	Quantidade	(1) alvenaria (2) madeira (3) mista*	Idade do bem ou ano de construção	Área construída em m <sup>2</sup>
Açudes				
Aviários				
Casas de empregados				
Estábulo				
Estufa plástica				
Estufa fumo				
Galinheiro				
Galpões/armazéns/paiol				
Pocilgas/chiqueiro				
Poços artesianos				
Secadores leite fixo				
Silo				
Outros (especificar)				

\* Para efeito de depreciação considerar  
 Alvenaria com menos de 50 anos – 1952  
 Madeira com menos de 30 anos – 1972  
 Mista com menos de 40 anos – 1962

**18) Máquinas e equipamentos [Ano agrícola de setembro de 2001 a agosto de 2002]  
(levantar informação sobre o modelo do veículo/trator)**

Especificação	Quantidade	Idade
<b>Caminhão/Veículo utilitário (com menos de 20 anos-1982)</b>		
Mercedes 608		
Caminhonete Ford F1000 até F4000		
<b>Tração Animal em Juntas (Bois, Cavalos e Mulas)</b>		
<b>Trator (com menos de 20 anos-1982) [indicar a marca e a potência em HP]</b>		
Trator > 80 Hp		
Trator < 80 Hp		
<b>Microtrator</b>		
<b>Equipamentos (com menos de 15 anos-1987)</b>		
Arado de tração animal		
Arado de tração mecânica		
Capinadeira de tração animal		
Grade aradora de tração animal		
Grade de tração mecânica		
Semeadora de tração mecânica		
Semeadora de tração animal		
Ensiladeira		
Roçadeira		
Carreta agrícola		
Pulverizador tracionado		
Pulverizador costal motorizado		
Pulverizador costal manual		
Ordenhadeira		
Resfriador de leite		
Motor elétrico		
Bomba de água		
Engenho de cana		
Triturador de cereais		
Carroça		
Picador de pasto (forrageiras)		
Máquina de costurar fumo		
Outros (especificar)**		

(\*\*) Saber quantidade e valor de: ancinhos, caixas para colheita, enxadas, enxadões, foices, machados, pás, picaretas, saraquá.

**DESPESAS**

**19) O senhor teve despesa com mão-de-obra contratada no último ano? [Ano agrícola de setembro de 2001 a agosto de 2002]**

Formas de contratação	Número de pessoas	Número de dias trabalhados no ano	Valor total pago (R\$) (*)
01 Assalariado permanente agrícola (**)			
02 Trabalho agrícola temporário (**)			
03 Empreitada agrícola (**)			

(\*) Incluir as despesas com transporte e alimentação, quando houver.



## ATIVIDADES NÃO-AGRÍCOLAS E PLURIATIVIDADE

[somente preencher para membros que têm atividades não-agrícolas]

### 23) Número de dias trabalhados em atividades não-agrícolas e em atividades fora da UP [Ano agrícola de setembro de 2001 a agosto de 2002]

Nome do indivíduo que trabalha:	Em atividades agrícolas FORA da UP (*)	Em atividades PARA-AGRÍCOLAS (**)		Em atividades NÃO-AGRÍCOLAS (***)			Valores recebidos em R\$ [indicar p/dia ou mês]
		Nº dias	Localização (A)	Nº dias	Localização (B)	Setor (C)	

(\*) **Atividades Agrícolas:** considera-se todas aquelas que envolvem a participação direta na produção animal e vegetal.

(\*\*) **Atividades Para-Agrícolas:** considera-se todas aquelas que envolvem a transformação, beneficiamento e processamento de produtos de origem animal ou vegetal, visando a agregação de valor. Podem ocorrer dentro ou fora da UP.

(\*\*\*) **Atividades Não-Agrícolas:** considera-se as demais atividades.

(A) Local de exercício das atividades para- agrícolas
1. No domicílio ou na UP
2. Na casa de vizinhos
3. Na unidade de processamento

(B) Localização das atividades não-agrícolas
1. No domicílio ou na UP
2. Na localidade/comunidade rural onde reside
3. No centro urbano do próprio município
4. Em outro município

(C) Setor atividades não-agrícolas
1. Indústria
2. Comércio
3. Serviços Auxiliares
4. Construção Civil
5. Transformação Artesanal
6. Transporte/Comunicação
7. Serviço Público
8. Serviços Pessoais
9. Outros

### 24) Os membros de sua família que trabalham em atividades não-agrícolas (fora ou dentro da propriedade) fornecem algum tipo de ajuda nas atividades agrícolas da propriedade?

( ) Sim      ( ) Não      ( ) Não sabe/não respondeu

#### 24.1) Se sim, indique com que frequência:

( ) regularmente      ( ) às vezes  
 ( ) quando sobra tempo      ( ) quando há demanda específica no trabalho agrícola (colheita, doença do encarregado, etc)  
 ( ) outra situação \_\_\_\_\_

### 25) Qual a principal razão que levou os membros da família a trabalhar nas atividades não-agrícolas?

.....

.....

.....

26) Os membros que trabalham em atividades não-agrícolas contribuem com as despesas da família e da UP?

Sim       Não       Não sabe/ não respondeu

27) Se sim, em que é aplicada a maior parte do valor das rendas de atividades não-agrícolas. Assinale apenas 1 alternativa:

para investimentos na propriedade       tanto para investimentos na propriedade como para aumentar o conforto doméstico  
 para o sustento (subsistência) da família       nas despesas pessoais de todo tipo  
 para aumentar o conforto da casa       não sabe/não respondeu  
 outra \_\_\_\_\_

28) SE HOUVE, assinalar quais investimentos foram feitos no último ano agrícola? [Ano agrícola de setembro de 2001 a agosto de 2002]

Tipos de investimentos	Valor total gasto em R\$
<input type="checkbox"/> Aquisição de terras	
<input type="checkbox"/> Aquisição de veículos (utilitários)	
<input type="checkbox"/> Aquisição de equipamentos ou máquinas	
<input type="checkbox"/> Aquisição de terreno na cidade	
<input type="checkbox"/> Construção e reforma da casa	
<input type="checkbox"/> Construção e reforma das benfeitorias da propriedade	
<input type="checkbox"/> Outros investimentos (especificar)	

29) SE HOUVE, assinale e informe com quais outras fontes de renda sua família contou no último ano agrícola (setembro de 2001 até agosto 2002).

Tipos de rendas	Valor (R\$) total recebido
<input type="checkbox"/> Aluguéis recebidos de imóveis residenciais/comerciais	
<input type="checkbox"/> Aluguéis recebidos de máquinas e equipamentos	
<input type="checkbox"/> Remessas em dinheiro recebido de familiares de forma periódica	
<input type="checkbox"/> Pensões judiciais	
<input type="checkbox"/> Juros recebidos de empréstimos para terceiros	
<input type="checkbox"/> Juros de aplicações financeiras ou poupança	
<input type="checkbox"/> Outras rendas (especificar)	

## POLÍTICAS PÚBLICAS E ESTADO

30) Assinale de quem recebeu assistência técnica (assinalar todos) [Ano agrícola setembro 2001 a agosto 2002]

Não recebeu assistência técnica       ONGs  
 Cooperativa de produção       Empresas integradoras  
 Sindicato       Assistência técnica particular (liberais)  
 Secretaria Estadual de Agricultura       EMATER  
 Secretaria Municipal de Agricultura

31) [SOMENTE para assistidos da EMATER] Qual o grau de satisfação em relação à assistência técnica que recebe da EMATER:

muito satisfeito  
 satisfeito  
 insatisfeito  
 não sabe/não respondeu

**32) Assinale em quais atividades de extensão rural e/ou informação técnica participa:**

Escuta programas de rádio e TV sobre técnicas agrícolas Sim ( ) Não ( )  
 Participa de demonstrações de novos produtos e/ou dias de campo Sim ( ) Não ( )  
 Participa e/ou visita feiras e exposições agropecuárias Sim ( ) Não ( )  
 Assiste palestras ou apresentação sobre temas agropecuários Sim ( ) Não ( )  
 Lê livros técnicos sobre agricultura e atividades rurais Sim ( ) Não ( )

**33) Obteve financiamentos ou empréstimos no último ano agrícola (setembro de 2001 até agosto 2002)?**

Sim ( ) Não ( ) ( ) Não sabe/não respondeu

**33.1) Em caso afirmativo, informar (responder utilizando códigos):**

Finalidade (A)	Fonte (B)	Indicar produto ou finalidade do financiamento	Valor financiado (R\$)	Taxa de juros (mês/ano)	Valor da prestação (R\$) [Indicar se é por mês ou ano]

(A)	(B)		
1 Custeio	1 Bancos	4 Emp. Integradora/Agroind.	7 Pronaf
2 Comercialização	2 Cooperativas	5 Vizinhos	8 RS-Rural
3 Investimento	3 Fundo Municipal	6 Parentes	9 Outros

**34) Há aposentados e/ou pensionistas na sua família?**

Sim ( ) Não ( ) ( ) Não sabe/ não respondeu

**34.1) Em caso afirmativo, informar o tipo de benefício e o valor recebido durante o último ano agrícola (setembro de 2001 até agosto 2002)?**

Primeiro nome da pessoa que recebeu o benefício	Tipo de benefício (A)	Número de meses em que recebeu o benefício	Valor mensal recebido (R\$) (*)

Códigos

(A)	
1 Aposentadoria	2 Pensão

**35) No último ano agrícola (setembro de 2001 até agosto de 2002) o dinheiro da aposentadoria ou pensão foi utilizado, de alguma forma, na atividade agrícola?**

Sim ( ) Não ( ) ( ) Não sabe/ não respondeu

**35.1) Se sim, indicar em que são utilizados os recursos da aposentadoria ou pensão:**

- ( ) Custeio da atividade produtiva da família  
 ( ) Compra de máquinas e/ou equipamentos  
 ( ) Outro. Especificar qual? \_\_\_\_\_

**36) Qual sua religião?**

- ( ) Católica  
 ( ) Protestante/evangélica - IECLB  
 ( ) Pentecostal – “Crentes”  
 ( ) outro \_\_\_\_\_

**INFRAESTRUTURA BÁSICA****37) Composição da moradia**

Especificação	Número de peças
Banheiro	
Cozinha	
Quarto	
Sala	
Varanda	

**37.1) Instalações sanitárias (Assinalar apenas uma opção)**

Especificação	
Banheiro completo (*)	( )
Banheiro incompleto (**)	( )
Casinha ou latrina	( )
Nenhuma	( )

(\*) Completo: Vaso, chuveiro e pia (externa ou não)

(\*\*) Incompleto: Vaso ou chuveiro

**37.2) Tipo de piso predominante****(Assinalar apenas uma opção)**

Especificação	
Concreto	( )
Chão batido	( )
Madeira	( )
Outro	( )

**37.3) Tipo de cobertura predominante****(Assinalar apenas uma opção)**

Especificação	
Telha de barro	( )
Telha de amianto (Brasilit)	( )
Capim ou palha	( )
Zinco ou outro metal	( )
Outra	( )

**37.4) Tipo de parede externa predominante (Assinalar apenas uma opção)**

Especificação	
Tijolo com revestimento	( )
Tijolo sem revestimento	( )
Tábuas	( )
Tapumes ou chapas de madeira	( )
Folha de zinco	( )
Barro ou adobe	( )
Outra	

**38) Abastecimento de água****(Assinalar apenas uma opção)**

Especificação	
Poço artesiano	( )
Nascente ou vertente com poço	( )
Córrego/Açude	( )
Cacimba	( )
Água do vizinho	( )
Outro tipo	( )

**39) Destino dos dejetos humanos****(Assinalar apenas uma opção)**

Especificação	
Fossa simples (seca)	( )
Fossa séptica/poço absorvente	( )
Direto no solo	( )
Direto nos cursos d'água	( )
Não tem	( )
Outro destino	( )

**40) Qual o principal tipo de abastecimento de energia elétrica?**

- ( ) rede geral  
 ( ) gerador próprio  
 ( ) não possui  
 ( ) outro \_\_\_\_\_



**41) Bens de Consumo que existem no domicílio [assinalar a quantidade]**

Especificação	Quantidade	Especificação	Quantidade
01 Aparelho de som			
02 Automóvel		12 Máquina de lavar roupa	
03 Batedeira		13 Moto	
04 Bicicleta		14 Parabólica	
05 Ferro elétrico		15 Rádio	
06 Fogão a gás		16 Televisor	
07 Fogão à lenha		17 Vídeo cassete	
08 Forno elétrico/microondas		18 Linha de Telefone fixo	
09 Freezer		19 Celular	
10 Geladeira			
11 Liquidificador			

**AMBIENTE SOCIAL E ECONÔMICO****42) Participação social da família na comunidade local e/ou no município [assinale todas em que houver a participação de algum membro]**

Especificação	Participa
01 Associação comunitária de produtores e/ou agricultores	Sim ( ) Não ( )
02 Cooperativas (créditos, eletrificação, produção, etc.)	Sim ( ) Não ( )
03 Sindicato de trabalhadores	Sim ( ) Não ( )
04 Associação de mulheres/clube de mães	Sim ( ) Não ( )
05 Associação vinculada a igreja (pastoral, canto, etc.)	Sim ( ) Não ( )
06 Clube de futebol, bocha, etc ligado ao lazer	Sim ( ) Não ( )
99 Outros tipos de entidade (especificar)	
	Sim ( ) Não ( )
	Sim ( ) Não ( )

**43) Em que LOCAL o Senhor e sua família gastam a maior parte do dinheiro que ganham [não importa a fonte deste dinheiro]:**

- ( ) na própria comunidade onde residem  
 ( ) no centro urbano da cidade a que pertence a localidade/distrito onde residem  
 ( ) na cidade-pólo mais próxima (cidade maior da região)  
 ( ) outra localidade \_\_\_\_\_

**44) Em quem o Senhor deposita MAIS CONFIANÇA E CREDIBILIDADE (assinalar apenas uma alternativa):**

- ( ) nos técnicos da Emater  
 ( ) no pessoal da Prefeitura (funcionários, agentes de saúde, etc)  
 ( ) nos Vereadores do município  
 ( ) nos dirigentes do seu sindicato  
 ( ) no pastor e/ou padre da Igreja que frequenta  
 ( ) nos técnicos e/ou pessoas ligadas as agroindústrias e cooperativas com as quais trabalha  
 ( ) nos compradores e intermediários que adquirem sua produção agrícola  
 ( ) nos vizinhos  
 ( ) Não sabe/não respondeu

**45) Em quem o Senhor NÃO TEM CONFIANÇA E NENHUMA CREDIBILIDADE** (assinalar apenas uma alternativa):

- nos técnicos da Emater
- no pessoal da Prefeitura (funcionários, agentes de saúde, etc)
- nos Vereadores do município
- nos dirigentes do seu sindicato
- no pastor e/ou padre da Igreja que frequenta
- nos técnicos e/ou pessoas ligadas as agroindústrias e cooperativas com as quais trabalha
- nos compradores e intermediários que adquirem sua produção agrícola
- nos vizinhos
- Não sabe/ não respondeu

**46) Qual é seu nível de satisfação em relação à educação e as escolas de seu município e/ou comunidade:**

- Muito satisfeito       Insatisfeito
- Satisfeito               Não sabe/não respondeu

**47) Na sua opinião, qual deveria ser o ensino e a educação fornecido as crianças e jovens, filhos e filhas, de agricultores** (assinalar apenas uma alternativa):

- uma educação especializada e voltada para as atividades agrícolas
- uma educação geral destinada a prepará-los para disputar trabalhos e empregos fora da agricultura
- uma educação mista, destinada tanto à agricultura como à formação geral
- Não sabe/ não respondeu

#### REPRESENTAÇÕES DOS AGRICULTORES SOBRE A RURALIDADE E SEU FUTURO

**48) Em relação à época em que seus pais trabalhavam na agricultura, o Senhor considera que o período atual** (assinalar apenas uma alternativa):

- melhorou muito, em todos os aspectos       está pior do que antes, nada melhorou
- melhorou, em algumas coisas               não se aplica (os pais não eram agricultores)
- não sabe/ não respondeu

**49) O Senhor tem perspectivas na agricultura e vê futuro para sua família nesta atividade?**

- Sim     Não               Não sabe/ não respondeu

**50) O Senhor gostaria que seus filhos seguissem a profissão de agricultor:**

- Sim               Não               Não sabe/ não respondeu

**51) Existe algum membro da família (filho ou outro) que o Senhor prevê que continuará a trabalhar em sua propriedade depois que o Senhor não puder mais trabalhar nela?**

- Sim               Não               Não sabe/ não respondeu

**52) Caso haja uma piora na renda e na agricultura de modo geral nos próximos anos, o Senhor pensa em fazer o quê** (assinalar apenas uma alternativa):

- continuar a fazer o mesmo que atualmente e esperar que a crise passe ou volte ao normal;
- deixar de trabalhar na agricultura e vender a terra;
- buscar aperfeiçoamentos tecnológicos para melhorar a produção na propriedade;
- procurar emprego em alguma atividade não-agrícola, sem vender a terra;
- Não sabe/ não respondeu

**53) Qual é o grau de satisfação do Senhor e de sua família em relação À ATIVIDADE AGRÍCOLA** (explorar aspectos do trabalho e produção)?

- Muito satisfeito
- Satisfeito
- Insatisfeito
- Não sabe/não respondeu

**54) Qual é o grau de satisfação do Senhor e de sua família em relação AO MEIO RURAL (perguntar sobre espaço/ambiente e a comunidade onde vive)?**

- ( ) Muito satisfeito  
 ( ) Satisfeito  
 ( ) Insatisfeito  
 ( ) Não sabe/não respondeu

**55) Quando o Senhor pensa no meio rural ou no espaço rural em que vive, o que mais valoriza ou associa (assinalar apenas uma alternativa)?**

- ( ) a paisagem ( ) o trabalho na agricultura e a importância de produzir alimentos  
 ( ) os animais e as plantas ( ) a tranquilidade  
 ( ) os vizinhos e a comunidade em que vive ( ) Não sabe/não respondeu

**56) Alguém de sua família gostaria de mudar para a cidade?**

- ( ) Sim ( ) Não ( ) Não sabe/ não respondeu

**56.1) Se sim, apontar a razão pela qual o (s) membro (s) pretende (m) mudar para cidade:**

.....  
 .....  
 .....

**57) Em época de eleição, o Senhor costuma votar em candidatos que defendem e/ou apresentam propostas para agricultura e o meio rural?**

- ( ) Sim ( ) Não ( ) Não sabe/ não respondeu

**58) Qual destas propostas o senhor normalmente (em todas as eleições de que participa) leva em consideração na escolha do candidato ou partido? (assinalar apenas uma alternativa)**

- ( ) melhoria de acesso ao crédito e financiamento ( ) melhoria da assistência técnica  
 ( ) melhoria das estradas, da água e da luz ( ) melhoria da segurança, saúde e educação  
 ( ) não sabe/ não respondeu

**59) Na hora de votar, o Senhor atribui maior importância:**

- ( ) ao partido ( ) as propostas apresentadas  
 ( ) ao perfil do candidato ( ) não sabe/ não respondeu

**60) O que seria preciso acontecer para melhorar a qualidade de vida de sua família? (pedir para destacar o aspecto mais importante)**

.....  
 .....  
 .....

## APÊNDICE B – Roteiro de questões semi-estruturadas

Roteiro de questões qualitativas para pesquisa de campo – Veranópolis, 2005.

PARTE I – questões demográficas (para todos entrevistados)

Nome:

Idade:

Ocupações:

Estado civil:

Escolaridade:

Ocupações dos pais:

Sexo (somente anotar):

Nascido em:

PARTE II – questões próprias para cada grupo social

Público:

### 1- Fruteiros

Trabalho e reciprocidade: como foi a constituição de sua empresa/atividade? Se for o caso, como seu pai (ou outro) procedeu na época? Ele ou o sr. buscou associar-se com vizinho, amigo ou parente (inclusive sogro/a, cunhado/a)?

Qual importância o sr. atribui à associar-se com vizinhos, amigos ou parentes para o seu empreendimento econômico? É mais importante hoje ou antes?

O sr., ou seu pai (parente) era anteriormente agricultor (colono)? Como foi a passagem dessa atividade como agricultor para fruteiro / empresário de micro-fusão / empresário de calçados?

As famílias dessa região se conheciam no começo, como era isso? Desde quando, por que, quais as relações que havia no começo? No começo, havia mais contato entre as famílias? Quais razões? Mudou? Por que? Qual era a importância disto para o trabalho na agricultura?

(se trabalhar com amigos, vizinhos, parentes) Hoje o sr. trabalha e tem um empreendimento econômico com vizinhos, ou parentes, ou amigos. O que o sr acha que mudou desde a época de seus familiares trabalhavam aqui (seja a atividade que for)?

Especificidade das redes: Que tipo de trabalhador o sr. costuma (ou prefere) contratar (mulheres, homens, jovens, estudantes, migrantes)? Quais

características? É preferível se for de Veranópolis e cidades próximas? Como é a contratação (carteira assinada, contrato, simplesmente oral)? Como é o trabalho dos empregados na sua empresa quanto à forma (trabalho repetitivo, trabalho qualificado, pouco qualificado, uso de tecnologias).  
Como é sua relação com os empregados?

Quais as expectativas dos seus empregados quanto ao futuro profissional deles (esperam colocar seus negócios próprios, ou continuar aqui, e etc)? Há transferência de conhecimento?

Como é a relação com seus concorrentes? Como vocês se organizam? (competição x cooperação antes e agora).

Agricultura Familiar e as atividades (redes):

Como a sua empresa busca trabalhadores? Há alguma relação especial com os agricultores e filhos de agricultores da região (inclusive fora de Veranópolis)? A empresa possui preferência por trabalhadores urbanos ou rurais?

O passado da empresa tem alguma ligação com a agricultura (ou o passado do entrevistado se for gerente ou dono)? A localização dos moradores na zona rural tem alguma relevância? (deslocamento, custo transporte, famílias conhecidas, etc).

Há trabalhadores na sua empresa que também exercem atividades nas propriedades agrícolas deles? O que o sr acha disto?

Território

Até que municípios e localidades as empresas, fruteiros, indústrias vão buscar trabalhadores (a domicílio ou não)? Por que?

Política, cultura, Comportamento:

A política local se representa geralmente por quais partidos majoritariamente? Estar num partido “diferente” como é?

Qual a importância dos valores familiares para o sr? As famílias que são suas vizinhas, qual sua opinião sobre? O sr costuma ir à Igreja, qual importância dela e da comunidade / capela?

É difícil opor-se aos valores antigos tradicionais? Como são vistas as pessoas relativamente “diferentes” do Veranense?  
Os conflitos que existem na região o sr. atribui a que?

Sabe-se que há residentes na cidade que são de fora. Por que estes vieram para Veranópolis? Como é a relação dos moradores de Veranópolis (rurais e urbanos) com aqueles que são provenientes de fora do município?

Aqueles moradores que não são provenientes de Veranópolis participam da vida política, associativa e sindical? As rotinas de

sociabilidades dos moradores locais são as mesmas dos moradores que chegaram depois (mesmos locais, hábitos, festas)? Participam em conjunto?

E o pessoal do MST? Qual sua opinião? Quais grupos sociais de Veranópolis estão relacionados a eles?

## **2- Trabalhadores em indústrias ou em fruteiros (que são de famílias da AF)**

Agricultura Familiar e as atividades (redes):

Por que você foi trabalhar nessa empresa (talvez aludir a questão da reciprocidade, ou do rural)? Abandonou a agricultura? Por que? Você atribui que importância ao seu emprego? Quais motivos? Quais relações você ainda mantém com o meio rural? Esse meio rural é importante? Porque (valores, tradição, identidade)? Como você avalia ser empregado da firma e como é a relação com o patrão? E sobre combinar ocupações agrícolas e não-agrícolas?

Sobre as suas perspectivas como trabalhador, o que espera? (comparar quais tem chance de ascensão nas redes). Você estuda ou espera estudar, como é isso (planos, vontade, chance)?

Há diferenças nas suas atividades no trabalho da de seus colegas? Se sim, a que atribui? Há diferença de salário?

Política, cultura, Comportamento:

como é a atuação do sindicato de trabalhadores? A política local se representa geralmente por quais partidos majoritariamente? Estar num partido “diferente” com é?

Qual a importância dos valores familiares para o sr? As famílias que são suas vizinhas, qual sua opinião sobre? O sr costuma ir à Igreja, qual importância dela e da comunidade / capela?

É difícil opor-se aos valores antigos tradicionais? Como são vistas as pessoas relativamente “diferentes” do Veranense? Os conflitos que existem na região o sr. atribui a que?

Sabe-se que há residentes na cidade que são de fora. Por que estes vieram para Veranópolis? Como é a relação dos moradores de Veranópolis (rurais e urbanos) com aqueles que são provenientes de fora do município?

Aqueles moradores que não são provenientes de Veranópolis participam da vida política, associativa e sindical? As rotinas de sociabilidades dos moradores locais são as mesmas dos moradores que chegaram depois (mesmos locais, hábitos)? Participam em conjunto?

Pode-se dizer que eles vêm de outros lugares para ocupar postos de trabalho específicos (já determinados de antemão) ou não? Ou seja, eles têm alguma relação mais especial com os empregos nas fábricas de calçados, com os fruteiros ou com os microfusão, ou outros?

E o pessoal do MST? Qual sua opinião? Quais grupos sociais de Veranópolis estão relacionados a eles?

### 3- Trabalhadores em indústrias ou em fruteiros (que não são da AF ou são de fora)

Você atribui que importância ao seu emprego? Quais motivos? Porque resolveste trabalhar nesta firma (talvez aludir a questão da reciprocidade, ou do rural)? Sua relação com o patrão?

Sobre as suas perspectivas como trabalhador, o que espera? (comparar quais tem chance de ascensão nas redes) Você estuda ou espera estudar, como é isso (planos, vontade, chance)?

[Se for de fora]: de onde você é? Por que escolheu Veranópolis? Havia alguém aqui que você conhecia antes de vir, conte-me. Que opinião você tem sobre os seus colegas de trabalho? Existem peculiaridades (*usar outra palavra*) nessa relação?

Há diferenças nas suas atividades no trabalho da de seus colegas? Se sim, a que atribui? Há diferença de salário?

Política, cultura,  
Comportamento:

como é a atuação do sindicato de trabalhadores? A política local se representa geralmente por quais partidos majoritariamente? Estar num partido “diferente” como é?

Qual a importância dos valores familiares para o sr? As famílias que são suas vizinhas, qual sua opinião sobre? O sr costuma ir à Igreja (qual), qual importância dela e da comunidade / capela?

É difícil opor-se aos valores antigos tradicionais? Como são vistas as pessoas relativamente “diferentes” do Veranense? Os conflitos que existem na região o sr. atribui a que?

[cuidar aqui]: Sabe-se que há residentes na cidade que são de fora. Por que estes vieram para Veranópolis? Como é a relação dos moradores de Veranópolis (rurais e urbanos) com aqueles que são provenientes de fora do município?

Os moradores que não são provenientes de Veranópolis participam da vida política, associativa e sindical? As rotinas de sociabilidades dos moradores locais são as mesmas dos moradores que chegaram depois (mesmos locais, hábitos)? Participam em conjunto?

Pode-se dizer que as pessoas de outros lugares vêm para ocupar postos de trabalho específicos ou não? Ou seja, têm alguma relação mais especial com os empregos nas fábricas de calçados, com os fruteiros ou com os microfusão, ou outros?

E o pessoal do MST? Qual sua opinião? Quais grupos sociais de Veranópolis estão relacionados a eles?

#### **4- Empresários, chefes ou gerentes de fábricas locais (calçados, bolas ou microfusão)**

Trabalho e reciprocidade: como foi a constituição de sua empresa/atividade? Se for o caso, como o sr ou seu pai (ou outro) procedeu na época? Ele ou o sr. buscou associar-se com vizinho, amigo ou parente (inclusive sogro/a, cunhado/a)?

Qual importância o sr. atribui à associar-se com vizinhos, amigos ou parentes para o seu empreendimento econômico? É mais importante hoje ou antes (no sentido de antes da modernização e mercantilização)? Por que a localização escolhida foi aqui?

O sr., ou seu pai (parente) era anteriormente agricultor (colono)? Como foi a passagem dessa atividade como agricultor para empresário de microfusão / empresário de calçados?

Como o sr vê o surgimento das atividades industriais no município, onde especificamente elas começaram? Com que famílias?

As famílias dessa região se conheciam no começo, como era isso? Desde quando, por que, quais as relações que havia no começo? No começo, havia mais contato entre as famílias? Quais razões? Mudou? Por que? Qual era a importância disto para o trabalho - na agricultura ou outro setor?

(se trabalhar com amigos, vizinhos, parentes) Hoje o sr. trabalha e tem um empreendimento econômico com vizinhos, ou parentes, ou amigos. O que o sr acha que mudou desde a época de seus familiares trabalhavam aqui (seja a atividade que for)?

Especificidade das redes: Que tipo de trabalhador o sr. costuma (ou prefere) contratar (mulheres, homens, jovens, estudantes, migrantes)? Quais características? É preferível se for de Veranópolis e cidades próximas? Como é a contratação (carteira assinada, contrato, simplesmente oral)? Como é o trabalho na sua empresa quanto à forma (trabalho repetitivo, trabalho qualificado, pouco qualificado, uso de tecnologias). Como é sua relação com os empregados?



Quais as expectativas dos seus empregados quanto ao futuro profissional deles (esperam colocar seus negócios próprios, ou continuar aqui, e etc)? Há transferência de conhecimento? (*não colocar nesses termos*).

Como é a relação com seus concorrentes? Como vocês se organizam? (competição x cooperação antes e agora).

Agricultura Familiar e as atividades (redes):

Como a sua empresa busca trabalhadores? Há alguma relação especial com os agricultores e filhos de agricultores da região (inclusive fora de Veranópolis)? A empresa possui preferência por trabalhadores urbanos ou rurais?

O passado da empresa tem alguma ligação com a agricultura (ou do entrevistado se for gerente ou dono)? A localização dos moradores na zona rural tem alguma relevância? (deslocamento, custo transporte, etc).

Há trabalhadores na sua empresa que também exercem atividades nas propriedades agrícolas deles? O que o sr acha disto?

Território

Até que municípios e localidades as empresas, fruteiros, indústrias vão buscar trabalhadores (a domicílio ou não)? Por que?

Política, cultura, Comportamento:

como é a atuação do sindicato de trabalhadores? A política local se representa geralmente por quais partidos majoritariamente? Estar num partido “diferente” como é?

Qual a importância dos valores familiares para o sr? As famílias que são suas vizinhas, qual sua opinião sobre? O sr costuma ir à Igreja, qual importância dela e da comunidade / capela?

É difícil opor-se aos valores antigos tradicionais? Como são vistas as pessoas relativamente “diferentes” do Veranense? Os conflitos que existem na região o sr. atribui a que?

Sabe-se que há residentes na cidade que são de fora. Por que estes vieram para Veranópolis? Quando isso inicia? Como é a relação dos moradores de Veranópolis (rurais e urbanos) com aqueles que são provenientes de fora do município? Por que eles ocupam aquele bairro específico?

Quais as origens destes moradores que não são das famílias locais de Veranópolis? Por que escolheram Veranópolis e não outro lugar? Já conheciam alguém que viera antes para cá?

Aqueles moradores que não são provenientes de Veranópolis participam da vida política, associativa e sindical? As rotinas de

sociabilidades dos moradores locais são as mesmas dos moradores que chegaram depois (mesmos locais, hábitos)? Participam em conjunto?

Pode-se dizer que eles vêm de outros lugares para ocupar postos de trabalho específicos (já determinados de antemão) ou não? Ou seja, eles têm alguma relação mais especial com os empregos nas fábricas de calçados, com os fruteiros ou com os micro-fusao, ou outros?

E o pessoal do MST? Qual sua opinião? Quais grupos sociais de Veranópolis estão relacionados a eles?

### **5- Empresários, chefes ou gerentes de fábricas não locais (calçados, bolas)**

Trabalho e reciprocidade: por que a fábrica escolheu Veranópolis? Há preponderância de trabalhadores de fora ou de Veranópolis? Até onde vai a extensão de buscar trabalhadores? Há trabalho em domicílio? Se sim, quem faz (se AF, mulheres, jovens)?

Como atua o sindicato na fábrica? Existem “tipos” de trabalhadores? Quem são os melhores (quais características)? Os trabalhadores que vem de fora e se empregam na fábrica, já possuem algum contato com alguém aqui da região?

Como o sr vê o surgimento das atividades industriais no município, onde especificamente elas começaram? Com que famílias?

Especificidade das redes: Que tipo de trabalhador o sr. costuma (ou prefere) contratar (mulheres, homens, jovens, estudantes, migrantes)? Quais características? É preferível se for de Veranópolis e cidades próximas? Como é a contratação (carteira assinada, contrato, simplesmente oral)? Como é o trabalho na sua empresa quanto à forma (trabalho repetitivo, trabalho qualificado, pouco qualificado, uso de tecnologias). Sua relação com empregados?

Quais as expectativas dos seus empregados quanto ao futuro profissional deles (esperam colocar seus negócios próprios, ou continuar aqui, e etc)? Há transferência de conhecimento? (*não colocar nesses termos*).

Como é a relação com seus concorrentes? Como vocês se organizam? (competição x cooperação antes e agora).

Agricultura Familiar e as atividades (redes):

Como a sua empresa busca trabalhadores? Há alguma relação especial com os agricultores e filhos de agricultores da região (inclusive fora de Veranópolis)? A empresa possui preferência por trabalhadores urbanos ou rurais?

Há trabalhadores na sua empresa que também exercem atividades nas propriedades agrícolas deles? O que o sr acha disto?

*[muito improvável]*O passado da empresa tem alguma ligação com a agricultura (ou do entrevistado se for gerente ou dono)?

A localização dos moradores na zona rural tem alguma relevância (deslocamento, custo transporte, etc).

Território

Até que municípios e localidades as empresas, fruteiros, indústrias vão buscar trabalhadores (a domicílio ou não)? Por que?

Política, cultura,  
Comportamento:

como é a atuação do sindicato de trabalhadores operários? A política local se representa geralmente por quais partidos majoritariamente? Estar num partido “diferente” como é?

Qual a importância dos valores familiares para o sr? As famílias que são suas vizinhas, qual sua opinião sobre? O sr costuma ir à Igreja, qual importância dela e da comunidade / capela?

É difícil opor-se aos valores antigos tradicionais? Como são vistas as pessoas relativamente “diferentes” do Veranense?  
Os conflitos que existem na região o sr. atribui a que?

Sabe-se que há residentes na cidade que são de fora. Por que estes vieram para Veranópolis? Quando isso inicia? Como é a relação dos moradores de Veranópolis (rurais e urbanos) com aqueles que são provenientes de fora do município?  
Por que eles ocupam aquele bairro específico?

Quais as origens destes moradores que não são das famílias locais de Veranópolis? Por que escolheram Veranópolis e não outro lugar? Já conheciam alguém que viera antes para cá?

Aqueles moradores que não são provenientes de Veranópolis participam da vida política, associativa e sindical? As rotinas de sociabilidades dos moradores locais são as mesmas dos moradores que chegaram depois (mesmos locais, hábitos, festas)? Participam em conjunto?

Pode-se dizer que eles vêm de outros lugares para ocupar postos de trabalho específicos (já determinados de antemão) ou não? Ou seja, eles têm alguma relação mais especial com os empregos nas fábricas de calçados, com os fruteiros ou com os microfusão, ou outros?

E o pessoal do MST? Qual sua opinião? Quais grupos sociais de Veranópolis estão relacionados a eles?

## 6- Diretores de sindicatos (rural ou operário)

Como atua o sindicato na fábrica? Existem “tipos” de trabalhadores? Quem são os melhores (quais características)? Os trabalhadores que vem de fora e se empregam na fábrica, já possuem algum contato com alguém aqui da região?

Como o sr vê o surgimento das atividades industriais no município, onde especificamente elas começaram? Com que famílias?

Como é a relação entre atividades concorrentes? Como se organizam? (competição x cooperação antes e agora).

Política, cultura,  
Comportamento:

como é a atuação do sindicato de trabalhadores operários? E dos trabalhadores rurais? A política local se representa geralmente por quais partidos majoritariamente?

Qual a importância dos valores familiares para o sr? As famílias que são suas vizinhas, qual sua opinião sobre? O sr costuma ir à Igreja, qual importância dela e da comunidade / capela?

É difícil opor-se aos valores antigos tradicionais? Como são vistas as pessoas relativamente “diferentes” do Veranense? Os conflitos que existem na região o sr. atribui a que?

Sabe-se que há residentes na cidade que são de fora. Por que estes vieram para Veranópolis? Quando isso inicia? Como é a relação dos moradores de Veranópolis (rurais e urbanos) com aqueles que são provenientes de fora do município?  
Por que eles ocupam aquele bairro específico?

Quais as origens destes moradores que não são das famílias locais de Veranópolis? Por que escolheram Veranópolis e não outro lugar? Já conheciam alguém que viera antes para cá?

Aqueles moradores que não são provenientes de Veranópolis participam da vida política, associativa e sindical? As rotinas de sociabilidades dos moradores locais são as mesmas dos moradores que chegaram depois (mesmos locais, hábitos, festas)? Participam em conjunto?

Pode-se dizer que eles vêm de outros lugares para ocupar postos de trabalho específicos (já determinados de antemão) ou não? Ou seja, eles têm alguma relação mais especial com os empregos nas fábricas de calçados, com os fruteiros ou com os microfusão, ou outros?

E o pessoal do MST? Qual sua opinião? Quais grupos sociais de Veranópolis estão relacionados a eles?

## 7- Diretores de associações do município

Trabalho e reciprocidade: Como foi a constituição desta associação? Quem participa (no sentido de posição social na estrutura e pessoas “tradicionais” do município)?

Política, cultura,  
Comportamento:

A política local se representa geralmente por quais partidos majoritariamente?

Qual a importância dos valores familiares para o sr? As famílias que são suas vizinhas, qual sua opinião sobre? O sr costuma ir à Igreja, qual importância dela e da comunidade / capela?

É difícil opor-se aos valores antigos tradicionais? Como são vistas as pessoas relativamente “diferentes” do Veranense?  
Os conflitos que existem na região o sr. atribui a que?

Como é a relação dos moradores de Veranópolis (rurais e urbanos) com aqueles que são provenientes de fora do município?  
Por que eles ocupam aquele bairro específico?

Aqueles moradores que não são provenientes de Veranópolis participam da vida política, associativa? As rotinas de sociabilidades dos moradores locais são as mesmas dos moradores que chegaram depois (mesmos locais, hábitos, festas)? Participam em conjunto?

## 8- Informantes chave (poder público local, EMATER, prefeitura, secretarias, outros)

(Vários assuntos)

Pedir uma explanação geral sobre a história de Veranópolis, enfatizando a agricultura, as famílias de colonos, as mudanças na agricultura, o surgimento do comércio, a urbanização e as fábricas.

Houve alguma instituição local (Igreja, associação, seminário escola ou outra) ou personalidade fundamental para o município que o sr lembre (para a política, desenvolvimento econômico, ou etc.)?

Como é a questão de ser “bem sucedido” economicamente em Veranópolis (origem da racionalidade)? Como as pessoas vêm aqueles que tiveram sucesso econômico?

Como o sr. avalia as empresas para a economia local, para os empregos, para os jovens? E a agricultura como está para a economia local? ? E sobre as pessoas combinarem ocupações agrícolas e não-agrícolas?

Como o sr vê o surgimento das atividades industriais, onde especificamente elas começaram? Com que famílias? Qual o papel dos colonos nesse processo? (dependendo as respostas, perguntar sobre as inovações, a acumulação de KPT, colonos que vieram com racionalidade italiana, o uso de certa máquina, a vinda de certa empresa).

Que condições possibilitaram a alavancar as atividades industriais, na sua opinião?

E sobre a atividade de fruteiros, qual sua origem? Quais famílias? Por que essa estratégia na época?

O sr vê alguma diferença nas relações empregados-empregadores entre as empresas daqui e a Alpargatas (ou outra que seja de fora)?

Diversidade econ.

Tantas empresas (fruteiros, indústrias e etc) do mesmo ramo não atrapalha a economia local? Havia alguma diferença no começo das respectivas atividades?

Política, cultura,  
Comportamento:

como é a atuação do sindicato de trabalhadores operários? E dos trabalhadores rurais? A política local se representa geralmente por quais partidos majoritariamente? Estar num partido “diferente” como é?

A representação política é diferenciada segundo grupos profissionais, operários, AF, empregadores, setores médios, funcionários públicos?

[?]Qual a importância dos valores familiares para o sr? As famílias que são suas vizinhas, qual sua opinião sobre? O sr costuma ir à Igreja, qual importância dela e da comunidade / capela?

É difícil opor-se aos valores antigos tradicionais? Como são vistas as pessoas relativamente “diferentes” do Veranense? Os conflitos que existem na região o sr. atribui a que?

Sabe-se que há residentes na cidade que são de fora. Por que estes vieram para Veranópolis? Quando isso inicia? Como é a relação dos moradores de Veranópolis (rurais e urbanos) com aqueles que são provenientes de fora do município? Por que eles ocupam aquele bairro específico?

Quais as origens destes moradores que não são das famílias locais de Veranópolis? Por que escolheram Veranópolis e não outro lugar? Já conheciam alguém que viera antes para cá?

Aqueles moradores que não são provenientes de Veranópolis participam da vida política, associativa e sindical? As rotinas de sociabilidades dos moradores locais são as mesmas dos moradores

que chegaram depois (mesmos locais, hábitos, festas)? Participam em conjunto? Religião?

Pode-se dizer que eles vêm de outros lugares para ocupar postos de trabalho específicos (já determinados de antemão) ou não? Ou seja, eles têm alguma relação mais especial com os empregos nas fábricas de calçados, com os fruteiros ou com os microfusão, ou outros?

E o pessoal do MST? Qual sua opinião? Quais grupos sociais de Veranópolis estão relacionados a eles?